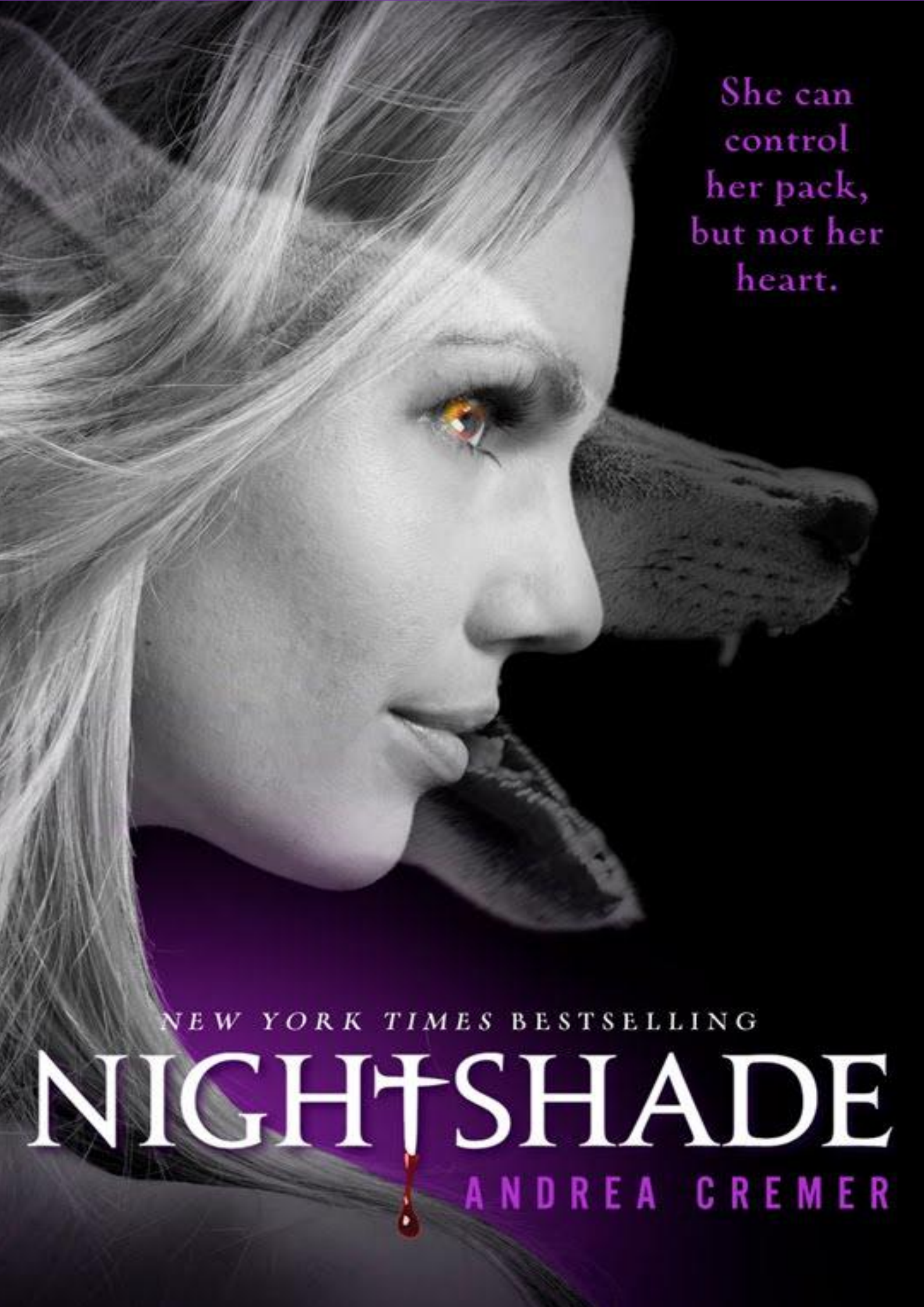


The book cover features a close-up, black and white profile of a woman with long, light-colored hair. Her eyes are a striking orange-gold color. Behind her face, the dark, textured snout of a werewolf is visible. The background is a solid dark color.

She can
control
her pack,
but not her
heart.

NEW YORK TIMES BESTSELLING

NIGHTSHADE

ANDREA CREMER



A decorative white vine graphic with leaves and thorns, positioned to the left of the central text.

She can control
her pack. But not
her heart.

ANDREA CREMER

NIGHTSHADE

A decorative white vine graphic with leaves and thorns, positioned to the right of the title.

NIGHT†SHADE

ANDREA CREMER

Philomel Books
AN IMPRINT OF PENGUIN GROUP (USA) INC.

NIGHT†SHADE

— Nightshade é a história de Calla Tor – em seu décimo oitavo aniversário de ela se torna a fêmea alfa da próxima geração de lobos Guardian que lutaram durante séculos na linha de frente da Grurre das Bruxas. Mas ela vira o predestinado caminho para fora do curso quando salva a vida de um andarilho rebelde, um garoto humano. Alertada de sua própria violação da lei que ela jurou defender, ela espera que o estranho em breve será uma lembrança distante. Quando o rapaz acaba por ser um novo aluno de sua escola, o ato aleatório de bondade de Calla vira em um turbilhão de mentiras, histórias ocultas e amor proibido.

Andrea Cremer

NIGHT†SHADE

Para Garth, o primeiro a ler este
livro e o primeiro a amá-lo

NIGHTSHADE



apítulo 1

Eu sempre dei boas vindas à guerra, mas na batalha a minha paixão crescia espontaneamente.

O rugido do urso encheu meus ouvidos. Seu hálito quente assaltou as minhas narinas, alimentando a minha sede de sangue. Atrás de mim, eu podia ouvir a respiração irregular do garoto. O som desesperado fez minhas unhas cavarem na terra. Eu rosnei ao predador maior novamente, o desafiando a tentar passar por mim.

Que diabos eu estou fazendo?

Arrisquei um olhar para o garoto e o meu pulso disparou. Sua mão direita pressionava o corte em sua coxa. Sangue escorria por seus dedos, escurecendo o seu jeans até que ele parecia listrado com tinta preta. Cortes em sua camisa mal cobria as lacerações vermelhas que manchavam seu peito. Um rosnado passou pela minha garganta.

Eu me agachei, os músculos tensos, pronta a atacar. O urso se levantou nas patas traseiras. Eu me aguentei firme.

Calla!

O grito de Bryn soou em minha mente. Um ágil lobo marrom disparou vindo da floresta e atacou o flanco desprotegido do urso. O urso se virou, caindo sobre as quatro patas.

Saliva saía de sua boca enquanto ele procurava pelo atacante invisível. Mas Bryn, extremamente rápida, esquivou a estocada do urso. A cada golpe dos enormes braços do urso, ela fugia de seu alcance, sempre se movendo uma fração de segundo mais rápida que o urso. Ela aproveitou sua vantagem, infligindo outra mordida provocativa. Quando as costas do urso estavam voltadas, eu pulei para a frente e arranquei um pedaço do seu calcanhar. O urso virou para me enfrentar, seus olhos revirando, cheios de dor.

Bryn e eu nos movemos ao longo do solo, circulando o enorme animal. O sangue do urso fez a minha boca quente. Meu corpo ficou tenso. Nós continuávamos a nossa dança cada vez mais rigorosa. Os olhos do urso nos seguiram. Eu podia cheirar a sua dúvida, o seu medo crescente. Deixei escapar um latido curto e áspero e mostrei as minhas presas. O urso rosnou enquanto se virava e se afastava pesadamente para a floresta.

Eu levantei meu focinho e uivei um triunfo. Um gemido me trouxe de volta à Terra. O caminhante nos encarou, os olhos arregalados. A curiosidade me puxou na direção dele. Eu tinha traído os meus mestres, quebrado as suas leis. Tudo por ele.

Porquê?

Minha cabeça caiu e eu testei o ar. O sangue do caminhante escorria por sua pele e para o chão, o cheiro afiado e acobreado criando um nevoeiro inebriante na minha consciência. Eu lutei contra a tentação de prová—lo.

Calla? O alarme de Bryn afastou o meu olhar do andarilho caído.

Sai daqui. Eu mostrei meus dentes ao lobo menor. Ela se abaixou e se arrastou de barriga na minha direção. Então ela levantou seu focinho e lambeu a parte de baixo do meu queixo.

O que você vai fazer? Seus olhos azuis me perguntavam.

Ela parecia apavorada. Eu me perguntei se ela achava que eu ia matar o garoto para meu próprio prazer. Culpa e vergonha escorreram pelas minhas veias.

Bryn, você não pode estar aqui. Vai. Agora.

Ela gemeu, mas foi embora, desaparecendo no abrigo dos pinheiros.

Eu andei até o caminhante. Minhas orelhas se moviam para a frente e para trás. Ele lutou por respirar, dor e terror enchiam o seu rosto. Cortes profundos permaneciam onde as garras do urso tinham rasgado sua coxa e peito. Sangue ainda escorria das feridas. Eu sabia que não iria parar. Rosnei, frustrada pela fragilidade do seu corpo humano.

Ele era um garoto que parecia ter a minha idade: dezessete anos, talvez dezoito. Cabelo castanho, com um ligeiro brilho de ouro, caía bagunçado em torno do seu rosto. Suor tinha endurecido na sua testa e bochechas. Ele era esguio, forte – alguém que podia achar o seu caminho em uma montanha, como ele claramente tinha feito. Esta parte do território só era acessível através de uma trilha íngreme e inóspita.

O cheiro do medo o cobria, provocando meus instintos predatórios, mas sob isso havia mais alguma coisa – o cheiro de primavera, de folhas emergentes e terra a descongelar. Um aroma cheio de esperança. Possibilidade. Sutil e tentador.

Eu dei outro passo em direção a ele. Eu sabia o que queria fazer, mas isso significaria uma segunda violação, muito maior, das Leis dos Guardiões. Ele tentou recuar mas ofegou de dor e desabou sobre os cotovelos. Meus olhos percorreram o rosto dele. Seu queixo bem esculpido e bochechas altas se torceram em agonia. Mesmo se contorcendo ele era lindo, músculos apertando e relaxando, revelando a sua força, a luta do seu corpo contra o colapso iminente, tornando a sua tortura sublime. Desejo de ajudá-lo me consumiu.

Eu não posso vê-lo morrer.

Mudei de forma antes de perceber que tinha tomado a decisão. Os olhos do garoto se arregalaram quando o lobo branco que tinha estado olhando para ele deixou de ser um animal, e passou a ser uma garota com os olhos de ouro do lobo e cabelo louro platinado. Eu andei até ao seu lado e caí de joelhos. Seu corpo inteiro estremeceu. Eu comecei a alcançá-lo mas hesitei, surpreendida ao sentir minhas próprias pernas trêmulas. Eu nunca tinha tido tanto medo.

Uma respiração áspera me tirou dos meus pensamentos.

— Quem é você? — O garoto me encarou. Seus olhos eram da cor do musgo de inverno, um tom delicado que pairava entre o verde e o cinza. Eu fiquei apanhada por eles um momento. Perdida nas questões que empurravam pela sua dor e apareciam em seu olhar.

Eu levei a carne macia do interior do meu antebraço à boca. Fazendo os meus caninos ficarem mais afiados, eu mordi com força e esperei até que o meu próprio sangue me tocasse a língua.

Então eu estendi o meu braço na sua direção.

— Beba. É a única coisa que pode salvar você. — Minha voz era baixa, mas firme.

O tremor em seus membros se tornou mais pronunciado. Ele negou com a cabeça.

— Você tem que fazê-lo, — eu rosnei, lhe mostrando caninos ainda afiados por ter aberto a ferida em meu braço. Eu esperava que a memória da minha forma de lobo o aterrorizasse tanto que ele ficasse submisso. Mas o olhar em seu rosto não era de horror. Os olhos do garoto estavam cheios de admiração. Pisquei para ele e lutei para permanecer imóvel. Sangue escorria pelo meu braço, caindo em gotas carmesim no solo forrado de folhas.

Seus olhos fecharam abruptamente quando ele fez uma careta devido a uma onda de dor renovada. Eu pressionei o meu antebraço a sangrar contra os seus lábios entreabertos. Seu toque era elétrico, queimando minha pele, correndo através do meu sangue. Eu segurei uma arfada, cheia de admiração e medo das sensações estranhas que me percorriam.

Ele recuou, mas o meu outro braço chicoteou em torno das suas costas, o segurando enquanto o meu sangue era derramado na sua boca. Segurá-lo, puxá-lo mais perto apenas fez o meu sangue correr mais quente.

Eu podia dizer que ele queria resistir, mas ele não tinha mais força. Um sorriso puxou os cantos da minha boca. Mesmo que meu corpo estivesse reagindo de forma imprevisível, eu sabia que podia controlar o dele. Tremi quando suas mãos subiram para agarrar o meu braço, pressionando contra a minha pele. A respiração do alpinista veio mais facilmente agora. Lenta, firme.

Uma necessidade profunda dentro de mim fez meus dedos tremerem. Eu queria deslizá-los pela pele dele. Roçar as feridas que cicatrizavam e aprender os contornos de seus músculos.

Mordi o lábio, lutando contra a tentação. *Vamos lá, Cal, você sabe melhor. Isto não é como você é.*

Eu puxei meu braço de seu aperto. Um gemido de desapontamento surgiu da garganta do garoto. Eu não sabia como lidar com o meu próprio sentimento de perda agora que eu não o estava tocando. *Encontre a sua força, use o lobo. Isso é quem você é.*

Com um rosnado de aviso eu balancei a cabeça, arrancando um pedaço de tecido da camiseta rasgada do caminhante para ligar a minha própria ferida. Seus olhos cor de musgo seguiram cada movimento meu.

Eu me levantei e fiquei surpreendida quando ele imitou a ação, apenas um pouco vacilante. Eu fiz uma careta e dei dois passos para trás. Ele viu meu recuo, e em seguida olhou para as suas roupas rasgadas. Seus dedos cuidadosamente ajeitaram os farrapos de sua camisa. Quando seus olhos levantaram para encontrar os meus, eu fui atingida por uma onda inesperada de tontura. Seus lábios se separaram. Eu não conseguia parar de olhar para eles. Cheios, se curvando com interesse, sem o terror que eu tinha esperado. Demasiadas questões piscavam em seu olhar.

Eu tenho que sair daqui. — Você vai ficar bem. Saia da montanha. Não chegue perto deste lugar novamente, — eu disse, me virando para ir embora.

Um choque correu pelo meu corpo quando o garoto agarrou o meu ombro. Ele parecia surpreendido mas não com medo. Isso não era bom.

Calor queimou minha pele onde seus dedos me seguravam. Eu esperei um momento demasiado longo, o observando, memorizando suas características antes de rosnar e tirar a mão.

— Espere — ele disse, e deu mais um passo em minha direção.

E se eu pudesse esperar, colocando a minha vida em espera nesse momento? E se eu roubasse um pouco mais de tempo e pegasse um pouco do que tem sido proibido durante tanto tempo?

Seria tão errado? Eu nunca iria ver este estranho novamente. Que mal poderia vir por ficar mais um pouco, por ficar imóvel e aprender se ele me tentaria tocar ou não, do jeito que eu queria que ele fizesse?

O cheiro dele me disse que os pensamentos dele não estavam muito afastados disso, sua pele vibrando com adrenalina e o almíscar que desmentia o desejo. Eu tinha deixado este encontro durar muito tempo, ir muito para além da linha de conduta segura. Com pesar me picando, eu fechei meu punho. Meus olhos se moveram para cima e para baixo de seu corpo, avaliando, lembrando a sensação de seus lábios na minha pele. Ele sorriu hesitante.

Chega.

Eu o soquei na mandíbula com um único golpe. Ele caiu no chão e não se mexeu de novo. Abaixei-me e peguei o garoto em meus braços, deslizando sua mochila sobre o meu ombro. O cheiro de pastos verdes e galhos de árvores beijados por orvalho fluiu em torno de mim, inundando-me com aquela necessidade estranha que se enrolava baixo no meu corpo, uma lembrança física do meu encontro com a traição. Sombras do crepúsculo se esticavam mais para cima da montanha, mas eu o teria na base ao anoitecer.

Uma picape desgastada e solitária estava estacionada perto do canal ondulado que marcava a fronteira do local sagrado. Sinais pretos com letra laranja brilhante estavam presos ao longo da margem do riacho:

NÃO ULTRAPASSAR. PROPRIEDADE PRIVADA.

O Ford Ranger estava destrancado. Eu escancarei a porta, quase a arrancando do veículo ferrugento. Coloquei o garoto no banco de motorista.

Sua cabeça caiu para a frente e eu peguei o contorno nítido de uma tatuagem na nuca dele. Uma cruz negra bizarra.

Um invasor e seguidor de tendências. Graças a Deus eu encontrei algo que não gosto nele.

Arremessei a mochila dele no banco de passageiro e fechei a porta. A forma de aço do carro gemeu. Ainda tremendo de frustração, eu mudei para a forma de lobo e voltei correndo para dentro da floresta. Seu perfume se agarrou a mim, borrando meu senso de dever. Cheirei o ar e me encolhi, um novo cheiro transformando a minha traição em óbvio alívio.

Eu sei que você está aí. Um rosnado viajou com o meu pensamento.

Você está bem? A questão preocupada de Bryn apenas fez o medo morder com mais força em meus músculos trementes. No momento seguinte, ela corria a meu lado.

Eu disse para você ir. Mostrei meus dentes mas não podia negar o meu alívio repentino à sua presença.

Eu nunca poderia abandonar você. Bryn manteve o ritmo facilmente. *E você sabe que eu nunca vou trair você.*

Peguei velocidade, correndo por entre as sombras cada vez mais escuras da floresta. Eu abandonei a minha tentativa de fugir do medo, mudei de forma, e cambaleei para a frente até que encontrei a pressão sólida de um tronco de árvore. O arranhar da casca na minha pele não conseguiu repelir as picadas nervosas que fervilhavam na minha cabeça.

— Porque você o salvou? — ela perguntou. — Humanos não significam nada para nós.

Eu mantive meus braços ao redor da árvore, mas virei meu rosto de lado para que pudesse olhar para Bryn. Já não em sua forma de lobo, as pequenas mas ágeis mãos da garota repousavam em seus quadris. Seus olhos se estreitaram enquanto ela esperava por uma resposta.

Pisquei, mas não podia parar a sensação de queimação. Um par de lágrimas, quentes e indesejadas, deslizaram pelo meu rosto.

Os olhos de Bryn se arregalaram. Eu nunca chorava. Não quando alguém podia ver.

Eu virei o rosto, mas podia senti-la me observando em silêncio, sem julgar. Eu não tinha respostas para Bryn. Nem para mim.

apítulo 2

Quando eu abri a porta de entrada para minha casa, meu corpo ficou rígido. Eu podia sentir o cheiro dos visitantes. Pergaminho antigo, bom vinho: O cheiro de Lumine Nightshade exalava uma elegância aristocrática. Mas seus guardas enchiam a casa com um odor insuportável, asfalto a ferver e cabelo queimado.

— Calla?— A voz de Lumine gotejava com mel.

Eu me encolhi, tentando reunir o meu juízo antes de entrar na cozinha com a minha boca firmemente fechada. Eu não queria provar as criaturas, além de ter que cheirá-las.

Lumine estava sentada à mesa em frente ao atual macho alfa do seu clã¹, o meu pai. Ela permaneceu impossivelmente quieta, postura perfeita, tranças cor de chocolate presas em coque na nuca. Ela usava o seu fato típico de ébano imaculado e uma camisa branca de colarinho alto. Duas *wraiths*² a ladeavam, assomando-se como sombras sobre os seus ombros.

¹ do original pack, que é bando ou matilha, eu vou traduzir como clã.

² palavra escocesa que significa: aparição, fantasma, espectro, alma penada; aqui neste livro as wraiths são os guardas dos Protetores, que são de outro mundo e só podem ser invocados pelos Protetores

Chupeí minhas bochechas para que pudesse morder o interior da minha boca. Era a única coisa que me impedia de mostrar os dentes aos guarda-costas.

— Sente-se, minha querida. — Lumine gesticulou para uma cadeira.

Eu puxei a cadeira perto do meu pai, me agachando ao invés de sentar nela. Eu não conseguia relaxar com wraiths por perto.

Será que ela já sabe da violação? Ela está aqui para ordenar a minha execução?

— Falta pouco menos de um mês de espera, linda menina, — ela murmurou. — Você está ansiosa pela união?

Eu soltei uma respiração que não sabia que estava segurando.

— Claro, — eu disse.

Lumine levou as pontas dos dedos juntas para a frente do rosto.

— Essa é a única palavra que você tem a oferecer sobre o seu futuro auspicioso?

Meu pai latiu com risada. — Calla não é a romântica igual a mãe dela, Mestra.

Seu tom de voz permaneceu confiante, mas seu olhar caiu sobre mim. Corri minha língua ao longo dos meus caninos, que estavam ficando mais afiados na minha boca.

— Eu vejo, — ela disse, os olhos se movendo para cima e para baixo do meu corpo.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Stephen, você podia ensina-lhe melhores maneiras. Eu espero que as minhas fêmeas alfa encarnem fineza. Naomi sempre teve a maior graça no papel.

Ela continuou me observando, por isso eu não podia mostrar-lhe os meus dentes como queria.

Fineza, minha bunda. Eu sou uma guerreira, não a sua filha noiva.

— Eu achei que você estaria satisfeita com a união, querida garota, — ela disse. — Você é uma alfa linda. E não houve um macho Bane como Renier antes. Até mesmo Emile admite isso. A união é um bom augúrio para todos nós. Você devia estar grata por ter tal companheiro.

Minha mandíbula apertou, mas eu encontrei seus olhos sem pestanejar.

— Eu respeito Ren. Ele é um amigo. Nós ficaremos bem juntos.

Um amigo... mais ou menos. Ren me olha como se eu fosse um pote de biscoitos em que ele não se importaria de ser pego com a mão dentro. E não será ele quem pagará por esse furto.

Apesar de eu ter sido fechada com chave e fechadura desde o dia do nosso noivado, eu não tinha pensado que jogar de policial no nosso relacionamento seria tão difícil. Mas Ren não gostava de jogar pelas regras. Ele era simplesmente tentador o suficiente para me fazer perguntar se deixá-lo provar um pouquinho valia o risco.

— Bem? — Lumine repetiu. — Mas você deseja o garoto? Emile ficaria furioso com a ideia de que você poderia zombar de seu herdeiro. — Ela tamborilou com os dedos sobre a mesa.

Eu encarei o chão, amaldiçoando as chamas que correram para o meu rosto. *Como diabos é que o desejo importa, quando eu não posso fazer nada quanto a isso?* Naquele momento eu a odiava.

Meu pai limpou a garganta. — Minha senhora, a união foi feita desde o nascimento das crianças. Os clãs Nightshade e Bane permanecem comprometidos a ela. Assim como o estão a minha filha e o filho de Emile.

— Como eu disse, nós ficaremos bem, — eu sussurrei. A insinuação de um grunhido escapou com as minhas palavras.

Risada tilintante trouxe meus olhos de volta para os olhos do Protetor³. Quando ela me viu contorcer, o sorriso de Lumine foi condescendente. Eu olhei para ela, não mais capaz de segurar a minha indignação.

— Certamente. — O olhar dela se mudou para meu pai. — A cerimônia não deve ser interrompida ou atrasada. Sob nenhuma circunstância.

Ela se levantou e estendeu a mão. Meu pai brevemente apertou seus lábios sobre os dedos pálidos dela. Ela se virou para mim. Eu relutantemente peguei a sua pele como veludo na minha mão, tentando não pensar sobre o quanto eu queria mordê-la.

— Todas as mulheres dignas têm fineza, minha querida. — Ela tocou minha bochecha, deixando suas unhas raspar com força suficiente para me fazer estremecer.

Meu estômago embrulhou.

³ do original 'Keeper'

Seus saltos stiletto deixaram uma nota de final sobre o azulejo quando ela saiu da cozinha. As wraiths se arrastaram atrás dela, o seu silêncio mais perturbador do que o enervante ritmo dos passos dela. Eu puxei meus joelhos até ao peito e descansei a minha bochecha contra eles. Não respirei novamente até que ouvi a porta da frente fechar.

— Você está extremamente tensa, — meu pai disse. — Aconteceu alguma coisa na patrulha?

Eu balancei a cabeça. — Você sabe que eu odeio wraiths.

— Todos nós odiamos wraiths.

Eu encolhi os ombros. — Porque ela estava aqui?

— Para discutir a união.

— Você está brincando. — Eu fiz uma careta. — Só eu e Ren?

Meu pai passou uma mão sobre os olhos cansados. — Calla, seria útil se você não tratasse a união como um arco que você tem que saltar. Há muito mais em jogo do que 'só você e Ren'. A formação de um novo clã não ocorre há décadas. Os protetores estão ansiosos.

— Desculpe, — eu disse, não o dizendo verdadeiramente.

— Não se desculpe. Leve as coisas a sério.

Sentei-me direita.

— Emile esteve aqui mais cedo. — Ele fez uma careta.

— O quê?! — Engoli em seco. — Porquê?

Eu não podia imaginar uma conversa civilizada entre Emile Laroche e o seu alfa rival.

A voz do meu pai estava fria. — A mesma razão de Lumine.

Enterrei meu rosto nas mãos, minhas bochechas novamente em fogo.

— Calla?

— Desculpe, Pai, — eu disse, engolindo meu constrangimento. — É só que eu e Ren nos damos bem. Nós somos amigos, mais ou menos. Nós sabemos que a união está vindo há muito tempo. Eu não vejo nenhum problema nisso. E se Ren vê, isso seria novidade para mim. Mas todo esse

processo seria muito mais fácil se todos vocês relaxassem. A pressão não está ajudando.

Ele assentiu. — Bem-vinda à sua vida como alfa. A pressão nunca ajuda. Também nunca vai embora.

— Ótimo. — Suspirei e levantei da cadeira. — Eu tenho dever de casa.

— Boa noite, então, — ele disse calmamente.

— Boa noite.

— E Calla?

— Sim? — Eu parei no início das escadas.

— Vá com calma com a sua mãe.

Eu franzi as sobrancelhas e continuei a subir as escadas. Quando cheguei à porta do meu quarto, eu gritei. Roupas estavam espalhadas por toda a parte. Cobrindo a minha cama, no chão, pendurando na cabeceira e no candeeiro.

— Isto nunca irá servir! — Minha mãe apontou um dedo acusador para mim.

— Mãe!

Uma das minhas camisetas vintage favoritas, de uma turnê da Pixies na década de oitenta, estava pendurada em seus punhos cerrados.

— Você tem alguma coisa bonita? — Ela jogou a camiseta ofensiva para mim.

— Defina bonito, — eu respondi.

Engoli um gemido, procurando por roupas que eu particularmente queria proteger, e sentei em cima da minha camiseta com capuz de Republicanos Por Voldemort.

— Renda? Seda? Caxemira? — Naomi perguntou. — Qualquer coisa que não seja denim ou algodão?

Ela torceu a camiseta da Pixies em suas mãos e eu me encolhi.

— Você sabe que Emile esteve aqui hoje? — Seus olhos moveram-se para a cama, avaliando a pilha de roupas.

— Papai disse isso, — eu respondi calmamente, mas por dentro eu estava gritando.

Eu acariciei com os dedos a trança de cabelo que pendia sobre o meu ombro, levantei a ponta e a peguei entre os dentes.

Minha mãe apertou os lábios e baixou a camiseta para que pudesse extrair meus dedos do cabelo trançado. Então ela suspirou, sentou-se na cama mesmo atrás de mim, e puxou o elástico do final da trança.

— E este cabelo. — Ela penteou as ondas com os dedos. — Não consigo compreender porque você o prende o tempo todo.

— É muito grande, — eu disse. — Fica no caminho.

Eu podia ouvir o tilintar dos brincos da minha mãe quando ela balançou a cabeça. — Minha linda flor. Você não pode mais esconder seus atrativos. Você é uma mulher agora.

Com um grunhido de nojo eu rolei pela cama, para fora de seu alcance.

— Eu não sou uma flor. — Empurrei a cortina de cabelo para trás dos meus ombros. Livre da trança, ele era pesado e incomodo.

— Mas você é, Calla. — Ela sorriu. — Meu lírio lindo.

— É apenas um nome, Mãe⁴. — Comecei a juntar as minhas roupas.
— Não quem eu sou.

— É quem você é. — Eu comecei com a nota de advertência em sua voz. — Pare de fazer isso. Não é necessário.

Minhas mãos congelaram na camiseta que eu tinha pego. Ela esperou até que eu colocasse a camiseta semi-dobrada sobre a colcha. Eu comecei a dizer algo, mas minha mãe levantou a mão para me silenciar.

— O novo clã vai ser formado no próximo mês. Você vai ser a fêmea alfa.

— Eu sei disso. — Lutei contra o desejo de jogar meias sujas para ela.
— Eu sei disso desde que tinha cinco anos.

— E agora é hora de você começar a agir como tal, — ela disse. — Lumine está preocupada.

— Sim, eu sei. Fineza. Ela quer fineza. — Eu queria vomitar.

⁴ ela aqui faz um trocadilho, porque o nome do clã dela é Nightshade, que pode ser traduzido como lírio, e em cima a mãe a chama de Lily que significa lírio, ao longo do livro Ren vai tratá-la por Lily também pela mesma razão

— E Lumine está preocupada com o que Ren quer, — ela disse.

— O que Ren quer? — Eu disse, piscando com a estridência da minha voz.

Minha mãe levantou um dos meus sutiãs da cama. Era simples de algodão branco – o único tipo que eu tinha.

— Nós precisamos pensar sobre os preparativos. Você tem alguma lingerie decente?

Minhas bochechas queimaram novamente. Gostaria de saber se rubor em excesso pode causar descoloração permanente.

— Eu não quero falar sobre isto.

Ela me ignorou, resmungando baixinho enquanto ordenava as minhas coisas em pilhas, que, visto que ela me mandou parar de dobrar, eu só podia presumir que eram 'aceitável' e 'para ser descartado'.

— Ele é um macho alfa e o garoto mais popular em sua escola. Pelo menos por todas as contas de que eu estou a par. — Seu tom se tornou melancólico. — Tenho certeza que ele está acostumado a certas atenções das meninas. Quando o momento chegar, você deve estar pronta para agradá-lo.

Engoli bile azeda antes que pudesse falar novamente.

— Mãe, eu também sou uma alfa, lembra? — Eu disse. — Ren precisa de mim para ser um líder do clã. *Quer* que eu seja uma guerreira, não a capitã do pelotão de torcida.

— Renier precisa que você aja como uma companheira. Só porque você é uma guerreira não significa que você não pode ser atraente.

— Cal está certa, Mamãe. — A voz do meu irmão entrou. — Ren não quer uma líder de torcida. Ele saiu com todas elas nos últimos quatro anos. Ele provavelmente está aborrecido como o inferno. Pelo menos a minha irmã mais velha vai mantê-lo na linha.

Virei-me para ver Ansel encostado à moldura da porta. Seus olhos varreram o quarto.

— Whoa, furacão Naomi ataca, sem deixar sobreviventes.

— Ansel, — minha mãe disse cortante, as mãos nos quadris. — Por favor, me dê a mim e a sua irmã um pouco de privacidade.

— Desculpe, mãe. — Ansel continuou a sorrir. — Mas Barrett e Sasha estão lá embaixo esperando por você para ir com eles na patrulha da noite.

Suas pálpebras piscaram com surpresa. — Já é assim tão tarde?

Ansel encolheu os ombros. Quando ela se virou, ele piscou para mim. Eu cobri minha boca para esconder o sorriso.

Ela suspirou. — Calla, eu estou falando a sério sobre isto. Coloquei algumas roupas novas em seu armário e espero que você comece a usá-las.

Abri a boca para protestar, mas ela me cortou.

— A roupa nova a partir de amanhã ou eu vou me livrar de todas as suas camisetas e jeans rasgados. Fim da discussão.

Ela se levantou e saiu do quarto, com a saia rodando em torno dos seus joelhos enquanto ela se movia. Quando eu ouvi os seus passos na escada, eu gemi e me virei na cama. O monte de camisetas ofereceu um lugar conveniente para enterrar a minha cabeça. Eu estava tentada a mudar para a forma de lobo e rasgar a cama. Mas isso me colocaria de castigo com certeza. Além disso, eu gostava da minha cama, e no momento era uma das poucas coisas que a minha mãe não estava ameaçando jogar fora.

O colchão rangeu. Apoiei-me no meu cotovelo e olhei para Ansel. Ele se empoleirou no canto da cama.

— Outra sessão de vínculo emotivo entre mãe e filha?

— Você sabe que sim. — Rolei sobre as minhas costas.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Sim. — Coloquei minhas mãos nas têmporas, tentando massagear a nova dor latejante, para que ela desaparecesse.

— Então — Ansel começou. Eu me virei para olhar para ele. O sorriso brincalhão do meu irmão tinha desaparecido.

— Então o quê?

— Sobre o Ren... — Sua voz engrossou.

— Diga de uma vez, An.

— Você gosta dele? Eu quero dizer de verdade? — ele desabafou.

Deixei-me cair de volta na cama. Meus braços cobrindo meus olhos, apagando a luz.

— Não você também.

Ele se arrastou na minha direção.

— É só que, — ele disse. — Se você não quer estar com ele, você não deveria estar.

Debaixo dos meus braços meus olhos se abriram rapidamente. Por um momento eu não conseguia respirar.

— Nós poderíamos fugir. Eu ficaria com você, — Ansel terminou com uma voz quase baixa demais para ouvir.

Sentei-me rapidamente.

— Ansel, — eu sussurrei. — Nunca diga algo assim. Você não sabe o que... Basta esquecer isso, ok?

Ele brincou com a colcha. — Eu quero que você seja feliz. Você parecia estar tão brava com a mãe.

— Eu estou com raiva da mamãe, mas isso é com mamãe, não com Ren. — Eu corri meus dedos pelas longas ondas que se derramavam sobre os meus ombros e pensei em raspar o cabelo.

— Então você está bem com isso? Com ser a companheira de Ren?

— Sim. Eu estou bem com isso. — Eu estendi a mão, bagunçando seus cabelos cor de areia. — Além disso, você vai estar no novo clã. Assim

como Bryn, Mason e Fey. Com vocês nas minhas costas, nós vamos manter Ren na linha.

— Sem dúvida. — Ele sorriu.

— E não diga uma palavra sobre fugir a ninguém. An, isso está muito fora de linha. Quando é que você se tornou um pensador livre? — Meus olhos estreitaram.

Ele mostrou caninos afiados para mim. — Eu sou seu irmão, certo?

— Portanto a sua natureza traiçoeira é culpa minha? — Eu soquei o seu peito.

— Tudo o que eu preciso saber eu aprendi com a Cal.

Ele se levantou e começou a pular na cama. Eu rolei para perto da borda e depois caí, aterrando facilmente na ponta dos meus pés. Eu agarrei a ponta da colcha e lhe dei um puxão brusco. Ansel caiu de costas rindo e bateu uma vez no colchão antes de ficar imóvel.

— Eu estou falando sério, Ansel. Nem uma palavra.

— Não se preocupe, mana. Eu não sou estúpido. Eu nunca trairia os Protetores, — ele disse. — A menos que você me pedisse... alfa.

Eu tentei sorrir. — Obrigada.

 capítulo 3

Quando entrei na cozinha para o café da manhã, minha família ficou em silêncio. Eu fiz o caminho mais curto para o café. Minha mãe se apressou, segurou minhas mãos, e me virou para eu ficar de frente para ela.

— Oh, querida, você está uma visão, — ela disse, beijando-me em ambas as bochechas.

— É uma saia, mãe. — Eu me libertei dela. — Supere isso.

Peguei uma caneca no armário e me servi de café. No último segundo eu consegui empurrar o meu cabelo para fora do caminho antes que cabelos loiros mergulhassem no líquido preto.

Ansel me jogou uma barra Luna e tentou esconder o sorriso em seu rosto.

Traidor, eu murmurei enquanto me sentava. Dei duas dentadas no meu café da manhã, e percebi que o meu pai olhava escancarado para mim.

— O quê? — Eu perguntei com uma boca cheia de proteína de soja.

Ele tossiu, piscando várias vezes. Então seus olhos passaram da minha mãe para mim. — Desculpe, Calla. Eu acho que não esperava que você aceitasse as sugestões de sua mãe tão seriamente.

Ela olhou para ele. Meu pai se mexeu na cadeira e desdobrou o jornal Denver Post.

— Você está bastante elegante.

— Elegante? — Minha voz subiu um par de oitavas. A caneca de café tremeu na minha mão.

Ansel se engasgou com seus Pop-Tarts⁵ e pegou um copo de suco de laranja.

Meu pai levantou o jornal para esconder seu rosto enquanto a minha mãe acariciou a minha mão. Permiti-me um olhar duro para ela antes de me perder na bruma de cafeína.

Passamos o resto do tempo em um silêncio constrangedor. Papai leu e tentou evitar contato ocular comigo ou com a minha mãe. Mamãe continuou mandando olhares encorajadores na minha direção, que eu desviei com olhares frios. Ansel nos ignorou, mastigando feliz, os seus Pop-Tarts. Bebi o resto do café.

⁵ <http://cdn.thegloss.com/files/2010/11/pop-tarts1.jpg>

— Vamos, An.

Ansel saltou de sua cadeira, agarrando uma jaqueta em seu caminho para a garagem.

— Boa sorte, Cal, — meu pai gritou quando eu segui meu irmão em direção à porta.

Eu não respondi. A maioria dos dias eu queria ir para a escola. Hoje eu temia isso.

— Stephen. — Ouvi mamãe levantar a voz enquanto saía pela porta e a fechava atrás de mim.

— Posso dirigir? — Os olhos de Ansel estavam esperançosos.

— Não, — eu disse, indo para o assento do condutor do nosso jipe.

Ansel segurou com força o painel do carro quando eu arranquei para fora da garagem. O cheiro de borracha queimada encheu a cabine. Depois de eu ultrapassar o terceiro carro, ele olhou para mim, tentando apertar o cinto de segurança.

— Só porque usar meias calças te dá um desejo de morte não quer dizer que eu também tenha um.

— Eu não estou usando meias, — eu disse por entre dentes cerrados, contornando mais um carro.

As sobrancelhas de Ansel dispararam para cima. — Você não está? Isso não é, como, inadequado ou algo assim?

Ele sorriu para mim, mas o olhar em forma de adaga que eu lhe atirei o fez encolher-se contra o banco. Quando finalmente chegamos ao estacionamento da Escola Mountain, seu rosto tinha empalidecido para um branco fantasma.

— Eu acho que vou pedir a Mason uma carona para casa, — ele disse, batendo a porta atrás dele.

Quando percebi como as minhas articulações dos dedos estavam brancas devido ao meu aperto feroz no volante, eu respirei fundo.

São apenas roupas, Cal. Não é como se mamãe me tivesse obrigado a fazer uma operação para aumentar os seios.

Eu estremeci, esperando que tais ideias não entrassem na mente de Naomi.

Bryn interceptou-me no meio do parque de estacionamento. Os olhos dela se arregalaram enquanto ela me olhava de cima a baixo.

— O que aconteceu?

— Fineza, — eu resmunguei, e continuei andando em direção à escola.

— Huh? — Seus apertados cachos bronze se revolviam em torno da sua cabeça enquanto ela trotava ao meu lado.

— Aparentemente ser uma fêmea alfa envolve mais do que lutar contra os Rastreadores⁶, — eu disse. — Pelo menos de acordo com Lumine e minha mãe.

— Então Naomi está tentando te dar uma mudança de visual de novo? — Ela perguntou. — O que é diferente desta vez?

— Desta vez ela está falando sério. — Eu ajustei o cós da minha saia, desejando estar de jeans. — E Lumine também está.

⁶ Do original *Searchers*, ao longo do livro é explicado o que eles são, achei que dava para traduzir assim.

— Bem, eu suponho que é melhor você aceitar. — Bryn deu de ombros enquanto passávamos as residências do estilo chalé de onde os alunos humanos de olhos vermelhos tropeçavam.

— Obrigado pelo voto de confiança. — Eu não conseguia descobrir como a saia devia ficar, por isso eu desisti de tentar endireitá-la.

Nós andamos em silêncio através da entrada e pelo corredor para a longa fila de armários dos seniores. O cheiro de escola, que me cumprimentava todos os dias, tinha mudado. O metálico afiado dos armários, o piso acre polido contra o frescor das vigas de cedro do teto eram familiares, mas o medo que normalmente escorria da pele dos humanos estava faltando.

Em vez disso, eles cheiravam a curiosidade, surpresa, uma reação estranha dos alunos internos, cujas vidas eram cuidadosamente separadas dos Protetores locais e Guardiões. As únicas atividades que partilhávamos eram as nossas aulas. Ter seus olhos em mim enquanto nos movíamos no meio da multidão de estudantes empurrando através dos espaços estreitos era mais do que um pouco inquietante.

— Está todo o mundo olhando?— Eu tentei não soar nervosa.

— Yep. Praticamente todos olhando.

— Oh Deus, — eu gemi, apertando ainda com mais força a minha mochila.

— Pelo menos você está gostosa. — Sua resposta alegre fez meu estômago revirar.

— Por favor, não me diga coisas assim. Nunca. — *Porque mamãe me fez isto?* Eu me sentia como uma aberração de um espetáculo de feira de um carnaval.

— Desculpe, — Bryn disse, brincando com um bracelete metálico multi-colorido que pendurava em seu braço.

Eu troquei o meu dever de casa pelos livros que precisava no primeiro e no segundo período. O barulho do corredor baixou para um zumbido de sussurros curiosos, e Bryn se endireitou abruptamente de sua pose casual.

Eu sabia o que isso significava. Ele estava perto. Coloquei a mochila no ombro, fechei a porta do armário, e odiei que meu coração acelerasse quando eu procurei Renier Laroche.

A multidão de estudantes se abriu para o alfa Bane e o seu bando passarem. Ren, ladeado por Sabine, Neville, Cosette, e Dax, pareciam flutuar pelo corredor. Ele se movia como se fosse dono da escola. Seus olhos dispararam de um lado para o outro – sempre um lobo, sempre um predador.

Eu aposto que ele nunca teve que sofrer uma mudança de visual.

Quando Ren me encontrou, seus lábios se curvaram em um meio sorriso. Eu fiquei perfeitamente imóvel, igualando seu olhar desafiador. Bryn se aproximou. Eu podia sentir sua respiração em meu ombro.

Toda a atividade no corredor tinha cessado. Olhos estavam fixos no nosso encontro, sussurros viajando de bocas para ouvidos.

Um movimento à minha direita chamou a minha atenção. Mason, Ansel e Fey emergiram da multidão de estudantes e tomaram posições junto de Bryn. Eu me pus mais reta.

Não é o único alfa agora, não é?

Os olhos de Ren se estreitaram quando focaram nos lobos Nightshade atrás de mim. Uma risada abrupta escapou de sua garganta.

— Vai fazer recuar os teus soldados, Lily?

Eu olhei para os Banes, que estavam como sentinelas em torno de seu alfa.

— Como se estivesse voando sozinho? — Eu me inclinei contra meu armário.

Sua risada se tornou um riso baixo, não muito diferente de um rosnado. Ele olhou para Sabine.

— Saiam daqui. Eu preciso falar com Calla. Em particular.

A garota de cabelos tingidos à sua direita endureceu, mas se virou e caminhou em direção ao refeitório. Os outros três lobos a seguiram, apesar de Dax ter lançado um olhar para trás, para seu alfa, antes de se misturar com a multidão.

Ren ergueu uma sobrancelha. Eu assenti.

— Bryn, te vejo nas aulas.

Eu ouvi o sussurro de seus cachos enquanto ela balançava a cabeça. Com o canto do olho eu peguei Mason e Fey se inclinando e lhe sussurrando algo antes de se afastarem. Eu esperei, mas os olhos de Ren permaneceram focados sobre meu ombro. Virei-me para encontrar Ansel ainda de pé atrás de mim.

— Você também. Agora.

Meu irmão mais novo abaixou a cabeça e seguiu os outros Nightshade.

Ren riu. — Protetor, hein?

— Que seja. — Apertei os braços sobre o peito. — O que há com o show, Ren? Você tem metade do corpo estudantil nos observando.

Ele deu de ombros. — Eles sempre nos observam. Eles nos temem. É do jeito que deve ser.

Meus lábios se apertaram, mas eu não respondi.

— Esse é um novo visual, — ele disse, deixando seus olhos se moverem lentamente sobre mim.

Maldita seja, Mãe.

Dei um aceno relutante e olhei para baixo. O dedo de Ren pegou a parte de baixo do meu queixo e levantou meu rosto. Quando levantei meus olhos, ele estava usando seu sorriso mais atraente. Me afastei de seus dedos. Um rosnado baixo e suave retumbou em seu peito.

— Calma, garota.

— O visual não importa. — Me pressionei mais perto do armário. — Pare de brincar comigo. Você sabe quem eu sou.

— Claro, — ele murmurou. — É por isso que eu gosto de você.

Meus dentes cerraram enquanto eu lutava contra a tensão quente e borbulhante que o garoto alfa provocava das pontas dos meus dedos dos pés até ao topo da minha cabeça.

— Eu sou imune a seus encantos, — eu menti. — Acabe com o teatro, Bane. O que você quer?

Ele riu. — Vamos lá, Cal. Eu pensei que éramos amigos.

— Nós somos *amigos*.— Deixei a frase pendurar entre nós. — Até trinta e um de Outubro. Nessa altura isso muda. Essas são as regras. Você é o único agindo como um macho no cio. Apenas me diga o que tem em mente.

Prendi a respiração, me perguntando se tinha ido longe demais. Mas não veio nenhuma resposta furiosa, e por uma fração de segundo sua expressão foi carinhosa.

— Os Protetores estão vindo com força sobre nós, — ele disse. — Eu, por exemplo, estou cansado de ser vigiado toda a hora. Gostaria de saber se você estaria interessada em fazer algo sobre isso.

Esperei pela piada. Nenhuma veio.

— C-Como? — Eu finalmente consegui balbuciar.

Ele deu um passo hesitante para mais perto.

— O que tanto os preocupa? — ele murmurou, inclinando-se para mim. Respirar se tornou um desafio.

Eu estou no controle. Eu estou no controle.

— A união. O novo clã, — eu disse. Ele estava perto o suficiente para que eu pudesse ver as faíscas de prata dentro de seus olhos escuros.

Ren assentiu. Seu sorriso se tornou atrevido.

— E quem tem controle sobre o seu sucesso ou fracasso?

Meu coração bateu com força contra minhas costelas. — Nós.

— Exatamente. — Ele se endireitou, e eu podia respirar novamente. — Eu pensei que podíamos fazer algo acerca disso.

— Como o quê? — Eu vi seu pescoço e ombros tencionarem e quase estremeci. *Ele está nervoso. O que tem o poder de fazer Ren nervoso?*

— Como passarmos mais tempo juntos. Fazendo com que a lealdade do clã seja transferida para nós em vez dos mais velhos, — ele disse. — Talvez convencendo nossos amigos a parar de se odiarem. Poderia fazer os Protetores relaxar, retroceder um pouco.

Eu puxei meu lábio entre os dentes enquanto considerava suas palavras. — Você quer começar a intensificar a união agora?

Ele assentiu. — Lentamente. Fará o ajuste mais fácil para todos em vez de ser tudo de uma vez em Outubro. Eu pensei que poderíamos sair.

— Sair? *Juntos*? — Mordi o lábio com força para não rir.

— Não poderia machucar, — ele disse calmamente.

O riso morreu na minha barriga quando eu percebi o quão sério ele estava. *A menos que eles rasguem as gargantas uns dos outros.*

— É arriscado, — eu disse.

— Você está dizendo que não consegue controlar os seus Nightshades?

— Não, claro que não. — Eu olhei para ele. — Se eu disser que sim, eles irão.

— Então não deve haver problema. Certo?

Eu suspirei. — Os Protetores têm te pressionado também?

Ren desviou o olhar do meu. — Efron manifestou algumas preocupações sobre os meus... hábitos. Preocupado que você estivesse infeliz ou preocupada com infidelidade. — Ele mastigou a última palavra como se fosse um pedaço de cartilagem.

Eu me dobrei de tanto rir. Por um minuto ele pareceu envergonhado.

— Bem feito para você, Romeu. — Empurrei meus dedos em seu peito, imitando uma pistola engatilhada. — Se você não fosse filho de Emile, seu pêlo já estaria pregado sobre uma fogueira pertencente ao pai de alguma garota de coração partido.

Ren deu um sorriso perverso. — Você não está errada. — Ele colocou a mão contra o armário acima do meu ombro. — Efron visitou a nossa casa uma vez por semana o mês passado. — Seu sorriso não desapareceu, mas seus olhos pareciam perturbados.

Medo fez meus dedos enrolarem em torno de sua camiseta, puxando-o para mais perto.

— Todas as semanas? — Eu sussurrei.

Ele assentiu, passando uma mão pelo seu espesso cabelo negro. — Não ficaria surpreso se ele estiver mantendo uma arma durante a união.

Eu sorri, mas minha respiração ficou presa na minha garganta quando ele se inclinou para baixo. Seus lábios roçaram minha orelha. Eu me afastei. Os Protetores levavam essa coisa de pureza muito a sério, mesmo que ele não o fizesse.

— Eu acho que eles têm medo que a próxima geração pise a linha. Mas eu nunca deixaria você no altar, Lily.

Eu o soquei no estômago e imediatamente me arrependi. O abdômen de Ren era duro como rocha. Eu sacudi minha mão dolorida enquanto a afastava.

Ele agarrou o meu pulso no aperto feroz. Seu sorriso não diminuiu.

— Bom soco.

— Obrigada por reparar.— Eu tentei puxar o meu braço, mas seu aperto no meu pulso continuou firme.

— Então o que você acha?

— Sobre sairmos? — Eu não conseguia encontrar seus olhos. Ele estava muito perto. Eu podia sentir o calor de seu corpo, e isso estava fazendo minha própria temperatura subir.

— Sim. — Seu rosto estava a centímetros do meu. Ele cheirava a couro e madeira de sândalo.

— Pode resultar, — eu disse, certa de que iria derreter contra o armário a qualquer momento. — Vou pensar nisso.

— Ótimo. — Ele se afastou e largou o meu pulso. — Vejo você por aí, Lily.

Ele dançou para fora de alcance. Eu podia ouvi-lo rindo enquanto desaparecia na multidão de estudantes.

 capítulo 4

Eu fui para a minha mesa quando o primeiro toque soou. Da mesa atrás de mim Bryn estalou a língua.

— Conte.

— Foi interessante, — eu disse, deslizando em meu lugar. O Sr. Graham pigarreou.

— Senhoras, senhores. Um momento de seu precioso tempo.

Ofeguei quando a mão de Bryn se moveu, suas unhas cavando em meu braço.

— Bryn, o que foi?

Os olhos dela estavam fixos na parte da frente da sala de aula. O barulho das conversas dos alunos tinha desaparecido.

— Muito obrigado.

O tom estridente do Sr. Graham flutuou pela sala.

— Nós temos um novo aluno se matriculando na Escola Mountain hoje.

Comecei a virar-me na cadeira e me encolhi, certa de que tinha perdido alguma pele no aperto como garra de Bryn. Então, eu congelei, pegando o cheiro de uma brisa de primavera cheia de luz do sol.

Não, não pode ser. Mas era.

Em uma pose desconfortável junto da mesa do Sr. Graham estava o alpinista que eu tinha salvado 24 horas antes.

— Este é Seamus Doran, — nosso professor continuou, sorrindo para o garoto, que parecia claramente desconfortável.

— É Shay. Eu prefiro Shay, — ele disse calmamente.

— Bem-vindo então, Shay.

Os olhos do Sr. Graham examinaram a sala. Meu coração parou quando vi seu olhar fixar-se no lugar vazio à minha direita.

— Há um lugar para você ao lado da Senhorita Tor.

Bryn chutou as costas da minha cadeira insistentemente.

— Pare com isso, — eu disse cortante, meio me virando na direção dela.

— O que eu devo fazer?

— Qualquer coisa. — Sua voz era baixa mas preocupada.

Eu estava presa entre estar feliz e horrorizada por vê-lo novamente. Mesmo que eu conseguisse resolver a minha confusão de sentimentos, eu ainda sabia que quando ele me reconhecesse, seria desastroso. Puxei meu cabelo para a frente em uma tentativa de ocultar meu rosto.

Onde está meu capuz quando eu preciso dele?

Shay caminhou lentamente até sua mesa. Quando ele chegou ao seu lugar designado, eu encontrei seus pálidos olhos verdes por um instante antes de olhar para longe, mas não havia dúvida. Ele sabia que era eu. Ele estava com medo, como era normal, mas o medo estava tingido com satisfação. Nos poucos segundos em que nossos olhos se tinham encontrado, eu tinha visto seu espanto. Eu tinha sido um sonho para ele, e agora eu era real. Sua mochila escorregou de suas mãos. Um par de canetas rolou pelo chão entre

as nossas mesas. Eu engoli um gemido e cobri meu rosto com a mão; parecia que chamas estavam lambendo minha barriga. Bryn chutou minha mesa novamente com tanta força que ela avançou um centímetro.

Entrei em pânico e fugi para a frente da sala de aula. O Sr. Graham deu vários passos para trás e eu corri em direção a ele.

Eu sussurrei, — Cólicas, e, — Inchada. — O Sr. Graham corou e rabiscou um passe para dispensa. Corri pelo corredor até o banheiro das garotas. Felizmente estava vazio. Eu afundei no chão, tremendo. A porta do banheiro se abriu.

— Cal, — Bryn sussurrou enquanto ela se ajoelhava ao meu lado.

Eu tinha tentado o destino e agora ele me estava caçando. Eu devia ter deixado o urso matá-lo. Mas o pensamento de qualquer coisa ferindo o novo garoto me tirava o fôlego.

— Ele não pode estar aqui.

— Eu sei.

Bryn se deixou cair perto de mim e colocou seus braços à minha volta.

— Mas ele deve ser alguém importante. Quero dizer, no mundo humano. Por que mais ele seria transferido como um sênior? Isso nunca acontece.

— Oh Deus, Bryn.

Levantei meu rosto dos meus dedos.

— E se os Protetores sabem?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Eles não sabem. Quando algo dá errado, nossa mestra trata disso. Instantaneamente. Você está segura.

— Você está certa.

Levantei-me e fui para a pia.

— Eles não sabem.

Eu peguei seu olhar no espelho.

— Mas quem ele poderia ser?

— Só o filho de algum czar rico ou de um senador figurão, como o resto dos humanos que andam aqui na escola, — ela disse. — Ele não é nada para nós.

Eu sou tão tola. Minhas pernas ainda pareciam de borracha. Eu não posso acreditar que o salvei.

— Ponha isto; você está pálida.

Bryn tirou o blush de sua bolsa, e me entregou.

— Ninguém sabe sobre o que aconteceu, além de nós e desse garoto. E ele provavelmente mal acredita nisso. Quero dizer, quem, fora do nosso mundo, acreditaria? Simplesmente finja que nunca aconteceu.

— Ok.

— Eu tenho um frasco cheio de ácido clorídrico na minha mão, Ren. Não me irrite. Você sabe que não está jogando pelas regras.

Ele riu mas tirou a mão. Quando terminamos de medir o líquido volátil, eu pousei o frasco.

— Eu tive outras coisas em que pensar,— murmurei, desejando não querer que ele me tocasse novamente.

— Isso é uma pena.

Seus dentes brilharam, em parte em amizade, a outra parte em aviso.

— E porquê?

Encostei-me na bancada.

— Porque eu ia oferecer um convite raro.

Ele começou a fazer anotações em seu livro.

— Um convite para quê?

Eu olhei por cima do seu ombro. Como sempre, suas anotações eram perfeitas, mas eu gostava de fingir que duvidava do seu estudo. Lutei contra o desejo de lhe tirar a caneta e começar o jogo de apanhe se puder.

Ele fez um sorriso irônico.

— Eu acho que não posso oferecer qualquer cortesia se você tem dúvidas quanto à nossa capacidade de interagir pacificamente.

Eu não mordi a isca.

— Estou interessada, Ren. O que você está oferecendo?

Seus olhos brilharam, faíscas de prata contra negro.

— Efron vai dar uma festa VIP em um de seus clubes em Vail nesta sexta-feira. Algum figurão novo está na cidade, e nosso mestre lhe estará dando de comer e beber, como de costume. Nós estávamos pensando em ir. Você podia ir. Leve seu clã.

Fiquei imóvel com as suas palavras.

— Sêrio?

— Eu ia brincar com você?

Ele inclinou a cabeça para mim, olhos arregalados numa inocência afetada.

— Sim, — eu disse, e ele riu. Desta vez ele pegou minha mão. Eu não vacilei quando seus dedos se deslizaram sobre os meus.

— A oferta permanece. Aceite ou não,— ele disse, voltando às suas anotações. Ele afastou a mão, deixando meu coração em seu próprio ritmo feroz.

— Que clube?

— Éden.⁷

Cerrei meus dentes para o meu queixo não cair.

— Tudo bem. Nós estaremos lá. Obrigado.

Eu mantive meu tom indiferente apesar da antecipação fazer meu corpo tremer.

Ele não escondeu seu sorriso.

⁷ O Jardim do Éden, Jardim das Delícias ou Paraíso Terrestre é na tradição das religiões abraâmicas o local da primitiva habitação do homem. Na tradição bíblica, o Jardim do Éden, é o local onde ocorreram os eventos narrados no Livro do Gênesis, onde é narrada a forma como Deus cria Adão e Eva, planta um jardim no Éden (a oriente), e indica ao homem que havia criado, para o cultivar e guardar

— Todos os vossos nomes estarão na lista.

Eu mordi meu lábio.

— O quê?

Ren franziu o cenho.

— Eu não estou certa sobre Ansel.

Ren encolheu os ombros. Ele agarrou os lados da mesa e se inclinou para a frente, arqueando as costas em um alongamento lânguido.

— Se o nome dele estiver na lista, ele entra.

Eu coloquei minhas mãos nas costas, enrolando os dedos para não estendê-los para sentir a flexão de seus músculos.

— Ele tem quinze anos.

Desviei meus olhos das linhas fluidas de seu corpo.

— Cosette tem quinze anos e estará lá.

Ele se aproximou de mim.

— Será que ele vai te perdoar se você não o deixar ir?

— Provavelmente não.

Imaginei a indignação no rosto de Ansel se eu lhe fosse dizer que ele não ia ao clube.

— O nome dele estará na lista, mas ele é seu irmão. É a sua decisão, Lily.

— Você pode, por favor, parar de me chamar assim?

Eu rebati.

— Nunca.

— Uh, oi.

Uma nova voz soou atrás de mim. Ren franziu a testa e eu me virei para enfrentar nosso visitante.

O caminhante pairava no final de nossa estação de laboratório.

Oh Deus.

— Posso falar com você?

Shay perguntou.

— Porquê?

Minha réplica foi afiada que nem uma faca e mais difícil de cuspir para fora do que deveria ter sido. Eu queria falar com ele, mas isso não era uma opção. Eu podia sentir a surpresa de Ren devido à minha hostilidade sem olhar para ele. A força da minha questão fez o alfa se aproximar. Eu não conseguia decidir se me sentia agradecida ou ofendida. Afinal, eu também era uma alfa.

O olhar do garoto se deslocou para Ren. Eu podia ver sua expressão ameaçadora refletida nos olhos do estranho. Nenhum humano podia resistir ao olhar ameaçador de um Guardião, especialmente um que vinha de um alfa. Eu quase senti pena dele.

— Nada. Esqueça, — Shay murmurou enquanto seu olhar nervoso passava de mim para Ren, cujas mãos agora repousavam sobre meus quadris.

Meus instintos lutaram entre o desejo de arrancar os dedos de Ren do meu corpo e alívio pela sua proximidade. Eu me relaxei com a pressão forte e suave de suas mãos, mas senti a sua tentativa de me possuir. Eu olhei para ele, cheia de irritação persistente. E então algo me acertou por dentro quando meus olhos voltaram para a nossa visita não solicitada. *Não é assim que eu quero que Shay me veja.*

Shay balançou a cabeça como se tivesse sido pego em uma névoa desorientadora. A campainha tocou e ele saiu correndo.

— Garoto estranho, — Ren murmurou, soltando as mãos da minha cintura. — Ele é novo, não é?

— Eu acho. Ele estava na Chamada.⁸ comigo e Bryn. Ficou com o lugar junto ao meu, provavelmente só queria direções.

Tentei parecer entediada.

— Ele ainda não descobriu as regras. Nada de misturar.

Ren voltou a arrumar os nossos materiais de laboratório.

— Certo, essa regra.

⁸ Do original Homeroom, que é aquela sessão no início das aulas em que se faz a chamada dos alunos e se faz os anúncios aos alunos, nas escolas dos EUA

— Só porque você tem problemas quanto a não ultrapassar os limites, não quer dizer que todo o mundo os tenha. O resto de nós respeita os desejos dos Protetores.

Minha voz escorria doce como o mel.

Ele apenas deu de ombros.

Maldito, pare de ser tão arrogante.

— Olhe, eu estou morrendo de fome. Você acaba isso?

Eu apontei para as provetas e frascos restantes que precisavam ser colocados nas prateleiras dos armários da sala.

— Sem problemas.

— Obrigado.

Peguei minha bolsa, andando rapidamente para fora da sala.

Os Guardiões sempre almoçavam no lado mais distante do refeitório. Apesar de os dois clãs se sentarem em mesas diferentes, nós ainda pairávamos próximos uns dos outros. Do outro lado da sala estavam os filhos

dos Protetores, vestidos em Gucci e Prada, procurando ficar o mais longe de nós possível. Os humanos ficavam ensanduichados entre os lobos e os filhos de nossos mestres. Às vezes eu sentia pena dos mortais. Em seu próprio mundo eles exerciam um imenso poder. Mas não aqui. Na escola Mountain, os humanos sabiam que estava na parte inferior da cadeia alimentar.

Ansel e Mason já ocupavam a nossa mesa habitual, e eu puxei uma cadeira ao lado de meu irmão.

— Então, o que Ren queria?

Os olhos de Ansel estavam brilhantes com antecipação.

Mason se inclinou para a frente, interessado, mas ele não falou.

— Vamos esperar até que todos estejam aqui.

Eu tirei o sanduíche de peru da minha bolsa.

Ansel resmungou impaciente e eu lhe atirei um olhar de advertência. Pernas de aço raspavam contra o chão quando Bryn tomou um assento a meu lado. Fey afundou em uma cadeira ao lado de Mason.

Meu olhar percorreu os meus companheiros de clã agora em círculo, antes de lampejar para a mesa ao nosso lado, onde os Banes se sentavam.

Sabine tamborilou com suas longas unhas de vampira e sussurrou no ouvido de Cosette. A jovem garota franziu os lábios. Sua pele era tão pálida que parecia que se você podia olhar através dela, e sua constante inquietação fazia parecer que ela desejava que todos pudessem.

Dax e Neville começaram um combate de braço de ferro. Apesar de Dax – vestido com uma camisa Broncos e jeans largos – claramente superar o junior esguio, pingos de suor começaram a aparecer na testa de Dax. Neville, da cabeça aos pés vestido de preto comum, lentamente começou a forçar o braço de Neville em direção à mesa. Ren estava empoleirado na borda da mesa, rindo das travessuras de seus amigos, mas seus olhos viajavam com frequência na nossa direção.

E engoli um bocado de peru e pão de trigo.

— Ok, ouçam.

Em um único movimento os Nightshade se inclinaram para a frente. Exceto Mason, que atirou a cadeira para trás para se balançar sobre as suas pernas traseiras e cruzou os braços atrás da cabeça. Ele olhou para os Banes e depois piscou para mim. Eu ri.

— Ren está olhando. Sejam legais. Sejam como o Mason.

O resto do clã murmurou desculpas envergonhadas, tentando assumir uma pose mais casual com diferentes níveis de sucesso.

— O alfa Bane fez uma sugestão interessante.

Mastiguei meu sanduíche, ignorando meu estômago revoltado.

Bryn girou seu esparguete em torno dos dentes do garfo.

— E o que foi isso?

— Ele quer que comecemos a sair.

Eu tentei não estremecer quando o meu clã se esforçou para manter a sua postura.

Ansel mandou salgadinhos de milho pelo ar, espalhando-os por toda a mesa. Os lábios de Fey se franziram com nojo e ela atirou uma olhada incrédula a Bryn, que tinha dado um silvo. Apenas Mason permaneceu imperturbável. Ele esticou seus braços languidamente, parecendo satisfeito. Meu rosnado baixo fez o clã acalmar.

Bryn falou primeiro, em voz baixa.

— Você quer dizer que ele quer namorar com você?

Eu estremei ao seu tom incrédulo.

— Não, nós.

Varri minha mão ao redor do nosso círculo à mesa.

— Nossos clãs. Ele acha que os Banes e os Nightshades devem começar a se mesclar agora. Antes da união.

— Oh, vamos lá.

Fey estava pálida.

— Porque nós quereríamos fazer isso mais cedo do que é necessário?

Ela desfiou um guardanapo, que teve a infelicidade de ter estado a descansar sobre a sua bandeja de almoço.

Mason balançou para a frente e para trás em sua cadeira.

— Poderia ser interessante.

— Bryn?

Eu me virei para encará-la.

— Qual é a sua motivação?

Seus olhos se lançaram para a mesa dos Bane.

Eu segui seu olhar. Dax parecia desapontado, e Neville colocou seu boné sobre os olhos, deixando sua cabeça cair para trás contra a cadeira para tirar uma soneca. Ren estava sentado junto de Sabine, que se inclinou para ele, seus lábios se movendo rapidamente enquanto ela falava. A cabeça de Cosette balançava em afirmação enquanto ela ouvia.

— A mesma que a minha, — eu murmurei. — Efron o está pressionando. E Lumine está fazendo o mesmo comigo. Ela tinha *wraiths* em minha casa na noite passada.

Meu clã se irritou com a menção dos guardas sombra.

— Ren acha que se nós mostrarmos nosso respeito à união mais cedo, — eu continuei, — vocês sabem, seguir as ordens antes que sejam ordens, os Protetores nos darão uma pausa.

— O que você acha?

Ansel tinha reunido os Fritos espalhados em uma pilha na sua frente.

— Eu acho que devemos tentar. Um passo de cada vez, — eu disse.
— Se for uma droga, nos separaremos e esperaremos que a ordem seja dada em Outubro.

Mason deixou cair sua cadeira de volta para o chão.

— O que você quer dizer com um passo de cada vez?

— Nós fomos convidados para uma festa no Éden na sexta à noite.

— Whoa.

Mason acotovelou Ansel, que sorriu.

— Mas...

Todos os olhos estavam em mim.

— Eu não quero que os Banes ditem as regras. O Éden é território do Efron. O território deles.

Bryn se inclinou mais perto de mim, mas olhou para os outros Nightshades, arreganhando os dentes.

— Ela tem razão. Ren não pode controlar a fusão.

— Ele não vai, — eu disse. — Eu vou mantê-lo a adivinhar. Ele sempre foi muito seguro de si.

Meus companheiros riram, concordando.

— Eu preciso que vocês sigam meu exemplo e sejam legais, — eu disse. — Mesmo se o que eu fizer for de alguma forma... chocante.

Mason tamborilou seus dedos sobre a mesa. Ansel inclinou a cabeça. Bryn apenas assentiu. Eu olhei para Fey, que mordeu sua maçã antes de responder.

— Você é a alfa, Cal, — ela disse, com a boca cheia de polpa de fruta. — Mas para que conste, eu odeio Sabine. Ela é uma cadela hedionda.

— Talvez ela seja legal quando você a conhecer melhor, — Ansel disse. Ele se encolheu do olhar intimidante de Fey.

— Então estamos de acordo?

Eu me endireitei na cadeira, esperando. Todos assentiram, Mason ansiosamente, Fey por último.

— Ok, pessoal. Se preparem.

Virei-me para enfrentar os Banes.

— Ei, Ren!

Eu gritei.

Ele parou sua conversa com Sabine, cujo rosto de contorceu de horror. Suas sobrancelhas subiram, mas ele rapidamente compôs seu rosto em uma imagem de atenção respeitosa, mas desinteressada.

— Sim?

— E que tal juntarmos nossas mesas?

Ouvi Fey amaldiçoar sob sua respiração. Meu sorriso se ampliou quando Ren não conseguiu suprimir a contração de seus músculos.

— Claro.

Ele lançou um olhar rápido para Dax e sacudiu sua cabeça na nossa direção.

O sênior musculoso se aproximou e segurou nossa mesa com uma mão. Ele a arrastou pelo chão, o que causou um terrível barulho de metal contra azulejo, até que esbarrou contra a mesa dos Banes. Cabeças em todo o refeitório levantaram e giraram na direção do som de fazer ranger os dentes. Os rostos dos Protetores registou choque e murmúrios de interesse chegaram até nós.

Bom. Deixe Lumine e Efron ouvir acerca disto o mais rápido possível.

Mason já estava de pé; ele arrastou a cadeira para junto de Neville, que pareceu surpreso, mas sorriu e empurrou seu próprio assento para dar mais espaço.

Mason acenou para Ansel. Meu irmão trotou alegremente para o lado de seu amigo, e Neville estendeu uma mão de boas vindas.

Huh. Eu não esperava uma fusão tão fácil de nossos clãs.

Sabine recuou quando Fey levou a cadeira para as mesas unidas. Fey olhou de volta para a garota Bane, posicionando sua própria cadeira tão longe de Sabine quanto possível.

Talvez não tão fácil.

— Calla?

Bryn esperou ao meu lado.

— Fey precisa de algum apoio moral. E talvez de alguém que a segure. Se sente com ela.

Eu mantive meu olhar em Ren. Ele se inclinou para Dax. Eu vi seus lábios se moverem apesar de não conseguir ouvir as palavras. Dax enrijeceu. Ren colocou uma mão em seu ombro, que Dax desdenhou enquanto se levantava.

O lobo de ombros largos passou por mim, pegou a cadeira em que eu estivera sentada, e a levou para o lado de Bryn e Fey. Eu assenti e elas ajustaram suas cadeiras para abrir espaço para o Bane. Ren apontou para a cadeira ao lado dele e levantou as sobrancelhas para mim.

Eu agarrei o meu almoço e me mudei para o assento vazio. Sabine amou, mas Cosette me ofereceu um sorriso nervoso quando me sentei.

— Olá, senhoras, — eu disse.

Sabine resmungou, apertando com mais força os braços em volta de seu corpo.

— Oi, Calla, — Cosette murmurou, brincando com a almôndega em cima de seu prato cheio de espaguete. Seu olhar se moveu inquieto entre mim e Sabine.

— Jogada interessante, Lily.

Ren tomou um gole de sua água engarrafada.

Voltei a mastigar o meu sanduíche e encolhi os ombros.

— Eu pensei que poderia salvar-nos de atos impetuosos de violência no Éden. Tenho certeza que Efron não iria desfrutar ter que puxar lobos adolescentes rivais para longe uns dos outros no meio da sua festa.

Ren riu, inclinando sua cadeira sobre as pernas traseiras, mas Sabine olhou para mim.

— Então você vai?

Suas unhas se enterraram na carne de seus braços, deixando brilhantes vergões vermelhos.

— Claro que sim. Nós estamos ansiosos, — eu disse. Minha voz escorria sacarina.

— Tanto faz.

Ela pegou uma lixa e começou a lixar as unhas.

Ren deixou sua cadeira assentar de volta no chão com um ruído abrupto.

— Pare com isso, Sabine. Agora.

Ela deixou cair a lixa e lançou um olhar suplicante a Cosette. A Bane mais nova mordeu o lábio, pegou a lixa e a devolveu a Sabine.

Um trinado de riso perverso veio do outro lado da mesa. Fey sorriu enquanto seus olhos seguiram as mãos de Dax que gesticulavam freneticamente.

— Bem, essa é uma visão estranha, — eu disse. — Sorrir está no topo da sua lista dos sete pecados mortais de Fey.

Ren se inclinou para mim.

— Dax é um cara engraçado. Grande contador de histórias. Seu clã vai gostar dele.

— Esse parece ser o caso.

Mason, Neville, e Ansel continuaram tão entretidos na conversa – que, a partir de fragmentos que eu peguei, parecia ser onde entre Montreal, Austin e Minneapolis se produziam as melhores bandas indie⁹ – nem sequer olharam para o resto dos lobos. Eu me recostei na minha cadeira, me sentindo bastante satisfeita comigo mesmo.

Isso foi fácil.

A mordida enorme de sanduíche de peru que eu tinha dado ficou presa na minha garganta quando Ren descansou sua mão em minha perna, seus dedos explorando a curva da minha coxa. Eu tossi e peguei a garrafa de água de sua outra mão, dando vários goles desesperados antes de golpear seus dedos para fora da minha perna.

— Você está tentando me matar?

Eu sufoquei as palavras.

⁹ estilo de música rock

— Mantenha suas mãos para você mesmo.

Ren abriu a boca como se fosse responder, mas se levantou de repente, olhando para trás de mim. Virei-me no meu lugar.

Shay estava parado no meio do refeitório, olhando para as nossas duas mesas, com uma mistura de curiosidade e medo em seu rosto.

— Eu acho que você está certa, Lily, — Ren disse. — Esse garoto precisa de direções. Parece que ele quer vir para cá.

Shay deu um passo hesitante na nossa direção. Seus olhos fixos em mim, hipnotizado. Estremeci e empurrei o resto do meu sanduíche no saco de papel castanho.

Sabine riu.

— Meu, meu, isso é um olhar apaixonado se eu alguma vez vi algum. Parece que o novato tem um fraquinho por Calla. Não é lindo? Pobre pequeno humano.

Estava se tornando demasiado familiar, esta mistura de medo e prazer sempre que eu pensava no novo garoto e me perguntava o que ele poderia estar pensando sobre mim.

Um rosnado baixo começou no peito de Ren.

— Talvez eu precise ter uma conversa com ele sobre como as coisas são conosco... e onde é seu lugar nesta escola.

Ele começou a se levantar. Eu não o podia deixar ir para Shay.

— Não, Ren. Por favor. Ele é apenas um humano. Ele não sabe de nada.

Agarrei seu braço, puxando-o para trás, de volta para a cadeira.

— Dê-lhe um dia, ele vai descobrir. Eles sempre o fazem.

— É isso que você quer?

Sua voz ficou baixa.

— Que eu o deixe sozinho?

— Não devemos nos misturar com humanos, — eu disse. — Vai apenas chamar atenção, se você o enfrentar.

Ele afastou minha mão de seu antebraço, entrelaçando seus dedos nos meus.

Eu enrijei, mas não tentei libertar minha mão da dele.

Ok, nós podemos dar as mãos. Isto é bom. Tudo vai ficar bem.

Mas meu coração batia como se eu estivesse tentando terminar uma maratona. Eu odiava não conseguir me controlar ao pé dele – e que eu tivesse que fazê-lo.

O resto do clã, em sintonia com o eriçamento¹⁰ de seus dois alfas, largaram suas conversas e se viraram para o estranho. Um rosnado arrepiante emergiu de suas gargantas e minha espinha arrepiou. Sua reação defensiva foi o primeiro ato unificado dos Nightshades com os Banes.

Nós somos um clã.

Com dez pares de olhos hostis de Guardiões fixos nele, Shay começou a tremer. Seu olhar percorreu o refeitório, se fixando em seus parceiros de laboratório de Química Orgânica. Ele correu para sua mesa com um olhar rápido e arrependido para mim.

¹⁰ trocadilho, porque quando os lobos estão em alerta seu pêlo se eriça

Uma risada escura saiu da garganta de Ren.

— Acho que você estava certa, Lily. Aí está a curva de aprendizagem em ação.

Eu sorri fracamente e amassei meu saco do almoço, muito consciente da decepção ainda me beliscando desde o momento em que Shay se havia afastado.

 capítulo 5

Tristemente intitulado de — Grandes Idéias, — meu único curso de tarde estudava filosofia a partir da era clássica até aos dias de hoje. Apesar do seu vago tema, a aula tinha se tornado a minha favorita, mas quando eu vi Shay sentado em uma mesa perto das altas janelas da parede externa da sala, meu coração disparou.

Dirigi-me para o fundo da sala, tão longe quanto eu podia dele. Os olhos de Shay me seguiram enquanto eu tomava o meu lugar. Retirei a pasta espessa que continha as nossas leituras do ano inteiro e virei as páginas até o dever de casa da noite passada. Enquanto eu tentava rever minhas anotações, as palavras borraram diante de mim.

Quem é ele? Porque ele está aqui?

Uma risada baixa e escura chamou minha atenção para a porta quando os três Banes seniores entraram na sala. Sabine sorriu para Ren. Meu queixo se tencionou ao ver o seu braço entrelaçado com o dele. Dax seguia a dupla. Ren escaneou os lugares meio ocupados, seu sorriso desaparecendo assim que ele viu o nosso novo colega de turma.

Ren puxou seu braço livre de Sabine, se virou para Dax, e apontou com o queixo na direção do desconhecido. Os dois Banes seguiram ombro a ombro até Shay, cujos olhos se arregalaram à medida que os lobos se aproximavam. Eu apertei os lados da cadeira, pronta para me jogar entre os predadores e a presa inocente se as coisas ficassem fora de controle. Os lábios de Ren franziram em uma expressão que dificilmente poderia ser chamada de sorriso. Eu lutei contra um rosnado enquanto observava o alfa se aproximar.

Se você o machucar, eu vou matar você. Engoli meu próprio ofego pelo pensamento espontâneo, feliz por não estarmos em forma de lobo. Ren era a última pessoa que eu podia ameaçar. Ele era o futuro do clã. O meu futuro.

Ele estendeu a mão.

— Eu sou Ren Laroche. Você é novo aqui. Eu vi você em Química Orgânica.

Shay franziu a testa e, lentamente, estendeu a mão, estremecendo quando Ren agarrou seus dedos. Mas em vez de encolher-se em sua mesa, como a maioria dos humanos teria feito, o estranho olhou para Ren e arrancou sua mão do aperto do Bane.

— Shay. Shay Doran.

Ele flexionou os dedos debaixo da mesa.

— É bom conhecer você, Shay.

Ren olhou para seu companheiro pesadão.

— Este é Dax.

Dax fez um show estalando os dedos.

— Ei, cara. Espero que você se dê bem aqui. Escola difícil.

Em um movimento rápido e uníssono Ren e Dax deslizaram nas mesas de cada lado de Shay. Eu apertei meu lápis com tanta força que ele partiu ao meio. De seu recém escolhido lugar, Ren piscou para mim. Eu lhe enviei punhais com os meus olhos, mas isso só fez seu sorriso aumentar. A campainha tocou e nosso professor, o Sr. Shelby, começou a escrever no quadro. A pergunta rabiscada: O QUE É O VERDADEIRO ESTADO DA NATUREZA? Preencheu o espaço vazio.

— Antes de nos lançarmos no tema de discussão de hoje, eu quero chamar a vossa atenção para um novo membro de nossa turma.

Ele se virou e apontou para onde Shay estava sentado, tenso, entre os relaxados meninos Bane.

— Sr. Doran, você poderia dizer-nos algumas palavras sobre si mesmo?

Shay se mexeu na cadeira, olhando ao redor da sala de aula.

— Eu sou o Shay. Acabei de me mudar para cá com o meu tio. Estive em Portland nos últimos dois anos. E antes disso, bem... eu nunca fiquei em um só lugar por muito tempo.

O Sr. Shelby sorriu para o nosso novo colega de classe.

— Bem-vindo à Escola Mountain. Eu entendo que você possa não ter tido tempo para pôr em dia todas as leituras atribuídas para este curso ainda, mas sinta-se livre para participar da discussão, se quiser.

— Obrigado, — disse Shay, antes de murmurar algo sob sua respiração que soou como: — Vou tentar manter-me a par.

Sr. Shelby voltou para o quadro.

— A partir da leitura: as ideias dos filósofos sobre como a ordem natural do mundo opera. Onde tudo começou, com o que se parece?

— No Paradisum. Paraíso. Éden.

Ren piscou-me um sorriso perverso.

— Muito bem, senhor Laroche. O estado de natureza como paraíso. Perdido para sempre — talvez, talvez não? Filósofos iluministas pensaram que o Novo Mundo poderia ser o novo Éden.

O Sr. Shelby registou a resposta na lousa.

— O que mais?

— Tábula rasa, — eu respondi. —The blank slate¹¹.

— Sim. Cada pessoa nasce com possibilidades infinitas dentro de si. A teoria de Locke ganhou muitos seguidores. Teremos que falar sobre se vocês acham que é viável na sociedade contemporânea ou não. Outras ideias?

— Bellum omnium contra omnes.

Todos os não-humanos na sala enrijeceram em seus lugares, cabeças girando em direção a quem tinha falado. O resto dos estudantes parecia impressionado com todas as frases em latim sendo jogadas pela sala, mas nenhuma compreensão iluminou seus rostos.

¹¹ Como ela diz antes se traduz como tábula rasa.

— A guerra de todos contra todos.

Shay fez uma careta quando o Sr. Shelby não copiou as palavras no quadro.

— Thomas Hobbes é frequentemente considerado um teórico fundamental sobre o estado de natureza, — Shay continuou, apesar de sua voz ter se tornado mais hesitante.

O Sr. Shelby se virou, o rosto pálido enquanto olhava para seu novo aluno.

A boca de Shay se fechou ao ver a expressão do Sr. Shelby.

— Eu faço muita leitura por conta própria.

— Hobbes não estava em nossas leituras, — disse uma voz fria.

Dei uma arfada. Quem falou foi um garoto Protetor com uma coroa de cabelo dourado casualmente bagunçado. Logan Bane, único filho de Efron, lançou a Shay um olhar maldoso. Eu encarei o jovem Protetor. Logan nunca participava na discussão. Ele costumava dormir durante esta aula.

— Isso não faz nenhum sentido.

Shay girou a caneta entre os dedos.

— Ele está em todos os textos padrão de filosofia.

O Sr. Shelby olhou para Logan, que inclinou a cabeça para o professor e ergueu as sobrancelhas.

— O, um, currículo da escola Mountain não inclui Thomas Hobbes.

Os olhos do Sr. Shelby se arregalaram, ainda fixos no jovem Protetor.

Shay parecia pronto para ficar em cima de sua mesa em protesto.

— O quê?

Logan se virou para ele.

— Concluiu-se que suas ideias eram um tanto banais para nossa consideração.

— Por quem?

Os olhos dos Protetores e dos Guardiões estavam focados nele. Os estudantes humanos pareciam querer esconder-se debaixo de suas mesas até que essa linha de discussão fosse abandonada.

Logan tirou os óculos de sol que ele sempre usava, não importando o tempo nem a hora do dia.

Eu assisti, maravilhada. Isto devia ser realmente importante.

— Os Regentes, — ele disse, como se corrigindo um erro infantil. — Um dos quais, por acaso, é seu tio, Shay. Assim como meu pai e vários outros homens importantes que protegem a reputação desta instituição.

Meu queixo caiu. Tio?

— E eles censuraram Hobbes? — Shay disse. — Eu nunca ouvi nada tão ridículo.

— Vamos seguir em frente, sim?

Um brilho de suor apareceu na testa do Sr. Shelby.

— Porquê? Porque não haveriam de estudar Hobbes? Ele é indiscutivelmente o fundador desse assunto de discussão, — desabafou Shay.

Meus dedos apertaram a ponta da minha mesa. Ele poderia muito bem ter andado na frente de um pelotão de fuzilamento vestindo um alvo. *Eu não posso acreditar que tenho que ajudá-lo novamente.*

— Porque nós sabemos melhor. — Eu cuspi as palavras. — Nós podemos evoluir do mundo desastroso de Hobbes e não chafurdar na violência. A guerra é um professor selvagem, certo?

O Sr. Shelby me deu um sorriso agradecido, enxugando a testa com um lenço.

— Obrigado, Senhorita Tor. Bom uso de Tucídides. Os teóricos que estudamos nesta classe têm uma visão mais esperançosa do mundo do que o Sr. Hobbes.

Ren bateu com os lápis na mesa, como se fossem baquetas.

— Eu não sei. Selvajaria parece bem para mim.

Todos os Guardiões na classe explodiram em risada, eu inclusive. Os humanos se encolheram em seus assentos parecendo apavorados, exceto Shay, que tinha uma expressão de total confusão. Os jovens Protetores sorriram, lançando olhares de desdém aos lobos.

As seguintes palavras de Shay eram frustradas mas insistentes.

— Hobbes não está falando de selvajaria. É sobre a luta incessante pelo poder. Lutas sem fim que fazem o mundo girar. É o verdadeiro estado de natureza. Você não pode simplesmente ignorá-lo porque alguns figurões o chamam de vulgar.

Ren se virou para Shay, olhando o novo aluno com uma expressão que era quase de admiração, mas ainda desconfiado. Dax olhou de seu alfa para mim e depois para Shay. Parecia que ele estava esperando que um de nós entrasse em combustão espontânea. Sabine olhou para Shay como se a pele do garoto se tivesse virado ao contrário. Logan suspirou e começou a examinar as unhas.

Shay lançou um olhar suplicante para o Sr. Shelby.

— Por favor, podemos falar da guerra de todos contra todos? Eu acho que é a ideia mais importante com que eu me deparei em filosofia.

O suor na testa do Sr. Shelby formou gotículas que escorriam por suas têmporas.

— Bem, eu suponho... — Ele levantou o marcador para começar a escrever no quadro. Um espasmo percorreu o dedo dele e o marcador caiu no chão novamente.

— Você precisa de trabalhar seus reflexos, Sr. Shelby, — Ren brincou. Um riso nervoso percorreu a sala.

O nosso professor não respondeu; o tremor de seus dedos subiu também para seu braço. Todo seu corpo convulsionou. Ele se inclinou para trás, desfaleceu e colapsou no chão tremendo violentamente. Saliva branca se aglomerou nos cantos de sua boca, derramando por seu queixo abaixo.

— Oh meu Deus, ele está tendo uma convulsão! — gritou uma garota humana, que eu achava que se chamava Rachel. Eu nunca me preocupei em aprender a maioria de seus nomes.

Dax saiu disparado de sua mesa e se agachou ao lado do corpo atormentado do Sr. Shelby. Ele gritou para a garota humana que ainda estava gritando, — Cale a boca e vá buscar ajuda!

Ela saiu disparada da sala de aula. Várias crianças humanas tinham retirado seus celulares.

— Celulares desligados agora!

O comando afiado de Logan encheu a sala.

— Simplesmente vá buscar a enfermeira Flynn, Rachel, — ele gritou à moça em voz alta, mas ainda preguiçosa. O Protetor de cabelos dourados parecia entediado. A enfermeira Flynn era uma Protetora que supervisionava a pequena enfermaria da escola Mountain, mas eu não estava segura de que ela tivesse uma verdadeira formação médica.

Dax, que tinha acalmado as convulsões do nosso professor por meio de simples força bruta, franziu o cenho. — Ele precisa de uma ambulância.

— Não, ele não precisa. Quando Flynn chegar, nosso querido professor ficará bem. A resposta fria de Logan foi acompanhada por uma passagem de seus olhos por toda a sala.

Ele levantou a sua voz cristalina, dirigindo-se à classe.

— Caso vocês não tenham notado, nós terminamos aqui. Vão procurar outro lugar para estar.

A maioria dos alunos fugiu da sala. Alguns olharam por mais um minuto para Dax, que ainda pressionava o Sr. Shelby contra o chão de ladrilhos, e em seguida saíram de fininho, cochichando entre si. As outras crianças dos Protetores assentiram para Logan e saíram calmamente da sala. Os Guardiões, e Shay, hesitaram. Nossos olhos se fixaram em Logan, que olhou de volta para nós com confiança presunçosa. Uma mulher de cabelos de ébano, com uma figura impressionante marcada pela grande e deformada corcunda em suas costas, apareceu na porta. Ela era seguida por dois homens que empurravam uma maca.

— Nós cuidaremos da situação a partir de agora, Dax.

Dax libertou o Sr. Shelby, que imediatamente ficou instável novamente. A Enfermeira Flynn retirou uma seringa do bolso do seu jaleco, se ajoelhou, e mergulhou a agulha em seu pescoço. Os espasmos do Sr.

Shelby diminuíram, e ele gemeu uma vez antes de ficar inconsciente. A enfermeira Flynn assentiu para seus dois companheiros, que colocaram o Sr. Shelby na maca e o levaram para fora da sala.

Ela se virou para Logan. — Obrigado por enviar Rachel para me alertar, Sr. Bane.

O garoto de cabelos dourados fez um gesto de desprezo com a mão.

— Sua atenção imediata para a questão está anotada, Lana.

A Enfermeira Flynn se dobrou em um reverência e saiu da sala de aula.

Logan se dirigiu para Shay. — Vamos dar um passeio.

Shay lentamente se levantou. — O que diabos acabou de acontecer?

— O Sr. Shelby é epilético. É uma pena, realmente. Ele é um bom professor, — Logan respondeu, a mão que ele ainda tinha por detrás das costas dando uma estranha e rápida torcida em seus dedos.

As pálpebras de Shay ficaram pesadas quando Logan sorriu, deslizando seu braço sobre os ombros do garoto. Ele levou nosso novo

colega, que cambaleou para a frente em um quase estupor, em direção à porta.

— Eu vou te dar uma carona para casa. Tenho certeza que Bosque está ansioso para ouvir sobre o seu primeiro dia na nossa escola.

Os dois garotos se afastaram. Logan se virou uma vez e deu um sorriso aos Guardiões, que eram agora os únicos ocupantes da sala de aula.

Ren se levantou abruptamente e amaldiçoou. — O que foi isso?

Eu pensei em me levantar mas decidi não o fazer. Minhas pernas pareciam ter se transformado em gelatina. O olhar de Ren se moveu para o meu rosto. Ele se agachou ao lado da minha mesa, apertando minhas mãos trementes nas suas.

— Calla, — ele disse. — Você está bem?

Eu me afastei de seu alcance. — Seu tio. Logan disse que o tio de Shay é um Regente. Isso simplesmente não é possível. Deus, Ren. Porque os Protetores teriam algo a ver com um garoto humano? Quem é Bosque?

— Eu não sei. Eu nunca ouvi falar deles adotando um humano. Se essa é a palavra correta. — Ren enfiou as mãos nos bolsos. — Efron não disse nada acerca disso. Pelo menos não para mim.

— E o que aconteceu com o Sr. Shelby? — Dax foi para o lado de Ren. — Eu não sabia que ele era epilético.

— Quando vocês todos se tornaram idiotas? — A voz de Sabine estava cortante como vidro quebrado. — Ele não é epilético. Vocês sabem que a frase que aquele garoto idiota continuava repetindo é proibida. Ele desencadeou um dos feitiços dos Protetores. Shelby estava sendo punido por discutir um assunto censurado. Os Protetores não toleram tal comportamento.

Dax se virou para ela. — Então nenhuma ambulância?

— Um médico não poderia fazer nada por ele, — ela disse. — Flynn é, obviamente, a protetora dos feitiços na nossa escola. Vocês não sabem nada?

Ela se levantou e, com um olhar final fulminante, jogou seu longo cabelo para trás e saiu da sala.

 capítulo 6

— Você não pode estar a falar a sério.

Puxei o espartilho das mãos de Bryn. O veludo deslizou provocativamente sobre meus dedos, mas eu me estremeci com o pensamento de usar isso em público.

— Tempo da verdade brutal.

Ela foi até ao meu roupeiro e começou a procurar entre as minhas roupas.

— Você não tem nada que vá funcionar. Basta fingir que é Halloween.

— Sim, isso me faz sentir muito melhor.

Voltei-me para o espelho e segurei o espartilho contra o meu corpo.

— E quem sabe o que eu estarei vestindo nesse dia.

Bryn fechou a porta do armário, cortando todas as rotas de fuga de moda.

— Uma vez que isso cabe a Naomi, provavelmente algo com mangas bufantes¹².

— Ugh. Eu não posso pensar sobre a união agora. — Entreguei-lhe o espartilho.

— Pelo menos hoje à noite você vai parecer maravilhosa, — ela disse. — Tire essa camiseta para que possamos colocar você dentro disto.

Eu a olhei de cima a baixo. Ela estava impressionante em um vestido de cetim preto que acentuava a forma de seu corpo e botas de combate com fivelas.

— Você está certa sobre isto?— Eu suspirei.

Ela assentiu com a cabeça com um pouco de entusiasmo a mais.

— Você tem que parecer ardente, Cal. Você é a nossa alfa. Faça uma boa impressão.

¹² Volumosas e cheias de bossa, as mangas bufantes chegam em todas as proporções em vestidos e camisas para dar mais charme às produções.

— Tudo bem. Eu vou usá-lo. Mas só com uma jaqueta, — eu disse.
— E eu ainda vou usar meu jeans.

Bryn franziu a testa por um momento, mas depois deu de ombros.

— Eu acho que funciona. Faça como quiser.

Ela sentou na cama enquanto eu tirei minha camiseta e sutiã e me contorci para vestir o espartilho.

— Eu vou atá-lo, — Bryn disse. —Apenas me diga quando você não conseguir respirar.

— Ótimo, — eu disse.

— Diga tio! — Ela puxou o espartilho.

— Isso é apertado o suficiente! — Eu engasguei, olhando para baixo.
Oh meu Deus.

— Eu mataria por seus seios, — Bryn disse para o meu reflexo.

Peguei minha jaqueta de couro das costas da cadeira, apertando-a em torno do meu corpo.

— Eu não tinha estes seios até você me apertar o espartilho.

Ela riu. — Ren vai virar do avesso quando ele vir você.

— Pare.

— Bem, esse é o ponto, não é?

Eu não respondi. Talvez isso não fosse uma coisa ruim. A união estava se aproximando. Eu queria que ele me quisesse, mesmo que não pudessemos fazer nada mais que isso.

Ela ficou quieta por um minuto.

— Ele não incomodou você novamente, não é?

— Eu não diria que ele está me incomodando, — eu disse divertida.
— Ren está apenas sendo Ren.

— Eu não estava falando de Ren.

— Oh. — Eu fiz uma careta. — Não. Nada mais. Ele não tentou falar comigo desde que Logan o arrastou para fora da sala de Grandes Idéias. — Eu brinquei com o bordado na borda do corpete, pensando em como eu queria que ele tentasse, mesmo que eu não devesse querer que ele o fizesse.

— E o senhor Shelby?

— De volta às aulas como se nada tivesse acontecido.

— Bem, talvez tudo vá voltar ao normal agora.— Ela sorriu.

— Nada será normal se eu tiver que continuar usando coisas como estas.— Eu bati com os nós dos dedos sobre o corpete. — Pelo menos pode ser usado também como armadura.

Um ofego seguido de várias tosses veio da porta do meu quarto. Virei-me para ver Ansel, de rosto pálido, olhando-nos da porta. Eu rapidamente abotoei meu casaco, mas seus olhos estavam cravados em Bryn.

— Você está se sentindo bem? — Eu franzi a testa para meu irmão.

Ansel parecia ter perdido sua capacidade de piscar.

Bryn sorriu para ele. — O que se passa, garoto escoteiro?

— Vamos lá, Bryn. — Ele chutou a moldura da porta. — Eu sou um estudante do segundo ano agora¹³.

— Sim, é nós somos seniores. O que faz de você um filhote, pelo meu entender.¹⁴

— Tanto faz. Eu só queria saber quando vocês estariam prontas. — Ansel olhou para seus sapatos. — Mason disse que ele dirigia — seus pais deram-lhe o Land Rover para hoje à noite. Fey já está em sua casa. Ele quer saber quando deve vir nos pegar.

— Meia hora, no máximo, — eu disse. — Bryn, você tem dicas de moda para o meu irmão também?

Ela andou até Ansel, que ficou paralisado na porta. Ela puxou o colarinho da sua camisa de seda preta, habilmente soltou um botão mais do que os que Ansel tinha deixado abertos, e olhos seus jeans criticamente. Depois de um momento, ela sorriu, acariciando seu rosto.

— Nah, ele está adorável.

Ansel engoliu e então fugiu do batente da porta.

¹³ 2º ano do ensino médio

¹⁴ Ela faz um trocadilho, Cub Scout: traduzido em cima como escoteiro, tem a palavra 'Cub' que significa filhotinho...

— Eu vou gritar quando Mason chegar! — ele disse sem olhar para trás.

O segurança, um volumoso Bane mais velho, pediu nossos nomes e apontou com o polegar na direção de uma escada isolada do piso principal do clube.

— VIPs no andar de cima. — Seus olhos eram respeitosos, mas cautelosos enquanto se deslocavam por todos nós.

— Obrigado. — Liderei os Nightshades até à escada de aço que levava ao segundo piso do clube estilo armazém. Éden pulsava com uma mistura de batida industrial e dark trance¹⁵. Humanos lotavam a pista de dança principal, pulsando e balançando com o baixo pesado. Bryn me acotovelou. Em comparação com as outras mulheres na sala, eu poderia ter sido confundida com uma freira.

— Você vai dizer 'eu bem te avisei'? — Olhei para ela quando tirei minha jaqueta, expondo meus braços, ombros e muitas coisas mais.

¹⁵ estilo de música mais sombrio

— Eu acho que não preciso.

— Você não vai saltar para fora disso, vai? — Ansel riu.

— Cale a boca ou eu vou fazer você esperar no carro.

Mason disparou para a frente, colocou seu braço em volta de meus ombros, e me beliscou na bochecha. — Você está fabulosa. Ignore-os, vá em frente e conquiste.

Eu apertei sua mão, mas enruguei meu nariz quando chegamos ao segundo andar. Mason fez uma careta quando sentiu o cheiro no mesmo momento. Ambos olhamos para o teto. Nada menos que seis wraiths flutuavam dentro e fora do andaime acima de nós.

— Segurança apertada, — ele murmurou.

— Não me diga. — Lutei para manter meus olhos fora dos guardas sombra que pairavam quinze metros acima das nossas cabeças.

Bryn se encolheu quando ela viu as sombrias figuras flutuando no teto. Ansel entrelaçou seus dedos nos dela e a puxou para a frente.

— Vamos, nós estamos na lista, certo? Convidados de Efron. Nenhum problema.

Bryn deixou meu irmão guiá-la para a pista de dança. Fey era a última de nosso grupo. Seus lábios se curvaram na metade em um rosnado quando seu olhar se moveu para as wraiths. Ela deu alguns passos rápidos para a frente para nos pegar.

— Então o que fazemos agora? — ela perguntou. — Apenas calamos a boca e dançamos?

Eu balancei a cabeça. — Nós precisamos encontrar nossos anfitriões e agradecer-lhes por nos convidarem.

Fey colocou as mãos nos quadris. — Você está tentando me matar de exposição prolongada a Sabine, não é?

— Basta dizer olá. Então cale a boca e dance.

— Combinado. — Ela sacudiu os cabelos vermelhos para que eles caíssem em ondas em torno de seus ombros, fazendo-a parecer como uma leoa.

A pista de dança brilhava, as cores brilhantes atravessando a superfície preta como se fosse uma poça de óleo. Corpos pulsavam, pressionados juntos, no ritmo do baixo pulsante que abalava todo o clube.

Um bar de prata lustroso se estendia ao longo do outro lado da sala. Sofás de veludo escuro cercavam a pista de dança.

Bailarinas profissionais, seminuas e empunhando chicotes, se contorciam nas plataformas espalhadas pelo lugar. Grandes asas de couro brotavam das costas de alguns dos dançarinos. Dada a reputação de Efron, eu não tinha certeza se elas faziam parte dos trajes de dominatrix ou se eram verdadeiras.

A maioria dos convidados eram Protetores. Eu vi Logan Bane dançando no meio de um grupo de amigos dele, e, surpreendentemente, Lana Flynn. Alguns Guardiões Bane, adultos, andavam pelo clube, seus olhos se movendo agilmente por todo o espaço, músculos tensos.

O aperto de Mason no meu ombro aumentou, me levando para o bar. Ele caminhou com confiança na direção de um jovem, que estava rindo com um Guardião Bane, que servia shots atrás do bar. O garçom parecia ter sido moldado em suas roupas, mas isso não era uma coisa má.

Bryn se inclinou, sussurrando em meu ouvido. — Esqueça as bebidas. Eu vou querer um duplo dele.

— Se comporte. — Eu ri.

— Ei, cara, — Mason gritou, e Neville virou-se para nós, um sorriso cuidadoso deslizando em sua boca.

Se uma banda estivesse tocando no Éden naquela noite, eu teria assumido que Neville, vestido com uma calça e camiseta de couro, estaria com eles. Eu lancei meus olhos em redor, tentando observar o clube de uma forma casual. Neville me olhou com um sorriso conhecedor.

— Nós temos uma mesa na parte de trás, — ele disse suavemente. — Ele está esperando por você.

Neville levou-nos para longe da pista de dança para um canto isolado da sala onde os Banes mais jovens descansavam em sofás. Cosette e Dax se sentavam em frente a Ren. O alfa sorriu para seus companheiros enquanto uma das dançarinas com roupa de couro, se envolvia em torno dele como um manto, se aninhando em seu pescoço. Uma dor desconhecida começou em meu estômago, parecendo me remoar por dentro.

Bryn se inclinou para mim. —Eu não deixaria uma succubus chegar tão perto, se fosse ele.

Um calafrio subiu pela minha espinha. *Ela pensa que as asas são reais.*

Eu olhei mais perto e que a coquete cujos lábios estavam trancados na bochecha de Ren não tinha asas. Ela se sentou, sorrindo para Ren, que olhou para ela com uma expressão desinteressada. Meus olhos se arregalaram. Era Sabine. Eu mal podia reconhecê-la nas calças de couro preto brilhante que se agarravam a seus quadris e no corpete adornado com contas nos seios.

ey tossiu: — Puta.

Bryn deu uma risadinha. Ansel engasgou com a bebida quando avistou Sabine.

— Ei, Ren. — Neville se espremeu no sofá entre Sabine e seu líder do clã. — Veja quem eu encontrei.

Um tremor quente borbulhou em minhas veias quando os olhos de Ren se moveram pelo meu corpo com o corpete.

Eu roubei um olhar para as minhas recentes curvas generosas. *Talvez haja algo nesta roupa depois de tudo.*

— Vocês estão ótimos. — Ele apontou para o sofá onde Dax e Cosette se sentavam e para o outro ainda vazio ao pé deles. — Por favor se juntem a nós.

Ele se virou para Neville e Sabine. — Dêem espaço para Calla.

Sabine se levantou com alguma relutância enquanto Neville olhou para os copos quase vazios na mesa.

— Parece que vocês estão prontos para outra rodada de qualquer maneira. — Ele olhou para Mason. — Você dá uma corrida até ao bar comigo?

Mason encolheu os ombros, seguindo Neville. Dax franziu o cenho enquanto observava os dois garotos saírem. Eu peguei Fey olhando o bíceps de Dax e um sorriso contorceu um canto da minha boca.

Ansel se sentou no sofá vazio, puxando Bryn junto com ele. Ren estendeu a mão para mim. Eu hesitei mas depois aceitei seus dedos, deixando-o puxar-me para o sofá, junto a ele.

— Deixe-me tirar isso do caminho para você. — Ele pegou a jaqueta que eu tinha atirado sobre o braço e colocou-a nas costas do sofá. De trás de mim, eu ouvi Sabine suspirar.

— Eu acho que há uma plataforma com falta de dançarina, Sabine. — O tom brutal de Fey cortou através das nossas cortesias.

— Seja legal, — eu rosnei.

— Está tudo bem. — Sabine enfrentou Fey com um olhar firme. — Conversa me chateia. — Ela olhou para Ren.

— Vá dançar, — ele disse. — Tente ficar longe de problemas.

Com um lance de seu cabelo, que brilhou como o vinil sob as luzes cintilantes do clube, Sabine trotou para longe com seus afiados saltos agulha.

Dei uma pancadinha no espaço vazio no sofá ao meu lado. — Fey?

Ela se abaixou sobre as almofadas de veludo.

— É uma festa. Divirta-se. — Eu lhe mostrei minhas presas, me certificando que ela sabia que era uma ordem e não um pedido.

Ela optou por desenhar padrões no veludo com as unhas afiadas.

Minha mão ainda estava envolta no aperto de Ren. Seu polegar deslizou para cima e para baixo sob a parte de trás do meu pulso, me fazendo esquecer completamente de Fey. Era perigoso estar ao pé dele.

— Desculpem, pessoal. — Bryn se levantou de repente. — Por mais que eu odeie concordar com Sabine em alguma coisa, eu estou aqui para dançar. Quem está comigo?

Ansel estava de pé imediatamente. — Eu estou.

— Ótimo! — Bryn arrastou meu irmão embora.

Fey assistiu-os partir e apontou para Dax. — Você dança?

— E você? — Ele respondeu.

— Porque você não vem descobrir?

Ela levantou, passando pelo Bane, cujos olhos ficaram selvagens quando ela arrastou seus dedos sobre os ombros largos dele. Ela riu e se afastou. Dax olhou para Ren, que contraiu o pulso, e então Dax foi atrás de Fey.

Eu me acomodei nas almofadas. — Ela é como Jekyll e Hyde¹⁶.

— Ela é sua melhor guerreira, certo? — Ren perguntou.

Eu assenti.

— Dax também. Faz sentido que eles sejam atraídos um para o outro. Semelhante atrai semelhante.

¹⁶ Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde (br: O médico e o monstro) é um romance escrito pelo autor escocês. A obra é conhecida por sua representação vívida do fenômeno de múltiplas personalidades, divididas no sentido que dentro da mesma pessoa existe tanto uma personalidade boa quanto má, ambas muito distintas uma da outra. O impacto do romance foi tal que se tornou parte do jargão inglês, com a frase — Jekyll e Hyde— usada para se referir a uma pessoa que age de forma moralmente diferente dependendo da situação.

— Eu pensava que opostos se atraem, — repliquei.

Ren negou com a cabeça. — Não. Isso é bobagem de cultura pop. Se você é um verdadeiro estudante de literatura, e eu me refiro às coisas boas —Chaucer, Shakespeare — você percebe que apenas almas que verdadeiramente se refletem uma à outra fazem boas combinações amorosas. — Ele fez uma pausa e um sorriso puxou um canto de sua boca. —Se elas conseguirem se encontrar, isto é.

Pisquei para ele. — Você está falando de almas gêmeas? Quando você se tornou um romântico?

Procurei um lugar seguro para os meus olhos e então percebi que Cosette continuava sentada, abandonada no outro sofá.

O olhar de Ren seguiu o meu. — Cosette, porque você não vai se juntar aos outros? — Ela fugiu do sofá.

Fiz uma careta, de repente consciente do manto de escuridão que cobria a mim e a Ren no canto solitário da boate. — Você não tinha que mandá-la embora.

— Você tem medo de ficar sozinha comigo, Lily? —Sua voz se enrolou em torno de mim como uma corda, puxando-me para ele.

Eu tentei soar forte. — Eu não tenho medo de nada.

— Nada?— ele perguntou. — Essa é uma afirmação impressionante. Mesmo para um alfa.

— Você está sugerindo que há algo de que você tem medo?

Meu peito apertou quando Ren recuou.

— Sim, uma coisa. — Eu mal consegui ouvir a sua resposta murmurada.

Seu recuo me impulsionou para a frente. — Uma coisa?

Quando ele olhou para mim, sua expressão preocupada desapareceu.

— Esse seria o meu segredo. Eu não vou desistir dele sem receber algo em troca.

Sua mão escorregou sobre o meu ombro, debaixo da cascata de cabelo, seus dedos fazendo uma pausa para embalar minha nuca. Ele me puxou para perto; a força de seus braços fez meu sangue pegar fogo.

Me contorci para fora de seu alcance. Havia Protetores em todo o lado. — Você pode ficar com seus segredos. — Por muito que eu quisesse seu toque, eu ainda não confiava nele. Eu tinha ouvido muito sobre suas

outras conquistas. Além disso, ele sabia melhor. A fêmea alfa devia estar pura na união. E isso significava sem romance antes da cerimônia.

Como se tivesse lido a minha mente, a boca de Ren deslizou em um sorriso perverso, seus olhos fixos em minhas curvas. — Seja honesta. Você pode respirar nessa coisa?

Minhas unhas se afundaram na almofada do sofá. *Cuidado, Ren. Dois podem jogar duro.*

— Então, você e Sabine?

— Huh? — Ele se acomodou de volta nas almofadas, se afastando de mim para as sombras.

— Oh, eu vejo. Todas as garotas Bane chupam no seu pescoço normalmente?

— O quê? — Seu rosto se torceu, com raiva. — Não. Efron tem uma coisa por Sabine. Lhe faz favores. Algo sobre a sua atitude a faz atraente para ele. Ele lhe deu algum X¹⁷ quando chegamos aqui. Ela tem estado bastante, um...brincalhona desde que o tomou.

¹⁷ gíria para ecstasy

— Uh, ok.

Sua atitude? Quer dizer que Efron gosta de cadelas rancorosas?

Ele começou a deslizar o braço em volta da minha cintura.

— Com ciúmes?

Fechei meus dedos em seu pulso, parando o progresso de sua mão.

— Não seja ridículo. — Mas minha pele crepitou com o toque renovado.

Passos pesados próximos anunciaram a chegada de um Bane mais velho, enorme. Nós pulamos para longe um do outro.

— Efron está perguntando por você. — O guarda olhou para Ren. — Ele está em seu escritório.

— Claro. Eu irei em seguida. — Ren olhou para mim. — Você quer ir encontrar os outros? Eu não sei quanto tempo isto vai levar.

O guarda de Efron balançou a cabeça. — Ele quer a alfa Nightshade também. Ambos.

Ren envolveu os braços em volta da minha cintura e eu não resisti.

O que o mestre de Ren quer comigo?

— Certo. — Ren engoliu em seco, gesticulando para eu o seguir. — Não vamos deixá-lo esperando.

O Guardião mais velho grunhiu em aprovação e desapareceu na escuridão.

Ren me levou pela borda da pista de dança cintilante e de volta para a escada. Apertei forte seus dedos até que pude sentir cada pulsar do meu ritmo cardíaco em minhas veias. Efron Bane. O nome fez minha espinha arrepiar. Eu estava confiando em Ren para me manter a uma distância segura.

Nós serpenteamos por entre a multidão claustrofóbica de humanos no primeiro piso do clube até que ele parou na frente de uma porta alta de madeira. A face da superfície de carvalho estava primorosamente trabalhada. Dei um passo atrás para examinar a imagem. Representava o arcanjo Miguel barrando um oprimido Adão e uma Eva de entrarem no Jardim de Éden.

— Essa é uma escolha interessante. — Eu apontei com o queixo em direção à porta.

— Efron tem um senso de humor incomum. — Ele apertou minha mão e o frio gelado na minha pele descongelou um pouco.

Ele bateu fortemente na porta de madeira. Um momento depois ela abriu e eu pisquei surpresa.

Lumine Nightshade se afastou da porta, nos convidando a entrar. — Bem-vindas, crianças. Que agradável vê-los.

O ar cheirava a fumo de charuto e xerez. Murais de parede inteira estavam pendurados por toda a sala. Cada pintura mostrava uma cena do *Inferno de Dante*. Eu rapidamente desviei o olhar; as imagens do inferno eram muito gráficas para uma análise minuciosa.

Lumine deslocou os olhos para o alfa Bane. — Renier Laroche. É um prazer conhecê-lo. Eu sou Lumine Nightshade. Efron não tem nada além de elogios para você, meu caro. — Seu sorriso era como um fio de pérolas.

Ren inclinou a cabeça. — Obrigado, Senhora Nightshade.

— Há alguém recentemente chegado a Vail que eu e Efron estamos ansiosos que ambos conheçam. — Lumine nos levou para duas cadeiras de

NIGHTSHADE

couro de encosto alto e um sofá que estava virado para uma lareira acesa. — Efron. Eles estão aqui.

Um homem estava sentado no sofá, com um braço esticado nas costas do sofá; sua outra mão agarrando uma taça de conhaque. Ele tinha a pele pálida e a mesma auréola de cabelo dourado que enfeitava a cabeça de seu filho.

— É bom ver você, Renier. — Efron tomou um gole de conhaque. — E a encantadora Calla. Finalmente nos encontramos.

Ele estendeu a mão, enganchando um dedo para mim. Hesitei, mas Lumine me empurrou em direção ao sofá. Meu corpo ficou frio no momento que os dedos de Ren foram arrancados dos meus. Eu tentei evitar estremecer quando o mestre Bane pegou minha mão na dele, pressionando meus dedos em seus lábios. Seus olhos espelhavam a cor âmbar das chamas que saltavam na lareira próxima. Meu peito contraiu e foi necessária cada onça de meu auto-controle para me manter imóvel.

— Por favor se sentem. — Ele manteve a minha mão nas suas e me puxou para o sofá.

Lancei um olhar desesperado para Ren, que tinha uma expressão angustiada.

Lumine tocou o ombro de Ren. — Porque você não se junta a eles?

Foi uma das únicas vezes que me lembro de ter sentido gratidão por minha mestra.

Ren veio para meu lado, e eu me aproximei dele, tentando colocar o máximo de distância entre mim e Efron quanto possível, o que era difícil, tendo em conta que ele não largava minha mão.

— Vamos lá, crianças, — Efron criticou. — Estamos todos aqui para passarmos um bom tempo, não estamos?

Ele soltou minha mão, mas apenas para correr seus dedos ao longo de minha clavícula. Minha mente se embrulhou.

Efron tem uma coisa por Sabine. Lhe faz favores.

Eu me pressionei mais perto de Ren. Ele colocou o braço em volta de mim, olhando para Efron, que apenas levantou uma sobrancelha para seu alfa.

— É melhor você lembrar do seu lugar, Renier.

— E você deve lembrar o seu, Efron. Deixe ela em paz. — A voz de seda de Lumine cortou para seu homólogo. — Calla me pertence por mais um mês. Se Logan não se opuser a você se divertindo com o seu clã, que assim seja.

— Logan? — A cabeça de Ren chicoteou ao redor para enfrentar minha mestra.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente.

— Sim. — Efron cortou a ponta de um charuto. — Foi determinado que Logan deverá herdar o novo clã. Ele acabou de atingir a maturidade. Eu não poderia estar mais feliz; um presente tão apropriado para seu décimo oitavo aniversário. Meu filho será vosso mestre após o Rito de União.

— É verdade. Mas a decisão não nos coube a nós. — Lumine se inclinou para Efron, acendendo seu charuto com uma chama, que saltou da ponta de sua unha. — Veio de...

Suas palavras foram cortadas e seus olhos voaram para a porta do escritório, que se abriu abruptamente.

Um homem alto, elegantemente vestido, entrou na sala. Ele tinha o braço em volta dos ombros de um garoto adolescente de aparência cansada. Eu quase caí do sofá. *Eu devo estar sonhando, isto não pode estar acontecendo.*

Minhas unhas se cravaram na coxa de Ren.

— O quê? — Ele manteve sua voz baixa, virando-se para a porta. — Ugh, não este garoto novamente.

Shay Doran pareceu tão chocado como nós. Ele parou, olhando para nós até que o estranho alto o guiou para a frente e apontou para uma das cadeiras de couro em frente ao sofá.

— Sente-se.

Efron levantou-se e Lumine se inclinou para o homem recém-chegado.

— Posso oferecer-lhe alguma coisa? — Ela sorriu docemente.

Ele olhou para o copo de Efron. — Um conhaque seria ótimo. Obrigado, Lumine.

O homem desabotoou o paletó, se acomodando na cadeira de couro. Quando eu encontrei seus olhos, eles eram de um tom inumano de prata que perfurou meu corpo como uma espada. Minhas mãos começaram a tremer.

— Obrigado por convidá-los a se juntar a nós, Efron, — ele disse.

— Claro.— Efron inclinou a cabeça.

Lumine voltou com uma taça de cristal de conhaque.

— Ah, que bom. — Ele deu um longo gole do licor. — Bom, de fato.

Os dois Protetores pairaram próximo do homem, observando atentamente cada um dos seus gestos. Segui seus movimentos com crescente apreensão.

O estranho se inclinou para a frente, sorrindo. — Renier, Calla, meu nome é Bosque Mar. Vossas famílias e a minha têm uma longa história, apesar de eu ter estado afastado por alguns anos. Pedi a meus queridos amigos para trazer-vos aqui esta noite para poder apresentar-vos meu sobrinho.

Ele gesticulou para Shay, que ainda nos olhava com perplexidade muda.

Nossas famílias?

Bosque Mar tinha feições aquilinas, pele morena, e cabelo castanho-escuro que estava penteado para trás em sua cabeça. Como os de Efron, seus olhos dançavam como se estivessem vivos com chamas. Meu olhar se mudou para Shay. Os cabelos de um castanho alourado do garoto e pele bronzeada não tinham qualquer semelhança com o homem que dizia ser seu tio.

Porque os Protetores teriam uma criança humana vivendo entre eles?

Shay olhou de seu — tio — para os outros Protetores, e então ele olhou para mim. Ele encontrou meu olhar confuso, oferecendo um sorriso inquieto.

— Talvez vocês já se tenham visto na escola? — Lumine me olhava com expectativa, sua língua correndo pelos lábios pintados de cor rubi.

— Sim. Temos um par de aulas em conjunto. — Falei cuidadosamente enquanto mantive meus olhos no meu novo colega de classe. Eu mal podia me ouvir sobre os meus nervos gritantes. — Olá, Shay. Espero que você tenha tido uma boa primeira semana na escola. Lamento não termos tido a chance de ser devidamente apresentados *até agora*. Sou Calla Tor.

Eu podia ver uma pergunta se formando nos lábios de Shay. O encarei e sua boca se fechou.

Minha mestra sorriu, expondo seus brilhantes dentes brancos. — Excelente. Nós não queremos o pobre Shay isolado, queremos? A vida pode ser tão difícil para os alunos transferidos.

Eu olhei para Lumine. O *quê*?

— A escola Mountain é uma comunidade muito unida. — Efron se encostou descontraidamente contra a lareira, fumo de charuto o cercando. — Nós só queremos ter certeza de que vocês sabem que Shay é parte de

nossa família. Vocês deviam manter um olho nele, como vocês fariam com os VOSSOS.

Ren olhou seu mestre, apesar de ele falar para Shay. — Claro. Nos avise se você precisar de alguma coisa.

Uma risada seca escapou da garganta de Shay. — Obrigado.

— Se vocês me desculparem a nossa brevidade, eu tenho mais amigos na festa que eu quero que meu sobrinho conheça.

Bosque tomou outro gole de conhaque e, em seguida, entregou o copo a Lumine.

— Shay. — Ele se levantou, gesticulando para o garoto o seguir. Shay olhou para mim mais uma vez antes de seguir seu tio para fora. Eu os vi ir, desejando poder segui-lo e entender o lugar de Shay no meu mundo. *Quem é você?*

Um imponente relógio de pêndulo em um canto da sala começou a badalar. Meia-noite. Os lábios de Efron se curvaram para cima.

— Ah, a hora mágica. A melhor hora para dançar. Vão divertir-se. Lamento não poder me juntar a vocês. — Ele piscou para mim e meu sangue gelou. — Lumine e eu temos alguns negócios para discutir.

Ren agarrou meu braço, puxando-me do sofá. Lutei contra o impulso de correr para fora do escritório de Efron. Quando a porta maciça de carvalho se fechou atrás de nós, eu convulsionei com o arrepio que estava segurando.

Ren olhou para mim. — Você está bem?

Esfreguei meus braços, tentando me livrar do desconforto que rastejava por minha pele. — Eu acho que sim.

Ele colocou as mãos nos meus ombros, me virando na direção dele. — Lamento aquilo com Efron. Eu não achei que ele seria daquele jeito com você — visto que você é um Nightshade.

— Eu tinha ouvido falar de seus hábitos, mas nunca tinha levado os boatos a sério, — eu disse. — Eu não posso acreditar que Sabine o incentiva.

— Você não deve julgar Sabine. — Suas mãos caíram. Ele começou a se afastar.

— Porque não? — Eu gritei, perseguindo-o através do emaranhado de corpos na pista de dança principal. — Ren, espere!

Ele finalmente parou no fundo da escada, mas não olhou para mim. — Sabine mantém Efron entretido para que ele não vá atrás de Cosette. Cosette é jovem e tem pavor de nosso mestre. Sabine é muito protetora com ela, e ela se sacrifica muito para manter Cosette longe das vistas de Efron, por isso ela está cansada. Eu diria que é compreensível.

Seus punhos se cerraram e relaxaram de ambos os lados de seu corpo. — Sabine pode ajudar Cosette... de um jeito que eu não posso.

— Oh Deus.— Meu estômago revirou. — Sinto muito, Ren. Eu não devia ter dito nada.

— Não se preocupe com isso, — ele disse calmamente. — Você não poderia ter sabido.

Ele começou a subir a escada. — Estou feliz que você tenha estado sob o controle de Lumine todo este tempo.

Quando chegamos ao segundo piso, Bryn saiu disparada da multidão. — Calla!

Ansel estava logo atrás dela; ele estava radiante.

— Onde você esteve? — Ela colocou os braços em volta da minha cintura. — Você está perdendo um festão.

Ela pegou a expressão no meu rosto. — O que está errado?

Eu não consigo manter Ren na linha apesar de eu ter que fazê-lo, tenho pavor de Efron Bane, e eu não consigo parar de pensar sobre um garoto que é

um mistério ainda maior agora do que quando eu nem sabia o nome dele.
Estampeí um sorriso. — Nada. Falaremos mais tarde.

Ela hesitou, não convencida.

Eu a abracei. — Vamos, Bryn. Apenas me mostre a diversão! Tenho que pegar meu irmão para dançar comigo?

Ansel sorriu, pegou minha mão e me arrastou para o centro da multidão pulsante. Ele me levantou, nos girando em círculos rápidos. Quando meus pés tocaram o chão de novo, eu girei sozinha, deixando o ritmo frenético da música afastar tudo o resto.

Nevoeiro encheu a sala, circulando em nossos pés. Ele se envolveu como seda em torno de meus membros e brilhou em um caleidoscópio de cores vivas. Tinha um cheiro doce, como madressilva e lilases. Uma sensação de derretimento agradável percorreu meu corpo.

Risada musical me chamou a atenção, atraindo meus olhos para as bailarinas nas plataformas, que se moviam em rápidos passos sincronizados enquanto giravam em círculos cada vez mais rápidos, inclinando a cabeça para trás e soprando por cheios lábios vermelhos como sangue. A neblina se derramava de suas gargantas e flutuava na nossa direção. Eu pisquei para a visão estranha, me perguntando se seria seguro inalar a respiração de uma succubus.

A pulsação da música abrandou, tornou-se escura, latejante. Os olhos de Bryn se fecharam; ela girava em círculos lentos, seus braços flutuavam, tecendo intrincados padrões no ar. Ansel a olhava, hipnotizado.

Minhas pálpebras começaram a fechar, minhas pestanas escovando minhas bochechas. Eu deixei a vibração do chão subir pelos meus músculos das pernas, guiando meus quadris em círculos e movimentos enquanto a escuridão líquida da música me embalava. Ofeguei quando mãos vieram de trás de mim para abraçar minha cintura.

— A maneira como você se move é incrível. — Ren me puxou para me pressionar contra si. Seus dedos deslizaram para a curva de meus quadris, prendendo nossos corpos no ritmo com o baixo pesado. A sensação de ser moldada contra a linha dura de seus quadris estreitos ameaçou me esmagar. *Nós estávamos escondidos na massa de pessoas, certo? Os Protetores não nos podiam ver?*

Eu tentei acalmar minha respiração enquanto Ren nos mantinha presos juntos no dolorosamente lento pulso da música. Fechei meus olhos e me encostei em seu corpo; seus dedos massajaram meu quadril, acariciaram minha barriga. Deus, era tão bom.

Meus lábios se entreabriram e o véu nebuloso deslizou entre eles, tocando minha língua. O gosto de botões de flor prestes a florir encheu minha boca.

De repente, eu não queria nada mais do que derreter em Ren. A onda de desejo meu apavorou. Eu não tinha ideia se a compulsão para atraí-lo mais firmemente em torno de meu corpo surgiu do meu próprio coração ou do feitiço das succubus. Isto não podia acontecer!

Comecei a entrar em pânico quando ele abaixou a cabeça, pressionando seus lábios contra meu pescoço. Meus olhos se abriram e eu lutei para me concentrar, apesar do calor sufocante à minha volta. Seus caninos afiados traçaram minha pele, arranhando mas não perfurando a superfície. Meu corpo tremia e eu girei em seus braços, empurrando contra seu peito, fazendo espaço entre nós.

— Eu sou uma lutadora, não uma amante, — eu gaguejei.

— Você não pode ser ambos? — Seu sorriso fez meus joelhos derreterem.

Afastei meus olhos dele, tentando focar nos padrões de renda criados pelas luzes na pista de dança. Não ajudou em nada. Meu corpo parecia desconhecido, quente e selvagem. Mesmo que estivéssemos escondidos, eu não queria isso. Não agora. Eu não iria desmaiar por Ren. Se nós iríamos liderar o clã juntos, eu precisava de seu respeito.

— Eu não sou mais uma de suas tientes, Hefner¹⁸. — O empurrei para trás.

¹⁸ Hugh Marston Hefner é o idealizador, fundador e editor-chefe da mais famosa revista erótica do mundo, a Playboy.

Ren veio na minha direção. — Claro que você não é. Você nunca poderia ser. — Suas palavras me envolveram, baixas e suaves.

Ele arrastou a ponta dos dedos ao longo da minha bochecha. Sua outra mão deslizou pela minha cintura, acariciando minhas costas, onde um pedaço de pele nua estava exposto entre a borda do corpete e a calça jeans de cintura baixa. Um súbito arrepio percorreu meu corpo. Eu odiava quão fraca me sentia.

Ren se inclinou para a frente, seu polegar traçando a linha do meu lábio inferior. Eu estava quase me afogando no calor e névoa quando percebi que ele queria me beijar.

— Não. — Saí de seu alcance. Meu corpo doía por seu toque, mas minha mente estava em um frenesim. — Sério. Nós não podemos.

Meu coração batia contra minhas costelas enquanto eu empurrava através da névoa inebriante e a massa de dançarinos para escapar de seus avanços. Olhei para trás uma vez, me encolhendo pela expressão atordoada de Ren. Eu estava prestes a voltar para trás quando vi braços deslizarem por seu peito. Sabine se enrolou em torno dele, puxando-o para o meio da multidão dançante.

Isso é exatamente porque você não pode me ter ainda, Ren. Eu não vou partilhar.

Afastei-me da massa de corpos, parando nos sofás que tínhamos ocupado. Peguei meu casaco e fui para as escadas.

 capítulo 7

Eu ainda podia sentir as vibrações do baixo vindas do clube quando parei na calçada, me perguntando se deveria apenas chamar um táxi e ir para casa.

— Um, oi. Calla?

Shay Doran emergiu da porta do Éden com um sorriso tímido. A noite fria de repente parecia mais quente. Pensei em fugir.

Os Protetores querem que você cuide dele. Não pire.

— Ei, — eu disse, devolvendo seu sorriso. — Como você está, Shay?

— Bem. Eu estou bem. — Ele puxou nervosamente a lapela do blazer de corte fino que cobria sua camiseta branca. — Você vem muitas vezes ao Éden?

— Na verdade não. Meus amigos e eu fomos convidados esta noite. Eu estou aqui mais por obrigação. — Desejei estar em casa na cama, ao invés de estar aqui fora com este humano estranho.

Um riso aliviado surgiu da garganta de Shay.

— Sim, eu também. Esta não é a minha cena. Bosque achou que seria divertido, mas eu não sou realmente um garoto de discotecas.

— Não? — Eu perguntei. — O que você é?

— Bem, eu acho que meu tio está convencido de que eu sou aspirante a membro da Greenpeace. — Ele me deu um sorriso, e então suspirou. — Eu sempre preferi estar ao ar livre. Eu faço caminhadas. Mas eu acho que você sabe disso.

De repente, ele parecia assustado. Corri minha língua ao longo de meus lábios mas não respondi. Ele apressou-se a falar novamente. — E eu gosto de ler. Montes de filosofia, história, histórias em quadrinhos.

— Histórias em quadrinhos? — A imagem inesperada de Shay cercado por volumes de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, e o Homem-Aranha me divertiu.

— Sim. — Seus olhos brilharam. — Sandman¹⁹ sempre foi o meu favorito, mas isso é mais como uma série de romances gráficos. Eu gosto de um monte de coisas Dark Horse: Hellboy, Buffy: Temporada 8...

¹⁹ Sandman (Morfeus): personagem de histórias em quadrinhos adultas da Vertigo, criado por Neil Gaiman, sucesso de crítica e público.

Ele parou quando viu minha expressão em branco.

— Você não tem ideia do que eu estou falando, não é?

— Desculpe. — Dei de ombros. — Eu leio romances.

— Funciona para mim. — Ele sorriu. — Qual é o seu favorito?

Eu vi um táxi passar por nós na rua. *Eu realmente devia simplesmente sair daqui.*

— Ah. Muito pessoal. — Ele levantou as sobrancelhas. — A relação de uma garota com o seu romance favorito pode ser complexa.

O táxi virou no quarteirão seguinte. *Lá se vai minha escapatória.* — Não, é apenas estranho falar sobre isto do lado de fora do clube.

— Concordo. — Ele olhou para o enorme segurança que pairava na porta. — Quer ir tomar um café?

Eu me perguntava se o tinha ouvido direito. *Um garoto acabava de me convidar para sair; isso não pode estar certo. Ninguém me convidava para sair. É proibido.* Senti calor subindo pelo meu rosto.

Então me lembrei que ele não sabia de nada.

Ele falou novamente. — Eu ganhei o hábito de encontrar os melhores pontos de leitura noturnos de Vail. Há um cibercafé aberto 24 horas por dia a duas quadras daqui.

Assenti. — Eu conheço o lugar — *Se eu tenho que tomar conta dele, então isto não seria realmente quebrar as regras, não é?*

Ele se balançou para a frente e para trás em seus pés, enquanto esperava pela minha resposta.

Considerarei Ren e a pista de dança uma última vez antes de dizer, — *Watership Down*.

— O quê?

— Meu romance favorito.

Ele bufou. — Isso não é sobre coelhos?

— É sobre sobrevivência, — eu disse. — Eu vou te contar durante o café.

Comecei a descer pela rua, ouvindo o barulho de seus sapatos na calçada quando ele correu para me acompanhar.

— Bem, coelhos à parte, pelo menos você é original.

— Desculpe? — Não olhei para ele mas continuei em um ritmo rápido ao longo do bairro deserto.

— Todas as garotas que eu conheço dizem *Orgulho e Preconceito*. Ou algum outro conto de amor impedido pela classe social, conflito e — insira aqui um suspiro desejoso — casamento.

— Eu não sou do tipo que gosta de Jane Austen. — Diminuí o ritmo de meus passos para que ele não tivesse que se esforçar para manter o ritmo comigo.

— Não, eu não achei que você seria. — Ouvi o sorriso em sua voz e senti um sorriso a puxar minha boca.

Shay manteve as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans enquanto caminhávamos.

— Você sabe. — Ele limpou a garganta. — Os ursos supostamente estão extintos no Colorado.

Eu mantive meus olhos na calçada, puxando minha jaqueta com força em volta de mim. *Nada é do jeito que é suposto ser em cima daquela montanha. As leis do mundo natural não se aplicam.*

— Eu gosto de caminhar. Sou muito bom nisso, na verdade, — Shay continuou. — E eu li sobre o terreno, quando me mudei para cá. Leões da montanha, talvez, mas não ursos.

Eu encolhi os ombros. — Talvez eles estejam voltando. Movimentos de conservação estão fazendo progressos significativos hoje em dia.

— Não, eu não acredito nisso. Aspirante a cara da Greenpeace aqui, lembra? Eu posso dizer que você pensa que eu sou um idiota, mas eu não sou. Eu sou bastante competente quando se trata de me preparar para caminhadas. Não deveria ter havido um urso onde eu estava caminhando. — Ele fez uma pausa e em seguida, prosseguiu. — Nem lobisomens.

Mordi a língua e rapidamente engoli sangue. — É isso que você acha que eu sou? — *Ele apenas está interessado porque pensa que eu sou algum tipo de aberração.*

Desapontamento me atormentou.

— Deixe-me ver: garota super-forte que pode se transformar em lobo e sai com um monte de garotos que agem como um bando de animais

na nossa escola e que são malditamente assustadores. Eu tenho a definição errada?

— Depende do que você pensa que lobisomens são. — Olhei para ele.

Ele correu uma mão pelos cabelos já desfeitos. — Eu acho que você deveria me dizer. As regras do mundo a que eu estou habituado parecem não se aplicar aqui. Ultimamente parece que eu não posso ter certeza de nada.

Ele parou abruptamente e virei-me para encará-lo. Minha respiração ficou presa na minha garganta quando vi o desespero em seu rosto.

— Exceto pela parte em que eu deveria estar morto. — Ele estremeceu. — Mas não estou. Por causa de você.

Ele deu um passo mais perto, seu olhar se deslocando por meu rosto, procurando. — Eu quero saber quem você é.

Eu podia cheirar o seu medo, mas fiquei intrigada com os outros cheiros, mais atraentes, sob esse.

Trevo, chuva, campos aquecidos pelo sol. Inclinei-me para ele, observando a forma de seus lábios, a luz em seus pálidos olhos verdes. Ele

não estava olhando para mim como se eu fosse uma aberração. Seus olhos estavam cheios de medo e desejo. Eu me perguntava o que ele podia ver no meu olhar.

E eu estou começando a achar que o que realmente importa é quem você é.

Incapaz de resistir, eu estendi a mão, enrolando meus dedos em torno de um cacho de cabelo que caiu em seus olhos. Ele pegou minha mão, virando-a para cima, traçando minha palma como se eu pudesse não ser real.

— Você é tão parecida com uma garota normal. — Seus olhos percorreram meu rosto e ombros. Ele tentou esconder seu olhar rápido ao meu corpete.

Cara, essa coisa realmente funciona.

Eu pensei em novos lugares onde suas mãos poderiam vagar, mas em vez disso franzi os lábios em um rosnado, fugindo de seu alcance.

Ele pareceu assustado por um momento. — Vê, você tem presas quando está irritada. Você é um lobisomem, com certeza.

Quando ele esfregou os olhos, percebi o quanto eram fundas as sombras em volta deles. — Ou então eu estou ficando louco.

Simpatia despertou em meu peito. *Eu quero que você me conheça, Shay. Realmente me conheça.*

— Você não está louco. — Mantive minha voz baixa.

— Então você é um lobisomem, — ele sussurrou.

— Eu sou uma Guardiã. — Olhei em torno da rua, receando que nos ouvissem.

— O que é um Guardiã?

Eu falei num sussurro apressado. — Eu preciso saber se você disse alguma coisa a seu tio, ou a algum dos amigos dele, como Efron, sobre o que aconteceu na montanha.

Shay negou com a cabeça. — Como eu disse, eu pensei que estava ficando louco. Eu não queria dizer nada sobre isso. As coisas têm sido muito estranhas desde que eu vim para cá.

Ele enfiou as mãos novamente em seus bolsos. — E eu estava invadindo propriedade privada naquela caminhada. Eu tinha minhas próprias razões para estar lá em cima, e eu não preciso que meu tio saiba sobre isso.

Alívio se derramou pelo meu corpo. —Tudo bem, Shay. Eu vou fazer um acordo com você. — Hesitei outro momento, sabendo que não devia dizer-lhe nada. Sabendo que deveria deixá-lo sozinho na rua exatamente neste momento.

Mas eu não queria. Eu queria algo que fosse apenas meu.

Excitação corria através de mim quando eu sussurrei, — Se você jurar que não vai contar para Bosque ou qualquer outra pessoa, e eu quero dizer qualquer outra — escola, casa, grupo de fãs online de Dark Horse, seja quem for — sobre o que eu te vou dizer, eu vou explicar a você porque as coisas em Vail parecem tão estranhas.

Ele assentiu com um pouco de entusiasmo demais e eu me perguntei se estava prestes a cometer o maior erro da minha vida.

— Vamos para o café e eu começarei a explicar depois de você me comprar um café.

Eu estava prestes a retornar o seu sorriso quando os vi. Dois homens do outro lado da rua, alguns metros atrás de nós. Eles estavam encostados contra um edifício dando curtas e nervosas tragadas em seus cigarros. Franzi a testa. Embora o par conversasse casualmente, eu estava certa de que há um momento atrás, eles estavam nos observando.

— Venha.

Atravessei a rua para o próximo quarteirão. Shay seguiu meu ritmo, alheio à minha súbita desconfiança. Olhei por cima de meu ombro. Os homens nos seguiam. Eu farejei o ar, mas a dupla de estranhos andava a favor do vento que chegava até nós, tornando impossível para mim descobrir se eles eram humanos... ou outra coisa. Flexionei meus dedos, enquanto visualizava um mapa da área em torno de Éden em minha mente.

Inclinei minha cabeça e ouvi; era fácil pegar seus rudes sussurros.

— Nós não podemos ter certeza sem dar uma olhada em seu pescoço.

— Você vai pedir-lhe para baixar o colarinho para dar uma olhadinha?— o segundo homem disse. — Ele se encaixa na descrição e acabou de sair do clube do bruxo. Vamos pegá-lo e fazer as perguntas depois.

— Ele não está sozinho.

— Você tem medo de uma garota? Provavelmente alguma oferecida que nosso garoto de ouro pegou da pista de dança. Basta deixá-la inconsciente, pegar o garoto, e dar o fora daqui.

Com um lânguido estiramento eu envolvi meu braço em torno de Shay e o puxei para mim. Um sorriso sedutor curioso apareceu em seus lábios. Ele olhou para o meu cheio decote novamente. Uma súbita necessidade baixa me fez tropeçar, enviando sangue quente pelo meu pescoço e para colocar meu rosto em chamas. Então um dos homens fez um

baixo som lascivo, me trazendo de volta para a rua. Eu balancei a cabeça e afundei as unhas em aviso no ombro de Shay, tentando tanto me concentrar quanto distraí-lo.

— Há um problema. Esses caras estão nos seguindo.

Tive o cuidado de não dizer — a você — . Ainda não estava claro para mim o que este garoto sabia e o que ele não sabia sobre sua conexão com o nosso mundo.

— O quê? — Shay tirou os olhos de minhas curvas e começou a virar a cabeça.

— Não! — eu assobiei. — Continue andando. Olhe para a frente.

Quando o puxei firmemente contra o meu corpo, seu coração acelerou. E assim fez o meu; meus olhos encontraram seus lábios, traçando sua forma.

Pare com isso. Pare com isso. Pare com isso. Meu sangue estava fervendo.

Murmurei em seu ouvido: — Quando chegarmos ao fim do quarteirão, eu quero que você corra. Volte para o clube. Informe o segurança de que há um problema aqui. Ele vai enviar ajuda.

— Eu não vou te deixar sozinha, — ele protestou.

— Sim, você vai. — Sorri para ele, deixando meus caninos afiados pegarem o brilho do candeeiro de rua. — Eu posso me cuidar, mas não se eu estiver cuidando de você ao mesmo tempo.

— Eu tenho um celular; eu não deveria ligar para o 911²⁰? — ele perguntou.

— Absolutamente não, — eu disse.

— Eu não vou deixar você a menos que me prometa uma coisa, — ele disse. Foi necessária toda a minha força de vontade para não o beliscar no ombro como se fosse um cachorrinho mal comportado. *Porque ele não tem medo de mim?*

— O quê? — Meu coração batia forte, tanto pelo calor de sua proximidade como pela possibilidade de um ataque.

— Encontre-me amanhã de manhã, — ele disse. — Na montanha. Você sabe onde.

— Essa não é uma boa...

²⁰ número do serviço de emergência.

— Se encontre comigo. — Ele me cortou. — Prometa ou eu fico.

Estavamos quase na esquina. — Não amanhã! Domingo de manhã. Eu estarei lá.

— Domingo? — Ele apertou meus dedos.

— Prometo, — sussurrei, apertando sua mão brevemente, e depois o empurrei para a frente. — Saia daqui. Agora!

Ele sorriu antes virar a esquina a correr. Passos apressados vieram detrás de mim. Virei-me e abri os braços, obstruindo seu caminho.

— Saia do caminho, — o primeiro homem disse rispidamente.

Ele ergueu a mão para me empurrar para o lado. Eu lancei meu punho para baixo, pegando-o com um soco forte no estômago. O ar explodiu para fora de seus pulmões e ele se dobrou de dor. Agora que ele estava perto, eu peguei seu cheiro: não humano. *Rastreadores*²¹. Todo o calor do meu corpo deu lugar a um dilúvio de gelo. Eu não podia acreditar que os tinha deixado chegar tão perto. Minha distração podia ter custado minha vida. Shay era ainda mais perigoso do que eu imaginara.

²¹ Do original 'Searchers', ao longo do livro vou traduzir como *Rastreadores*.

O segundo homem investiu contra mim. Eu me joguei para a calçada, rolando para fora de seu alcance, e mudei para forma de lobo. Uma série de maldições saiu de sua língua.

— Eles têm Guardiões vigiando o garoto, Stu.

O primeiro homem se recuperou do meu golpe; sua mão mergulhou em seu longo casaco de couro, e ele se agachou. Seus lábios se curvaram em repugnância. — Vamos ver o que você tem para dar, rafeira²².

Algo brilhou em sua mão. Vi o contorcer de seu pulso mesmo a tempo de me esquivar, e a adaga retiniu ao cair na calçada. Arreganhei os dentes e pulei nele. Seu grito quebrou quando minha mandíbula fechou, esmagando sua traqueia. O sangue dele se derramou em minha boca, cobre fundido. Quando senti seu coração parar de bater, levantei a boca.

O outro Rastreador olhou para mim, seu rosto contorcido de horror. Baixei meu focinho e me dirigi na sua direção. Ele cometeu o erro de se virar para fugir. Eu arqueei minhas costas e depois disparei atrás dele. Meus dentes rasgaram sua coxa. Ele caiu no chão, gritando, antes de se virar e levantar a mão. Eu gani quando a soqueira²³ acertou meu ombro. O golpe foi o suficiente para deixar marca e me enfurecer, mas não para me mutilar. O

²² Do original 'fleabag' que significa animal considerado inferior ou em más condições, nós geralmente chamamos de cães rafeiros ou vira-latas, aqueles cães que andam nas ruas sabe...

²³ Do original 'brass knuckles' que são armas usadas no combate corpo-a-corpo. São peças de metal, geralmente de aço, que são moldadas de forma a encaixarem em torno das juntas, nas mãos:
http://en.wikipedia.org/wiki/Brass_knuckles

encurralei, prendendo-o contra a calçada, com os olhos fixos no pulso latejando em sua garganta.

Pare!

Gelei ao ouvir a voz aguda na minha mente. Dois Banes vieram para o meu lado.

Efron o quer vivo, se isso ainda é possível.

É. Mudei de formas, pegando o Rastreador assustado na mandíbula com um golpe pesado. Sua cabeça caiu na calçada; com os olhos agora sem ver nada revirados para trás.

Os Banes mudaram de volta para a sua forma humana imponente. Reconheci um como o segurança do Éden.

— Impressionante, — ele murmurou.

Dei de ombros, estremecendo com o pulsar de dor no meu ombro. O segurança deu um passo em minha direção.

— Ferida?

— Não é nada, — eu respondi, apesar de a dor persistente do golpe do meu oponente ser mais intensa do que eu esperava.

O Bane franziu o cenho. — Ele bateu em você com a sua carne ou com uma arma?

— Arma. — Meus olhos dispararam para a mão do Rastreador inconsciente. — Arredondada, não afiada.

— Você vai querer que Efron dê uma olhada em você. Rastreadores encantam suas armas. Pode ser pior do que você pensa.

O outro Guardião recolheu o corpo inerte do Rastreador em seus braços. O segurança assentiu para ele. — Vamos. Porta traseira. Leve a palavra para o escritório da frente: vamos precisar de alguém para despejar o outro corpo. Eu vou buscar o herdeiro de Bane; Efron quer que ele veja isso também.

Segui os homens desmedidos pelas ruas desertas de Vail até uma viela que passava entre a discoteca de Efron e os outros negócios do bairro. A pulsação da música e a onda de calor fez meu ombro latejar. Nos movemos por corredores secundários escuros, alinhados com armários de armazenamento mas acabamos do lado de fora de uma porta que eu reconhecia de mais cedo naquela noite. A suite privada de Efron.

— Espere aqui, — ordenou o segurança.

A porta se abriu novamente e a cabeça do segurança espreitou pela pequena abertura.

— Efron quer que você entre.

Ele abriu a porta apenas o suficiente para eu passar por ela e saiu, fechando a porta atrás de si.

Efron Bane estava no centro da sala falando em seu celular. Logan pairava sobre o Rastreador inconsciente, um sorriso cruel flutuando sobre os jovens lábios do Protetor. O Bane mais velho, que tinha trazido o meu atacante de volta ao clube, estava ao lado do sofá. Lumine estava sentada perto, em uma cadeira de couro de encosto alto e bebendo um copo de xerez. As portas de carvalho se abriram mais uma vez e o segurança, seguido de Ren, entrou na sala.

— Ouvi dizer que você acabou com um Rastreador. — Ren veio para meu lado.

Assenti, correndo minha língua ao longo de meus dentes por reflexo. Ainda podia saborear o sangue do homem.

— Desculpe ter perdido isso. — Seu olhar ficou perturbado. — Você está machucada?

— Uma contusão ruim, — eu disse. — Nada importante.

— Ah, Renier. Obrigado por ter vindo tão depressa. — Efron deslizou o celular no bolso. — Isso deve ser suficiente. Podemos começar.

— Onde está Shay? — Eu não tinha visto o garoto em qualquer lugar no escritório de Efron.

— Bosque o levou para casa. O encontro com seus atacantes — um, eu acredito que ele se referiu a eles como 'assaltantes' — chocou a pobre criança terrivelmente. É melhor pô-lo a salvo na cama.

— Claro. — Tentei manter a confusão longe de meus olhos. Então os Protetores queriam manter Shay ignorante. Eu não conseguia descobrir o lugar do garoto em tudo isto. Eu gostava de poder vê-lo, para ter a certeza de que ele estava seguro.

Efron se aproximou de mim; eu lutei para manter a calma. — Meus guardas dizem que o Rastreador usou uma arma contra você.

Assenti.

— Onde está o ferimento? — Seus olhos se estreitaram.

— No meu ombro.

— Tire seu casaco, — ele ordenou.

Engoli meu medo e obedeci, deixando a jaqueta de couro deslizar dos meus ombros. O movimento fez dor disparar nos meus músculos machucados e ao longo de minha espinha. Ele pegou meu braço em um aperto bruto. Arfei quando a ferida latejou novamente. Ren enrijeceu a meu lado, um rosnado saindo de seu peito.

O olhar de Efron cintilou para o alfa, um sorriso desdenhoso se desenhando em seus lábios. Ele examinou a mancha roxa escura no meu ombro, murmurou uma maldição, e chamou minha mestra com o dedo. Lumine se levantou e caminhou até nós. Quando ela olhou para o ferimento, seus lábios se franziram. Efron acenou com a cabeça.

— Seus encantamentos estão ficando melhores. Isto não curará sozinho.

Lumine prendeu meu queixo em seus dedos delgados. — Você precisa de sangue do clã. Onde está Bryn?

Ren falou antes que eu pudesse faz-lo. — Ela pode ter o meu.

Os olhos de Lumine se arregalaram. — Bem, bem. Tão galante.

Ela sorriu para Efron. — Parece que nossos jovens alfas já se ligaram, meu querido. Isso é encorajador. — Os olhos dela se moveram para Ren. — Embora eu espere que você não tenha sido... inadequado com a minha garota, — ela disse, lambendo os lábios.

— Claro que não, senhora. — Os olhos escuros de Ren brilharam.

Logan abandonou o escrutínio do Rastreador e andou até seu pai.

— O que se passa? — Seu olhar viajou entre mim e Ren, e ele levantou uma sobrancelha.

— Seu alfa se ofereceu para curar Calla, dando-lhe do seu sangue. — Diversão fria escorreu da voz de Efron.

— Oh, eu sempre quis ver como isso funciona. — Os lábios de Logan se curvaram em um sorriso zombeteiro. — Que capacidade invulgar vocês, Guardiões, têm. Eu quase a invejo.

Eu tremi com humilhação. Ren encarou Logan, mas permaneceu em silêncio.

— Tem certeza que isso é necessário? — Eu fixei meus olhos no tapete persa sob meus pés.

Mesmo quando perguntei, eu sabia que era. A dor tinha começado a fazer meus braços tremer. Eu sentia náuseas; era como se a ferida estivesse cheia de veneno que vermifugava desde meu ombro até meu estômago.

— Os rastreadores obviamente usaram sua reclusão para aprimorar suas habilidades, o que é lamentável. Agora parece que eles encontraram uma forma de minar nossas melhores armas. — Efron sorriu. — Isso significa você e seu clã, querida Calla.

Ren arregaçou a manga de sua camiseta. — Está tudo bem, Cal.

Mas eu não quero ser um espetáculo para eles! Quebrei meu cérebro tentando achar qualquer outra solução, mas nenhuma veio.

Antes que eu pudesse objetar, ele levantou o braço nu para seus lábios. Quando o afastou, riachos vermelhos deslizavam ao longo de sua pele e em direção ao seu pulso. Ren estendeu seu braço para mim. Virei-me de costas para os três Protetores que pairavam à nossa volta. Respirei fundo rapidamente, peguei seu braço em minhas mãos, e cobri a ferida que marcava sua pele pálida com minha boca. Seu sangue correu sobre minha língua, descendo por minha garganta. O líquido era quente, doce como mel, mas com uma pitada defumada. Calor borbulhante viajou por minhas veias. A dor latejante no meu ombro acalmou e depois desapareceu.

A mão de Ren embalou minha cabeça. Seu toque me trouxe de volta para a sala. Meu rosto enrubesceu quando me virei para minha mestra. Ela assentiu em aprovação, seus olhos indo para o meu ombro agora sem marca.

— Adorável, — Lumine murmurou. — Que combinação tão perfeita. Nos superámos a nós mesmos.

Efron colocou a mão no ombro de Logan. — Uma herança muito boa de fato.

O garoto sorriu para o pai e depois olhou para mim e para Ren, avaliando-nos.

O segurança apareceu ao lado de Ren e lhe entregou um kit de primeiros socorros.

— Obrigado. — Ren rasgou um quadrado embrulhado com os dentes e colocou um curativo sobre as marcas de punção no braço.

— Uma vez que isso está tratado. — Efron se dirigiu para onde o corpo inerte do Rastreador estava esparramado. — Lumine, você gostaria de fazer as honras?

Ela tinha dado alguns passos para a frente quando Logan disparou em direção ao sofá.

— Posso? — ele perguntou.

Minha mestra piscou para o garoto, mas depois sorriu.

— Claro. — Ela fez um gesto para ele se aproximar do homem inconsciente.

Efron estalou os dedos. Os Bane mais velhos se mudaram para posições vigilantes de cada lado do Rastreador.

Logan colocou as mãos nas laterais das têmporas do homem. Os lábios do garoto se moveram rapidamente, murmurando um encantamento que eu não conseguia entender.

Os olhos do Rastreador se abriram; ele deu uma respiração irregular e se sentou repentinamente. Logan sorriu e se afastou. O homem procurou pela sala com olhos selvagens.

— Onde eu estou?

— Eu acho que seremos nós a fazer as perguntas, amigo. — Efron deu um passo adiante.

O Rastreador se encolheu de volta para o sofá. Os Banes rosnaram, e ele gemeu como um animal enjaulado. — Fique longe de mim.

— Isso é maneira de tratar seu hospedeiro? — Efron continuou em direção ao homem que tremia a um ritmo constante. — Afinal, você está em minha casa. Você violou meu território.

— Não é seu, feiticeiro. — O Rastreador rebateu; seu medo parecia dar lugar à indignação. — Onde está o garoto?

— Isso não é sua preocupação.

— Ele não sabe, não é? Quem ele é? Que vocês pegaram Tristan e Sarah? O que você vai fazer? — O olhar do homem continuou viajando com desespero pelo escritório, caindo por fim em mim. — Então foi sua cadela escrava que matou o Stuart.

Ren rosnou e saltou para a frente, mudando a meio do salto para um lobo cinza escuro. Ele se agachou e se dirigiu para o sofá.

— Não, — Efron disse. Ren parou mas continuou encarando o Rastreador.

Efron sorriu friamente. — Você em breve desejará que um Guardião tivesse tomado sua vida também. Mas eu acho que podemos achar um final mais interessante para você. Minhas desculpas, Renier. — Ele dispensou o alfa. — Eu tenho certeza que você adoraria experimentar a carne de nosso amigo. Eu prometo que você terá a chance de vingar sua mãe outro dia.

Ren mudou para a forma humana e voltou para meu lado; uma expressão assombrada sombreava seu rosto. Lumine atravessou a sala, sorrindo para o prisioneiro.

— Eu não tenho medo de você, bruxa, — o Rastreador disse, fazendo um gesto obsceno.

— Tão bruto. — Lumine tamborilou os dedos na parte de trás do sofá. — Hora de ensinar a você boas maneiras.

Ela levantou a mão e desenhcou intrincados padrões no ar. Quando ela terminou, um símbolo de fogo estava suspenso ante ela. O desenho contraiu, pulsou duas vezes, e depois explodiu. A encarnação espectral de uma wraith pairava em frente a Lumine.

Meu estômago revirou e eu me encolhi para trás, agarrando a mão de Ren. Seus dedos prenderam os meus, apertando-os firmemente.

O Rastreador recuou para trás, do sofá para o chão. — Oh meu Deus.

Lumine sorriu. — Ele não está recebendo chamadas neste momento.

Ela contraiu o pulso. A wraith deslizou para a frente. Seu corpo de embrulhou como faixas de pano escuro ao redor do Rastreador. Ele gritou, seus membros convulsionando enquanto a criatura de sombra o envolvia.

— Agora, vamos falar sobre seus amigos em Denver, sim?

Efron pigarreou. — Logan, porque você não leva os nossos fiéis Guardiões até à porta para que eles possam retornar a seus amigos. Eles fizeram mais do que suficiente por nós esta noite.

Ele sorriu lentamente. — Vocês têm o nosso agradecimento, jovens alfas.

Ren assentiu para Efron e, em seguida, me puxou para a porta. Logan pisou à nossa frente, destrancou a porta, e a abriu.

— Aproveitem o clube, — ele disse. — Nós teremos que falar sobre o novo clã em breve.

De dentro da sala eu ouvi o Rastreador gritar de novo. Se não tivesse sido pelo ensurdecador pulso da música, seu grito de agonia teria preenchido todos os cantos da discoteca cavernosa. Logan piscou antes de fechar a porta.

Sem olhar para trás, para o escritório, nós nos apressamos para o segundo piso. Quando chegamos ao topo da escada, eu procurei meus Nightshades e os vi exatamente no centro da multidão de corpos oscilantes.

Ansel e Bryn giravam em círculos estonteantes, mãos unidas. Neville e Mason estavam no meio de uma dança de striptease, enquanto Cosette e Sabine torciam por eles. Dax e Fey estavam um pouco à parte, observando os outros. A cabeça de Dax estava inclinada perto do ouvido de Fey. O rosto dela se torceu em um sorriso enquanto ele sussurrava. Eu comecei a me dirigir para eles, mas Ren me puxou de volta.

— Você está bem?

— Sim. — Senti um leve toque no meu ombro, onde a contusão da arma do Rastreador tinha estado. Os dedos de Ren acariciaram minha pele em círculos lentos. A sensação de suas carícias sutis percorreu o meu corpo em ondas. Fechei meus olhos, querendo que meu coração abrandasse o ritmo alucinante. *Porque isto acontece toda a vez que ele me toca?*

— Você tem certeza, Lily? — ele provocou.

O apelido odiado arrancou uma risada dura de minha garganta. — Tenho certeza. Você cuidou disso.

Ele me puxou para mais perto. — Você vai dançar comigo agora, ou vai fugir novamente?

Meus instintos de luta entraram em ação. — Se você me desse um segundo para respirar, talvez eu não tivesse que correr!

As mãos de Ren caíram dos meus ombros. — Porque você me odeia, Calla?

Eu balancei a cabeça. — Do que você está falando?

— Eu nunca encontrei uma garota tão adversa à minha companhia. — Ele desviou o olhar de mim; os músculos de sua mandíbula se contraíram.

— Talvez esse seja o seu problema. — Ele recuou como se eu tivesse batido nele, e eu me arrependi de ter perdido meu temperamento. — Eu não odeio você. Estou apenas tentando seguir as regras.

— Olhe, eu compreendo. A situação não é ideal, — dele disse. — Mas eu pensei que talvez as coisas entre nós...

Suas palavras flutuaram embora como nevoeiro pego por um vento forte. Ele mudou seu peso e depois falou novamente, com força.

— Você está certa. Eu vou recuar. Eu ainda penso que nossos clãs devem estar juntos. Particularmente com Logan assumindo a liderança após a união. Ele é imprevisível. Nós precisamos ser fortes. E eles parecem bastante agradados com este novo arranjo. — Ele apontou para a pista de dança.

Eu assenti, insegura do que dizer mais. Seus olhos encontraram os meus. Dei um passo atrás, surpresa com seu olhar duro. — Eu não vou te

incomodar mais. Quando for hora para a união, nós descobriremos uma forma.

Minhas entranhas se torceram quando eu desviei o olhar para o chão. Eu não queria que ele desistisse tão facilmente. — Ren. — Levantei os olhos para encontrarem os seus. Mas ele já me tinha virado as costas. Minha mão se estendeu, tentando agarrá-lo um segundo tarde demais antes de ele desaparecer na multidão.

 capítulo 8

Eu quase não dormi. Sonhos caóticos me atacaram durante a noite. Às vezes as visões me provocavam: os dedos de Ren na minha pele nua, seus lábios se movendo para mais perto dos meus, e desta vez eu não fugia. Shay me puxando para um beco, me segurando contra um edifício enquanto seu beijo me queimava até que nada restava além de fogo. Outras imagens surgiram com força cruel: eu estava presa ao chão; Efron pairava sobre mim. E depois deixava de ser Efron e passava a ser uma wraith. Eu ouvi o Rastreador gritar e então os gritos se tornaram meus.

Quando a manhã chegou, eu tremia, dominada pela exaustão. Me escondi no quarto, enterrando-me em todos os travesseiros e cobertores que podia encontrar. Eu me escondi na minha fortaleza de algodão até que houve uma batida na minha porta. Eu olhei para o relógio, espreitando por debaixo das camadas de calor; era quase uma da tarde.

— Sim?

Meu pai entrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Seus punhos estavam fechados ao seu lado.

— Não vi você o dia todo, — ele murmurou, olhando por cima de minhas torres de travesseiros e paredes de cobertores.

— Eu não estou me sentindo muito bem, — eu disse, e puxei um cobertor para cobrir meu nariz e boca. Só meus olhos espiavam meu pai. Minha resposta o fez mudar de peso desajeitadamente. Ele agarrou a maçaneta da porta, a torcendo para a frente e para trás em sua mão.

— Ansel disse que vocês estiveram com os Banes no Éden ontem à noite. — Sua voz desconfiada me fez levantar em um dos cotovelos.

Assenti.

— Você conheceu o Efron? — A pele ao redor dos seus olhos apertou.

— Sim. Conheci. — Ouvi a repulsa em minha voz.

— Você está bem? — Meu pai, de repente, não conseguia olhar para mim.

— Sim. — Me sentei com alarme quando percebi o que o mantinha pairando ao pé da porta. Embrulhei meus braços em torno de um travesseiro. — Lumine estava lá também.

Seus olhos piscaram de volta para mim. —Ela estava?

Assenti, deslizando de volta para debaixo das cobertas. — Sempre foi assim? — Olhei para o teto. — Protetores têm Guardiões para o que seja que eles querem? Não apenas como seus guerreiros?

— Depende do Protetor. Efron tem gostos exóticos. Tenho certeza que você viu isso a noite passada. — Sua resposta foi ríspida, mas resignada.

— Sim. — Fechei os olhos.

— Mas é nosso dever servi-los. Os locais sagrados não devem ser tomados pelos Rastreadores. O mundo depende disso, e os Protetores nos dão o poder para defender os locais. — Sua voz era baixa. — Não podemos questionar os Protetores, Calla. Mesmo quando vemos lados de nossos mestres que não gostamos.

— Eu sei. — Virei a cabeça para ele, querendo dar voz a perguntas que eu não podia fazer.

E se Efron fosse nosso mestre e não Lumine? E se fosse eu ou a mamãe e não as garotas Bane quem ele pedia? O que você faria então?

Pensamentos horripilantes correram para me oprimir, então eu peguei outro assunto. — Houve um ataque de Rastreadores a noite passada.

— Recebemos a notificação esta manhã, — ele disse. — Parabéns pela sua primeira matança. Sua mãe e eu estamos muito orgulhosos. — Ele sorriu rapidamente e eu dei de ombros.

Meu pai parecia satisfeito com a minha aceitação rápida de seu elogio. — É provável que nossas patrulhas sejam intensificadas em breve. Eu acho que eles vão considerar pôr seu novo clã lá fora, mesmo antes da união oficial.

Eu acho que todo mundo quer dar rápido começo no novo clã. — Logan Bane recebeu o controle de nosso clã, como parte de sua herança.

Ele cruzou as mãos na frente do seu peito. — Isso é inesperado. Apesar de eu supor que o filho de Efron atingirá a maturidade em breve.

— Você sabe quem é Bosque Mar? — Eu franzi a testa.

Ele balançou a cabeça. — Quem?

— Ele é um Protetor. Estava no Éden, na noite passada. — Refleti sobre a minha memória do encontro bizarro. — Eu acho que ele deu a ordem para Logan ficar com o nosso clã. Nossa mestra o deferiu. Eu nunca a tinha visto fazer isso.

— Nós não lidamos com as hierarquias do mundo dos Protetores, — meu pai disse cortante. — Isso é negócio deles. Eu respondo a Lumine e mais nenhum Protetor.

Ele andou na frente da porta. — Quando seu novo clã se formar, você responderá apenas a Logan. Não se envolva nos assuntos dos Protetores. Você é uma guerreira, Calla. Lembre-se disso e foque-se apenas nisso. Distrações só irão ferir você.

— Sim, claro. — Eu me encolhi mais debaixo das defesas do meu cobertor. *Eu fui estúpida na noite passada; meu pai está certo. O que eu quero não importa. Eu tenho que ser forte. Nada mais.*

Mordi um travesseiro. *Eu odeio garotos.*

Ele assistiu a meu recuo, franzindo a testa. — Sua mãe está fazendo o almoço. Você vai se juntar a nós?

— Ok. — Não importa quão espessa a minha fortaleza de algodão fosse, não mudaria nada.

Além disso, eu era uma guerreira; era hora de agir como uma.

A melodia musical ecoou em meus ouvidos antes que meus olhos abrissem. Notas musicais como campainhas entravam pela minha janela do quarto, que eu tinha deixado aberta na noite anterior, juntamente com um fluxo constante de ar frio e cortante. Geada. A primeira geada forte do ano. Olhei de novo para o relógio. Bryn estaria lá fora daqui a uma hora para a nossa patrulha semanal.

Como me vou livrar dela? Mastiguei milho integral e me perguntei se Shay iria realmente fazer a caminhada até à montanha nesta manhã, tão cedo.

— Ei, mana. — Ansel apareceu no fundo das escadas.

— O que você está fazendo acordado? — Eu perguntei, subitamente com receio de estar atrasada. Mas eram seis e meia da manhã. Nossas patrulhas de fim-de-semana começavam às sete.

— Eu queria saber se posso ir com vocês hoje. — Ele tentou soar casual, mas sua mão tremia enquanto ele se servia de café. Líquido preto salpicou sobre o balcão.

— Você fez patrulha com Mason ontem. — Assisti-o limpar o café com uma toalha de papel.

— Eu sei, — ele disse rapidamente. — Eu só acho que prática é boa para mim. Quero dizer, com o ataque e tudo.

— Oh. — Mastiguei o lábio. — Na verdade eu ia dar a Bryn o dia de folga. Eu vou patrulhar sozinha.

— Porquê? — Ansel se sentou à mesa, os dedos tamborilando na lateral de sua caneca.

— Eu apenas preciso de algum tempo para pensar. — Inventei uma desculpa na hora. — E eu penso melhor quando corro sozinha.

— Você está bem, Cal? — Ansel deitou colherada atrás de colherada de açúcar em seu café.

— Como você pode beber isso? — Eu estremeci.

— Apenas responda à pergunta. — Ele ergueu a caneca para os lábios.

— Eu estou bem.

— Mamãe disse que você passou metade do dia na cama, enquanto eu estava na patrulha. — Ele pegou o açúcar e adicionou mais uma colher no café.

— Nós saímos até às quatro da manhã na sexta-feira.

— Me fale sobre isso. Fui eu que tive que acordar duas horas mais tarde. E Mason não é uma companhia agradável de patrulha quando está cansado. Rabugento como o inferno. Ele mordeu um coelho pela metade quando ele o assustou.

Ansel provou o café novamente; desta vez ele sorriu e começou a engolir.

— Mas falando sério, Calla, — ele disse. — Matar o Rastreador fez você pirar?

— Não. — Ele parecia duvidar e eu suspirei. — Matar o Rastreador era minha função. Ele tentou atacar Shay.

— Você quer dizer aquele garoto de quem todo mundo está falando?

— Sim. — Levantei-me para reencher minha caneca. — Os Protetores têm algum tipo de interesse em seu bem-estar. Ele está vivendo com eles.

Ansel estendeu sua agora-vazia caneca de café para mim. — Isso é estranho. E os Rastreadores tentaram atacá-lo?

— Sim. Eu matei um. O outro... — Hesitei antes de encher a caneca dele de café novamente. — Você quer que eu encha apenas metade da caneca para deixar espaço para o açúcar?

Ele não mordeu a isca. — O que aconteceu com o outro Rastreador?

— Os Protetores usaram uma wraith nele.

Eu vi Ansel empalidecer. — O que ela fez?

— Eu não sei ao certo. — Coloquei a caneca na sua frente. — Efron nos dispensou. Mas parecia que a wraith faria o interrogatório bastante eficaz.

— Estou contente por não ter que ver isso. — Ele começou seu ritual de açúcar novamente.

— Eu desejava não ter visto o que vi, — eu disse, e seus olhos se estreitaram. — E sim, isso me manteve na cama de manhã.

— O que mais? — Ansel pressionou.

Olhei para a superfície escura do café. — Estou preocupada com Logan.

— O que ele tem? — Ele se levantou e foi até à despensa para encher o açucareiro agora vazio.

— Ele vai assumir a liderança do novo clã.

Ouvi um barulho da despensa. Grânulos brilhantes cobriam o chão.

— Ansel! — Fui buscar a vassoura.

— Desculpe, — ele murmurou, juntando o açúcar derramado em uma pilha com as mãos. — Sério? Logan? Não Efron ou Lumine, ou ambos revezando-se por turnos nem algo assim?

— Fique feliz que não seja Efron, — eu disse, entregando-lhe a pá do lixo.

Ele pegou a expressão sombria no meu rosto. — Porquê?

Eu varri lentamente, apertando a vassoura com mais força.

— Por causa de Sabine? — Ele perguntou em voz baixa.

Eu congelei. — Você sabe?

— Neville disse a Mason, e Mason me contou.— Ele encarou a pilha de açúcar.

— Ren me contou, — eu disse suavemente, e comecei a varrer de novo.

Ansel manobrou a pá para pegar o açúcar. — Mason disse que Ren está realmente angustiado por causa disso. Quero dizer, isso é informação em terceira mão, mas eu acredito. Ele não pode proteger Sabine de Efron. Eu não posso imaginar como isso será para um alfa. Mestre ou não, tem que ir contra o instinto de Ren para proteger seus companheiros de clã.

Eu não respondi mas continuei empurrando o açúcar para Ansel.

— O que você pensa sobre isso? — ele perguntou.

— Pela primeira vez, eu fiquei feliz por Lumine ser a nossa mestra, — eu disse. — E eu espero que Logan seja diferente. Ren disse que ele não é como seu pai, mas que é imprevisível.

Ele deu de ombros. — Bem, Logan seria diferente de qualquer forma. Quero dizer ele não iria querer...

A porta da frente se abriu e Bryn entrou na cozinha.

Ansel se endireitou bruscamente, deixando cair o açúcar na sua pá de volta para o chão. Eu gemi.

— Ah. Sinto muito.— Ele me atirou um olhar de desculpas, pegando a vassoura de mim.

— Pronta para o ar livre, Cal? — Bryn sorriu e depois olhou para o chão. — O que aconteceu?

— Ansel acredita que o café deve ser bebido em parte iguais com açúcar. — Sorri para o meu irmão que ainda corava. — Ele ficou um pouco entusiasmado demais.

Bryn riu, se virando para ir para a porta.

— Ei, espere um segundo, — eu disse, pegando o braço dela.

Ela levantou uma sobrancelha, surpresa.

— Eu gostaria de fazer uma corrida sozinha hoje. Você se importa?
— Era difícil manter minha voz neutra.

— O quê?

— Eu preferia fazer a patrulha sozinha, — eu disse, tentando encontrar uma desculpa e não obtendo resultados. *Fraco, Calla, muito fraco. Ela nunca vai acreditar nisto.*

— Eu vejo. — Ela vagueou pela mesa da cozinha, optando por uma cadeira. — Então você vai se encontrar com Ren?

— O quê? — Eu soltei abruptamente.

— O quê?! — Ansel saltou, derramando o açúcar novamente. Ele amaldiçoou, mas não se dobrou para retomar sua limpeza.

Meus olhos dispararam de Bryn para o meu irmão. — Eu não vou me encontrar com Ren. — Não era o que eu esperava, mas eu percebi que poderia ser suficiente para manter Bryn longe da patrulha. Mesmo que isso significasse sofrer durante uma semana ou mais de provocações vindas destes dois.

— Sério? — Bryn brincou com o açucareiro vazio sobre a mesa. — Eu achei que vocês dois estavam se dando muito bem no Éden. Ele é um ótimo dançarino. Não é, Ansel?

Ela piscou para meu irmão, que riu.

Eu encarei cada um deles uma vez. — Eu NÃO vou me encontrar com Ren. — Eu sabia que se não protestasse, ela não iria investir em sua nova teoria da conspiração.

— Tudo bem. — Ela sorriu, seus olhos me dizendo que ela não acreditava em mim de forma alguma, o que, neste caso, trabalhava a meu favor. — Isso é bom, porque é tecnicamente contra as regras que dois alfas patrulhem juntos. Você sabe, caso algo acontecesse e vocês fossem os dois mortos.

— *Tecnicamente* não somos alfas do novo clã ainda. Ainda somos uma Nightshade e um Bane, — retruquei.

— Então você *vai* se encontrar com ele. — Seu sorriso se tornou tão grande que eu pensei que seu rosto fosse rachar.

— Não vou! — Peguei a colher de açúcar de Ansel e a joguei nela, mas ela se esquivou facilmente.

Meu estômago se amarrou em um nó doloroso. Eu estava bastante certa de que ao longo da nossa noite no Éden, eu tinha conseguido afastar o alfa Bane.

Bryn riu e foi até o armário. — Que seja. — Ela agarrou uma caneca de café. — Se você quer ir sozinha, tudo bem por mim. Não importa o que você pretende fazer por lá.

Ainda olhando para ela, eu voltei para a mesa da cozinha para terminar o meu café.

Ansel finalmente conseguiu deitar o açúcar derramado no lixo.

— Então, Bryn. — Ele pegou o açucareiro vazio e voltou para a dispensa. Eu estava surpresa de ainda haver algum açúcar sobrando, considerando a quantidade que tínhamos varrido do chão. — Se você não está patrulhando hoje, você se importaria de me fazer um favor?

Bryn tomou um gole de seu café, fazendo uma careta. — Se você me puder trazer açúcar para esta coisa amarga. — Ela olhou para mim. — Eu não sei como você bebe isto puro. Você é foda.

— É por isso que eu sou sua chefe.

Ansel voltou para a mesa, brandindo o açucareiro cheio.

— Pare de balançar isso por aí; você vai derramar tudo de novo, — eu murmurei.

— Bom homem. — Bryn pegou o açucareiro.

Ele abriu uma gaveta da cozinha e atirou-lhe uma colher.

— Obrigado. — Ela começou a jogar grânulos em sua caneca. — Qual é o favor?

Balancei a cabeça. — Se vocês fossem humanos, já seriam diabéticos.

Ansel riu, mas seu olhar caiu sobre Bryn. — Uh. Você teve a Sra. Thornton como professora de Inglês no segundo ano, certo? — Ele parecia nervoso.

— Todo mundo a tem. — Bryn mexeu o café. — Ela é a única professora de Inglês para alunos de segundo ano.

— Oh, sim, certo, — ele murmurou. — Bem, nós estamos na unidade de poesia, e eu não estou conseguindo chegar lá.

— Uh-huh. — Após um gole de seu café, ela franziu o nariz e pegou o açúcar novamente. Depois de uma rápida olhada no relógio, eu me levantei e levei a caneca para a pia.

— Então, eu sei que você escreve poesia, — Ansel continuou, seus olhos intensamente focados nas profundezas de sua caneca. — E eu pensei que talvez você pudesse me ajudar.

Bryn deu de ombros. — Claro. Uma vez que Calla me abandonou em detrimento de seu novo namorado, eu estou livre.

Minha caneca caiu na bacia de aço inoxidável. — Ele não é meu namorado!

Ela me ignorou. — Você sabe, An, se você realmente quer ajuda com a poesia, você devia falar com Neville. Pelo que ouvi, a poesia dele é muito melhor do que a minha. Ele até teve algumas coisas publicadas.

— Sim, sim, — Ansel disse rapidamente. — Eu farei isso, mas o trabalho é para amanhã e você está aqui agora.

— Ok. Bom ponto, — ela disse.

— Estou feliz que você esteja fazendo algo de útil hoje. — Saí da cozinha.

Eu podia ouvir suas risadas me seguindo quando mudei para a forma de lobo e saí correndo para a floresta atrás de nossa casa.

Corri até à encosta leste da montanha. A terra congelada picou em minhas patas. Eu sabia para onde estava indo e não parei até que cheguei ao meu destino. Quando cheguei ao cume, me agachei. Ele estava lá, esperando calmamente por mim, e eu não estava tão surpreendida como eu pensei que estaria.

Eu o observei do meu ponto de vista elevado por vários minutos e considerei minhas opções. Finalmente, eu me levantei e saltei do cume, pousando apenas a alguns metros de distância dele. Ele gritou em surpresa, se levantando.

Olhei para ele, silenciosa, imóvel. Ele piscou para mim. Então ele lentamente estendeu a mão, dando alguns passos para a frente. Ele se inclinou para baixo. Quando me dei conta do que ele estava prestes a fazer, rosnei, dando um tapa com o focinho em seus dedos. Ele saltou para trás e soltou um palavrão. Mudei para a forma humana.

— Você é como um homem morto andando. — Apontei para ele um dedo acusador. — Nunca, nunca tente domesticar um lobo. É simplesmente insultuoso.

— Desculpe. — Ele parecia desapontado, então ele riu. — Bom-dia, Calla.

— Bom-dia, Shay.

 capítulo 9

— Estou surpresa de você aparecer. Você deve ser um madrugador.
— Andei para a frente e para trás inquieta, vigiando a floresta que nos cercava. — Porque você quis se encontrar comigo aqui?

Eu estava mais preocupada com por quê eu quisera que ele estivesse na clareira.

— Não tanto um madrugador, mais como alguém que não conseguiu dormir. Estou tentando entender toda esta loucura em que eu caí, — ele disse. — Além disso, eu quis manter o nosso encontro para café.

Ele se abaixou e abriu o zíper do seu saco, retirando uma esbelta garrafa térmica de aço inoxidável e uma caneca pequena.

— Encontro? — Eu estremeci, mas não por causa do ar frio matinal.

Seu sorriso brincalhão não se desvaneceu enquanto ele enchia uma caneca de líquido escuro vindo da garrafa térmica e a estendia para mim. — Expresso.

— Obrigado. — Eu ri, pegando a caneca. — Isto é caminhada de alta classe.

— Só para ocasiões especiais, — ele disse.

Olhei para suas mãos vazias. — Você não vai beber?

— Eu pensei que podíamos partilhar, — ele disse. — Eu prometo que não tenho herpes.

Eu sorri, hipnotizada por um instante pela forma como o sol da manhã criava fios de ouro nas ondas suaves de cabelos castanhos de Shay.

— Calla? — Ele se inclinou para mim e eu desejei que ele me agarrasse do jeito que ele tinha feito em meu sonho. — Você está bem?

Afastei meus olhos dele, tomando um gole do meu café. Estava incrivelmente forte e absolutamente delicioso. — Você sabe, a maioria das pessoas não retorna para seus locais de encontros de quase-morte. Você pode até dizer que as pessoas mais sábias os evitariam.

Estendi a caneca para ele. Seus dedos roçaram os meus quando ele a pegou de minhas mãos e minha pele vibrou, quente e viva, pelo contato.

Quando seus lábios tocaram o metal, eu tremi, como se ele me tivesse beijado em vez da borda da caneca. *Era assim que seria um beijo? Essa eletricidade que eu sinto quando nossas mãos se tocam, mas em meus lábios?*

— Eu não sou a maioria das pessoas.— Ele se deixou cair em uma posição de pernas cruzadas.

— Não, você não é.— Sentei-me à sua frente.

— Eu sou sábio, apesar disso. — Ele sorriu. — Eu acho que aquele urso vai ficar longe daqui por um tempo. Você é um lobo bastante assustador.

— E isso não te incomoda? — Eu perguntei.

Shay recostou-se nos cotovelos, esticando as pernas. — Se você fosse me comer, já o teria feito.

Estremeci. — Eu não como pessoas.

— Está provado o meu ponto. — Ele levantou o rosto, deixando a luz solar banhá-lo.

Eu estudei suas feições, desejando poder traçar os contornos de sua boca com a ponta dos meus dedos.

— Ainda assim, — eu murmurei. — Você deveria ter medo de mim.

Ele arrancou uma flor selvagem do solo. — Porquê?

— Porque eu podia matar você, — eu disse.

— Esse urso *teria* me matado. — Ele enrolou o caule da flor em seus dedos. — Você impediu isso.

Eu não o deveria ter feito. As palavras ficaram presas em minha garganta. Olhei para as suaves ondas de seu cabelo, o sorriso doce brincando em seus lábios. *Como eu poderia deixá-lo morrer? Ele não tinha feito nada de errado.*

Ele considerou o meu silêncio como uma necessidade de mais explicações. — Você salvou minha vida. A meu ver isso lhe dá um monte de confiança.

— Justo. — Consegui assentir com a cabeça. — Mas mesmo assim, você não devia estar aqui.

— É um país livre.

— É um país capitalista, e isto é propriedade privada.

Ele olhou para a pequena flor por um momento e depois esmagou-a em seu punho. — Sua propriedade?

— Não exatamente, — eu disse. — Mas eu sou responsável por ela.

— Apenas você?

— Não, — eu disse. — E é por isso, entre outras razões, que depois de hoje você não pode voltar aqui. Eu normalmente não estou sozinha.

— Quem estaria com você? — ele perguntou.

— Bryn. — Deitei-me no chão. O sol da manhã brilhou mais forte, lançando raios de luz ao longo do solo gelado. — Baixa, cabelo com anéis de bronze, língua afiada. Você a viu na escola.

— Sim. — Ele assentiu. — Ela se senta atrás de você no primeiro período.

— Sim. — Gesticulei com o dedo e ele me entregou a caneca. Tentei ignorar meu desapontamento quando nossos dedos não se roçaram.

— E ela também é um lobisomem?

Minha boca parou na borda da caneca.

— Desculpe, desculpe. — Ele abaixou a cabeça. — Quero dizer...uh...Guardiã?

— Sim. — Eu bebi o expresso, desviando o olhar.

— Mas você pode se transformar em lobo? Sempre que quiser...quero dizer. Não é necessário a lua? — Ele ergueu a mão, como se quisesse desviar um golpe antecipado. — Eu não quero insultar você. Eu estou indo completamente baseado em referências da cultura pop aqui.

— Sim. Tudo bem, — eu disse. — E a resposta é sim. Nós podemos mudar quando queremos. A lua não tem nada a ver com isso.

Ele parecia impressionado. — E você meio que brilha quando muda, o que é interessante. Quero dizer, suas roupas não voam em pedaços. — Assim que as palavras saíram da boca dele, ele corou.

Eu quase derramei o resto do café. — Lamento desapontá-lo, — eu murmurei, sentindo meu próprio rosto queimar.

— Eu só quis dizer... — Ele gaguejou, agarrando sua pergunta.

— É magia complexa, — eu disse, tentando deixar para trás a conversa embaraçosa. — Tecnicamente eu sou ambos, humana e lobo o tempo todo. Eu escolho a forma em que minha alma habita e posso me

mover livremente entre as duas. Qualquer das formas em que eu não esteja ainda está lá, apenas invisível, em algo como uma outra dimensão, até que eu a ocupe novamente. Minhas roupas, suprimentos, o que quer que seja que estivesse com a minha forma humana da última vez, não se altera. E eu posso usar componentes de qualquer forma se eu precisar. Como quando eu posso fazer meus dentes ficar afiados, mesmo estando na forma humana.

Parei e pensei por um instante. — Eu provavelmente poderia ter algumas roupas quando eu estivesse na forma de lobo, se eu realmente quisesse. Mas não haveria utilidade em algo assim. Seria apenas bobo.

— Hmmm. — Ele estendeu a mão para mim. — Preciso de mais café antes que possa processar isso.

Dei-lhe a caneca, deixando meus dedos roçar os seus antes de a largar.

— Você sabe de onde vêm? — Seus olhos ficaram na minha mão mesmo quando eu a deixei cair no colo. Meu pulso acelerou. Pensei nas palavras de meu pai, envolvendo meus braços em volta dos joelhos.

O que eu estou fazendo aqui? Estou arriscando muito.

Shay me observou, calmo, mas curioso. Encontrei seus olhos e soube que não queria ir embora.

— Diz a lenda que o primeiro Guardiã foi criado por um Protetor que havia caído em batalha. O Protetor ferido se escondeu na floresta, terrivelmente fraco, perto da morte. Mas um lobo apareceu e trouxe comida ao Protetor, manteve os outros predadores da floresta longe. O Protetor foi capaz de curar suas feridas enquanto o lobo continuou a fornecer-lhe sustento. Quando o Protetor ficou curado totalmente, ele se ofereceu para transformar o lobo em um Guardiã. Parte humano, parte animal, cheio de Magia Antiga. Em troca da fidelidade e serviço eterno do lobo, o Protetor sempre iria prover para os Guardiões e sua família. Esse foi o primeiro Guardiã; nós temos sido os guerreiros dos Guardiões desde então.

Ele me encarou, o rosto branco. — O que é um Protetor?

Eu gemi, percebendo o quão perigosa esta conversa podia ser. Era muito fácil ficar confortável em torno de Shay. Eu estava contando coisas sem querer.

Ele se inclinou para a frente. — O que está errado? Algumas perguntas ainda são fora dos limites?

— Eu não tenho certeza. — Eu gostava quando ele se aproximava de mim. Eu podia cheirar a excitação saltando de sua pele, um cheiro selvagem de nuvens de tempestade se aproximando.

Um calor delicioso rodeou meu corpo. Cravei minhas unhas em meu jeans. *É o café. É apenas o café.* Meu corpo se dobrou sobre si mesmo.

Ele observou meu tenso recuo. — Tome seu tempo. Eu quero que você confie em mim.

Você não é o problema. Eu não consigo confiar em mim mesma.

Eu não queria ir embora, mas estava começando a ficar com medo. Talvez se eu pudesse controlar a conversa, eu poderia manter-nos a ambos a salvo. — Por enquanto vamos apenas dizer que os Protetores são a quem eu tenho que responder. Agora posso te fazer perguntas?

— Claro. — Ele parecia satisfeito por eu querer saber algo sobre ele.

Eu ri. — Posso ter mais café primeiro? Nós já acabamos esta caneca.

— Claro. — Ele encheu novamente a caneca que eu estendia na sua direção.

— De onde você vem? — Comecei com o que eu achava que era uma pergunta fácil.

— De todo o lugar, — ele resmungou.

— De todo o lugar? — Eu olhei para a escuridão do café. — Eu acho que ainda não estive aí.

— Desculpe. Eu nasci na Irlanda. Em alguma ilha pequena ao largo da costa oeste. Sua voz suavizou. — Meus pais morreram quando eu era uma criança e Bosque cuidou de mim.

— E ele é seu tio? — Eu o observei cuidadosamente.

Shay assentiu. — O irmão da minha mãe.

Isso é uma mentira, mas eu me pergunto se ele sabe disso. Eu apenas sorri, gesticulando para que ele continuasse.

— Bosque tem algum trabalho de investimento. Consultor de Governo, eu não sei ao certo. Ele tem muito dinheiro, mas tem que viajar o tempo todo. Eu não estive na mesma escola por mais de dois anos a minha vida inteira. Nós vivemos na Europa, Ásia, México, e em diversas cidades dos EUA. Eu estive em Portland, nos últimos dois anos e depois Bosque me trouxe para o Colorado.

— Isso soa encantador.

Ele deu de ombros. — Eu nunca fiz amigos a sério, pelo menos não muito próximos. Eu acho que é por isso que leio tanto. Livros foram meus companheiros de verdade.

Ele mudou de lado, se esticando no solo. — É também a razão de eu caminhar tanto. Eu prefiro isolamento a multidões. Os lugares selvagens me atraem.

Então ele estremeceu. — Exceto quando eu me deparo com um urso pardo onde não é suposto eles existirem. — Seus olhos caíram em mim, afiados e interessados. — Posso fazer uma pergunta agora? Uma diferente?

Tomei um grande e final gole de café. — Claro. Mas eu ainda tenho mais.

— Tudo bem. Há apenas algo que eu realmente quero saber. — Ele rolou para se apoiar em seus pés e se endireitou. O movimento brusco me assustou. Eu saltei, deixando cair a caneca.

Recuei quando Shay tirou sua jaqueta North Face e puxou a sua camiseta sobre a cabeça.

— Olhe. — Passou a mão pelo peito.

— Sim, muito bom. Você deve fazer exercício, — eu murmurei. O fluxo de sangue quente em minhas veias de repente queimava.

Seus dentes se cerraram. — Vamos lá. Você sabe o que eu quero dizer. Sem cicatrizes. Nem aqui, nem na minha perna. Aquele urso me rasgou. Onde estão as cicatrizes?

Devolvi seu olhar firme. — Ponha as roupas de volta. Está muito frio para se bronzear.

Sempre pensei que meu corpo fosse minha melhor arma, forte e inflexível como o ferro. Agora minhas pernas estavam derretendo. Eu não conseguia desviar o olhar da curva de seus ombros, do jeito que seus quadris eram moldados em V onde seus jeans descansavam precariamente sobre eles, e o labirinto de linhas que esculpia seus músculos desde seu esterno até ao abdômen.

— Você vai responder à minha pergunta? — Arrepios surgiram em seus braços, mas ele permaneceu imóvel.

Eu queria dar um passo adiante e colocar minhas mãos sobre sua pele, para sentir se seu pulso estava acelerando como o meu, para sentir a onda inebriante de calor que sua proximidade provocava.

— Sim. — Eu apontei para sua jaqueta descartada, muito receosa de me mover na sua direção. — Por favor, se vista.

— Comece a falar. — Ele se afastou de mim, enfiando seus braços nas mangas da camiseta. Quando ele levantou os braços para enfiar a camiseta de volta sobre a cabeça, meus olhos se fixaram no escuro padrão na parte de trás de seu pescoço. Eu não tinha pensado na tatuagem desde o dia em que tinha salvado a vida de Shay. Mas lá estava, nitidamente gravada na forma de uma cruz.

Eu franzi a testa. *Nós não podemos ter a certeza sem olhar seu pescoço.*

— Estou esperando. — Ele pegou a jaqueta e a colocou novamente. Suas palavras trouxeram meus pensamentos de volta para o momento presente.

— Eu te curei. — Entrelacei meus dedos, esperando que isso anulasse o desejo de tocá-lo.

— Eu sei.

Ele deu um passo na minha direção. — Eu podia sentir isso acontecendo quando eu... — Ele parou, seu olhar maravilhado se movendo lentamente sobre o meu rosto. — Eu bebi seu sangue.

Meu coração aumentou o ritmo e eu assenti. Ele estendeu a mão e pegou meu braço. Minha pele arrepiou quando ele afastou a manga da minha jaqueta e do meu suéter. Seus dedos correram suavemente sobre meu braço, mandando ondas de calor em espiral através do meu corpo.

A sensação era familiar e estranha ao mesmo tempo. Eu senti uma excitação, como se estivesse começando uma caçada. Com Ren meu desejo começava de repente, como a raiva ou um desafio. Shay evocava a lenta queima da paixão, um calor branco insistente e duradouro. Aqui não havia clã, nenhum mestre ou mestra. Apenas eu e esse garoto, cujo toque me fazia necessitada em lugares prometidos a outra pessoa.

— Aqui, — ele murmurou enquanto sua mão traçava o local onde eu tinha mordido a mim mesma. — Você também não tem cicatrizes.

Ele levantou os olhos para os meus, seus dedos viajando suavemente sobre a minha pele. Devolvi seu olhar por um momento, e então afastei o braço, empurrando a manga do meu casaco de volta para baixo sobre minha pele que ainda formigava.

Você não pode fazer isto, Calla. Revirei a terra com meu dedo. Você sabe que não pode. Não importa o que você sente aqui, você não é livre.

— Eu curo muito rapidamente, — murmurei. — Meu sangue tem propriedades curativas excepcionais. Todo o sangue de Guardião tem.

— Não tinha gosto de sangue. — Sua língua se moveu sobre seus lábios, como se ele ainda me pudesse saborear.

Envolvi os braços em torno de minha cintura. Eu queria que ele me provasse novamente, mas não meu sangue.

— Não, porque nosso sangue é diferente. É uma das nossas melhores vantagens. Guardiões podem imediatamente curar uns aos outros no campo de batalha. Faz-nos quase imparáveis.

— Eu acredito nisso.

— Esse é o objetivo, mas como você viu, podemos curar qualquer um. — Meu dedo encontrou uma pedra e eu a chutei até ao outro lado da clareira. — Nós apenas não devemos fazê-lo.

Ele assistiu o salto da pedra ao longo do solo. — Então porque...—

— Shay, por favor, me escute. — Minhas palavras se derramaram, o interrompendo. — A cura de Guardiã é sagrada para nós. Nós apenas devemos curar uns aos outros. O que eu fiz... quando eu salvei sua vida, foi uma violação de nossas leis. Uma que acabaria com a minha vida se qualquer outro em meu mundo descobrisse. Você entende?

— Você arriscou sua vida para salvar a minha? — Ele deu um passo em minha direção. Eu o vi aproximar-se, sangue rugindo em meus ouvidos.

Quando suas mãos seguraram meu rosto em concha, aproximando-me para que seus lábios quase tocassem os meus, eu estremeci. Olhando em seus olhos, sentindo o calor de sua respiração na minha pele, eu sabia que o faria novamente, não importa o preço.

— Eu nunca iria querer colocar você em perigo, Calla. Nunca. — Ele respirou as palavras. Minhas mãos subiram para cobrir as suas.

Seus dedos agarraram os meus. — Mas e o outro lobo? Bryn. Ela estava aqui. Ela sabe.

— Ela é a minha companheira de clã, minha segunda em comando, — eu disse. — A lealdade dela é absoluta. Bryn nunca me trairia; ela daria sua própria vida primeiro.

— Eu não vou trair você também. — Ele sorriu fracamente, ainda abalado.

— Você não pode dizer a ninguém. Por favor. — Lutei para manter minha voz firme. — Iria me custar tudo.

— Eu compreendo, — ele disse.

Ficamos ambos em silêncio. O silêncio do campo ampliou nossa quietude. Eu queria que ele me beijasse, queria que ele pudesse sentir o desejo que eu sabia que estava derramando para fora de mim do mesmo jeito que eu estava inalando o perfume inebriante de sua própria paixão. *Você não pode, Calla. Este garoto não é o escolhido para você.* Fechei meus olhos, o que facilitou que eu me afastasse dele.

— Então, já que eu bebi seu sangue... eu vou me transformar em um lobo — uh, Guardiã? — Ele perguntou em um tom hesitante. — É por isso que é uma violação de suas leis?

Balancei a cabeça. Isso foi um lampejo de decepção em seus olhos? — Você tem lido muitos quadrinhos, Shay.

Seus lábios se curvaram em um leve sorriso. — Então me diga o que faz um Guardiã. Quer dizer, para além de sua história de origem.

— Bem, nós podemos ser feitos da forma habitual. Eu tenho pais e um irmão mais novo. — Ele pareceu surpreso e eu ri. — Mas nossas famílias funcionam de forma diferente. Não existe uma fórmula de apaixonar-se, casar e ter filhos. Novos clãs de Guardiões são planejados com bastante antecedência. Mas se houver uma necessidade inesperada de Guardiões, eles podem ser feitos. Alfas podem transformar humanos.

— Um alfa? — Ele procurou em sua mochila, buscando até que tirou uma barra de granola.

— O líder do clã. — Fiquei parada, o encarando.

— Você é um alfa? Você age como se estivesse no comando. E você se referiu a Bryn como sua 'segunda'.

— Eu sou. — Sua observação cuidadosa me agradou.

— Como você transforma um humano? — Ele acenou para mim de novo, batendo no chão ao lado dele.

— Uma mordida e um encantamento. — Caminhei lentamente para Shay.

Ele olhou para mim, seus olhos cheios com uma mistura de medo e interesse.

— Não fique com ideias. Eu apenas mordo para matar. — Balancei a cabeça, sorrindo quando ele recuou. — Transformar um ser humano só é feito quando há uma necessidade premente de Guardiões e não há tempo para esperar que um clã crie seus filhotes. Guardiões que são feitos, não nascidos, não têm conforto inato em ambas as formas. É preciso um tempo para eles se ajustarem. Mas se eles são necessários, eles são necessários.

— O que você quer dizer 'se eles são necessários'?

Me acomodei no chão, perto dele. — Nós somos guerreiros. As guerras fazem vítimas. Mas não há uma situação assim desesperada há séculos.

— Quem pode ordenar que vocês façam novos Guardiões? — ele perguntou.

Mordi o lábio. — Minha mestra.

— Sua mestra? — Ele parou de abrir a barra.

— Lumine Nightshade. Você a conhece. Ela estava com Efron na sexta à noite, no escritório.

Shay assentiu, mas seus olhos estavam preocupados.

— Ela tem autoridade sobre o meu clã, — continuei. — Os Nightshades.

— Seu clã? — ele murmurou. — Há mais do que um?

— Há dois, — eu disse. — O outro é o clã de Efron. Os Banes.

— Quantos Guardiões existem? — ele perguntou.

— Cinquenta lobos em cada clã, mais ou menos, — respondi, e ele assobiou, reclinando-se nos cotovelos. — Os clãs sempre começam pequenos e estão autorizados a crescer se os alfas se provarem guerreiros e líderes capazes.

— Eu conheço algum deles? — Ele desistiu da ideia de um lanche, jogando a barra de granola de volta na mochila.

— Você provavelmente viu alguns dos adultos por aí, mas você não seria capaz de reconhecê-los a não ser que eles se transformassem na sua frente, e isso não é permitido — eu disse. — Os lobos mais jovens todos vão a nossa escola. Os Nightshades são os meus amigos, e ultimamente temos andado com os Banes mais jovens.

Pedaços de entendimento se juntaram, transformando sua expressão.
— Ren Laroche e sua gangue.

— Gangue? — Arranquei um punhado de erva do solo e reguei Shay com sujeira e folhas em decomposição.

— Bem, vocês meio que agem assim. — Ele limpou os restos de terra da camiseta e do cabelo.

— Nós somos lobos, não uma gangue, — eu disse. — Além disso, os amigos de Ren e os meus, os Nightshades, nós somos apenas as crianças. Nossos pais e os outros lobos adultos são os verdadeiros clãs. Eles correm todos os dias da semana e à noite em patrulhas pela montanha. Nós só temos os turnos diurnos nos fins-de-semana.

Ele empalideceu. — Então é por isso que se eu tivesse vindo até aqui qualquer outro dia da semana...

— Você estaria morto, — eu terminei.

— Certo. — Ele se inclinou para trás, observando as nuvens se movendo acima de nós. — Então, porquê dois clãs?

— Os Banes patrulham o lado oeste e nós o leste, — eu disse. — Mas os padrões mudarão em breve.

— Porquê? — Ele não olhou para mim.

— Os Protetores estão jogando um terceiro clã na mistura.

Shay se sentou. — Um terceiro clã? De onde eles virão?

Desviei o olhar, subitamente auto-consciente. — Não é de outro lugar. Vai ser uma união dos lobos mais jovens dos dois clãs que já existem. A nova geração de Banes e Nightshades. Nós somos o novo clã. Agora ainda somos só os dez. Como eu disse, os clãs sempre começam pequenos; nós teremos que nos provar capazes antes de novos lobos serem adicionados às nossas fileiras.

— Calla. — A ferocidade em seu tom atraiu meu olhar para ele. Ele tinha pressionado os dedos na terra, tornando suas articulações brancas devido à força. — Porque você continua dizendo 'nós'?

— Ren e eu somos os alfas da nossa geração. Nós lideraremos o novo clã.

Sua testa franziu. — Eu não compreendo.

Meu rosto ficou quente. Peguei minha trança, a torcendo em minha mão. — O que você sabe sobre lobos?

— Cães maiores e mais fortes? — Ele empalideceu com o meu olhar sinistro. — Desculpe. Eu não sei nada.

— OK, — eu disse, tentando encontrar a explicação mais simples. — Então, nossos laços sociais são incrivelmente fortes e giram em torno da lealdade para com os alfas do clã. Dois alfas acasalam e lideram o clã. Cada alfa tem um beta, que é como nosso segundo em comando. Bryn é a minha. Dax é o de Ren. O resto do clã segue a hierarquia e segue nossas ordens. Os laços de afeto dentro do clã nos fazem ferozes, os guerreiros que precisamos ser. É assim que nos movemos pelo mundo e cumprimos nossos deveres para com os Protetores. — Sorri ironicamente. — É provavelmente porque você acha que agimos como uma gangue.

Shay não riu. — Então como você decidiu fazer este novo clã?

— Eu não o fiz. Os Protetores são os únicos que podem ordenar a formação de um novo clã.

— Mas você não acabou de dizer que dois alfas acasalam para criar um novo clã?— Sua voz tremeu.

Eu assenti, sentindo o calor em meu rosto alastrar para o meu pescoço e braços. *Eu tenho que lhe dizer, ele tem que saber.* Mas eu não queria. Eu tinha certeza que ele iria parar de me tocar assim que soubesse a verdade, e esse pensamento me fez sentir vazia.

— Você não pode estar dizendo que vai... *acasalar* — ele engasgou com a palavra — com Ren Laroche porque lhe ordenaram que o fizesse.

— É mais complicado do que isso. — Puxei meus joelhos para o peito, me ancorando à terra. — A única razão pela qual eu ou Ren, ou qualquer um dos jovens lobos, nasceu foi para formar o novo clã. Foi para isso que os Protetores nos trouxeram ao mundo. Eles fizeram uniões para os nossos pais, tal como eles nos emparelharam como entenderam melhor. A nossa união é um legado da aliança entre Protetores e Guardiões.

Ele estava em pé. — Você está sequer namorando Ren?

— Não é assim que isso funciona. — Levantei-me. — Você não entende. Não é suposto nós... estarmos juntos antes da união.

— A união? — Ele se afastou, resmungando e balançando a cabeça. Quando ele me encarou novamente, seus lábios se apertaram. — Você está tentando me dizer que vai se casar? Com esse imbecil? Quando?

— No final de Outubro. — Coloquei as mãos em meus quadris. — E ele não é um imbecil.

— Poderia ter-me enganado. Quantos anos você tem? — Ele olhou para mim. — Dezoito?

— Dezessete.

Ele se inclinou para a frente, agarrando meus ombros. — Isso é insano, Calla. Por favor, me diga que você não vai fazer isso. Você não se importa?

Eu sabia que devia me livrar dele, mas seus olhos estavam tão brilhantes com preocupação que eu permaneci imóvel.

— Eu me preocupo. Mas não é minha decisão. — Eu não conseguia afastar meu olhar do dele. — Eu sirvo os Protetores tal como todos os Guardiões sempre fizeram e sempre farão.

— Claro que é a sua decisão. — Seu rosto estava cheio de piedade, e eu estava de repente furiosa.

Afastei-o. Ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

— Você não sabe nada sobre o meu mundo. — Cuspi as palavras.

Ele se levantou com surpreendente agilidade. — Eu posso não saber, mas eu sei que dizer às pessoas quem elas podem e não podem amar é absurdo. — Apesar da minha hostilidade, ele caminhou na minha direção e pegou minha mão. — É cruel. Você merece mais.

Meus dedos tremiam em suas mãos; líquido quente indesejado se juntou no canto dos meus olhos. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, me cegando. *Porque ele ainda está me tocando? Ele não entende?* Tirei minha mão da sua e cambaleei para trás.

— Você não tem ideia do que está dizendo. — Limpei meus olhos, mas a torrente salgada não parava.

— Não chore, Calla. — Ele estava perto novamente, tocando meu rosto, enxugando minhas lágrimas. — Você não tem que fazer isso. Eu não me importo com esses Protetores. Ninguém pode ter tanto controle sobre sua vida. É uma loucura.

Olhei para ele, mostrando presas afiadas.

— Ouça-me, Shay. — Minhas palavras transbordaram. — Você é um tolo. Você não sabe nada. Você não entende nada. Fique longe de mim.

— Calla! — Ele tentou me tocar, apenas para saltar para trás quando eu mudei de forma e ataquei seus dedos. Ainda o podia ouvir chamando o meu nome quando escapei para as sombras da floresta.

 capítulo 10

Escuridão envolvia o céu quando eu, cansadamente, abri a minha porta da frente. Notas tranquilas de piano davam melodia à casa, a música ritual dos meus pais nas noites em que não patrulhavam a montanha. Chopin no ar, um copo de vinho na mão da minha mãe ou um copo de uísque na do meu pai. Esta noite meu pai estaria relaxado em sua cadeira de couro, enquanto minha mãe percorria as florestas perto de Haldis.

Meus ombros caíram enquanto eu subia as escadas, me sentindo como um pesado saco de pancadas. Tudo o que eu queria era tomar um banho quente, ir dormir, e não acordar. Nunca.

Quando cheguei ao degrau do topo das escadas, uma série estranha de colisões e ruídos veio por trás da porta fechada de Ansel. Parei fora do quarto do meu irmão e levantei a mão para bater, mas a porta se abriu.

— Ei, Calla! — Bryn emergiu do quarto de Ansel, corada. Seus olhos encontraram os meus por um breve instante. Quando ela desviou o olhar, os músculos de sua mandíbula saltaram para uma dança furiosa.

— Você ainda está aqui? — Eu fiz as contas rapidamente na minha cabeça. Eu tinha deixado Bryn sentada na mesa da cozinha há quase 12 horas antes.

Seu olhar disparou para o corredor. — Um. Sim. Uh. Eu estive... você sabe...ajudando Ansel com a lição de casa de poesia. — Ela tamborilou com os dedos em seus quadris e não levantou o olhar para encontrar o meu.

— Certo. — Encarei-a. — Eu acho que ele está realmente ficando para trás?

Um sorriso cutucou os cantos de seus lábios. — Oh, eu não diria isso.

— Obrigado pela ajuda, Bryn! — Ansel gritou de dentro do seu quarto.

— Vejo você amanhã, Cal. — Ela voou escada abaixo.

Segui sua saída rápida com os olhos estreitados antes de me dirigir para o quarto do meu irmão. Ansel descansava na cama. Ele virou páginas de uma antologia de literatura inglesa com uma varredura indiferente de dedos.

— Como foi a patrulha? — Ele continuou sua não leitura das páginas à sua frente.

— Bem. — Acomodei-me no canto de sua cama. — E como foi o seu dia?

— Fantástico, — ele ronronou.

— E porquê, irmãozinho? — Eu perguntei, apoiando meu queixo nas mãos.

Ele se sentou, endireitou os ombros, e jogou o livro com tanta força que ele saiu da cama e caiu no chão.

— Isso não é o seu dever de casa? — Eu apontei para a antologia descartada. Ele ignorou meu dedo estendido.

— Eu preciso falar com você, — ele anunciou, se ajeitando ainda mais.

— Você precisa? — Rolei para o meu lado. — E porquê?

Ele continuou a olhar para mim, seus olhos fixos. — É sobre mim e Bryn.

— Sim? — Levantei uma sobrancelha para ele e cutuquei a colcha.

Uma expressão frustrada caiu sobre seu rosto. — Quero dizer, eu e Bryn.

Oh querido. Eu estava esperando por isso há algum tempo. *Pobre Ansel.* — Isso é o que você disse. O que há com vocês dois?

— Vamos, Cal, — ele disse. — Você vai me fazer explicar tudo?

— Obviamente que vou, — eu disse, sabendo o que ele estava prestes a dizer e ainda esperando que não fosse verdade... para bem de todos.

Um rubor rosado subiu por seu pescoço. Ele tossiu. — Quero dizer, você não percebeu como eu...

Ele balançou a cabeça e apertou o travesseiro com tanta força que suas costuras explodiram. Penas de ganso flutuaram no ar entre nós.

Sentei-me. — Diga-me o que está acontecendo.

Ele moveu a cabeça para cima e para baixo como se estivesse ensaiando um discurso em sua mente.

— Eu quero estar com ela. — Ele respirou fundo e continuou. — Quando o novo clã se formar, eu quero que Bryn seja minha companheira.

— Ansel! — Era pior do que eu imaginava.

— Olhe, Cal. Eu amo Bryn. Totalmente. Completamente. Tudo o que você lê nos livros e vê nos filmes. Ela é tudo o que eu quero nesta vida, — ele disse. — Eu só precisava saber se tinha uma hipótese. Por isso eu contei a ela hoje.

As palavras que eu sabia que deveria dizer passaram por minha mente, mas perderam no jogo de luta mental contra a pergunta que eu queria perguntar.

— O que ela disse?

Seu rosto se iluminou. — Ela me deixou beijá-la. Eu acho que ela gostou.

Eu gemi, mas senti uma ponta de alívio. Talvez isto não fosse assim tão sério afinal. — Deus, An, é de Bryn que estamos falando. Você sabe que ela tenta qualquer coisa uma vez.

Fiz um gesto em direção ao corredor. — Assim que cheguei a casa, ela não podia sair daqui rápido o suficiente. Sinto muito, querido, mas eu estou supondo que ela está mortificada agora.

— Não, — ele disse. — Ela está apenas preocupada que você fique chateada. Na verdade, ela tem medo que você vá morder uma das suas orelhas.

— Olhe. — Eu esperava que ele não lidasse com a decepção de forma difícil. — Eu sei que você tem uma paixonite por Bryn desde que você era um filhotinho, mas não fique muito esperançoso.

— Me dê um tempo, Calla, — ele disse. — Eu já não sou mais seu irmãozinho. Isto é a sério.

— Você está terrivelmente confiante. — Considerei seu sorriso ofuscante cautelosamente.

Suas pálpebras abaixadas, cílios cobrindo suas íris cinzas. — E se eu lhe dissesse que ela me deixou beijá-la por quatro horas?

— O quê? — Eu quase rolei para fora da cama.

— E não foi só beijar. — Sua expressão estava positivamente diabólica.

— Ansel! — Eu olhei pasmada para ele, percebendo que tinha entendido tudo mal.

Ele se balançou para cima e para baixo no colchão, os olhos brilhantes de alegria.

Me rolei com o estômago para baixo, agarrei um travesseiro, e afundei meus dentes na bainha de algodão.

— Vá lá, Cal. Fique feliz por nós. Nós estamos apaixonados. — Ansel me cutucou nas costelas repetidamente.

Cuspi fora o travesseiro e saí da cama, girando para enfrentá-lo, punhos pressionados contra os quadris.

— Não é assim que as coisas funcionam para nós. Eu não me importo com o que dizem os livros ou filmes. Nós não vivemos como os humanos! — Eu rebati. — Ansel, você sabe disso.

— Eu sei, eu sei. — Ele evitou meu olhar. — Mas Papai disse que os Protetores aceitam sugestões dos alfas para as uniões. Então como você sabe como eu e Bryn nos sentimos, você pode dar a sugestão.

— Eu posso, — eu disse. — Mas eu não posso garantir nada. O acasalamento é organizado pelos Protetores. Eles sempre têm a palavra final.

— De acordo com Papai, Lumine seguiu as sugestões dele à letra. — Seus olhos estavam tão cheios de esperança que o meu coração deu uma cambalhota.

— Eu sei. Mas Lumine não será nossa mestra. Lembra? Eu lhe disse esta manhã, é Logan. — Facadas perfuraram o meu abdômen. — Se ele

disser que Bryn e Mason têm que acasalar, não haverá nada que eu possa fazer sobre isso.

Eu esperava um protesto ultrajado de Ansel, mas ele apenas explodiu em gargalhadas. Eu franzi a testa quando ele desabou sobre a cama em histeria. — Sim, isso seria algo.

— Uh— o que se passa, An? — Eu disse. — Eu estava falando sério.

— Sim, certo, Calla.

Quando eu fiquei em silêncio, ele me encarou. — Você realmente não sabe?

— Não sei o quê? — Eu perguntei, me sentindo como alguém excluído de uma piada interna.

Ansel pegou o único travesseiro ileso da cama, apertando-o entre os punhos. — Mason é gay.

— Você não está falando a sério. Mason? — Eu disse. — Mason é gay?

Ansel suspirou. — Você sabe, esse é o problema com vocês alfas, vocês estão tão preocupados em assumir o novo clã que não percebem o que está acontecendo bem na vossa frente.

— Mason? — Eu repeti, embaraçada pela surpresa que ouvi na minha própria voz.

— Ele e Nev estão namorando desde o ano passado, — Ansel disse, rolando para seu estômago.

— Nev? Quem é Nev? — Eu franzi a testa.

Ansel apenas olhou para mim e esperou. Apenas levou um momento para eu entender.

— Você quer dizer Neville? O Neville de Ren?

— Não, não o Neville de Ren. O Neville de Mason. — Ele sorriu. — E ele prefere Nev.

— Há um ano?

— Sim, eles se conheceram em um grupo de apoio para Guardiões que estão 'fora'. — Ele dobrou os dedos no ar, fazendo aspas na última

palavra. — Porque você sabe, nenhum de nós poderia realmente estar em relações não-aprovadas. Hétero ou gay.

Uma gargalhada irônica explodiu de minha garganta. — Então você está me dizendo que Mason e Neville — er, Nev — estão ambos nos Guardiões Gays Anônimos?

Ele deu de ombros. Deixei-me cair para trás na cama.

— Wow. — Não era tão surpreendente que Mason fosse gay como o fato de ele ter escondido isso tão bem. Então, novamente, era uma questão de vida ou morte, mas a ideia de ele não confiar em mim o suficiente para me contar algo assim tão importante, fez meu peito arder.

Ansel se esticou ao meu lado, sua cabeça descansando nos braços cruzados. — Está tudo sob a mesa, é claro. Por causa dos Protetores. Eles não são exatamente tolerantes com estilos de vida alternativos. — Ele fez um som amargo.

Eu enterrei minhas mãos em meus cabelos, apertando os lados da minha cabeça. — Não, isso é verdade.

Mason e Neville? Era difícil imaginar. Mason era extrovertido e divertido, mas Nev apenas parecia, bem, tranquilo.

Ansel puxou a última edição da revista Rolling Stone da sua mesa-de-cabeceira. — O que é irônico, considerando Logan.

— Logan?! — Bati com a minha mão no meio da revista, forçando-o a olhar para mim.

— Sim, Logan. Pelo menos é isso que Mason diz. Mas para ele, ou qualquer outro Protetor, não é uma questão como é para nós. Quero dizer, Logan vai simplesmente casar com uma esposa bruxa troféu para fazer alguns herdeiros pelo caminho e ter tantos garotos incubus para brincar quantos quiser. — Seus olhos brilharam maliciosamente.

— Ansel! — Gritei. Pelo menos eu não vou ter que me preocupar com Logan agindo como seu pai.

— Oh, vamos lá, Cal. Eu sei que sou seu irmão mais novo, mas não é como se eu não soubesse destas coisas.

Ele me jogou um travesseiro. — Na verdade, esta conversa demonstra obviamente que eu sei muito mais do que você.

Então, seu tom ganhou um tom de idealismo. — Mas eu espero que isso signifique coisas boas para nós. Quero dizer, o que eu disse sobre Logan. Ele ainda é um Protetor, mas talvez ele seja diferente.

— Sim. — Eu olhei para Ansel.

Ele mordeu o lábio, pensativo, mas ainda otimista. — Eu tinha que arriscar, Calla. Eu a amo. Eu sempre amei.

Um calafrio correu por minha espinha. — Ok, Ansel. Eu compreendo. Mas até que haja uma ordem oficial dos Protetores, vocês dois também estão sob a mesa. Por favor, sejam cuidadosos.

— Obrigado, mana. — Eu podia sentir seus batimentos cardíacos agitados quando ele aninhou a cabeça no espaço entre o meu ombro e pescoço. Fechei os olhos, sabendo que iria ajudar meu irmão e Bryn, mas uma outra emoção, menos admirável cresceu dentro de mim. Como uma alfa eu podia ajudar meus companheiros de clã a conseguir as coisas que eles queriam, mas não havia ninguém que pudesse fazer o mesmo por mim.



apítulo 11

Quando entramos no estacionamento da escola na manhã seguinte, Ansel se virou para mim.

— Bryn vai querer falar com você, por isso eu vou desaparecer.

Eu assenti, soltando meu cinto de segurança.

— Por favor, não grite com ela, — ele disse. — E eu realmente gosto de ambas as orelhas dela.

Encarei-o. Ele engoliu em seco e fugiu do carro.

Quando cheguei ao meu armário, Bryn já estava lá. Eu praticamente podia ver sua forma de lobo, se encolhendo, orelhas para baixo, cauda entre as pernas, parada no mesmo espaço que a garota a tremer.

— Eu juro que não planejei isto, Cal.

— Eu sei.

Ela dançava inquieta em torno de mim, enquanto abria o armário. — Eu sinto muito. Eu sei que não é desse jeito que as coisas devem acontecer.

Eu assenti, mantendo meu olhar sobre a pilha de textos e pastas.

— Por favor, olhe para mim.

Virei a cara para enfrentar minha melhor amiga e encontrei seus olhos azul céu arregalados e receosos.

Um caroço se formou na minha garganta. — Eu não posso prometer nada.

Ela segurou minha mão trêmula. — Eu sei disso. Vamos lá, temos que ir para o primeiro período.

Enquanto ela me levava pela porta da sala e para as nossas mesas no fundo da sala, ela me lançou um olhar de soslaio.

— Você disse a Ansel que eu tenho uma coisa por John Donne²⁴?

— Você tem uma coisa por John Donne? — Eu bufei.

— Wow, — ela murmurou. — Seu irmãozinho é bom.

Quando eu procurava na minha bolsa por uma caneta, ouvi-a murmurar para si mesma: — *Enquanto nossos amores de infância cresceram, disfarçados e como sombras desvaneceram, de nós e de nossos cuidados, mas agora, isso não é assim.*

Eu gemi. — Isso é tão exagerado.

Mas meu estômago tentou se recolocar perto de meus tornozelos.

— Você simplesmente não tem um único osso romântico em seu corpo, Cal. — Bryn golpeou a minha nuca com seu caderno.

Dei de ombros sem me virar para olhá-la. Bryn não era a minha única fonte de ansiedade naquela manhã. Meus olhos dispararam para a porta da

²⁴ foi um poeta jacobino inglês, pregador e o maior representante dos poetas metafísicos da época. Sua obra é notável por seu estilo sensual e realista, incluindo-se sonetos, poesia amorosa, poemas religiosos, traduções do latim, epigramas, elegias, canções, sátiras e sermões. Sua poesia é célebre por sua linguagem vibrante e metáfora engenhosa, especialmente quando comparada à poesia de seus contemporâneos.

sala de aula, em antecipação da chegada de Shay, a culpa pelas minhas palavras duras na montanha enfraquecendo minha vontade de evitá-lo.

Mas Shay era perigoso; eu sabia que tinha que lutar contra a atração que parecia mais forte cada vez que o via. A decisão provocou uma dor incômoda que se instalou em meus ombros. Eu gostava deste estranho garoto humano. Sua abordagem escandalosamente irresponsável da vida e o seu desprezo pelas suas regras eram mudanças bem-vindas no meu mundo.

Então, ele estava entrando pela porta. Suéter verde oliva, jeans, cabelo bagunçado, que continuava caindo sobre seus olhos. Ele entrou na sala de aula sem olhar para mim e se sentou na mesa ao lado da minha. Segui seus movimentos tensos, engolindo um suspiro, aliviada, mas também triste por ele ter levado minha advertência a sério. Eu não gostava simplesmente dele – eu estava fascinada por ele. Eu nunca pensei que um humano fosse capaz de captar meu interesse. O jeito de Shay não era igual ao das ovelhas do internato que corriam para longe sempre que os Guardiões passavam por eles nos corredores.

Ele era destemido e decidido, lembrando-me de um lobo solitário, um alfa mesmo, mas sem os laços de um clã que o enraizassem em um só lugar.

Retirei meu exemplar de *O Grande Gabtsy*²⁵ quando o Sr. Graham começou sua palestra sobre a política de gênero em 1920, e tentei tomar

²⁵ é um romance escrito pelo autor americano F. Scott Fitzgerald. Publicado pela primeira vez em 10 de abril de 1925, a história passa-se em Nova Iorque, e na cidade de Long Island, durante o verão de 1922 e é uma crítica ao — Sonho Americano.

notas, mas meus olhos continuavam se deslocando para Shay. Seu lápis rabiscava furiosamente, e ele parava ocasionalmente para sublinhar passagens do romance. Nem uma vez ele olhou para mim. Voltei para meu próprio trabalho, tentando me convencer de que sua mudança de comportamento era uma coisa boa.

Dois já foram.

Eu tinha ultrapassado os preocupantes primeiros encontros com Bryn e Shay. Agora só faltava um.

Quando cheguei em Química Orgânica, Ren já havia começado a preparar a nossa estação de laboratório para a experiência do dia. Caminhei na direção dele, afastando a desagradável lembrança do nosso último encontro.

— Oi. — Me acomodei no banquinho na frente de nossa mesa.

— Ei, Lily. — Ele afastou os livros do meu caminho. — Bonito vestido.

Lutei contra o desejo instintivo de xingá-lo, ao invés, peguei meu manual do fundo da minha bolsa.

— O que temos hoje? — Perguntei sem olhar para ele.

NIGHTSHADE

Um riso silencioso viajou até mim. — Alquimia.

— O quê? — Eu perguntei. *Ele não pode estar falando sério.*

Ele empurrou um prato de moedas de um centavo para mim. — Eu acho que a Sra. Foris está tentando nos manter interessados, fingindo que isto não é realmente uma aula de química. O experimento replica como os alquimistas clássicos e medievais tentaram transmutar metais em ouro. Nós temos que testar uma hipótese, sobre se o processo poderia ser bem sucedido ou não.

— Eu vejo. — Comecei a ler as instruções na pasta de trabalho e reuni vários recipientes que iriam segurar os diversos líquidos necessários no experimento.

— Se der certo, eu pego o ouro e fujo. — Ele trouxe mais instrumentos do nosso armário.

— Soa como um plano. — Procurei pelo isqueiro de butano comprido enquanto ele montava o bico de Bunsen. — Como foi o resto do seu fim-de-semana?

Pergunta errada.

Ren enrijeceu. — Bom. — Pegou o isqueiro da minha mão.

A aula decorreu, tensa e estranha, a nossa conversa limitada às perguntas abruptas e respostas de uma só palavra. Enquanto trabalhávamos mecanicamente na experiência, um vácuo oco e sugador se fixou em meu peito.

Eu estava examinando a moeda presa entre as pinças de metal, procurando sinais de mudança, quando uma voz sussurrada veio detrás de mim.

— Ei, Ren.

Meu aperto sobre a tenaz aumentou quando eu olhei sobre o ombro. Ashley Rice, pernilonga, morena, e humana, inclinou a cabeça para o alfa Bane. Seus lábios de cor rosa chiclete se abriram em um sorriso convidativo.

— Ei, Ashley. — Ren baixou seu lápis, se inclinando casualmente contra a estação de laboratório.

Voltei-me para a nossa experiência enquanto ela piscava as pestanas. As conquistas de Ren caíam em duas categorias: aquelas garotas que ainda ansiavam por ele e aquelas que espetavam agulhas em seu boneco de vudu todas as noites. Ashley entrava na primeira.

Olhei para o relógio. Nossa aula de laboratório estava quase no fim. Fui até à pia e comecei a despejar os líquidos dos nossos recipientes.

— Então, Ren. — Estremeci com o tom esfumado de Ashley. — Eu sei que ainda falta mais de um mês, mas está destinado a haver uma linha de garotas esperando para te convidar para o Blood Moon²⁶.

Meus dentes cerraram. Sequei uma proveta com um papel e peguei outra.

— Nós nos divertimos tanto no baile do ano passado. — O suspiro melancólico de Ashley se enterrou como uma seta em meu pescoço. — E nós não saímos há algum tempo. Você gostaria de ir comigo?

— Desculpe, Ash, — ele disse. — Já fui convidado.

— Você já tem um par para o baile? — Sua voz estridente foi um pouco alta demais.

— Sim.

Ouvi Ashley mexer os pés. — Bem, quem é? — ela lamentou.

— Calla.

²⁶ Baile da escola deles; tradução literal: Lua Sangrenta.

A proveta na minha mão quebrou. Eu xinguei quando cacos de vidro se enterraram na minha palma.

Ren estava imediatamente a meu lado. — Vamos, Cal. O que a proveta lhe fez de mal?

Balancei a cabeça, ainda xingando, e comecei a puxar pedaços claros e afiados de vidro da minha pele.

— Você está bem? — Ashley conseguiu soar preocupada enquanto se inclinava sobre a nossa estação de laboratório. — Oh, meu Deus. Há tanto sangue.

Apesar da dor em minha mão, sorri quando ela ficou verde e fugiu.

— Eu vou buscar o kit de primeiros socorros. — Ren deixou a estação, retornando um momento mais tarde com uma caixa branca, com uma cruz vermelha estampada.

— Eu disse à Sra. Foris que não era ruim. Se ela visse sua mão, ela tentaria mandá-la para o hospital, para levar pontos.

Coloquei a mão sob o jorro de água corrente da torneira.

— Tenha a certeza de que tirou todas as peças. As feridas vão fechar rápido, e você não quer vidro preso sob sua pele. Isso aconteceu comigo uma vez; dói como o inferno.

— Obrigado, — eu respondi ironicamente. — Eu acho que consigo.

Ele me entregou uma toalha de papel quando eu retirei minha mão debaixo da torneira. Verifiquei os cortes, procurando fragmentos restantes e, em seguida, pressionei a toalha contra a palma da minha mão.

— Como você quebrou a proveta? — Ren encostou-se na mesa, franzindo o cenho para mim. — Eu diria que você não conhece sua própria força. Mas você definitivamente o faz.

— Eu ouvi notícias chocantes. — Estendi minha mão ilesa em sua direção, esperando que ele me passasse a gaze.

— Deixe-me. — Ele pegou minha palma ferida e começou a revestir os cortes. — Que notícias? — ele perguntou, pressionando gentilmente quadrados de algodão na minha palma.

— Que eu tenho um par para o Baile Blood Moon. — Tentei soar ofendida, mas estava distraída pelo toque suave de seus dedos na minha pele. — Eu não sabia que você está dizendo às pessoas que estamos namorando.

Ele examinou minha mão enfaixada e, em seguida, endireitou-se. — Sim. Parecia a resposta adequada no momento. Não é como se eu pudesse enviar convites de casamento a todas as minhas ex-namoradas. Enfim, isto fará com que se espalhe a palavra e eu não tenha que recusar garotas durante as próximas três semanas.

Bufei. — Você acha que mais garotas vão te convidar?

Ele olhou para mim, sorrindo. Afastei meus olhos do seu rosto provocante e olhei para o chão.

Claro que sim.

Ele caminhou até ao caixote do lixo. Quando voltou para a nossa estação de laboratório, onde eu estava com minhas mãos em meus quadris, ele abruptamente ficou tenso.

— Calla, você honestamente achava que eu ainda estaria namorando outras garotas entre agora e a união?

Virei-me, não conseguindo encontrar seus olhos. — Eu não faço idéia.

— Bem, — ele rosnou. — Eu não estou.

Ele começou a colocar nossos materiais no armário, fechando a porta de madeira com tanta força que eu pulei.

— Lamento por colocar um peso tão grande sobre você, — eu disse, cerrando os punhos e estremecendo quando minha palma da mão ferida latejou.

— Do que você está falando? — Sua cabeça girou.

Um pigarrear alto desviou meu olhar de Ren para o final da nossa estação. Shay estava ali de pé, olhos queimando com desagrado flagrante enquanto olhava para o meu parceiro de laboratório.

— Desculpe-me, Ren. — Ele falou com os dentes cerrados. — Você se importaria se eu falasse com Calla a sós?

Ren se moveu na direção de Shay, olhando-o lentamente de cima a baixo. Quando o outro garoto endireitou os ombros, eu pude ver o alfa Bane tentando não rir.

— Isso realmente depende de Calla.

Shay olhou para mim, o corte furioso de sua boca se dissolveu em uma careta. Mudei o peso em meus pés, inquieta, olhando de Ren para Shay.

Ren de repente agarrou sua mochila. — Sem problema. Ela é toda sua.

Meu coração deu uma guinada. — Não, espere! — eu disse, pegando sua mão.

O alfa parou quando me virei para Shay.

— Você e eu não temos nada para discutir. — Eu vi minhas palavras cortá-lo como o vidro quebrado tinha cortado minha própria mão.

Os punhos de Shay se apertaram quando eu coloquei o braço de Ren em volta da minha cintura.

— Me acompanha até ao refeitório? — A campainha tocou quando as palavras saíram de meus lábios.

— Claro. — Ele me guiou para longe da nossa estação, deixando Shay fumegando na nossa mesa. Quando saímos da sala de aula, Ren olhou para mim. — O que foi aquilo?

Senti uma pontada de decepção quando ele tirou a mão da minha cintura.

— Nada.— Tive que lutar para não tremer enquanto formava a mentira. — Ele está apenas um pouco chocado por causa dos 'assaltantes' que nos atacaram na sexta-feira. Tem andado a pairar muito sobre mim.

— Ele está te incomodando — ele perguntou.

— Vamos, Ren. — Aliviei meu tom. — Ele é o garoto dos Protetores; você não pode intimidá-lo. Além disso, você sabe que eu posso chutar a bunda dele tão facilmente como você. Ele é um pouco chato, mas não é grande coisa.

— De qualquer forma... — Meu coração acelerou. Eu ainda não confiava no desejo de Shay de se aproximar de mim, mas eu não podia negar que gostava de sua atenção. — Ele vai ficar com a ideia certa agora que se vai espalhar a palavra de que estamos namorando.

Ren me puxou, pegando meu braço em um aperto suave. — Você vai começar a me chamar seu namorado?

— Se você achar que é uma boa ideia.

— Se eu achar que é uma boa ideia? — Ele bagunçou o cabelo com uma mão. — Eu simplesmente não te entendo, Lily.

Quando chegamos ao refeitório, nossos companheiros de clã já estavam reunidos em nossas mesas do costume. Sete jovens lobos riam de Neville, que estava em cima de uma cadeira cantando — Se eu fosse um homem rico — a plenos pulmões. Ele estava vestido com seu traje de poeta usual, todo preto, tornando a cena uma das mais bizarras que eu já tinha visto.

Ren e eu trocamos um olhar intrigado. Eu não podia imaginar o que Nev estava fazendo; eu sempre pensei nele como um dos lobos mais tímidos, com exceção de Cosette, que era tão silenciosa que mal parecia viva.

— Se eu fosse um homem ri...co! — Neville berrou, e depois pulou da mesa, colapsando em uma cadeira, e escondeu o rosto nas mãos.

Mason, sorrindo como o gato Cheshire²⁷, se inclinou e deu um tapinha em sua cabeça.

— O que se passa? Nev finalmente saiu do fundo do poço? — Ren pegou a cadeira que Dax deslizou na direção dele. Virou-a, sentando-se nela ao contrário.

²⁷ O Gato de Cheshire é um gato fictício, personagem do livro *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol. Ele se caracteriza por seu sorriso pronunciado e sua capacidade de aparecer e desaparecer. Embora faça alusões a reflexões filosóficas, sua aparente função na trama diz respeito ao contato que estabelece com a personagem Alice. O Gato de Cheshire é dos poucos personagens que travam diálogo com a menina, explicando – mesmo que de forma não raro perturbadora – certas regras do País das Maravilhas, orientando Alice em seu caminho.

— Ele perdeu uma aposta, — disse Mason. Neville levantou o rosto e olhou para ele.

Mason suspirou. — É tão triste ver um guitarrista indie fazer trilhas sonoras. Ao que você foi reduzido?

Neville esfregou os braços como se quisesse varrer os vestígios desagradáveis de sua atuação. — Você sabe que foi meu inferno pessoal. Foi por isso que você escolheu isso.

— Uma aposta? — Levantei as sobrancelhas.

Mason sorriu. — Nós entramos em um debate intenso na sexta à noite, no Éden. Eu estava certo, Nev estava errado.

— Seu irmão tem melhores movimentos do que eu pensava, — Neville disse, inclinando o boné para mim.

— O que é isso? — Ren abriu uma Coca-Cola e olhou para Neville, que apontou com a cabeça em direção a Ansel.

Eu me virei para meu irmão e Bryn, que se sentavam juntos na extremidade das mesas, com expressões sonhadoras em seus rostos. Ciúme apertou minha barriga. Mesmo que eles estivessem correndo riscos, eles

ainda seriam capazes de se escolher um ao outro. E comigo e Ren como alfas, o romance deles provavelmente estaria seguro.

Mason e Nev, Dax e Fey, todos tinham uma chance para o amor verdadeiro. Ren e eu éramos os únicos que não tínhamos escolha. Era essa a recompensa por ser um alfa?

Ren olhou para o par por um longo momento e depois uma risada afiada saiu de sua garganta.

— Eu disse para irem com calma, vocês dois. — Meus dentes lampejaram em aviso, sabendo que a inveja, tanto quando a irritação tinham feito meus caninos mais afiados.

Bryn se encolheu, mas Ansel veio em seu socorro. — Claro, de todos os outros, mas não é como se pudéssemos esconder isso de nossos companheiros de clã.

Sentei-me na cadeira que Fey empurrou na minha direção, batendo com a testa na mesa. — Vocês estão me matando. Nós estamos na escola. Há muitos olhos para ver vocês.

Me encolhi quando olhei para Ren. — Sinto muito. Eu ia te dizer hoje mais tarde, juro.

Ele apenas deu de ombros. — Seu irmão está certo. Você não pode esconder nada de companheiros de clã.

O alfa Bane falou em voz baixa quando olhou de novo o recém-casal. — Escutem a Calla: mantenham isso em segredo fora do nosso círculo. Nem uma palavra a outros Guardiões. Você não quer pisar nos pés errados. — Então ele abriu os lábios em um amplo sorriso para Ansel. — Parabéns, garoto.

Meu irmão sorriu e olhou para Bryn com adoração. Ela suspirou, girando os dedos pelos cachos de cabelo.

Eu afastei o olhar rapidamente e me concentrei em descascar a laranja.

— Neville, eu espero que você não esteja pensando em deixar-nos para tentar sua sorte na Broadway — um voz fria e sedosa murmurou atrás de mim.

Toda a conversa na mesa cessou. Bryn e Ansel se afastaram um do outro como se um géiser irrompesse entre eles.

Virei-me em minha cadeira para ver Logan Bane sorrindo a seu futuro clã.

— Você tem uma voz maravilhosa, meu amigo, — ele continuou. — Meus companheiros e eu certamente o admiramos; você projetou sua voz até ao outro lado da cafeteria. Muito impressionante.

— Obrigado. — Neville atirou-lhe um sorriso nervoso.

Logan circulou a mesa até onde Mason e Neville se sentavam, parando atrás da cadeira de Mason, cujo rosto empalideceu.

Ren começou a se levantar, mas Logan acalmou-o com um gesto indiferente de sua mão. — Não, por favor, apenas relaxem.

O Protetor se inclinou para a frente. — Como sem dúvida vossos alfas vos informaram, foi decidido que eu vou herdar a liderança do novo clã quando chegar o dia 31 de Outubro. — Ele esperou até que cada cabeça tivesse assentido em concordância antes de voltar a caminhar lentamente até Ren. — Eu gostaria que vocês se reunissem no refeitório hoje, depois da escola. Eu vou encontrar-vos lá.

— Claro. — Ren inclinou a cabeça.

— Excelente. — O jovem Protetor girou nos calcanhares e andou em direção aos seus companheiros do outro lado do refeitório.

O círculo de jovens lobos se voltou para seus almoços, apesar de o clima na mesa ter se tornado ansioso e mal-humorado. Mason se sentava muito quieto, olhando para nada em particular. Neville se inclinou em direção a ele, esticando os dedos na direção dos de Mason. Mason pegou sua mão, e eles esconderam seus dedos entrelaçados debaixo da mesa.

 capítulo 12

Minha mandíbula se cerrou com tanta força durante o seminário de filosofia que eu me perguntei se a dor aguda que se estabelecera ali seria permanente. A mesa ao lado das janelas altas da sala de aula estava vazia. Eu não tinha visto Shay no refeitório durante o almoço, e agora seu assento regular na nossa classe da tarde permanecia vago.

Rabisquei algumas notas mais e tentei me convencer de que isso não importava. Meus olhos viajaram para a cadeira vazia uma vez mais, meus dentes rangendo uns contra os outros com tanta força que a dor no meu maxilar ficou mais aguda e lancinante.

Forcei meu olhar de volta para o Sr. Shelby, que gesticulava freneticamente enquanto descrevia os argumentos a favor e contra a existência de Deus. Ele tinha começado a aula mostrando-nos um adesivo que dizia: — Deus está morto – Nietzsche²⁸; Nietzsche está morto – Deus.

Tentei seguir a palestra entusiasmada do nosso professor, mas meus pensamentos estavam fraturados. Olhei ao redor da sala. O resto dos alunos fazia os devidos apontamentos e assentia em concordância com os comentários do Sr. Shelby. Meu olhar viajou para Logan. Como de costume, o jovem Protetor estava relaxado em sua mesa, em um sono profundo, óculos escuros Dior escondendo seus olhos.

²⁸ filólogo clássico e influente filósofo alemão do século XIX.

O que ele dirá quando nos encontrarmos depois da escola?

Quando a campainha tocou, eu lentamente me alonguei, estremeando pela relutância dos meus músculos para obedecer.

Os três Banes seniores saíram da aula juntos. Sabine e Dax se inclinaram para Ren, murmurando baixinho enquanto passavam pela porta. Eu caminhei sozinha até o meu armário, encontrando lá os Nightshades. Partimos para o refeitório. Nenhum de nós falou. Eu podia ouvir o ritmo acelerado de nossos corações, enquanto esperávamos.

Passos firmes juntamente com o cheiro de cravo e mogno anunciaram a chegada de Logan. Ele sorriu para o nosso grupo amontoados; seu cabelo perfeitamente despenteado brilhava como fios de ouro na luz solar baixa de final de tarde que se derramava pelas grandes janelas do refeitório. O Protetor agarrou uma cadeira e se sentou nas costas dela, seus pés seguros no assento, de modo a que ele olhasse para baixo, para nós.

— Bem-vindos. — Seu olhar se moveu lentamente pelos tensos jovens Guardiões. — Eu percebo que este encontro seja um pouco inesperado, mas as coisas vão mudar rapidamente agora que a união está tão perto.

Logan descansou os cotovelos sobre os joelhos. — Para que os alfas prossigam com o rito da União, devem ser maiores de idade. Para Ren e Calla isso não acontecerá até Samhain, o dia em que ambos fazem dezoito anos e a data em que o novo clã será oficialmente formado.

Ele começou a tamborilar com os dedos em um envelope. — A fim de assegurar uma transição suave, eu reuni alguns materiais para vocês, para ficarem sabendo as suas funções no novo clã, quais são as logísticas que a sua nova vida implica, e os prazos para as etapas do processo de transição.

Logan assentiu para Ren, que pegou o envelope lançado na sua direção.

Ren abriu-o e espreitou para dentro. — O que é isto?

— Especificações para o empreendimento, — Logan disse. — Onde vocês vão viver.

Os jovens lobos se mexeram em seus assentos e trocaram olhares desconfiados.

Logan fez um gesto de apaziguamento. — Como eu disse, esta mudança vai ocorrer por fases. Alguns de vocês — Ansel, Cosette — são bastante jovens, e os Protetores compreendem isso. As cinco casas do novo empreendimento estão ainda em construção. Claro, a casa de Ren e Calla está terminada e eles serão capazes de ocupá-la assim que a união ocorra.

Lutei contra o calor que subia pelo meu peito e pescoço, olhando para Ren, mas seus olhos permaneceram fixos em Logan.

— Bryn, bem como Sabine e Dax, serão os próximos a fazer a mudança, já que eles também irão terminar seus estudos este ano.

Os dois Banes mencionados enrijeceram. Bryn arrastou os pés enquanto Ansel agarrou com força os lados da cadeira. Ren pigarreou. Logan arqueou uma sobrancelha para o alfa.

Ren olhou para seus companheiros de clã e depois para o Protetor. — Você está emparelhando-os? Estabelecendo novos casais agora?

Logan sorriu lentamente. — Você teria uma objeção a isso, Ren?

Ren olhou para o nosso mestre, mas permaneceu em silêncio. A mandíbula de Logan contraiu e depois ele riu. — Não. Eu não os estou emparelhando.

Dax e Sabine ambos relaxaram, e Fey expeliu um fôlego, muito aliviado. Bryn ofereceu a meu irmão um sorriso fraco.

— O único casal formado, por enquanto, será Ren e Calla, vossos alfas, — Logan continuou. — Vocês são livres para viver nas casas que fornecemos como vocês quiserem. Cada casa tem vários quartos e banheiros; as cinco casas estão sendo construídas em torno de um espaço de jardim comum com uma piscina e spa. Da mesma forma que fornecemos a vossos pais, vocês terão uma equipe de limpeza, jardineiros, e especialistas de manutenção o tempo inteiro para que não tenham que focar-se em outra

coisa senão os seus deveres. Tenho certeza que vão achar as condições de vida de seu agrado.

Baixos ruídos de aprovação vieram dos Nightshades e Banes. Um lampejo de otimismo acendeu meu coração.

Logan sorriu. — Como eu disse, Ren e Calla serão os primeiros a mudar-se. Os outros seniores se seguirão. Quanto ao resto de vocês, até terminarem a escola, são livres de continuar a viver com seus pais se preferirem, ou podem se mudar para o novo empreendimento quando as casas estiverem concluídas. Não importa onde residam, no entanto, deste ponto em diante vocês não mais respondem a seus antigos clãs. Vocês respondem a Ren e Calla, e a mim.

O Protetor coçou o queixo. — Meu pai se ofereceu generosamente para ajudar com a fiscalização do novo clã. Ele parece pensar que, devido a serem um grupo tão jovem de Guardiões, podem se revelar incontroláveis.

Seu olhar caiu em Sabine. — Mas eu acho que todos nós mostramos um compromisso para com nossos deveres, então certamente, seu envolvimento não será necessário.

Ren olhou para Sabine, que tinha começado a tremer. — Claro, Logan, — ele disse. — Tudo o que você pedir.

Um meio sorriso puxou a boca de Logan. — Excelente.

NIGHTSHADE

Ele apontou para o envelope novamente. — Você vai encontrar nesses papéis os formulários para qualquer requisição que precise. Cada um de vocês pode solicitar um veículo de sua escolha. As ordens de compra estão aí.

Dax vaiou, e Logan sorriu.

— Também vamos fazer arranjos para uma entrega semanal de mantimentos em vossas casas. Sua localização fará os deslocamentos para compras em Vail uma inconveniência.

— Onde serão nossas novas casas? — Perguntei.

— Em uma elevação muito maior na encosta leste da montanha. Apenas uma estrada de acesso foi construída para o local. A localização do novo empreendimento coincide com o principal objetivo do novo clã.

— E o que seria isso? — Eu me inclinei para a frente, interessada.

Logan se endireitou, seus olhos se estreitaram. — Nós temos uma razão para acreditar que os Rastreadores vão se mover contra a Caverna Haldis com qualquer força que possam reunir no próximo ano. Enquanto os Nightshades e os Banes continuarão suas patrulhas dos perímetros, o novo clã vai oferecer uma segunda camada de defesa na própria caverna.

Ele abriu um sorriso novamente. — O que me leva a outra questão. Normalmente um clã é nomeado com o nome do Protetor, mas um clã Bane já existe. O novo clã será nomeado Haldis, em nome do local que jurou proteger.

Olhei para meus companheiros de clã e Banes. Todos seus rostos se iluminaram.

— Fico contente por a escolha vos agradar, — Logan disse. — Apesar de guardar Haldis ser o papel fundamental do clã, há outra questão que requer a vossa imediata atenção.

Ele olhou de Ren para mim. — Seus alfas foram introduzidos na noite de sexta-feira a um garoto humano com o nome de Shay Doran. Ele é um sênior na Escola Mountain; ele chegou na semana passada.

Enfiei as mãos debaixo de mim. Não podia deixar Logan vê-las tremendo.

— Shay representa um interesse significativo para os Protetores. Sua segurança é a nossa maior prioridade; foi este garoto o alvo do ataque dos Rastreadores na sexta-feira.

— O que eles querem dele? — Eu soltei.

Vários lobos ofegaram.

Desviei meu olhar para o chão. — Sinto muito, Logan. Eu comecei a conhecer Shay; estava apenas curiosa.

— Isso está certo, Calla. — Ele dispensou meu pedido de desculpas com um aceno da mão. — Somos gratos a você por ter prevenido o rapto. A verdade é que não sabemos ao certo o que os Rastreadores querem com Shay, só que eles acreditam que ele é importante para o seu sucesso contra nós. Portanto, devemos mantê-lo seguro e fora de suas mãos.

Mantive meus olhos desviados, assentindo.

— Eu também tive a oportunidade de me familiarizar com o garoto humano. Parece que ele se tornou bastante interessado em você. Precisamos de sua confiança, então eu gostaria de incentivar isso. Por favor, seja sua amiga. Pense em você mesma como uma espécie de guarda-costas no momento.

Minha cabeça levantou, olhos arregalados. Ren estava encarando o Protetor, que olhou de volta calmamente.

— O garoto não sabe nada do nosso mundo, e que continue assim, — Logan disse. — Quanto menos ele souber sobre o perigo que corre dos Rastreadores, mais seguro ele estará. Protejam-no, mas façam-no sem conquistar sua atenção. Ele já conhece a Calla, por isso sua interação pode ser mais direta.

Inclinei minha cabeça para Logan, enquanto o rosto de Ren permaneceu lívido. O resto do clã murmurou reconhecimento de suas ordens.

— Muito bem, então. Eu acredito que isso é suficiente. Se surgir alguma dúvida, seus alfas devem trazê-la para mim. Lumine e Efron concordaram neste ponto.

Logan sorriu, descendo de seu poleiro. Os lobos reunidos começaram a se mexer de seus assentos, mas ele estalou os dedos, comandando nossa atenção.

— Há uma última questão a discutir.

Dez pares de olhos se voltaram para o seu novo mestre.

— Ren levantou uma questão muito importante sobre como vocês serão emparelhados no futuro.

Dedos gelados se enrolaram na minha garganta enquanto eu esperava que Logan falasse.

— Casais de Guardiões sempre foram escolhidos pelos Protetores de modo a garantir o resultado mais benéfico para os nossos clãs, — ele disse. — Eu tenho certeza que vocês podem entender a utilidade de tal prática.

Ninguém falou. O tom casual de Logan rasgou-me como arame farpado. — Eu vou, tal como meus antepassados fizeram, procurar o conselho de seus alfas em tais assuntos quando a altura chegar. Vocês são todos muito jovens; eu não antecipo tomar tais decisões por algum tempo. Contudo, é claro que vocês já começaram a formar fortes laços uns com os outros.

Seu sorriso lento revelou o brilho de dentes perfeitos. — Isso me agrada; assinalando um clã forte, cuja lealdade vai ajudá-los em suas funções. Mas eu devo lembrá-los que o único casal sancionado no clã Haldis é entre Ren e Calla, os companheiros alfas. Apesar de vocês puderem estar inclinados a formar novos casais, eu mantenho a única autoridade para escolher seus companheiros. Esta lei é uma das nossas mais antigas e mais importantes. Falta de cumprimento da mesma, será tratada sumariamente e severamente.

Eu não conseguia respirar.

Logan colocou a mão no bolso da calça jeans, tirando um maço de Djarum pretos. Ele bateu a caixa na parte traseira da cadeira, tirou um cigarro e o colocou entre os lábios.

— Isso é tudo.

Por um momento ninguém se mexeu. Silêncio cobriu a sala como uma neblina densa. Então Ren se levantou, gesticulando com a cabeça para a porta. Os outros Banes se levantaram lentamente.

Eu esperava que minhas pernas não cedessem quando eu me levantei. Eu não podia olhar para o meu clã; meu estômago se revirou dentro de mim. Eu tinha dado apenas alguns passos quando a voz sedosa de Logan se arrastou pelos lobos.

— Mason, eu poderia ter um momento de sua atenção?

Eu congelei. Mason estava logo atrás de mim, seu corpo fixo no lugar. Olhei para Logan; seus olhos brilhavam na névoa vermelha do sol de fim de tarde que enchia a sala. Fumo saía de seus lábios e o aroma de cravo flutuava em torno de nós.

Os olhos de Mason encontraram os meus. Um leve sorriso apareceu em seus lábios e ele começou a se virar. Eu dei um passo na sua direção, segurando seu pulso.

— Não. — Meu sussurro cortou acentuadamente entre Mason e eu. Ele tencionou e me deu uma sacudida quase imperceptível de cabeça, saindo fora do meu alcance.

— Calla! — A exclamação estridente de Logan me atravessou. — Você foi dispensada.

Um braço me envolveu os ombros e eu fui puxada para a porta. Quando eu tinha sido levada para bem longe do refeitório, me soltei do forte braço que me segurava, olhando para Ren. Dax e Fey estavam por perto, os

rostos sombrios. Ansel e Bryn desapareceram numa esquina, sem olhar para trás.

— Eu tenho que ir lá. — Tentei ir embora, mas Ren agarrou meu braço, me virando.

— Você não pode. — Ele olhou para o corredor.

Eu segui seu olhar, observando Sabine levar Neville em direção à porta principal da escola. Seus braços estavam ao redor da cintura dele. Eu podia ver os lábios dela se movendo rapidamente enquanto ela se inclinava para ele. Cosette se arrastava atrás deles, mas ela manteve uma distância respeitosa.

— Eu não vou deixar isso acontecer, — eu disse. — Ele está no meu clã, Ren. Seu bem-estar é minha responsabilidade.

— Ele agora está no meu clã também, — Ren murmurou. — Eu sinto muito, Calla. Eu queria que você não tivesse que passar por isto. Eu sei como é difícil.

Dax fez um som de desaprovação e Ren lhe lançou um olhar afiado.

— Não deixe que isso te coma por dentro, Cal, — Fey disse, seus olhos brilhantes e duros. — Você não fez nada de errado. Esta bagunça é de Mason.

— Como você pode dizer isso — Ofeguei.

Ela desviou o olhar. — Porque é verdade e você tem coisas mais importantes com que se preocupar.

— Ela está certa, — Dax disse com um rosnado estrondoso. — Não podemos ser misturados neste absurdo. Deixe isso.

Um ardor encheu meus olhos. Olhei para o chão, enterrando as unhas nas palmas das minhas mãos, reabrindo as feridas de lá. Ren viu as gotas carmesim baterem no chão. Ele mostrou os dentes para Dax e Fey.

— Saiam daqui.

Dax se eriçou, mas sacudiu a cabeça para a entrada da escola. Fey pegou sua mão e se afastaram.

— Calla. — As mãos de Ren deslizaram dos meus braços para a minha cintura e ele tentou me puxar para si.

— Não. — Me contorci para fora de seu alcance. — Não tente me dizer que fica mais fácil.

Sua mandíbula apertou, mas ele não tentou me tocar novamente.

— Nunca fica mais fácil. — Um brilho de humildade cobriu seus olhos. — Fica pior.

Envolvi meus braços em volta da minha cintura, não me importando com o sangue que manchou meu vestido.

— Encontre Ansel. Por favor, leve-o para casa. Eu preciso ficar aqui.

Ouvi-o dar uma respiradaafiada de protesto e levantei a mão. — Eu vou esperar que Logan saia. Tenho que ver Mason.

Ren balançou a cabeça. — Eu vou ficar com você. Nós estamos nisto juntos agora. Você pode pedir a Bryn para levar seu irmão.

— Bryn precisa ficar longe do meu irmão! Ou você perdeu a palestra que acabamos de receber?

— Acalme-se. — Sua voz ficou mais baixa. — Logan não deu sentença de morte para as relações no clã. Ele disse que ia aceitar conselhos

de nós, e nós vamos dá-los. Seu irmão e Bryn apenas precisam ser cuidadosos. Nós podemos ajudá-los.

— Eu não posso pensar nisso agora, — disse, olhando para as minhas mãos, observando a pele ferida se fechar diante dos meus olhos. — Por favor, vá embora. Eu quero falar com Mason sozinha.

— Tudo bem. — Ele puxou a jaqueta de couro que tinha pendurada em seu braço. — Vou me certificar que seu irmão volte para casa.

Ele já tinha dado vários passos largos pelo corredor quando eu murmurei, — Obrigado.

Fui para o banheiro das meninas e liguei a água escaldante nas minhas mãos, enxaguando sangue pisado dos cortes agora fechados. Vapor subiu em torno de mim enquanto eu agarrava os lados do lavatório. Quando o ataque de dor diminuiu, eu caminhei lentamente de volta para o refeitório, parando com frequência para ouvir se passos ou vozes se aproximavam. Quando cheguei perto da porta dupla, me escondi atrás de uma fileira de armários e esperei, minha testa pressionada contra o aço frio.

Depois do que pareceram horas, mas eu sabia que tinham sido apenas alguns minutos, eu ouvi as portas se abrirem. Espreitei pela fila de armários e vi Logan se afastar em um passo calmo. Quando ele desapareceu numa esquina, eu deixei meu esconderijo. Depois de atravessar as portas parei, me forçando a me mover com cuidado.

Fios de fumaça flutuavam no ar, uma mistura inebriante de cravo e tabaco. Mason estava sentado no centro da sala. Ele se inclinou para a frente, o cotovelo apoiado em um joelho, uma mão cobrindo os olhos. Um cigarro preto delgado queimava entre os dedos de sua outra mão.

Dei passos lentos para a frente e Mason levantou o rosto, sorrindo cansado. Ele se espreguiçou na cadeira e deu uma tragada no cigarro.

— Ei, Calla. — Ele inclinou a cabeça para trás, soprando anéis de fumaça no ar.

Abri a boca para falar, mas minha garganta fechou. Mason me observou andar, atravessando o espaço entre nós. Quando cheguei perto o suficiente para tocá-lo, eu estendi a mão hesitantemente para seu ombro. Recuei quando ele se levantou de um salto, saindo de meu alcance. Largou o cigarro e o esmagou no chão com o pé.

— Vamos sair daqui.

Mason passou por mim e pela porta tão rapidamente que eu tive que correr para pegá-lo.

— Mason. — Finalmente encontrei minha voz.

— Não diga nada. Não vale a pena. — Ele parou na frente de seu armário, rapidamente tentando abrir o cadeado.

— Diga-me o que aconteceu.

Ele xingou quando errou um número na combinação e teve que começar de novo. — Nada aconteceu. Ainda não. — O cadeado abriu e ele abriu a porta.

Respirei fundo, mas o alívio foi rapidamente substituído por raiva. — O que ele quer de você?

Um som baixo, meio rosnado, meio riso, saiu de sua garganta. — O que você acha? Ele é o filho de Efron Bane.

— Não. — Eu fechei os olhos, me encostando no armário junto do dele. — Eu simplesmente não posso aceitar isso.

Ele fechou a porta, virando-se para mim. — Nem eu, Cal. Logan já está de olho em mim há algum tempo, mas eu não sabia se ele faria algo quanto a isso. Agora tenho minha resposta.

— O que você vai fazer? — eu perguntei, odiando Logan e a incapacidade de Mason para desobedecê-lo.

— Eu não sei. Mas eu acho que comprei algum tempo.

— Tempo?

Ele passou as mãos pelos cabelos, parando para esfregar as têmporas.
— Logan pode estar herdando nosso clã, mas ele ainda é jovem...e ele tem medo.

Eu não podia imaginar nenhum Protetor com medo. — De quê?

— Dos mais velhos, especialmente seu pai. Eu disse que se ele me pressionasse, eu faria Ren ir falar com Efron sobre isso.

Coei a cicatriz na minha mão, ignorando o ardor que isso trouxe à minha pele ainda sensível. — Você acha que isso vai fazer diferença?

— Vai, — ele disse. — Esta é a única vez em que as 'tradições' dos Protetores podem funcionar a meu favor.

— Tradições? — Eu franzi a testa.

Ele bateu no armário com o punho, deixando uma marca. — É um eufemismo para 'fanatismo'. Até que ele tenha mais poder, Logan ainda está sob o olhar atento de Efron e dos outros Protetores. Ficar com o nosso clã é

como um teste para ele — para ver se ele é digno do cargo. Se eu continuar lembrando-o disso, eu acho que posso impedi-lo de... — Ele não pôde terminar.

— Você tem que impedi-lo. Você não pode...

— Eu não o farei. — Ele finalmente olhou para mim. — Os Protetores toleram uma variedade de gostos, mas apenas em um sentido recreacional. Logan nunca admitiria para seu pai ou qualquer um do resto dos Protetores que é gay.

Eu mordi meu lábio. — Mason, porque você não me contou?

— Sobre mim e Nev?

Eu mantive meus olhos para baixo. — Você não confia em mim.

Ele colocou a mão no meu ombro. — Não é isso, Cal. Eu confio em você.

Levantei o olhar para o seu, recuando com a tristeza que encontrei lá.

— Mas você está a um passo dos Protetores, — ele continuou. — Quem eu sou, quem eu amo... eles nunca aceitariam isso. Nem os mais

velhos do clã, nem os meus pais. Ninguém. Seria o fim para mim e para Nev. E não apenas do nosso relacionamento. Seria o fim.

Ele parecia tão calmo, eu não aguentava mais.

— Quanto tempo você pode impedir Logan? — Eu soltei. — Quanto tempo você estará seguro?

Ele pegou o celular e mandou uma mensagem rápida. — O que faz você pensar que eu estou seguro alguma vez, Calla?

— Talvez eu pudesse falar com Lumine, — eu disse.

— Não pense nisso, Cal, — ele murmurou, pegando minha mão. — Se você fizer alguma coisa, tentar interferir de alguma forma, Logan fará de você um exemplo. Que bem nos faria se você fosse entregue a uma wraith? Ou a Efron? Você não tem escolha. Nenhum de nós tem. Isto é o que nós somos. Guardiões servem. Certo?

Eu não podia responder, por isso apenas apertei seus dedos com mais força.

Por um momento, sua voz tremeu. — Não é sua culpa. Eu vou ficar bem.

Então ele puxou a mão da minha e se afastou.

 capítulo 13

Eu deslizei pelo armário e acomodei minhas pernas debaixo de mim.

Porque isto me está acontecendo? Tornar-me a nova alfa do clã não é suposto fazer-me mais forte?

Eu não tenho certeza quanto tempo estive lá sentada quando senti o cheiro de folhas brotando e nuvens pesadas com chuva.

— Calla?

Olhei para cima. Shay estava parado a poucos metros de distância.

— Você está bem? — ele perguntou, mas não se aproximou.

Balancei a cabeça, não confiando em minha voz, certa de que se tentasse falar, eu lhe rosnaria. Não era de Shay que eu estava com raiva. Não mais.

Ele se agachou para ficar no mesmo nível que eu.

— O que você está fazendo aqui? — Eu consegui perguntar sem rosnar.

— Uma caminhada parecia melhor do que aulas, — ele disse. — Mas eu ainda preciso pegar meu dever de casa.

— Oh, ok. — Comecei a me levantar, subitamente desesperada para sair da escola, mas na minha pressa meu pé ficou preso na minha bolsa e tropecei.

Shay deu um passo em frente, tomando meu vacilo como um sinal de colapso emocional iminente. — Calla, o que aconteceu com você?

— Eu não quero falar sobre isso, — eu disse, sentindo minha indignação ferver novamente.

O aperto de Shay em meus braços ficou mais forte. — Alguém machucou você?

Eu neguei com a cabeça, o observando, correndo minha língua sobre os lábios. E se eu não ficasse com raiva, mas me vingasse?

Afastando a ligeira pitada de culpa, eu aproveitei sua suposição de que estava prestes a chorar e deixei que ele me puxasse para um abraço.

— Você não me pode contar nada? — ele perguntou. — Eu gostaria de ajudar.

Descansei minha testa em seu pescoço, sabendo que o que queria dele não era ajuda. O cheiro fresco de sua pele acalmou meu temperamento, mas eu ouvi seu batimento cardíaco acelerar quando o toquei. Apenas me fez desejá-lo mais. Deixei-me pressionar nele, desfrutando da forma como o enrijecimento de seus músculos despertava minha pele.

— Quer dar um passeio? — ele murmurou no meu cabelo. — Eu ainda não fui aos jardins da escola.

— Claro. — Saí de seus braços.

Sáimos do edifício, cruzando o estacionamento até chegar à coleção da Escola Mountain de cercas arranjadas e canteiros ajardinados. Depois de alguns passos dentro do jardim, surpreendemos dois namorados, um garoto e uma garota, enrolados um no outro sob um arco coberto de videiras. Eles desapareceram como veados assustados.

Eu observei-os ir, imaginando como deveria ser roubar momentos de desejo e escondê-los do mundo.

Shay caminhava a meu lado em silêncio. Virei minhas palmas para cima. As crostas e cicatrizes tinham desaparecido.

— Me desculpe, se fui rude com você hoje na escola, —meu disse, pegando sua mão.

Um torto sorriso zombador puxou seus lábios. — Você sempre é mais simpática sem o seu guarda-costas por perto.

— Quem? — Franzir a testa.

— Alto, moreno e raivoso, — ele murmurou, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Você quer dizer Ren? — Eu não larguei a mão de Shay, mas me perguntei se deveria fazê-lo.

Ele não respondeu, mas sua mandíbula contraiu.

— Como eu agi não teve nada a ver com ele, — eu disse, incapaz de refrear completamente meu temperamento. — Eu estava com raiva de você.

— Que seja. — Ele afastou os dedos dos meus. Aparentemente eu não era a única com raiva.

— Vamos por este caminho. — Virei para uma pequena trilha. Ao contrário das outras, esta era terra intocada, não pavimentada por pedras de

rio como a maioria dos caminhos de jardim. A trilha passava por baixo de árvores de folha persistente que filtravam a luz do sol de final de tarde. Parei quando chegamos ao meu lugar favorito nos jardins, caminhei até à beira da clareira rodeada de pinheiros e caí, me sentando meio escondida entre os altos fetos.

Shay fez uma pausa para avaliar o que o rodeava. — Muito agradável.

— Sim. — Estiquei meus braços para o céu, deixando o sol aquecer minha pele. — Eu venho aqui quando quero ficar sozinha.

— Dá a sensação de segurança, — ele disse, se agachando perto de mim. — Privacidade.

A bainha do meu vestido subiu quando me acomodei entre as samambaias e peguei os olhos de Shay traçando a linha onde minha pele desaparecia sob o tecido. Me inclinei na direção dele.

— Beije-me. — Soou como uma ordem, e seus ombros tencionaram. — Por favor?

Não sabia que seria tão difícil, pedir por algo que eu queria. Eu não estava habituada a fazer pedidos.

Só desta vez, que se fodam os Protetores e suas leis. Era isso o que eles ganhavam por me mandarem passar tempo com um garoto tão gostoso. Meu primeiro beijo deveria ser meu.

Shay se levantou. — Não leve a mal, Calla. Não é que eu não queira.

— Você quer? — Uma onda de calor seguida de uma sensação de vazio me percorreu. *Mas você não o fará.*

— Sim, claro. — Seus braços estavam cruzados sobre o peito, fazendo os músculos de seus braços esticarem. — Mas você está chateada e eu não estou realmente certo de porque você pediu. Ou o que quer que isso tenha sido.

Puxei a bainha do vestido para baixo. — Esqueça.

— Eu vou te ajudar com o que fez você tão triste, — ele disse. — Mas esta manhã você me dispensou e eu não vou te beijar hoje, para que amanhã você me diga para ir para o inferno.

Uma samambaia desavisada sofreu o peso de minha humilhação quando eu a arranquei do chão, raiz e tudo.

— Eu sei, eu sei, — eu disse, jogando as folhas e a terra. — Sinto muito.

— Vai ficar escuro em breve. — Ele estendeu as mãos para mim. — Você pode ter visão noturna de lobo, mas eu não tenho.

— Às vezes eu me esqueço de seus defeitos. — Apertei seus dedos nos meus.

— Defeitos, hein? — Quando ele me puxou para cima, eu estava sorrindo de novo, surpreendida pela facilidade com que Shay fez toda minha irritação desaparecer. Quando fiquei em pé, ele continuou puxando até que minhas pontas dos dedos repousavam em seu peito. Suas mãos largaram as minhas e deslizaram pelas minhas costas, pressionando entre os meus ombros, para que meu corpo se moldasse contra o seu.

Eu podia sentir cada contorno de seu peito, a pressão de suas coxas contra meus quadris. Levantei meu queixo e seus lábios se encontraram com os meus. O toque leve inflamou meu corpo e explodiu dentro de mim. Estremeci e segurei seu lábio inferior entre os dentes, mordendo suavemente. Ele gemeu, cavando os dedos em minhas costas. Seus lábios abriram os meus, explorando, persistindo.

Meus olhos ainda estavam fechados quando ele se afastou.

— Eu pensava que você não ia fazê-lo, — sussurrei.

Olhei para ele e ele sorriu timidamente. — Eu não pude evitar.

— Fico contente. — Levantei os dedos para tocar o pulso acelerado no meu pescoço. — Eu não sabia que seria assim. Foi incrível.

— Espere um segundo. — Ele descansou o dedo indicador sob o meu queixo, virando meu rosto na direção do seu. — Esse não foi o seu primeiro beijo, Calla. De jeito nenhum.

Afastei-me para as sombras dos pinheiros circundantes, querendo esconder o rubor quente em meu rosto.

Ele não me seguiu. — Vamos lá. O que há de errado?

— Foi o meu primeiro. — Sacudi sujeira da parte de trás do meu vestido. — Isso é tudo. Deixe isso.

Sua mão seguiu a curva de uma samambaia alta. — Eu estou tendo alguma dificuldade em acreditar nisso. Mas se eu realmente fui o seu primeiro, estou feliz que não tenha sido uma decepção.

— Não. — Ainda podia sentir o calor saindo do meu corpo. — Nenhuma decepção.

Ele começou a andar na minha direção, mas eu levantei a minha mão. — Mas não é algo que podemos repetir.

— Desculpe? — Sua sobrancelha subiu.

— Esse foi o meu primeiro beijo, — eu disse, — porque eu tenho que seguir regras diferentes das outras meninas.

— Regras de beijos? — Ele parecia prestes a rir, mas quando eu assenti, ele xingou, chutando o chão com o salto de sua bota de caminhada.

— Eu não estou dizendo para você ir para o inferno. — Voltei para o lado dele, mas não o toquei. — Mas eu não sou como as outras garotas, Shay. Eu não posso ser egoísta.

— E me beijar é ser egoísta? — Ele acariciou minha bochecha.

— Muito. — Virei o rosto, roçando meus lábios contra a palma de sua mão, me deleitando com seu calor, seu cheiro.

— E se eu quiser beijar você novamente? — ele murmurou.

— Não o faça. — Afastei sua mão de meu rosto, desejando não ter que fazê-lo. — Se você realmente quer me ajudar, não o faça.

— Eu tenho algo que eu acho que você poderia estar interessada em ver. — Ele pegou sua mochila, e tirou de lá um livro. — Uma coisa que eu encontrei.

— Você quer me educar? — Olhei para o céu que escurecia. — Se lembra de toda aquela coisa de falta de visão noturna?

— Isto só vai demorar um pouquinho. — O livro que ele segurava era grosso e muito velho; sua lombada parecia prestes a romper. — Eu queria que você visse isto.

— Um livro?

— Minha desculpa para invadir sua montanha. — Ele virou a capa para mim.

No momento em que avistei o título, letras pretas que pareciam ter sido gravadas na capa, eu mudei para a forma de lobo sem pensar e me afastei dele, com medo, de pêlo eriçado. Shay cambaleou para trás, arfando para mim. O livro repousava no chão onde ele o tinha deixado cair.

— Calla, Calla. — Ele disse meu nome como um cântico, baixo e ressonante. — O que se passa? O que eu fiz?

Eu mantive meus olhos fixos nele, de caninos arreganhados.

NIGHT†SHADE

— Por favor, mude. — Sua voz começou a tremer. — Seja o que for, me desculpe.

Cheirei o ar, procurando a presença de outros, sinais de uma armadilha. Mas não havia nada; nós estávamos sozinhos. O inspecionei, não encontrando sinais de traição em sua expressão de medo. Com alguma relutância eu mudei de forma. Ele soltou um suspiro gigante, andando na minha direção. Eu pulei para trás.

— Fique onde está.

Ele congelou.

— Calla, o que está acontecendo?

Balancei a cabeça. — As minhas perguntas agora.

Ele assentiu rapidamente. Deixei meu olhar cair sobre o livro, apontando para o grosso volume com um dedo trêmulo.

— Quem é você, Shay? Quem é você realmente? Onde você arranjou isso?

— Você sabe quem eu sou; eu sou apenas eu. Eu não menti para você sobre nada. — Um rubor culpado subiu para suas bochechas. — E eu consegui o livro na biblioteca do meu tio.

Eu mantive minhas mãos estendidas, pronta para acertar-lhe se tivesse que fazê-lo. — Seu tio não se importa que você pegue seus livros?

Ele brincou com o zíper de seu casaco. — Não exatamente.

Olhei para ele e vi o quanto ele odiava ter me assustado. Baixei as mãos e me agachei perto do chão, meus dedos se movendo sobre o solo na esperança de que o toque da terra pudesse me acalmar.

— O que você quer dizer com 'não exatamente'?

— Bosque disse que eu podia fazer o que quisesse na casa, mas pediu-me para não ir à biblioteca. Ele é um colecionador de livros raros. Ele deu a entender que um adolescente poderia não tomar o cuidado devido com eles.

— Como isso? — Eu olhei de novo para o livro abandonado, deitado sobre o solo. Ele grunhiu e o pegou, limpando a sujeira.

— Isso não foi culpa minha. Você me assustou. — Ele aproximou o livro do peito. — Eu costumo cuidar muito bem dos livros. Eu não o teria

tirado da casa de Bosque, mas eu queria te mostrar. E eu achei que a sua proibição no uso da biblioteca era injusta. — Ele revirou os olhos. — Ele até trancou as portas.

— Se a porta está sempre trancada, como você conseguiu o livro? — Tracei a casca de uma árvore próxima com a ponta do dedo.

Um sorriso maroto curvou seus lábios. — Eu não leio só filosofia. Eu passei por uma fase rebelde quando era bastante jovem e decidi que queria ser um ladrão profissional. Eu estava lendo um monte de Ladrões e Reis²⁹ na altura.

Ele viu minhas sobrancelhas subirem e riu. — É uma série de quadrinhos. Mas de qualquer maneira, eu me ensinei a arrombar fechaduras. Ainda sou muito bom nisso. Era ótimo entrar e sair disfaçadamente do meu dormitório em internatos sempre que queria.

Apesar dos meus nervos, eu ri com a imagem de Shay deslizando para fora no meio da noite do dormitório de uma escola preparatória de elite.

— Mas porque você se mudou? — Eu perguntei. — Se você já estava em um internato...

²⁹ Do original: *Thieves and Kings*; série de livros canadiana escrita e publicada por Mark Oakley.

— Isso é o que você acha, certo? — Ele começou a andar pela clareira. — Meu tio disse que familiaridade gera preguiça, disse que eu precisava ver mais do que uma parte do mundo. Eu acho que já vi mais do que a minha parte.

— Parece, — eu concordei.

— Mas a mudança é difícil. Eu não tenho raízes. Nenhum amigo de verdade. Por isso eu acho que ele está meio em dívida comigo, — Shay meditou. — Eu também tenho fortes convicções pessoais contra censura. Eu não acredito em conhecimento proibido. — Suas palavras eram tão auto-confiantes que eu me senti enjoada. Eu não fazia ideia do gelo fino que estava pisando.

— Então você é um grande fã de Eva? — Eu perguntei.

— Ela fez uma má barganha. Eu pegaria a Árvore do Conhecimento em vez do Éden em qualquer dia. — Ele sorriu. — Eu estive no Éden. Acho que é superestimado.

— Tenho a sensação de que o original era melhor do que a versão de Efron, — murmurei, protegendo metade do meu corpo atrás do tronco da árvore.

— Mas mesmo com a tentação de entrar à parte, — Shay continuou, — Eu pensei que o pedido de meu tio era ridículo e meio insultuoso. Nós

temos andado nos deslocando por todo o mundo, eu sempre fui deixado em algum dormitório lastimoso, e esta foi a primeira vez que ficamos na casa original da família dele, e depois ele faz esta regra. Eu amo livros, principalmente livros antigos. Eu não iria estragar nenhum deles. Este chamou minha atenção. Eu acho que é pré-moderno, talvez de finais do medieval, mas eu não consigo colocar uma data nele; não tem uma impressão de editor nem nada.

— Não, não deve ter, — eu murmurei.

— Você já leu este livro? — ele perguntou.

— Não. — Minhas mãos começaram a tremer novamente. — Eu não o li.

— Mas você o reconhece. — Ele deu um passo na minha direção.

Arreganhei-lhe as presas. — Afaste-se. Não traga esse livro perto de mim.

Ele virou-o em suas mãos para que a capa ficasse virada para ele.

— Você tem medo dele. — Ele olhou o livro e depois olhou para mim. — Porque você tem medo de um livro que não leu?

Posso realmente dizer-lhe a verdade? Muitas peças de um quebra-cabeças que eu não tinha ideia de como resolver estavam se juntando à minha volta.

Ele abriu o livro. Eu gemi e ele o fechou novamente. — Ok, nada de olhar para o livro; eu entendi. Eu só queria te mostrar o mapa.

— O mapa? — Eu perguntei.

Ele assentiu. — Há quatro mapas. Eles parecem totalmente aleatórios, lugares de todo o mundo. — Sua voz se tornou melancólica. — Eu lamento que você não veja; eles são inacreditáveis. Você não tem ideia como eu fiquei surpreso ao encontrar um mapa da América do Norte Ocidental em um livro tão velho. Eu acho que não é de estranhar que meu tio não quisesse que eu mexesse nele; se há provas neste livro que os europeus medievais conheciam o interior deste continente, isso é importante. Este texto provavelmente vale milhões de dólares.

Ele ergueu o livro como se pesando o seu valor. Eu fiz uma careta, esperando que ele falasse novamente.

— É claro, não tem quaisquer nomes de lugares contemporâneos. O livro todo está em latim. Mas a geografia é reconhecível. Quando você me encontrou com o urso, eu estava procurando pelo sistema da caverna. Ando brincando com a ideia de espeleologia há algum tempo.

Minha pele ficou fria. Ele olhou para a minha cara, franzindo o cenho. — Espeleologia é exploração de cavernas.

— Eu sei o que espeleologia é, – eu disse. — Você estava procurando Haldis?

Ele piscou, surpreso. — Esse é o nome no mapa, Haldis.

Eu pensei em fugir.

— Então se você ainda não leu este livro ou viu os mapas, como você sabe sobre a caverna? — ele perguntou. — Eu li todos os guias de caminhadas e mapas topográficos, e o único lugar onde encontrei referência a essa caverna, ou essa montanha, foi no livro do meu tio.

Seu olhar se voltou para o livro. Eu podia ver o quanto ele queria abri-lo, para rever as imagens que acabara de descrever.

Eu não tirei meus olhos de seu rosto, tomando minha decisão, me perguntando que tipo de destino tinha acabado de selar para mim mesma. — Meu trabalho, o dever de todos os Guardiões daqui, é proteger Haldis dos nossos inimigos. Os Rastreadores.

Olhei para o título do livro, uma única frase em Latim gravada a preto na capa.

NIGHTSHADE

Bellum omnium contra omnes.

Fechei os olhos, mas ainda podia ver as letras de ébano, como se a gravação tivesse sido queimada por dentro das minhas pálpebras. As palavras proibidas ecoaram na minha mente.

A guerra de todos contra todos.

 capítulo 14

Sombras se derramaram sobre a clareira, transformando o verde brilhante das samambaias em suaves azuis e cinzas.

— Você pensou que era Hobbes, não foi?

Olhei para a escuridão das árvores, com medo de que alguém pudesse estar escondido lá. — Foi por isso que você pegou o livro.

Ouvi os pés de Shay se mexerem no chão. — Sim. Eu pensei que tinha encontrado uma dissertação não publicada. — Ele soou um pouco triste. — Eu estava bastante animado, na verdade. Mas tenho que admitir que ainda não o li. Fiquei preso nos mapas. Além disso, meu latim não é assim tão bom. Traduzir esta besta vai demorar algum tempo.

Ouvi seus dedos tamborilarem na capa de couro. — Não é Hobbes, não é?

— Não. — Sorri na escuridão crescente. — Definitivamente não é Hobbes. Afaste isso.

— Então como você pode saber o que é? — Havia uma ponta impaciente em sua voz.

— Porque eu estou proibida de lê-lo. Sob pena de morte. Afaste isso agora. — Minha garganta se fechou.

— Como é que a leitura de um livro poderia condenar alguém à pena de morte? — Ele perguntou, guardando o livro em sua mochila.

Peguei a mão dele. — Não podemos falar sobre isto aqui. Venha.

— Onde vamos? — Ele tropeçou em uma pedra, batendo em mim quando eu o puxei de volta pelo jardim.

— Meu carro.

— Você quer ir para seu carro? — Seus dedos apertaram os meus.

— Não para isso, — eu disse, mas não larguei sua mão. — Nós temos que ter certeza que ninguém nos ouve.

Quando chegamos ao jipe, eu abri a porta dele e dei a volta, para ir para o lado do motorista. Subi e coloquei minha cabeça no volante.

— O que se passa, Calla? — Eu o ouvi abrindo o zíper da mochila.
— O que é este livro?

— Ele contém conhecimento que é muito poderoso para qualquer um, exceto os Protetores. É o seu texto mais sagrado.

— Então, estamos de volta aos Protetores, — ele disse. — Você vai me dizer quem eles são agora?

— Eu vou te contar sobre a guerra. — Levantei a cabeça, olhando pelo pára-brisa para o estacionamento às escuras. — Você parece ter caído no meio dela. Mas eu não sei porquê.

— É por isso que tudo é tão estranho aqui? — Ele se inclinou do banco de passageiro na minha direção. — Porque há uma guerra sobrenatural que eu não conheço? Os humanos não sabem sobre ela?

— Não, — eu disse. — Mas você só foi apanhado na guerra por causa de com quem você está associado.

— Você? — Eu podia ouvir um sorriso irônico em sua resposta.

— Não só eu. Seu tio.

— Bosque? — ele soltou. — O que um consultor de negócios milionário tem a ver com o seu mundo?

— Especificamente, eu não tenho certeza. — Corri meus dedos ao longo da borda do assento. — A primeira vez que eu conheci seu tio foi na sexta à noite, no Éden. Mas ficou claro para mim que ele era importante no meu mundo. Ele é um Protetor. Um poderoso. Poderoso o bastante para dar ordens a quem me dá ordens.

— Do que você está falando? — Virei a cabeça para o seu som de alarme. Mesmo na penumbra eu pude ver seu rosto pálido.

Suspirei. — Sinto muito, Shay. Seu tio não é humano. E ele não é o irmão de sua mãe. Eu não sei porque você está com ele. Nenhum dos Guardiões alguma vez ouviu falar de um humano vivendo entre os Protetores, até que você apareceu.

— Você está errada, — ele disse. — Eu conheci Bosque durante quase toda a minha vida. Ele pode não ter estado por perto muito quando eu estava crescendo, mas ele é definitivamente humano.

— Eu não estou errada, — eu disse. — Protetores parecem humanos, mas eles não são.

As veias em seu pescoço se destacaram. — Se eles não são humanos, então o que eles são?

— Antigos. Criaturas que incorporam tanto o terreno como o divino; cheias de magia. Eles são bruxos.

— Bruxas não são humanas? — Ele olhou para mim. — Quero dizer, wiccanos³⁰ não são bruxos?

— Os seres humanos são ocupantes relativamente jovens deste mundo. E há alguns que mantêm ritos pagãos, que se auto denominam bruxas, mas não é a mesma coisa. — Mantive meus olhos nele enquanto falava. — Os Antigos têm estado no poder há muito mais tempo. Humanos são mortais, frágeis. Os Antigos não são. Eles têm estado aqui desde antes que os humanos pudessem contar o tempo ou escrever histórias. Eles se movem entre os mundos, este e o mundo espiritual. Os Protetores são os defensores da terra; eles têm o poder para protegê-la. Os bruxos governam o mundo, impedem que ele caia aos pedaços; eles apenas deixam os humanos pensarem que estão no controle agora. Os interesses dos Antigos estão em lugares diferentes das atividades humanas.

Shay empurrou as mãos contra o porta-luvas. — Tudo bem. Pelo bem do argumento, eu acompanhar. Você os está chamando de Antigos, ou bruxos, mas você disse que meu tio é um Protetor. Qual é a diferença?

³⁰ Wicca é uma religião neopagã influenciada por crenças pré-Cristãs e práticas da Europa ocidental que afirma a existência do poder sobrenatural (como a magia) e os princípios físicos e espirituais masculino e feminino que inteiram a natureza, e que celebra os ciclos da vida e os festivais sazonais, conhecidos como Sabbats, os quais ocorrem, normalmente, oito vezes por ano. É muitas vezes referida como Witchcraft (em português: — bruxaria—) ou the Craft por seus seguidores, que são conhecidos como Wiccanos ou Bruxos.

— Protetores não são os únicos bruxos. A guerra eclodiu, e ainda permanece, porque, os Antigos se dividiram em facções. Protetores e Rastreadores.

— E os Rastreadores são seus inimigos? — Ele abriu o porta-luvas e começou a vasculhar meus CDs, como se procurasse algo normal para contrariar esta conversa estranha.

— Sim.

— Porquê?

— Quando o homem entrou no mundo, foi pedido aos Antigos que o protegesse.

Shay deixou cair o disco de Sea Wolf³¹ que tinha tirado. — Pedido por quem? Deus? Há um Deus?

— Eu realmente não sei, — admiti com uma careta. — Teologia não é uma grande parte da formação de um Guardiã. Talvez Deus... talvez deuses e deusas. Tudo o que eu sei é que qualquer que seja a força que criou os humanos pediu aos Antigos para serem seus protetores, para orientá-los, ajudá-los a prosperar na terra como parte da criação.

³¹ Tradução Literal: Mar Canino; mas é o nome de uma banda.

— Então, os Antigos eram anjos? — Ele soou cético.

— Não, não realmente. Não estamos falando de coros do céu aqui. Os Antigos se movem entre a dimensão espiritual e a material, mas a sua origem é um mistério... pelo menos para a maioria de nós. Nenhuma das tradições religiosas que os humanos inventaram ao longo da história consegue identificar verdadeiramente os Antigos e seu lugar no mundo.

— Eu não estou realmente acreditando nisso, Calla, — ele disse, pegando o CD. — Soa como uma fantasia religiosa obscura. Fumaça e espelhos.

Comecei a brincar com o cinto de segurança. — Eu estou apenas dizendo o que sempre me foi contado. E esse tipo de coisa não é sempre meio obscuro?

— Se você o diz, — ele resmungou. — Então, qual é o problema? Porque as coisas correram mal?

— Alguns dos Antigos não queriam o trabalho, — eu disse. — Eles tinham outras ideias sobre como deviam usar seu poder, e tomar conta de humanos não tinha muito apelo para eles.

Sua testa franziu. — Veja, foi exatamente isso que eu quis dizer; isso soa bíblico. Anjos caídos, grandes egos, ciúme, e vingança contra Deus, eu

conheço estas coisas. Alguns dos internatos para onde Bosque me mandou eram Católicos.

— Você já disse que gosta de Eva, o que significa que você não era um católico muito bom.

— Eu disse que ele me mandou para os Católicos. — Shay voltou a examinar minha coleção de músicas. — Eu não me converti... ainda. Então anjos caídos, guerra no céu, estou no caminho certo?

— Eu não disse que os humanos não tiveram ideias lá perto, — eu disse. — Mas ainda é especulação. Eu estou tentando te dizer o que está realmente acontecendo. E a guerra é aqui, não no céu.

— Então os Antigos que não queriam o trabalho... esses são os Rastreadores? É sobre isso que é a guerra?

Olhei para o espelho retrovisor, ainda paranóica sobre poder ser vista. — Os Protetores vigiam os locais sagrados dos Antigos. Os locais sagrados da terra garantem aos Protetores o seu poder, e eles o usam para proteger a humanidade. Os Rastreadores querem controlar os locais, para tomar o poder dos Protetores para si. Se eles conseguirem ganhar, os humanos estariam sujeitos aos caprichos e crueldade dos Rastreadores. Eles seriam escravos enquanto os Rastreadores dominassem a terra, e o mundo natural já não seriam mais mantido em equilíbrio. Toda a intenção boa, a esperança da criação seria desperdiçada e o mundo seria destruído. Os locais sagrados devem ser protegidos.

— E os Guardiões como vocês afastam os Rastreadores. — Ele fechou o porta-luvas. Suas feições estavam marcadas com cansaço.

Toquei seu rosto na cabine escura. — Shay, você está bem? Quer que eu pare de falar sobre isto?

Ele balançou a cabeça. A barba por fazer em sua mandíbula esfregou a palma da minha mão. — Não. Eu quero saber isto, mas honestamente, não faz sentido. Eu meio que desejo poder acreditar que você está louca ou mentindo. Mas depois eu lembro que estou olhando para uma garota que pode se transformar em um lobo sempre que ela quer.

Ofereci-lhe um sorriso fraco.

— Então, os Rastreadores estão tentando chegar aos locais. — Ele pegou minha mão de seu rosto, entrelaçando os dedos nos meus.

Era mais fácil falar quando ele estava me tocando, me sentia mais segura.

— Historicamente, sim. Mas eles não foram bem sucedidos. Cerca de 300 anos atrás, houve uma virada importante na guerra. Nós nos referimos a ela como Harrowing³². Foi a última vez que um exército de Guardiões foi

³² aqui não traduzi, porque não achei nenhuma palavra que correspondesse à tradução literal, mas harrow significa algo devastador, um tormento, portanto seria algo como um período devastador que permitiu a virada da guerra.

chamado para lutar pelos Protetores. Nós ganhamos, por pouco. Então os Rastreadores foram caçados e quase aniquilados.

— Então porque vocês ainda estão aqui?

— Nossos números são menores agora; os Protetores não precisam de um exército de Guardiões. Mas os Rastreadores representam uma ameaça, mesmo enfraquecidos. Eles atacam em forma de guerrilha, emboscadas, do tipo acertar e fugir.

— Você tem que enfrentá-los com frequência?

— Eles, na verdade, não atacam este lugar há quase vinte anos. — Mordi o lábio mas me forcei a continuar. — Até há três noites atrás.

— Três noites atrás? — Meus dedos apertaram ao redor dos dele e ele respirou fundo. — Você quer dizer na sexta?

Assenti. — Os homens que estavam nos seguindo fora do clube. Eles eram Rastreadores.

Ele largou minha mão, se inclinando contra a janela do passageiro. — O que eles queriam?

Hesitei. Não parecia justo dizer a Shay que eles o estavam procurando, até eu saber o porquê.

— Não tenho certeza.

Ele tamborilou no vidro. — Meu tio disse que eles tinham sido levados sob custódia. Eu pensei que ele tinha chamado a polícia.

— Não. — Agarrei o volante. — Eu matei um. O outro foi para os Protetores para questionamento.

— Você matou um daqueles homens? — Ele se encolheu contra a porta do passageiro.

Encarei-o, observando o movimento de sua mão para a maçaneta da porta. — Eu sou uma guerreira, Shay. Isso é o que eu faço.

Ele ficou muito parado e olhou para o livro, que estava no seu colo. Seu medo e julgamento picaram em mim. Cruzei meus braços sobre o peito e continuei a observá-lo, meu humor escurecendo a cada segundo.

— Olhe. Eu não sei porque você está aqui, mas é claro que os Protetores querem você seguro. Os Rastreadores podem estar caçando você, mas você tem Guardiões e Protetores cuidando de você. Você está seguro o suficiente, mas levar esse livro por aí é muito perigoso.

Ele puxou o texto contra o peito. — Este livro é a única fonte de informação que tenho sobre Bosque, que você acabou de referir que pode não ser meu tio verdadeiro. E pode conter tudo o que posso aprender sobre você e o seu tipo. Eu quero saber o que é o seu mundo. Eu sou parte dele agora.

— Não. — Relaxei meu aperto no volante. — Você não pode fazer parte dele. Você é apenas um humano. Eu não quero que você se machuque.

Quando ele não falou, olhei para ele. Ele estava me encarando, mas o medo em seus olhos havia desaparecido.

— Não é apenas sobre mim, — ele disse. — Simplesmente não parece que você saiba tanto quanto devia sobre esses seus mestres. Os bruxos que governam o mundo.

Agora era a minha vez de olhar para fora da janela.

— É por isso que eu queria mostrar-lhe este livro, — ele disse. — Eu me pergunto porque eles usaram Hobbes como título.

Olhei para ele, um riso frio saindo de minha garganta. — Eles não o fizeram. Hobbes usou o título dos bruxos.

— O quê? — Eu podia dizer que ele não acreditava em mim.

Encolhi os ombros. — A história, como me foi dito, é que em séculos anteriores os Protetores algumas vezes mantiveram filósofos em sua companhia como uma forma de entretenimento. Mais ou menos como ter uma corte com os melhores e mais brilhantes do mundo humano. Hobbes foi um favorito especial.

Ele se inclinou para a frente, interessado.

— Ok.

— Os Protetores gostavam tanto de Hobbes que lhe contaram sobre o seu mundo. Se ofereceram para elevá-lo.

— Elevá-lo?

— Torná-lo um deles. Como transformar um humano em Guardiã.

Shay manuseou as páginas do livro. — Isso é incrível.

— Mas as revelações dos Protetores o deixaram horrorizado. Ele estava muito envolvido na ideia da autonomia humana. Ele rejeitou a sua oferta e começou a escrever contra eles.

— Você está dizendo que Hobbes escreveu Leviathan porque teve um surto psicótico sobre a existência de bruxas? — Isto não estava indo tão bem quanto eu esperava.

— Não, não psicótico. Mais como despeito, ou pelo menos uma enorme negação. Hobbes escreveu contra a bruxaria porque ele não podia aceitar a realidade da guerra dos bruxos. De quanto poder os Antigos exercem sobre a terra.

Shay estremeceu. — Então o que os Protetores fizeram com ele?

— Nada. Hobbes, para eles, foi como um animal de estimação que se comportou mal. É assim que eles tratam todos os humanos, — eu disse. — Bem, eu acho que eles fizeram alguma coisa. Ele conseguiu irritá-los. Eles fizeram com que o seu nome se tornasse uma palavra suja entre nossas tribos. Seus livros são censurados, como você viu. Os Protetores definitivamente conseguem guardar rancor.

— Então a guerra de todos contra todos não é uma teoria social?

Eu tentei oferecer um sorriso simpático. Seu mundo tinha desabado em pedaços. Eu sabia como ele se sentia. Meu mundo também não fazia mais sentido.

— Hobbes roubou a frase para provocar os Protetores em suas diatribes sobre a ordem natural na sociedade humana. Tanto quanto eu sei,

esse livro que você tem é a história do mundo. Nosso mundo, não o seu. A Guerra de Todos Contra Todos é a história dos Antigos, a Guerra das Bruxas.

— Se é apenas história, porque você não está autorizada a ler? — Quando ele falou, sua respiração se materializou no ar da noite fria.

Virei a ignição, brincando com o aquecimento. — Eu nunca perguntei.

— Você não está curiosa?

Mantive meus olhos no painel, olhando para o seu brilho fosco. Quando finalmente olhei para Shay, ele lançava o livro para cima e para baixo em uma dança cômica sobre seus joelhos.

— Então, vamos lê-lo juntos.

— É proibido.

Shay não recuou. — É isso que o torna interessante, — ele provocou. — Além disso, eu estou no meio do seu mundo e não sei porquê. Nem você. Talvez este livro nos explique isso.

Coloquei minha mão em seu peito, empurrando-o contra a porta do passageiro.

— Ouça-me, Shay. As leis em meu mundo são finais, as punições severas. Eu pensei que tinha deixado isso claro. Proibido significa proibido. Se um Protetor descobrisse que eu tinha lido o livro, eles me matariam.

— Como eles te matariam se soubessem que você me salvou do urso?

— Exatamente. Isso é quão sérias as coisas são.

— Esses Protetores soam como cidadãos modelo. — Ele empurrou o livro na direção do meu rosto, me fazendo recuar.

— Não! — Cerrei os punhos em minhas coxas, odiando o quão desconfortável me sentia. Eu queria saber mais sobre meus mestres, mas tinha medo do que isso poderia me custar.

Shay cobriu uma das minhas mãos com a dele, tirando meus dedos de seu forte aperto. Estremeci quando seu pulso roçou a pele nua da minha perna. — Calla, há um mapa da caverna neste livro. Tem informação que nos pode ajudar.

Assisti seus dedos acariciarem minha palma. — Nós não podemos deixar ninguém saber que o estamos lendo.

Sua mão parou. — Alguém da escola vai à biblioteca pública?

— Não, — eu disse. — Todos usamos a biblioteca da escola.

— Eu gosto da biblioteca de Vail, é muito melhor do que a da escola Mountain. Muitos babacas mascadores de pastilha que estão mais interessados em fofocas do que em leitura.

— Não critique a fofoca. — Apertei sua mão. — Ela faz o mundo girar.

— Verdade, — ele disse, rindo baixinho. — Podemos descobrir o que está neste livro. Pode demorar, mas seremos capazes de traduzi-lo juntos.

— Eu não posso lê-lo, — eu disse, torcendo meus dedos firmemente ao redor dos dele. — Tenho muito receio. E sou uma droga em Latim.

— Então você quer que eu faça todo o trabalho e simplesmente te diga o que está no livro? — Shay disse. — Boa tentativa, espertalhona.

— Eu ainda posso ajudar, — disse. — Enquanto você traduz, eu farei pesquisa. Procurar em materiais secundários que você precisa para entender a história. Eu também posso responder perguntas sobre o meu mundo, coisas que talvez não façam sentido quando você as ler.

Ele assentiu, deslizando o texto dos Protetores dentro da sua mochila. — Isso seria útil. Mas como você vai conseguir manter segredo? Eu pensei que você não deveria se misturar com humanos.

Inclinei-me contra o encosto de cabeça. — Bem, uma das novas ordens que eu acabei de receber é passar mais tempo com você. As palavras exatas foram que eu deveria ser sua 'guarda-costas'.

Seus olhos se iluminaram. — Isso não soa de todo mau. — Parei sua mão quando começou a subi-la pela minha coxa.

— Eu ainda tenho regras a seguir.

— Suas regras, não minhas, — ele provocou antes de eu empurrar seus dedos para o assento. — A biblioteca está aberta até às 8 da noite de segunda a quinta. Por muito que eu gostasse de faltar à escola todos os dias, eu provavelmente só vou trabalhar nisto das quatro às oito nessas noites. Você pode se encontrar comigo?

— Sim. Eu apenas tenho patrulha aos domingos. — Mastiguei meu lábio enquanto me comprometia à traição.

— Bom. Esse é o nosso plano. — Um sorriso maroto se abriu em seu rosto. — Vai ser divertido.

— Arriscar nossas vidas é divertido?

— Porque não? — ele disse, abrindo a porta do passageiro. — Eu vou começar isto hoje à noite e talvez tenha algumas questões de pesquisa para você amanhã.

— Obrigado, Shay.

— É um prazer, garota-lobo. — Ele saiu do jipe antes que eu pudesse socá-lo.

 capítulo 15

Um jipe Cherokee³³ preto brilhante estava estacionado em nossa entrada. Franzi a testa, me perguntando porque o SUV de Ren ainda estava em nossa casa. Andei até à porta da frente e ouvi acordes de piano em tom menor vindo da sala de estar. Ren estava sentado na mesa da cozinha. Ele se levantou quando me aproximei.

— O que você está fazendo aqui? — A questão saiu mais dura do que eu pretendia; o alfa Bane nunca tinha visitado minha casa antes.

— Eu passei algum tempo conversando com seu irmão, — ele respondeu, olhando para as escadas. — E depois eu esperei que você voltasse para casa. Seus pais disseram que não haveria problema.

— Porquê? — Descansei minhas mãos sobre as costas de uma cadeira da cozinha. — Quero dizer, porque você estava esperando por mim?

— Eu queria falar com você.

— Sobre o quê?

³³ <http://www.pedeborracha.com/agente.montadora.mtw?idMontadora=26§ion=4&idVeiculo=898>

Ele olhou de novo para as escadas. — Podemos ir para seu quarto?

Mordi o lábio, subitamente me sentindo um pouco tonta. — Eu acho que sim. Pode estar bagunçado. — Imaginei dunas de roupas que teríamos que navegar. — Apenas me deixe checar minha mãe e meu pai, ok?

— Claro.

Rolei os ombros tensos enquanto andava para a sala, tentando relaxar os músculos.

Eu tinha parado no corredor, ficando fora de vista, quando ouvi suas vozes ansiosas. Alguma coisa estava acontecendo.

— O garoto é quase um homem e com o físico do melhor tipo de guerreiro, — meu pai disse. — Não há nada com que se preocupar. E Calla sempre foi uma boa lutadora, ela vai se aguentar.

— Talvez, — minha mãe respondeu. — Mas porquê a mudança? Nenhum deles estará esperando isso. É uma dura prova. Eles são tão jovens.

— Apenas alguns anos mais jovens do que nós éramos, Naomi. O objetivo da prova é provar sua capacidade de combater como uma dupla, — disse meu pai. Eu ouvi o tilintar de vidro quando ele se serviu uma bebida. — É uma morte como qualquer outra.

— Não é. — A voz de minha mãe tremeu. — Ela nunca matou um...

À palavra *matar*, eu deixei cair minha bolsa. Suas vozes pararam quando ela bateu no chão de madeira.

Ótimo. Não há necessidade de me esconder agora. Chutei minha bolsa em direção à cozinha.

Quando entrei na sala de estar, meus pais pareciam assustados.

— Boa noite, Calla, — minha mãe disse, tentando se compor. — Não ouvimos você entrar.

Meu pai se inclinou para trás na cadeira de couro; seus olhos estavam fechados, mas eu sabia que ele estava acordado. Notas de Chopin fluíam à minha volta como uma brisa sob um céu sem lua.

— Oi. — Apertei as mãos atrás das costas. — Ren e eu vamos para cima conversar um pouco.

— Isso soa ótimo, querida, — minha mãe disse. — Você não acha que seria bom para Calla, Stephen?

— Deve ser bom. — Um sorriso não característico se curvou em um canto da boca do meu pai. — Ren é um jovem impressionante... nada como Emile. Isso foi uma surpresa agradável.

Pisquei para ele, incrédula. Ele continuou a sorrir.

— Confie em mim, Cal. Sua vida será muito mais agradável do que se você tivesse sido emparelhada com o pai de Ren.

— Uh, tudo bem. — Comecei a voltar para a cozinha, desejando saber sobre o que eles estavam falando antes.

— Calla. — A voz persuasiva de minha mãe me parou. — É perfeitamente aceitável que você passe tempo com Ren, mas se lembre que você é uma dama. Não envergonhe a si mesma, fazendo escolhas erradas.

— Não, claro que não. — Mantive meus olhos no chão de madeira, pensando no beijo de Shay e do quanto mais eu queria dele.

Um sorriso malicioso pairava nos lábios de Ren quando eu voltei para a mesa da cozinha.

Se ele tivesse ouvido o que minha mãe disse, eu ia matá-la.

— Vamos lá, então. — Acenei para ele me seguir para cima. — Então você falou com Ansel?

— Mason me ligou quando eu estava trazendo seu irmão para casa. Ele queria ter certeza que Ansel não tinha quaisquer ideias sobre justiça pelas suas próprias mãos.

Parei em frente à porta do meu quarto.

— Porque ele *te* ligou? — As notícias machucaram; Mason realmente não confia em mim.

— Você não tem que ser territorial, Lily, — Ren disse com um riso silencioso. — Ele sugeriu que como você é a irmã de Ansel, o filhote pode não levar as advertências a sério. Além disso, eu sou o alfa lobo do clã agora. É o protocolo que eles venham a mim em primeiro lugar. Mesmo antes que a você.

— Eu acho. — Senti uma ponta de ressentimento. Com Ren como meu parceiro, eu já não podia reivindicar autoridade final sobre meus companheiros de clã. Machos alfa tinham mais influência do que as fêmeas. Ren liderava o clã. Era minha função apoiá-lo e manter os outros no lugar.

— Não é sobre você, Cal, — disse ele. — São apenas as regras.

Eu assenti, abrindo a porta do quarto. — Oh não. — Era muito pior do que eu tinha imaginado.

Ele assobiou. — Se você odeia tanto roupas, porque você tem tantas? Eu não consigo ver o chão.

— Dê-me um segundo. — Juntei as roupas em meus braços, jogando-as no meu armário.

— Não se incomode por minha causa. — Quando eu tinha arrumado a cama, Ren se estendeu sobre ela, puxando um par de almofadas para que pudesse se recostar nelas.

Ele dobrou o dedo para mim. — Venha aqui.

Meu coração ficou preso em minha garganta.

— Eu não vou morder, Lily. — Ele mostrou os dentes. Sem caninos afiados à vista.

Caminhei lentamente para a cama, parando a seu lado. — Ren, você sabia sobre Mason e Nev?

Ele assentiu.

— Há quanto tempo?

— Cerca de seis meses, eu acho. — Ele deu de ombros.

— E o resto de seu clã está bem com isso?

— Mais ou menos. — Ele soou desconfortável.

— O que isso significa?

Ele suspirou. — Sabina não tem nenhum problema com isso. Ela adora Nev, sempre adorou. E Cosette praticamente deixa Sabine pensar por ela, por isso ela também está bem com isso.

— Então é Dax, — eu disse.

Ren não respondeu, mas rolou de lado, estendendo a mão para pegar meus pulsos.

— Dax não concorda, — eu pressionei, mesmo quando ele me puxou para a cama, para o lado dele. Meu pulso ficou louco.

— Dax pensa que é um risco muito grande deixar Nev e Mason ficarem juntos, — ele disse enquanto puxava meu corpo contra o seu. — Ele vê isso como uma fraqueza. Uma ameaça para o clã.

— Isso é muito ruim, — eu disse, maravilhada com a firmeza na voz de Ren. *Como ele pode estar tão calmo?*

Meu estômago se embrenhou. *É verdade, ele faz isto o tempo todo.*

— Não importa. — Senti os músculos de seu peito apertarem. — Dax sabe que eu sou o alfa, e eu dei meu ok a Nev. Ele e Mason devem ficar juntos se é isso que eles querem.

— Você e eu estamos de acordo, então, — eu disse, escondendo minhas dúvidas. Eu tinha a sensação de que Dax não tinha engolido a ordem de Ren tão facilmente.

— Nós estamos. — Seu rosto endureceu em ângulos agudos. — Não será um problema.

— Ótimo. — Eu estava pressionada tão forte contra ele, que me perguntava se alguma vez seria capaz de relaxar. — Então o que você queria falar comigo?

— Eu preciso saber que você está bem. — Seus olhos suavizaram e sua voz se tornou incrivelmente calma. — Tanta coisa aconteceu nos últimos tempos, tem sido difícil para todos nós.

Ele fez uma pausa, baixando a voz ainda mais. — Mas é diferente para os alfas.

— É. — Segurei minha respiração quando seus dedos traçaram a forma da minha clavícula.

Ren enterrou seus dedos nas ondas de cabelo que se derramavam sobre meu ombro. — Eu posso estar aqui para você, se você me deixar.

Ele inclinou o seu rosto para o meu.

— O que você está fazendo? — Tentei me afastar, mas sua mão deslizou de meu cabelo para segurar a minha nuca.

Quando ele sussurrou, seu hálito quente roçou os meus lábios. — Apenas me deixe te beijar, Calla. Você não sabe há quanto tempo eu quero fazê-lo. Ninguém tem que saber.

Meus lábios se abriram quando eu soltei um repentino ofego assustado e nesse instante sua boca estava na minha, suave como veludo. Fechei os olhos contra a sensação de cem asas que, de repente, bateram no

meu peito e se espalharam pelo meu corpo. Seu cheiro me rodeava. Couro, madeira de sândalo, fogueiras no Outono. Ele se afastou, mas apenas para poder deslizar seus lábios pelo meu pescoço.

Meu sangue estava pegando fogo e eu estava tremendo. *Isto realmente está acontecendo?*

Eu não conseguia parar de pensar em Shay na clareira. Sobre pedir-lhe para me beijar. O toque elétrico de seus lábios nos meus.

Mas é aqui que eu pertenço. Tentei afastar as memórias.

Ren acariciou meu joelho, seus dedos subindo pela minha coxa, deslizando sob a borda do meu vestido.

Agarrei seu pulso. — Espere.

Ele não soltou seu braço do meu agarre mas continuou beijando minha clavícula.

— Vamos pular a parte da espera, — ele murmurou na minha pele.

— Por favor, Ren. — A batida frenética do meu coração era esmagadora. — É muito cedo. É suposto esperarmos pela união.

Ele rolou para o lado com um rosnado baixo. — Eu acho que você vai descobrir que gratificação atrasada é supervalorizada.

— Eu sinto muito. — Peguei sua mão. — Não é que eu não queira...

Perdi as palavras, percebendo que eu realmente não sabia o que queria.

— Eu posso ajudar com isso. — Ele tentou me alcançar e eu pulei da cama.

— Estou falando sério, Ren.

— Certo. — Ele levantou-se lentamente. — Isto é território novo para você. Estúpido isolamento, é melhor que os Protetores não tenham transformado você em uma freira ou algo assim.

Peguei um livro da minha mesa de cabeceira e joguei-o contra ele. — Saia do meu quarto!

Ele pegou o livro no ar e colocou-o sobre a cama. — Calma, Lily. Isso foi uma piada de mau gosto. Eu não quis ofender.

Eu tremia com a humilhação. — Você não sabe como tem sido.

— Eu sei, e eu sinto muito. — Ele veio para meu lado e pegou meu rosto em suas mãos. — Eu tenho certeza que não tem sido divertido. Você merece melhor.

Eu assenti. Ele abaixou a cabeça, roçando seus lábios suavemente nos meus. — Eu vou te mostrar o quanto pode ser divertido. Você tem que confiar em mim.

— Lamento ter ficado com raiva, — murmurei.

— Está tudo bem. Você é quem manda, — ele disse. — Sem pressão.

— Eu prometo que já não estou chateada, mas estou realmente cansada. — Sentei-me na cama. — Foi um dia difícil.

— Foi.

— Podemos simplesmente deixar isto para lá por hoje? Nós já...

— Como eu disse. — Seu sorriso era tenso. — Você é quem manda. Até que você esteja pronta, eu vou te deixar sozinha. Vejo você amanhã.

Ele beijou minha testa e saiu do quarto. Me deixei cair para trás, contra o travesseiro, não me sentindo no controle de nada, muito com força para mandar em alguém. Meus lábios ainda formigavam do beijo de Ren, mas quando eu fechei meus olhos, apenas o rosto de Shay estava lá.

 capítulo 16

Shay virou a página e rabiscou algumas anotações enquanto eu me remexia no lugar.

— Eu não acredito que eles não permitem bebidas de fora aqui, — eu disse. — Como é que eu vou ler tudo isto sem café?

— Você não leu nada, Calla, — ele corrigiu sem tirar os olhos do livro. — Você apenas está aí sentada, me observando ler.

— Você não me deu nada para procurar nas estantes. — Meus olhos dispararam em direção ao livro que estava na frente dele. — Você já encontrou alguma coisa de útil?

Sua boca se apertou em uma linha fina.

— Olhe, eu não estou criticando, — eu disse. — Só estou perguntando o que você tem até agora.

Ele se recostou na cadeira. — Bem, o livro parece estar dividido em três partes. O *principiis priscis*, que eu acho que é a história da origem do seu

mundo. Depois há uma parte chamada *De Proelio...* — Ele fez uma pausa, olhando para mim com expectativa,

— Guerra, — eu disse.

Shay assentiu, o canto de sua boca curvando para cima. — De alguma forma, eu achei que você conheceria essa palavra.

Eu sorri, esticando os braços sobre o encosto da cadeira. Mesmo a sugestão de uma luta fez meus músculos contraírem inquietos. Shay me observou com diversão e depois voltou para as suas anotações.

— Talvez contenha os detalhes da Guerra das Bruxas? — Ele olhou para o livro. — Eu acho que vamos descobrir.

— O que é a terceira parte?

Ele franziu a testa, afastando fios de cabelos dourado da testa. — É a que faz menos sentido. Eu não consigo entender o que é.

Ele abriu o livro, virando as páginas até chegar ao fim do volume.

— É de longe a parte mais pequena. *Praenuntiatio volubilis*.

— Um anúncio? — Peguei uma caneta e comecei a rabiscar no bloco de notas que estava na minha frente.

Shay voltou sua atenção para o dicionário de latim. — Eu não acho. É mais como uma profecia ou um presságio. Mas a segunda palavra, *volubilis*, implica que não é gravada na pedra; sabe, como a ideia de destino ou sina. O que seja que esta parte descreve é algo que pode ser mudado, alterado.

— Então o livro acaba com uma descrição de algo que é suposto acontecer no futuro? — Por alguma razão os pêlos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Um grunhido de nojo subiu pela sua garganta. — Não. Eu saltei para a última página para ver se tinha uma conclusão que ajudasse a contextualizar o resto do livro.

Ele virou as páginas até chegar às linhas finais do texto.

O formigueiro na parte de trás do meu pescoço viajou sobre meus ombros e braços. — O que diz?

Sua voz estava atada com irritação. — *Crux ancora vitae*.

— O quê? — Levantei-me e caminhei para junto da cadeira de Shay.

— Eu acho que é um provérbio ou algo assim. Significa 'a cruz é a âncora da vida.' Eu não sabia que as suas bruxas eram cristãs. — Seu dedo se moveu pelas linhas.

Continuei meu caminhar agitado ao redor da mesa. — Elas definitivamente não são. E o conteúdo desse livro não é cristão. O que quer que seja esse provérbio, não é cristão; significa outra coisa.

— Você deve estar errada, Calla, — Shay disse. — Se você levar em conta a forma do latim e o que eu tenho sido capaz de discernir sobre este texto, comparando-o com outros livros raros: a letra manuscrita, as iluminações, tudo isso faz com que seja bastante fácil datá-lo. É de finais do Medieval, início do Renascimento, por isso podia definitivamente ter uma influência cristã. E depois há a coisa da cruz.

— O livro pode ter sido criado na Idade Média, mas o seu conteúdo não foi. Os Antigos antecederam os Cristãos.

— Mas se este livro é pré-cristão, não medieval, então que diabos isto significa? — Shay afastou o livro para longe dele com um suspiro desgostoso.

— Alguém precisa falar com esse idiota sobre como acabar com a narrativa. Nenhuma conclusão, um provérbio idiota, — ele disse. — E uma imagem.

Parei perto de sua cadeira. — Uma imagem?

— Sim. Uma imagem de uma cruz. — Ele puxou o livro de novo em sua direção, olhando para a página final. — Eu acho que dá alguma credibilidade à sua ideia de que não é cristão. Definitivamente não é como nenhum crucifixo que eu já tenha visto.

Me aproximei, com o meu coração vibrando. — O que você quer dizer?

— Porque não dá uma olhada? — Ele levantou os olhos para os meus. Quando viu o medo lá, ele se levantou e veio para mais perto de mim.

— Calla. — Tomou minhas mãos nas suas. — Eu compreendo porque você está com medo deste livro. Mas você chegou até aqui. Eu acho que tem de olhá-lo.

Eu comecei a balançar a cabeça, mas ele agarrou meus dedos com força. — Eu preciso de sua ajuda.

Seus olhos seguraram os meus, carinhosos mas desafiadores.

Eu queria recusar, mas eu sabia desde o momento em que tinha concordado encontrar-me com Shay na biblioteca que não havia como voltar atrás. — Ok.

Ele me puxou de volta para a mesa. Minhas mãos começaram a tremer quando ele virou o livro de frente para mim. Shay se sentou na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Estranho, huh? Quero dizer, como as pontas são diferentes em duas das extremidades. Faz com que a cruz pareça assimétrica, embora as peças sejam do mesmo comprimento.

Eu olhei para a imagem e depois para Shay. — Você não reconhece isto?

— Reconhecer isso? — Ele olhou para a cruz. — O que você quer dizer com isso?

— Shay, esta é a tatuagem que está na parte de trás do seu pescoço. — Eu bati na imagem com o meu dedo.

Ele riu. — Eu não tenho nenhuma tatuagem.

Pisquei para ele. — Sim, você tem.

— Eu acho que me lembraria se tivesse feito uma tatuagem, — ele argumentou. — Ouvi dizer que é bastante doloroso.

Ele se encolheu quando eu toquei em seu pescoço, puxando o colarinho da sua camisa. A tatuagem estava lá, exatamente como eu me lembrava. A cruz, uma cópia exata da do livro do Protetor, estava gravada com tinta preta na pele de ouro da parte de trás do pescoço de Shay.

— Veja, eu te disse. Nenhuma tatuagem. — Ele tentou torcer-se para fugir do meu alcance, mas eu segurei-o pelo ombro.

— Shay, você tem a cruz tatuada em seu pescoço. Eu estou olhando para ela agora.

Um arrepio atravessou seu corpo. Relaxei meu agarre nele, dando aos seus músculos tensos um aperto suave.

— Calla, —ele sussurrou. — Você está falando sério?

— Sim. — Agachei-me ao lado de sua cadeira. — Tenho dificuldade em acreditar que você nunca viu a parte de trás do seu próprio pescoço.

Sua testa se enrugou. — Eu devo ter olhado em algum momento. E eu não me lembro de alguma vez ter visto uma tatuagem. É aí onde ela está?

Ele estremeceu quando meus dedos traçaram as linhas da cruz em seu pescoço.

— Sim, aqui mesmo.

— Dê-me o seu espelho³⁴; vou verificar isso no espelho do banheiro.
— Ele pulou da cadeira e depois olhou para mim, esperando.

— Eu não tenho um espelho.

— Você não tem? — Shay franziu o cenho. — Eu vou descobrir algum jeito. — Ele se afastou e eu me sentei em sua cadeira, voltando para o livro que tinha estado a ler.

Alguns minutos mais tarde, olhei para cima da página para encontrar Shay olhando para mim, desconfiado e nervoso. — Então você está zombando de mim ou o quê?

— Você encontrou um espelho de mão?

— Eu peguei um emprestado da bibliotecária no balcão de circulação, — ele disse. — Eu disse-lhe que estava tendo um problema com a minha lente de contato e que o espelho do banheiro não ampliava o suficiente.

³⁴ do original 'compact', que são aqueles espelhinho pequenos que as garotas sempre têm nas malas, alguns até junto com algum tipo de maquiagem.

— Você usa lentes?

— Não. — Ele puxou outra cadeira. — Você não respondeu à minha pergunta.

Endireitei os ombros. — Eu não tenho nenhuma razão para mentir para você, Shay. Você está dizendo que olhou para o seu pescoço e não viu nada lá?

— Isso é exatamente o que eu estou dizendo. Eu vi o meu pescoço, a pele nua do meu pescoço. Nenhuma tatuagem. E definitivamente não uma tatuagem de uma cruz estranha.

— Sinto muito. A cruz está tatuada em seu pescoço, — eu disse. — Eu não sei muito sobre a magia dos Protetores, por isso só posso fazer suposições. Mas eles devem ter feito qualquer coisa com sua visão para que você não possa vê-la.

Olhei para a imagem mais uma vez, meus dedos traçando ao longo da página. — Eles instruíram os Guardiões para mantermos nosso mundo em segredo de você, apesar de nos terem pedido para te protegemos. Por alguma razão eles não querem que você saiba nada sobre isto.

Seu rosto empalideceu. — Você está dizendo que meu tio colocou um feitiço em mim para que eu não soubesse da tatuagem?

— Ele não é seu tio. — Tentei que o lembrete soasse gentil, mas firme. — E sim, eu acho que ele fez isso.

Shay colocou os cotovelos sobre os joelhos, escondendo o rosto nas mãos. Hesitante, eu me levantei. Minhas pernas tremeram quando eu estiquei meus braços em torno do seu corpo que se sacudia, puxando-o contra mim. Meu coração estava disparado. Por muito que eu soubesse que devia manter uma certa distância física de Shay, vê-lo assim e não fazer nada era muito cruel.

Suas mãos caíram de seu rosto, envolvendo minha cintura. Calor parecia deslizar da ponta de seus dedos e espalhando-se pelo meu corpo. Ele se inclinou para mim, descansando o rosto no oco entre o meu pescoço e ombro, enviando gavinhas elétricas, como vinhas sobre a minha pele. Eu escovei seu bagunçado cabelo louro gentilmente, mordendo meu lábio para me impedir de beijar sua testa.

— Obrigado. — Seu sussurro soou tenso. Ele limpou a garganta. — É um pouco difícil lidar com a crescente percepção de que eu não tenho nenhuma ideia de quem realmente sou.

Eu ri baixinho.

Shay ficou tenso. — Isso é engraçado?

Torci meus dedos pelos seus cabelos. — Não. É que para mim, soa um pouco interessante. Eu sempre soube exatamente quem era e quem eu seria.

Ele se endireitou e eu o soltei dos meus braços apesar de permanecer agachada ao lado da sua cadeira.

— Você queria ser algo diferente do que é?

— Não, — eu disse rapidamente. — Nós somos o que somos. Eu não tenho nenhum desejo de ser qualquer outra coisa. Mas neste momento eu tenho medo do que isso significa para aqueles que eu amo.

Shay olhou para mim, levantou a mão lentamente, e acariciou minha bochecha. Olhando nos seus olhos, eu me senti como tropeçando em um jardim escondido.

Eu voltei rapidamente para o meu lugar, com falta de ar, o meu coração acelerado.

Podia sentir seus olhos em mim enquanto desenhava formas em meu caderno. — Eu queria saber o que estava no livro porque eu precisava saber mais sobre os Guardiões e os Protetores.

Me virei para encará-lo. Shay me observou com curiosidade. Fiquei aliviada ao ver que ele não parecia ofendido pela minha retirada abrupta.

— Mas está claro que tudo o que está acontecendo aqui é sobre você, Shay. Nós precisamos descobrir quem você é.

Ele não falou, mas assentiu uma vez.

Apontei para o livro com capa de couro. — Então nós sabemos que essa cruz está em seu pescoço. Mas não sabemos o que isso significa.

Shay voltou a olhar a imagem. — Estes triângulos também estão no meu pescoço?

— Não. — Com alguma relutância eu arrastei minha cadeira para perto da sua para que pudesse olhar o livro.

— Mas você acha que eles são importantes? — Ele apontou para o meu caderno. Olhei para baixo e fiquei chocada ao ver que tinha desenhado pelo menos dez triângulos pela página em branco.

— Eu não consigo afastar a sensação de que os vi antes, mas eu não sei onde. — Mastiguei meu lábio por um instante, deixando minha mente vagar.

— Oh!

Eu vasculhei em minha bolsa e puxei o meu livro de laboratório de Química Orgânica.

— Você está tendo problemas em química? — Shay franziu o cenho enquanto me observava folhear as páginas.

Balancei a cabeça e continuei procurando no livro até que encontrei as notas introdutórias da experiência de segunda-feira.

— Olhe. Eu sabia que já tinha visto isto. Está na introdução histórica ao laboratório de alquimia. — Apontei para os triângulos. — Estes são símbolos alquímicos.

Shay se levantou e veio espreitar sobre o meu ombro. — É uma coisa boa que você tenha lido a introdução. Eu pulei direto para a experiência.

Sorri e continuei a ler. — Estes quatro triângulos representam os quatro elementos: terra, ar, fogo e água.

Olhei para a imagem no livro do Protetor e depois de volta para o manual de química.

— Mas eu não tenho ideia do que isso tem a ver com uma cruz.

— Parece que você acabou de encontrar sua primeira questão de pesquisa, Cal. — Ele me deu um tapinha no ombro.

— Tudo bem. Mas há alguma coisa com a qual eu possa trabalhar para além desse provérbio? Como é mesmo?

— A cruz é a âncora da vida, — ele entoou com solenidade zombadora. — Essa é a última linha do livro. E depois a imagem.

Anotei a frase em baixo, entre os triângulos espalhados na minha página do caderno.

— O que vem antes do provérbio?

— Mais coisas sem sentido. — Sua frustração correu para fora junto com a resposta. — Há duas linhas afastadas do texto no final do livro. A última linha é o provérbio e a outra é ‘que o Scion carregue a cruz.’

— Que o Scion carregue a cruz. A cruz é a âncora da vida, — eu murmurei, e então olhei para Shay e vi compreensão surgir em seus olhos mesmo quando uma onda de frio correu pela minha espinha.

— O que significa Scion, Shay? — Eu sussurrei.

O seu pomo-de-adão se moveu para cima e para baixo quando ele engoliu. — Significa 'descendente'

— Descendente de quem? — *Eu estava certa, ele é alguém.*

— Não é específico; pode ser um descendente de qualquer um. Às vezes é usado com o significado de 'herdeiro'.

— Shay — Estendi a mão para tocar seu ombro, na esperança de voltá-lo. Eu tinha medo de tocá-lo, mas eu queria olhar a tatuagem novamente.

— Não, — ele disse bruscamente. Ele se afastou da minha mão, caminhando em direção às estantes altas que nos rodeavam.

Dei um pulo. — Tem que ser você. Você carrega a cruz. Está em seu pescoço. Você é o Scion.

— Não, não, não. — Ele recuou quando me aproximei dele. — Isto é tudo — é algum tipo de truque. Ou piada de mau gosto. — Seu rosto estava pálido. Ele olhou para mim acusadoramente.

— Eu tenho uma tatuagem que não consigo ver. Meu tio não é uma pessoa, mas um bruxo. E agora eu sou um descendente especial que é mencionado em um livro que foi transcrito centenas de anos antes de eu nascer? Eu não penso assim.

Quando percebi que ele estava prestes a pirar, eu fiz a única coisa que eu podia imaginar para detê-lo.

— Shay. — O tom afiado de minha voz congelou-o no lugar.

Naquele instante eu pulei para a frente, me transformando em lobo no ar, e o joguei no chão. Minhas patas da frente enterraram em seu peito, prendendo-o no chão. Mudei de volta para a forma humana.

— Você pode querer que eu esteja mentindo, mas você está olhando para uma garota que pode se transformar em lobo quando quer. Lembra-se? — Acariciei seu rosto com os dedos, muito consciente do modo como meu corpo se derreteu contra o dele. Fechei os olhos, captando seu cheiro, o calor do seu corpo.

Shay estendeu os braços e envolveu-os em torno do meu pescoço. Uma mão envolvendo a minha nuca. Ele me puxou para si. Antes que eu pudesse reagir, seus lábios estavam nos meus.

O beijo começou devagar, uma procura doce e insegura. O toque suave de sua boca me hipnotizou. Separei meus lábios para ele, deixando o desejo me levar.

O beijo de Shay aprofundou; sua mão percorria minhas costas, traçando o comprimento da minha trança, deslizando sob a minha camiseta para acariciar minha pele. Eu me sentia como se estivesse bebendo luz do sol. Meus dedos se moveram de seu peito para o pescoço e acariciaram a linha da sua mandíbula. Me pressionei contra ele, querendo conhecer mais dos mistérios que ele tão facilmente desvendava do meu corpo. Mais desta liberdade, desta selvajaria.

Shay agarrou meus quadris e em um movimento rápido, virou-nos, me prendendo ao chão. Suas mãos se moveram sob minha camisa, seu corpo pressionado fortemente contra o meu.

Eu podia sentir seu desejo crescente misturado com o meu, a nossa necessidade febril infundindo o ar como um raio prestes a cair. Em vez de ser empurrada para baixo por ele, eu estava subindo, envolvendo minhas pernas em torno dele. Seus dedos se moviam cuidadosamente, seguindo minhas curvas, demorando-se em lugares que roubavam minha respiração, vinculando-me a ele e ainda assim me libertando. Meu próprio gemido de prazer contra a sua boca me trouxe de volta à realidade.

A sala girou quando eu me afastei do seu abraço, tropeçando em direção à mesa. Meu coração bateu contra minhas costelas, insistente e doloroso.

Eu não posso fazer isto, eu não posso. Mas eu queria. Mais do que qualquer outra coisa.

Ele ficou de pé, sorrindo para mim. A luz quente estava em seus olhos novamente.

— O que há de errado?

Eu andei com raiva até à minha cadeira, sem falar, me odiando, meu corpo ainda doendo desde que eu me tinha afastado de Shay.

— Oh, certo. — Seu sorriso desapareceu. — Regras sobre beijos e seu casamento iminente. Quando será?

— Samhain. — Meu coração apertou quando pensei em quão próximo estava.

— So— o quê? — Ele tentou dizer a palavra. — Isso deveria significar algo para mim?

Amassei um pedaço de papel e joguei-o contra ele. — Para alguém cujo nome a maioria das pessoas leria como SEE-MUSS, isso é bastante patético.

Ele pegou meu míssil de papel, lançando-o no caixote do lixo mais próximo. — Só porque eu tenho um nome irlandês, isso não me faz um especialista em todas as línguas antigas.

— Você é bastante bom em Latim, — eu disse.

— É por isso que eu não tenho tempo para aprender todas as outras, — ele disse.

— Justo. — Eu respondi. — Samhain. SOW-WHEN.

— Ok, Samhain. — Ele pronunciou corretamente. — O dia do seu casamento. Então, quando é?

— 31 de Outubro.

— Halloween? — Ele fez uma careta. — Que romântico.

— O Halloween não importa. O Samhain sim. — Atirei-lhe um olhar de advertência, que ele ignorou.

— E é importante porque... — Ele gesticulou com a mão para simular fumaça subindo no ar.

— Os Protetores podem renovar seus poderes nessa noite. O véu entre os mundos é mais fino em Samhain.

A mão de Shay caiu. — Que mundos?

— Este e o mundo inferior.

— Parece assustador. — Ele pegou uma caneta e escreveu algumas notas, mas eu vi seus dedos tremendo. Me perguntei se era medo real ou se seu corpo ainda estava tenso com o desejo frustrado como o meu.

— Provavelmente é, — eu concordei. — Felizmente, os Guardiões só patrulham o perímetro. Eu nunca tive que ver o que eles fazem.

Subitamente me senti enjoada.

— Whoa. — Shay olhou para mim. — Você está toda verde. O que está acontecendo?

Agarrei a borda da mesa, desejando que a tontura diminuísse. — Eu terei que ver este ano.

Ele se inclinou para a frente. — Porquê?

— A cerimônia é diferente desta vez. — Minhas unhas arrancaram uma fina casca de verniz da mesa. — Porque eles escolheram essa noite para a união, eu estarei lá.

— Você sabe o que isso envolve? — Seu próprio rosto tinha empalidecido.

— Não, — eu disse. — O ritual de união é um segredo. Eu não sei quase nada sobre ele.

— Isso é uma droga para você, — ele murmurou. — Como todo o resto sobre isto.

— Pare com isso, Shay. — Eu tentei começar a ler novamente.

— Eu não vejo porque você não pode quebrar as regras, — ele insistiu. — Pelo que me disseram, Ren já saiu com metade da população de Vail.

Ele olhou para mim como se esperasse uma resposta chocada.

— Todo mundo sabe disso. Isso não importa. Foi a escolha dele. — Eu mantive meus olhos na mesa. — As regras são diferentes para ele.

— Então, o quê, garotos serão garotos e as meninas têm de se comportar? – Ele zombou.

— Eu sou a fêmea alfa. — Liguei meus tornozelos em volta das pernas da cadeira. — Ninguém me pode tocar. É a lei dos Protetores.

— Mas Ren pode tocar quem ele quiser? — ele perguntou. — Porque parece que ele faz exatamente isso.

— Ele é um macho alfa. A caça está em sua natureza. — Meu aperto de tornozelos nas pernas da cadeira era tão forte que eu ouvi o rangido da madeira. Eu não queria que Shay perguntasse a questão que eu podia ver em seu rosto.

Ele franziu o cenho. — Mas se você também é um alfa, a caça não seria parte da sua natureza também?

Não respondi. Minhas pernas pareciam estar pegando fogo.

— E eu toquei você... — Seus dedos tremeram, como se desejasse estar me tocando agora. *Será que ele me quer tanto quanto eu o quero?*

— Eu não te deveria ter deixado fazê-lo. — Meu corpo ficou mole. — Podemos falar sobre outra coisa, por favor?

— Mas não é justo — Ele tentou pegar a minha mão.

Inclinei-me para longe dele. — Justiça não tem nada a ver com isso. Trata-se de tradição. Tradição é importante para os Protetores.

— Mas e sobre... — Suas palavras desapareceram.

— A união está muito próxima. — Deslizei minhas mãos debaixo da mesa. — Eu não estou livre. E para sua informação, Ren também não está namorando mais ninguém agora.

— Ele está namorando com você? — Shay fechou seu notebook com força.

— É complicado. — *Na verdade, é simples. Eu pertenço a Ren, não a você.*

Ele caiu em sua cadeira. — Eu não aguento esse cara. Ele age como se fosse dono de você.

— Você não o entende. — Me contorci para a futilidade da conversa. — E você não vai me beijar de novo, Shay Doran.

— Eu não vou prometer isso, —ele disse.

Afastei-me, esperando que ele não notasse o rubor quente que surgiu no meu rosto. Eu não queria sua promessa, mas essa escolha não era minha. *Eu tenho que parar isto, agora.*

— Tudo bem. — Eu tentei fazer a minha voz fria. — Tenho certeza que você ia passar a sua vida habilmente o suficiente com apenas uma mão.

Ele afastou as mãos da mesa. — Você não faria isso.

Eu ri. — Você terá apenas que decidir se está disposto a arriscar.

Ele estremeceu, resmungando algo ininteligível sob a sua respiração.

— Eu não consegui entender. — Frustração serpenteou pela minha barriga, tornando-a apertada. Eu queria que ele me tocasse novamente, e eu estava furiosa comigo mesma por isso e com ele por me fazer sentir assim.

— Apenas ótimo saber que eu estou me apaixonando por uma virgem vestal³⁵, – ele disse, raiva nublando seu próprio rosto.

— Uma quê?

³⁵ Na Roma Antiga, eram designadas como virgens vestais («deusas do fogo») as assistentes da deusa romana Vesta. Estas mulheres gozavam de uma situação social respeitável na sociedade e deviam manter-se castas sob risco de sofrerem punições (inclusive mortais).

— Curiosidade de história divertida. — Seu sorriso era frio o suficiente para me ofender. — Outro conjunto de garotas altamente desejáveis, mas intocáveis. Se elas quebrassem seu voto de castidade, eram enterradas vivas.

— Enterradas vivas? — Estremeci. *É o que me aconteceria se os Protetores descobrissem acerca de Shay?* Eu sabia que haveria consequências se alguém que não fosse Ren me tocasse, mas eu não tinha pensado sobre o quão ruins elas podiam ser.

— E o sortudo que tinha tentado uma virgem sagrada, fazendo-a largar o seu dever, era açoitado até à morte em público, — ele concluiu.

De repente, me senti vazia por dentro. Minha própria punição podia ser assustadora, mas o pensamento do que poderia acontecer a Shay era muito, muito pior.

— Eu acho que devemos aprender algo com a história, então, — murmurei, tentando esconder o tremor em minha voz.

— Nós não estamos vivendo na Roma antiga, — Shay estalou.

— Visto que esse assunto está encerrado, — eu disse, ignorando sua expressão lívida, — por favor, vamos voltar ao que é importante.

Ele olhou para mim.

— Por favor, — eu murmurei.

— Tudo bem, — ele disse, abrindo seu notebook novamente. — Então, se aceitarmos a ideia de que eu sou esse Scion, o que isso significa?

Obrigado.

— Eu imagino que de alguma forma importa de quem você é descendente, — eu pensei.

Ele assentiu e encolheu os ombros. — Ninguém famoso.

— Você não se lembra de seus pais?

— Não. Eles morreram em um acidente de carro quando eu tinha dois anos. Eu não me lembro de nada deles, nem mesmo a sua aparência. — Ele puxou o livro do Protetor para o seu colo, seus dedos traçando um esboço da cruz. — Eu não tenho nenhuma foto. O Tio Bosque sempre disse que era melhor deixar o passado no passado.

Franzi a testa. — Você não tem nada de seus pais? Nada para se lembrar deles?

— Apenas um cobertor de malha que minha mãe fez para mim. — Ele me ofereceu um sorriso tímido. — Eu levava-o sempre comigo quando era criança.

Brinquei com o fim da minha trança, tentando não rir. — Quais eram os seus nomes?

— Tristan e Sarah Doran.

Me endireitei com tanta força na minha cadeira que ela quase tombou. *Oh Deus, esses nomes. Não, não, não.*

Sua cabeça levantou. — O que foi?

— Tristan e Sarah? — Eu repeti, novo horror se acomodando na minha barriga.

— Sim. Calla, o que está errado? — ele disse. — Mais más notícias?

— Eu não sei o que isso significa. Por favor, mantenha isso em mente. Mas na noite em que fomos atacados fora do Éden... — O rosto do Rastreador preso passou pela minha mente. — O Rastreador que apanhamos vivo. — Eu queria apagar a tonalidade doente da pele de Shay. — Ele disse o nome deles, Tristan e Sarah.

— Um dos homens que tentaram nos atacar conhecia os meus pais?
— As veias de seu pescoço latejavam.

— Eu não tenho certeza. — Eu estava tentando ser verdadeira, mas cada palavra que eu falava parecia ser uma discussão de rua que poderia desvendar a minha vida.

— O que ele disse exatamente? — Shay se inclinou para a frente, me observando atentamente.

— Ele perguntou onde você estava... — eu disse, parando para desenterrar a memória. — E depois ele disse: 'Ele não sabe, não? Quem ele é? Que vocês levaram Tristan e Sarah? O que vocês vão fazer?'

Shay agarrou os braços da cadeira. — Eu pensei que os Rastreadores estavam tentando destruir o mundo. Eles não são os maus?

Eu assenti, não tendo qualquer explicação para oferecer.

Ele se levantou, fechando o notebook e pegando sua mochila. — Me desculpe, mas eu tenho que ir. Há muito... — Ele balançou a cabeça. — Eu preciso de algum tempo sozinho. Mas eu vou estar de volta amanhã.

Eu permaneci quieta quando ele passou por mim, querendo ir com ele.

— E Calla. — Ele se inclinou por um momento, sussurrando em meu cabelo. — Eu não acho que sou o único que está sendo enganado.



apítulo 17

Shay não estava na primeira aula. Uma onda de náusea tomou conta de mim. Os Protetores poderiam ter feito algo com ele?

Roí minhas unhas durante minhas duas aulas seguintes. Quando entrei em Química Orgânica e o vi já sentado em sua estação de laboratório, tive que lutar contra o impulso de atravessar a sala a correr para abraçá-lo. Seus dois parceiros de laboratório humanos me viram e se encolheram para a outra ponta da estação. Shay observou sua retirada imediata pelo canto do olho.

— Você sempre tem esse efeito em humanos? — ele perguntou, um sorriso curvando a borda de seus lábios.

— Normalmente, sim. Todos os Guardiões têm. Você é uma aberração por não ter medo de mim. — Encostei-me à mesa, tentando manter minha voz calma. — Onde você esteve esta manhã?

— Preocupada comigo? — Seu sorriso aumentou. — Sua aberração pessoal?

— Oh, por favor, — eu menti.

— Eu matei aula. — Ele girou um lápis entre os dedos. — Não quis sair da cama esta manhã.

— Eu acho que a tua atitude sobre faltar às aulas é um pouco arrogante, — eu disse, irritada por ter estado ganhando uma úlcera enquanto ele dormia até mais tarde.

Ele baixou a voz, inclinando-se para mim. — Bem, de acordo com você, meu tio é uma espécie de feiticeiro com super-poderes, e de acordo com Logan, ele é um Regente da escola. O que eles vão fazer, expulsar-me?

— Esse pode ser o caso, mas eu apreciaria um pouco de consideração, — eu disse. — Por tudo o que eu sabia, os Protetores tinham dado você a uma *wraith* para o pequeno-almoço.

Ele franziu o cenho. — O que é uma *wraith*?

Um arrepio percorreu a minha espinha. — Não se preocupe. Basta me ligar para a próxima vez, ok?

— Você está me dando seu número de telefone? — Ele me deu um sorriso provocante.

Não pude evitar meu próprio sorriso. — Eu acho que estou.

Ele pegou seu celular, digitando meu número enquanto eu o ditava.

— Quer o meu? — Ele ergueu as sobrancelhas e me olhou, seu rosto esperançoso.

— Claro. — Tirei meu próprio celular e digitei o número que ele recitou para mim.

— O seu namorado não está muito feliz com isto, — Shay disse, ainda sorrindo.

Eu olhei para o fundo da sala. Ren nos observava enquanto se encostava descontraidamente contra a mesa, segurando um par de tesouras. Eu nunca tinha visto uma ferramenta de sala de aula parecer tão perigosa.

— Aproveite seu laboratório, — murmurei, e me dirigi para o meu lugar do costume, querendo me chutar por ser tão abertamente amigável com Shay.

Quando cheguei à nossa mesa, Ren já se tinha ocupado preparando as coisas para o experimento do dia.

— Ei, Ren. — Eu mal podia ouvir-me sobre o meu pulso acelerado. Quando olhava para ele, tudo o que eu via era a minha cama. Tudo o que eu sentia era o calor do seu corpo junto ao meu. Tudo o que eu ouvia era a minha respiração superficial, enquanto as suas mãos se moviam sob o meu vestido.

Quando eu tentei lutar contra essas lembranças, imagens de Shay as substituíram. Eu não conseguia afastar a sensação de que tinha traído Ren de alguma forma imperdoável.

Mas esse pensamento provocou o meu temperamento, evocando imagens de todas as garotas que tinham alegremente aceitado beijos de Ren e mais. Ambos os impulsos convergiram violentamente dentro de mim, fazendo com que fosse impossível para mim olhar para ele.

Mas Ren não parecia inclinado a olhar para mim também.

— Calla. — Ele me cumprimentou com frieza. Pela primeira vez que eu podia lembrar, eu senti falta de meu muito-odiado apelido.

É isto que ele quer dizer com nenhuma pressão? Ou ele está chateado porque eu estava conversando com Shay? Deus, eu estou estragando tudo.

Eu reprimi o suspiro que brotou no meu peito e comecei procurando pelo meu manual do laboratório.

— Então eu vejo que você levou as ordens de Logan a sério. — O rosnado de Ren soou muito mais perto do que eu esperava. Quando me virei para encará-lo, eu quase pulei. Ele pairava sobre mim, seu corpo apenas a centímetros do meu.

Encolhi os ombros. — Ordens são ordens.

— Bem, isso deve fazê-lo feliz. — Ele colocou uma mão sobre a estação de laboratório, deslocando seu peso inquietamente, tão perto que o meu corpo poderia ter descansado na curva do seu, se eu apenas desse um passo em frente.

Tentei concentrar-me na conversa. — Logan? Sim, eu imagino que ele ficará satisfeito.

— Eu referia-me a Shay. — Ren olhou para a frente da sala.

Minha mente foi subitamente preenchida com lindas virgens consagradas jogadas em valas abertas, gritando enquanto terra era atirada em seus corpos ainda vivos. *Eu tenho que arrumar isto.*

Coloquei minha mão em seu pulso. Seu olhar deslizou de volta para mim, agora mais suave e curioso.

— Sobre a outra noite — *Eu sou uma fêmea alfa. Ele é o meu companheiro. Porque isto é tão difícil?*

Ele se endireitou, afastando-se. Meu estômago se apertou enquanto eu observava seu recuo.

— A senhora Foris disse que esta aula de laboratório ocupará todo o período, — ele disse. — Nós precisamos começar.

— Ren—Eu comecei, mas seu olhar de obsidiana me parou.

— Deixe isso para lá.

Eu avancei, agarrei o cotovelo dele, e virei-o de frente para mim.

— Ouça-me, Ren. Tudo está uma bagunça neste momento e tem sido difícil para todos nós. Como você disse.

Ele tentou se virar de novo, mas eu rosnei, mantendo-o preso. Um fino sorriso quebrou sua expressão de pedra.

—Você tem que saber... — Minha coragem vacilou por um momento, mas eu respirei fundo rapidamente e continuei, — Que eu não quero que você me deixe sozinha.

O alfa ficou tenso, seus olhos desconfiados, como se ele estivesse esperando pela minha próxima declaração. Quando nenhuma veio, ele cuidadosamente tirou seu braço dos meus dedos. — Eu vou manter isso em mente.

Realizamos nosso trabalho de laboratório designado em um silêncio desconfortável. No final da aula, eu estava miserável. Ren saiu da sala sem nem sequer um aceno.

Quando entrei na cafeteria, eu encontrei o clã Haldis reunido em torno de nossas duas mesas, uma vez mais, conversando alegremente. Dax, Fey, e Cosette se sentavam em grupo. O sênior musculado gesticulava freneticamente enquanto as duas garotas sorriam para ele. Bryn e Ansel estavam sentados um ao lado do outro em uma conversa tranquila, mas eu fiquei aliviada por ver que eles tinham conseguido reduzir seus olhares apaixonados pelo menos um pouco.

Eu tropecei nos meus próprios pés quando vi Sabine — sorrindo. Ela tinha se sentado junto de Mason e Neville. Mason estava demonstrando alguns usos questionáveis para uma banana, e os três explodiram em ataques de riso.

— Ei Cal, — Ansel disse quando me sentei ao lado dele. — Quer trocar uma maçã por uma laranja? Você pegou a última antes de eu embrulhar meu almoço.

— Claro.

Ele imediatamente começou a procurar no meu saco com o almoço.

— Você está se sentindo melhor, Cal? — Bryn perguntou. — Você realmente parecia estranha na primeira aula.

— Uh-huh. — Peguei meu bolinho de aveia de volta de Ansel. — Eu apenas não dormi bem. Estou bem.

Quando Ren se aproximou de nossas mesas, eu tirei meu sanduíche do saco com raiva, tentando me lembrar do que era o meu apetite. Eu tinha dado uma singela mordida na carne assada quando ouvi uma voz familiar.

— Oi pessoal. — Parecia que Shay estava bem atrás de mim. — Eu me perguntei se poderia me juntar a vocês.

A mordida do sanduíche ficou presa em minha garganta. Meus olhos lacrimejaram enquanto eu tossia. Ansel bateu nas minhas costas até eu conseguir respirar novamente.

Pigarreei, virando-me para encará-lo. *Não o faça, Shay. Não faça isto. Você não entende o que isto significa.*

— Você está bem? — Seu tom era sério, mas seus olhos estavam rindo.

— Você quer se sentar com a gente? — Com cada palavra da pergunta que saía da minha boca, minha descrença aumentava. Eu não tinha ideia do que ele estava tramando.

— Sim. Se não houver problema.

A conversa à mesa tinha cessado. Todos os jovens lobos olhavam silenciosamente para o garoto humano que corajoso ou louco o suficiente para entrar em seu espaço social. Eu olhei para as mesas dos Protetores do outro lado da cafeteria. Muito certo, Logan tinha empurrado seus óculos de sol para a testa para observar a conversa. Uma expressão preguiçosa, mas um pouco interessada pairava em seus olhos.

— Claro.

Eu pisquei com a velocidade com que Ren tinha coberto o espaço entre ele e Shay.

— Nós todos queremos conhecer você melhor, Shay. Por favor se junte a nós.

Nós queremos?

Ren deslizou na cadeira do outro lado de mim, puxando meu saco de almoço na sua frente. Um canto de sua boca se curvou em um sorriso.

— Calla, você se importaria de abrir mão de seu lugar para que Shay possa se sentar aqui?

Shay franziu o cenho. — Eu tenho certeza que posso encontrar uma cadeira a mais para trazer para aqui.

— Isso não é necessário. — A voz de Ren era gelada; mas ele manteve seus olhos em mim.

Eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas eu não queria pressioná-lo mais no que se tratava de Shay. Se eu tivesse que ficar de pé durante o almoço, que assim fosse. Empurrei minha cadeira na direção de Shay.

Dedos circularam o meu pulso. Minha cabeça girou para ver os olhos de Ren dançando com alegria sombria enquanto ele me puxava para ele como se estivesse festejando uma caçada especial.

— Então o que é o almoço? — Ele me puxou para o seu colo.

— Eu realmente podia pegar outra cadeira. — Eu podia ouvir a fúria nas palavras de Shay.

As íris de carvão de Ren brilhavam com um desafio e eu estava determinada a confrontá-lo.

— Não. — Eu lutei para manter minha voz firme. — Isto está bem.

— Realmente não parece muito...confortável.

Eu me virei e vi a mandíbula de Shay contrair enquanto ele observava os braços do alfa deslizarem em volta da minha cintura.

— Oh, eu estou achando muito confortável, — Ren ronronou. Minhas bochechas incendiaram quando seus lábios roçaram o meu pescoço. — Você não, Lily?

Shay se encolheu ao ouvir o apelido de Ren para mim. Foi preciso toda a minha força de vontade para não socar o alfa na mandíbula. Ele estava simplesmente sendo cruel.

— Está bem.

Olhei para Bryn, que esvoaçava seus cílios para mim. Ansel tinha um sorriso bobo estampado no rosto.

— Awww, olhem para isso. É simplesmente a coisa mais adorável que eu já vi. — Mason deixou cair o queixo nas mãos. — O que vocês dois andaram aprontando quando nós não estávamos por perto? Marotos, marotos.

Dax nos olhou, um grunhido de prazer retumbando em seu peito. Fey piscou para ele e lambeu os lábios. Nev levantou os olhos do caderno onde estava rabiscando, levantou uma sobrancelha, e depois voltou a escrever.

Bryn e Ansel estavam ambos fazendo caretas para mim. Mesmo Sabine riu. Cosette olhou para ela, mas se mexeu na cadeira e não conseguiu sorrir.

Derrotada, eu me encostei em Ren, cujos braços se apertaram em meu redor, me fazendo pensar em quão baixas suas mãos estavam na minha cintura, como seu toque começava incêndios em lugares que, até recentemente, eu quase não sabia que existiam. Então eu avistei a dor gravada no rosto de Shay.

— Cale-se, Mason.

Peguei minha laranja do meu almoço e a joguei contra ele. Ele riu enquanto a pegava no ar.

— Não ligue, Shay. — Mason lançou-lhe um sorriso. — Nós somos apenas um bando de animais selvagens.

— Sem brincadeira. — Dax flexionou os braços.

Um riso nervoso rolou pelo clã, mas Shay sorriu para Mason. — Eu notei, mas alguns de vocês são mais bem-educados do que outros.

Ele olhou para Ren, que retornou o olhar com igual malícia. Dax parou de sorrir e os lábios de Fey se arreganharam. Atirei-lhe um olhar de advertência quando vi seus caninos afiados. Ele me deu um duro olhar cinza mas escondeu seus dentes com os lábios.

— Bem, isto vai ser interessante. — Mason puxou algo prateado do bolso e jogou-o para Shay. Quando Shay abriu a palma da mão, um Hershey's Kiss³⁶ repousava em sua mão.

Mason piscou para ele. — Bem-vindo à mesa, cara. Espero que você sobreviva.

— Eu acho que vou conseguir. — Ele girou o chocolate embrulhado em papel de prata em seus dedos. — Obrigado por isto. Não há nada como um beijo realmente bom.

Sua boca curvou em um sorriso e ele me lançou um olhar de soslaio, fazendo meus dedos enrolarem.

— Você está certo. — Mason riu, recostando-se na cadeira. — Agora, então, para as apresentações...

³⁶ chocolate

Ele agarrou a mão de Nev, impedindo-o de continuar a escrever. —
Faça-o.

— Faço o quê? — Nev perguntou, parecendo irritado com a interrupção.

— A quintilha humorística. — Mason sorriu.

— De jeito nenhum. — Nev empurrou sua cadeira para trás.

— Vá lá, — Mason disse. — É ótima.

— Há uma quintilha humorística? — Shay olhou para Nev.

— Não é nada de especial. — Nev libertou sua mão.

— Nev é um poeta. — Mason tirou o caderno das mãos de Nev. Ele manteve-o fora do alcance de Nev, enquanto o outro garoto tentava agarrá-lo. — Esta é a sua coleção. Devemos lê-lo?

Nev apontou com a caneta para Mason como se fosse uma faca. — Se você mostrar isso para alguém, eu vou matar você.

— Assim que você recitar o poema, eu vou devolvê-lo. — Mason sentou-se em cima do caderno de Nev. — Eu sei que você o sabe de cor.

— Eu não sei porque sou bom para você, — Nev murmurou.

— Meu charme implacável, — disse Mason.

— Seu algo implacável, — Nev respondeu.

— Eu gostaria de ouvi-lo também, — Ren disse. Ele começou a acariciar a minha coxa. Seu cheiro era quente e reconfortante, mas seu toque me fez tremer. *Por favor, por favor não olhe para aqui, Shay.*

Nev largou sua caneta. — Tudo bem. Aqui vai:

As vidas de Ren e Cal podem ser tórridas

pois os jovens em Vail são bastante horríveis

Bine e Cos não são muito frágeis

Dax e Fey nunca temem

enquanto Ansel e Bryn podem ficar sórdidos.

Bryn cuspiu Diet Coke por toda a mesa. Mason e Ansel aplaudiram. Eu estava muito aturdida para reagir.

Isto é o que o tímido Nev faz em seu tempo livre?

— 'Bine'? — Sabine franziu a testa enquanto Cosette limpava a soda que fluía para a ponta da mesa delas. — Desde quando eu sou 'Bine'? E nós nunca chamamos Cosette de 'Cos'.

— É por causa da cadência, — Nev disse. — Sinto muito. Eu disse que não era muito bom.

— Porque você e Mason não estão nele? — Ansel perguntou.

— Oh, ele tem um outro sobre nós. — Mason balançou as sobrancelhas.

Nev empurrou-o para fora de sua cadeira, e Mason caiu no chão a rir.

— Foi ótimo, — Shay disse com um sorriso. — Você pode dizer isso de novo e eu vou tentar ligar os nomes aos rostos? Seria bom se vocês levantassem a mão quando Nev disser o vosso nome.

Nev olhou para Ren, que assentiu.

Com um pouco menos de relutância, Nev recitou o poema uma segunda vez. Cada um dos meus companheiros de clã levantou a mão quando o seu nome soou, exceto Sabine, que apenas bufou, e Fey e Dax, que mostraram o dedo a Shay quando foi a vez deles.

— Obrigado. — Shay arrastou a cadeira em direção a Bryn, agora sabendo onde seus prováveis aliados estavam sentados. Bryn sorriu para ele. Ansel colocou um punhado de fritos na frente do nosso convidado de almoço.

Shay devolveu o sorriso de Bryn, estalando um salgado de milho em sua boca.

— Calla me falou muito sobre você, — ele disse entre mastigadas.

— Ela falou? — Bryn me lançou um olhar assustado. Eu dei uma breve sacudida da minha cabeça e ela relaxou.

— É porque nós somos tão impressionantes. — Ansel fez-lhe o gesto do polegar para cima.

— Legal, irmãozinho, — murmurei. — Muito legal.

Ele corou e Bryn beijou sua bochecha. — Ignore-a. Nós somos impressionantes. Qual é a sua história, Shay?

— Não é bem uma história. — Ele olhou para mim e piscou. Eu encarei-o.

Se você piscar para mim novamente, eu serei forçada a arrancar suas pestanas.

— Eu sou um sênior, — ele disse. — Eu moro no Rowan Estate com o meu tio.

Houve um ofego coletivo em torno da mesa. Visões de corredores vazios e teias de aranha encheram a minha mente. Eu quase caí do colo de Ren, mas ele me pegou e me endireitou com uma risada. Mordi o lábio e olhei para Shay. Eu nunca tinha sequer pensado sobre onde ele estava vivendo em Vail, mas agora eu não podia acreditar no que eu estava ouvindo.

Deve haver algum engano. Isso é uma instituição, não um lar.

— Rowan Estate? — Ansel repetiu. — Eu pensava que isso era um museu ou algo assim. Você vive lá?

— Sim. Meu tio é o dono; ele apenas não vive lá com muita frequência. O seu trabalho faz com que ele tenha que viajar por todo o mundo. Eu praticamente controlo o funcionamento da casa, — ele disse. — Eu acho que ele o abre para passeios históricos quando não está lá a viver. Vocês seriam bem-vindos para ir visitar, se quiserem vê-lo. — Shay deu um sorriso brilhante a Ansel, que empalideceu.

— Isso é muito gentil, Shay, — eu disse. — Mas eu tenho certeza que seu tio preferiria manter uma multidão barulhenta como nós afastada de todas aquelas antiguidades de valor inestimável.

Eu nunca deixaria o meu irmão passar aquelas portas. Eu não desejo isso a ninguém.

— O que mais lhes convier. — Ele voltou sua atenção para o almoço, que tanto quanto eu podia ver era composto por quatro barras de granola e uma Sprite.

— Então como é viver lá? — Bryn descansou o queixo no ombro de Ansel. Eu sorri quando os olhos do meu irmão começaram a brilhar devido à sua proximidade.

Shay abriu sua Sprite. — Eu não posso reclamar sobre ser apertado. É gigantesco, opulento. Mas um tanto assustador, para ser honesto. Bosque, que é o meu tio, passa a maior parte do tempo fora em negócios, então eu passo lá muito tempo sozinho. Há pessoal que vem para limpar algumas vezes por semana. Há centenas de quartos.

Eu me mexi desconfortavelmente no colo de Ren, odiando a ideia de Shay sozinho em uma mansão enorme.

Shay baixou a voz, como se estivesse contando uma história de fantasmas. — É o tipo de lugar onde as sombras parecem seguir você.

— Sombras? — Ansel perguntou.

Eu balancei minha cabeça para Ansel, mas eu sabia que sua preocupação era a mesma que a minha.

Wraiths. O pensamento sombrio enviou um arrepio pelo meu corpo.

Ren virou o rosto para mim. — Você está bem?

Olhei para ele e minha respiração ficou presa na minha garganta. Nossos rostos estavam apenas a alguns centímetros de distância; eu podia ver

cada pequena mancha de prata em seus olhos, uma galáxia girando contra profundezas negras. Senti-me perdida na escuridão de veludo das suas íris.

— Calla, você está tremendo. Você está bem? — Sua voz preocupada sacudiu-me para fora do transe inebriante.

— Acabei se me lembrar que não terminei a minha leitura de hoje para a aula de Grandes Ideias. — Deslizei para fora do seu colo. — Eu tenho que me despachar.

Sem olhar para trás, para meus companheiros de clã, eu corri na direção do meu armário e mergulhei no banheiro feminino mais próximo. Eu não sabia porque o meu coração estava tão acelerado, nem por que eu me sentia tão ofegante. Tudo o que eu sabia era que eu não poderia estar mais nenhum momento equilibrada na corda bamba entre Ren e Shay na mesa de almoço.

Eu verifiquei todas as portas para me certificar de que estava sozinha. Elas estavam vazias. Voltei para uma das pias, abri a torneira da água fria, e me inclinei para respingar água no meu rosto.

A porta do banheiro se abriu.

Eu acho que dois segundos de privacidade valiam alguma coisa.

— Calla. — Uma mão forte agarrou meu ombro, me virando.

— Saia daqui! — Empurrei Ren para longe. — Este é o banheiro das garotas.

Ele sorriu. — Se alguém entrar, nós diremos que eu me perdi.

Eu fiz uma carranca, tentando enxugar o rosto com as costas da minha mão.

— Você está muito pálida, — ele disse. — O que está acontecendo?

Água ainda escorria de meu queixo para o meu pescoço. — Nada. Eu só tenho trabalho que não fiz a noite passada. Eu disse isso. — Fui para o distribuidor de toalhas de papel.

Um rosnado baixo começou em seu peito. — Boa tentativa. Você nunca se esquece do dever de casa.

Apanhada.

— Porque você me seguiu? — Virei a cara de volta para o espelho, fazendo um show para endireitar a blusa. — Eu disse que estava bem.

Um sorriso divertido pairava em seus lábios. — Você disse que não queria que eu te deixasse sozinha.

Joguei a toalha de papel amarrotada no cesto do lixo. — Por falar nisso, você se divertiu hoje?

Sua risada afiada ricocheteou nas paredes do banheiro. — Você se refere a ter você no meu colo ou ao olhar no rosto dele?

— Ele sabe sobre nós, Ren. — Encostei-me na pia. — Você não precisa ser cruel.

— Eu acho que posso julgar o seu nível de respeito pelo nosso relacionamento por mim mesmo. Você está ciente de como ele olha para você?

— Não seja bobo, — eu estalei, mas minhas bochechas ficaram quentes.

— Eu estou a falar completamente a sério, — ele disse calmamente. — Ele não tem medo de nós como os humanos deveriam ter. Eu vou tolerá-lo por causa das ordens dos Protetores, mas ele está testando os limites da minha paciência quando se trata de você.

Coloquei minhas mãos no seu peito. — Você está com ciúmes.

Ele não respondeu, mas em vez disso, cobriu minhas mãos com as suas, levando-as para a pia.

Arreganhei meus dentes para ele. — Quando eu disse que não queria que você me deixasse sozinha, eu não quis dizer em todos os momentos. Eu gostaria de estar sozinha agora. Esta não é a minha ideia de um ambiente romântico.

Ele balançou a cabeça. — Três coisas.

— O quê? — Franzi a testa.

— Primeiro: o que está realmente incomodando você? — As linhas de preocupação ao redor de seus olhos dissolveram a minha raiva.

— *Wraiths*. O que Shay disse sobre acreditar que as sombras os seguiam. Eu tenho medo que elas possam estar naquela casa, observando-o quando Bosque está longe. Ele não sabe sobre delas. — Estremeci. — É tão perigoso.

— Você está preocupada com ele. — Seus olhos brilharam com emoções muito rápidas para que eu pudesse seguir.

— Nós estamos falando de *wraiths*, — eu disse. — Claro que eu estou preocupada. Você sabe o que elas poderiam fazer com ele.

Não havia uso em mentir para ele sobre o meu instinto de proteger Shay. Eu não podia escondê-lo. Felizmente, já que também era uma ordem de Logan, eu não precisava fazê-lo. Pelo menos não ainda. A mandíbula de Ren se apertou e ele ficou em silêncio por um momento. Mas então ele pareceu tomar uma decisão, sua expressão conflituosa desaparecendo.

— É perigoso, se esse é realmente o caso. Mas nós não sabemos. Além disso, os Protetores querem Shay seguro. Parece improvável que eles fossem colocá-lo em perigo voluntariamente. Uma *wraith* não controlada iria atrás de qualquer humano.

Seu aperto nas minhas mãos relaxou. — Eu não me preocuparia. Ele é um garoto estranho. Provavelmente apenas imaginou as sombras.

— Espero que sim. — Olhei para a porta, preocupada que alguém entrasse e nos visse. — Três coisas?

— Segunda: Você gostaria de ir caçar comigo depois da escola? — Ele se inclinou mais perto, um canto de sua boca curvando para cima.

— Caçar?

— Há um bando de veados que está ficando muito grande no nosso lado da montanha.

Meus músculos se contraíram ansiosamente pelo convite, mas eu balancei a cabeça. — Obrigado, soa ótimo, mas eu não posso.

— Porque não? — Decepção cintilou em seu rosto.

Mordi o lábio e decidi ser honesta. Mais ou menos.

— Então, você sabe como Logan me pediu para passar mais tempo com Shay?

Ele não falou, mas eu ouvi a vibração, profunda e ameaçadora, em seu peito.

— Eu estou ajudando-o com a lição de casa todas as tardes.

O rosnado surgiu em palavras ferozes e afiadas. — Todas as tardes?

— Ordens são ordens, — eu ofereci sem jeito.

— Certo. — A nota derrotada em sua voz me fez estremecer.

— Qual é a terceira? — Eu perguntei, na esperança de me afastar deste tópico desconfortável.

O sorriso curvou seus lábios novamente.

— Terceira. — Uma de suas mãos envolveu o meu rosto e a outra deslizou pelas minhas costas. Ele puxou meu corpo contra o seu e meu coração acelerou. Tomei vantagem de minha mão livre e empurrei seu peito.

— Eu não penso assim, Lily, — ele disse. — Se você quer se livrar de mim, você terá que fazer melhor do que isso.

Arfei e tentei me contorcer para longe dele, mas ele me segurou firmemente no lugar, observando-me lutar. Ele sorriu enquanto me levantou para cima da pia.

— O que você está fazendo? — Comecei a entrar em pânico. — Alguém pode entrar!

— Se nos virem, eles apenas darão meia volta e sairão daqui, — ele murmurou, seus lábios tocando minha orelha. — Ninguém me trai.

Seus quadris pressionaram contra meus joelhos, abrindo-os, empurrando minha saia para cima nas minhas pernas. Segurei sua camiseta, agarrando-me a ele para não cair na pia. Sua mão empurrou a parte inferior das minhas costas. Eu ofeguei quando seu corpo se encaixou contra o meu. Calor inundou meu peito, minha pélvis. Eu pensei que iria afogar nele.

— Nós não podemos — Seus lábios pararam as minhas palavras. O beijo só me fez mais tonta. Enterrei meus dedos em seus ombros.

— Você disse que não queria ser deixada sozinha. — Sua língua lambeu minha bochecha. — Isto sou eu incomodando você.

— Você não está quebrando as regras? — Eu mal conseguia pronunciar as palavras. — E a união?

— Eu prefiro ter você em meus próprios termos. — Sua mão escorregou entre minhas coxas.

Toda a força fugiu de meus membros. — Eu não consigo respirar.

— Isso significa que você gosta. — Ele me beijou novamente.

Uma sombra a passar chamou a minha atenção. — Ren, espere, — eu sussurrei contra os seus lábios. — Eu acho—

A porta do banheiro se abriu.

— Oh, meu deus. — A enfermeira Flynn não parecia surpresa de forma nenhuma. — Estou interrompendo?

Ren praguejou em voz baixa. Essa era alguém que ele não podia ir contra. — Desculpe, Sra. Flynn. Eu estava saindo.

Eu corei quando ele reabotoou minha blusa. Eu nem tinha percebido que a blusa estava aberta. — Obrigado pela conversa, Lily. Vejo você na aula.

Ele se inclinou, escovando os lábios ao longo da minha testa, e então deu um sorriso vitorioso para a enfermeira Flynn enquanto saía do banheiro.

Eu apertei minhas pálpebras fechadas e cuidadosamente deslizei para fora da pia. De alguma forma eu consegui suportar o meu peso. Eu estava certa de que seria apenas uma poça no chão. Na escuridão da minha mente eu ainda podia sentir o abraço de Ren, mas depois a imagem borrou e em vez do alfa, Shay sorria para mim. *Eu não posso viver assim.*

Riso agudo e musical me trouxe de volta para o banheiro. A enfermeira Flynn andou na minha direção, deixando a porta do banheiro se fechar atrás dela.

— Pobre, pobre querida. Esperar deve ser tão difícil para você. Eu ouvi dizer que Renier é um amante requintado. Todas as Protetoras fofocam sobre ele – o jovem Guardião que assombra seus sonhos.

O sorriso em seus lábios vermelhos brilhantes era provocador e cruel. — Mas regras são regras. Ele é um macho alfa, por isso a sua...ansiedade pode ser desculpada. A sua, no entanto, é uma decepção.

Eu agarrei a pia quando o meu estômago deu uma guindada.

— Cuidado, garotinha. Ou eu vou dizer a Logan como a vossa união está progredindo um pouco bem demais. Você seria sábia em mantê-lo feliz. Essas pernas lindas que você tem devem ser fechadas até Samhain. — Com dedos delgados e brancos como giz, ela estendeu a mão e acariciou minha bochecha. — Eu vou desculpar o seu comportamento desta vez. Não vos afasteis de seu caminho.

Suas unhas cavaram em meu rosto, forte o suficiente para me fazer arfar, mas não o suficiente para quebrar a minha pele. Em zombaria pela ternura de Ren, ela se inclinou, pressionando os lábios contra a minha testa.

A gargalhada de Lana Flynn aumentou quando ela andou até à porta. Eu olhei para as suas costas. Quando ela se afastou de mim, eu pensei ter visto a corcova nas suas costas se contorcer.

 capítulo 18

Shay fechou o livro da biblioteca com força, dando-lhe um empurrão abrupto. Ele deslizou até a borda da mesa, batendo no chão com um baque surdo. Era a quinta vez que ele fazia isso desde que eu me tinha sentado ao seu lado às quatro da tarde.

— Você quer lutar agora ou está apenas tentando ver quantas lombadas você pode quebrar antes de ser chutado para fora da biblioteca?

Sua única resposta foi digitar ferozmente no teclado de seu notebook.

— Vá lá, Shay. Pare com isso.

Ele se recostou na cadeira. — Você honestamente não se importa de ser tratada desse jeito?

— Que jeito? — Eu perguntei.

— Como um pedaço de propriedade. — As veias em seu pescoço latejaram.

— As coisas não são assim. — Levantei-me e comecei a colocar novos livros na nossa mesa. — Você simplesmente não entende a nossa forma de interagir. Nós somos ambos alfas; estamos sempre desafiando um ao outro.

— Claro, — ele disse. Eu coloquei minha mão em cima do livro mais próximo a ele para que ele não pudesse jogá-lo para fora da mesa também. — E como exatamente é que você o desafia?

— Isso não é da sua conta. — Tirei os livros do seu alcance. — Além disso, nada disso teria acontecido se você não o tivesse provocado ao insistir em se sentar conosco hoje. Ren apenas respondeu à sua intromissão no território dele. O que você estava pensando?

— Veja, você admite isso! — ele disse. — Você acabou de se referir a si mesma como seu 'território'.

— É uma expressão, Shay, — repliquei. — E você não tem nada que estar agindo como a parte prejudicada aqui. Você não é inocente; você estava desafiando Ren sobre mim e você sabe disso.

Ele fez uma careta, dando atenção total ao seu computador.

— Olhe. — Enterrei as minhas mãos no meu cabelo. — Eu já te expliquei como as coisas são. Você não pode mudar isso.

— É aí que você está errada, — ele retrucou. — Por duas razões. Primeira — eu não sei como as coisas realmente são — apenas como você diz que têm que ser por causa das ordens dos seus Protetores. Eu não tenho ideia sobre como você realmente se sente sobre o seu pequeno casamento arranjado porque você não me diz.

Eu quase fiz com que os livros caíssem da mesa.

— Segunda — eu acho que isso pode mudar. — A determinação em seus olhos me apavorou.

— Você está errado e você precisa parar de insistir nisto. Os beijos, depois a mesa de almoço. Você não sabe como o que você está fazendo é perigoso. Ren já está com ciúmes.

— Você pediu pelo primeiro beijo e obviamente queria o segundo. — Ele se balançou para trás em sua cadeira. — Se ele está com ciúmes, isso é fantástico. Ele deve ter.

Peguei um livro, recuando para a minha cadeira. — Isso não é uma coisa boa. Ele é um alfa. Você está agindo como um intruso — um lobo solitário. Se ele achar que você está interferindo com o seu clã, seu instinto seria matá-lo.

Um sorriso altivo deslizou em sua boca. — Eu gostaria de vê-lo tentar.

Eu estava imediatamente ao seu lado, inclinando-me sobre ele, meus dedos se enterrando em seus ombros. — Você ficou completamente louco? Ren é um Guardião; você nunca poderia lutar contra ele.

— Fiquei louco? — ele murmurou. — Sim, às vezes eu acho que sim.

Ele ergueu a mão e tocou o meu rosto hesitantemente. Seus dedos se arrastaram pela minha bochecha e depois se moveram gentilmente sobre os meus lábios.

— Eu nunca me senti assim por ninguém antes.

Eu também não. Meus lábios se entreabriram sob o seu toque. *Eu não sabia que me podia sentir deste jeito.*

Quando Ren me tocava, era como ser varrida por um tornado de sensações, jogando o meu corpo em um abandono selvagem, com nenhum controle. A carícia suave de Shay era diferente e de alguma forma mais viciante. A forma como seus dedos se demoraram em minha boca parecia acender uma chama que queimava lentamente, construindo calor, se espalhando pelo meu rosto, meu pescoço, e finalmente consumindo cada centímetro da minha pele com um fogo tão intenso que eu não achava que

ele alguma vez pudesse ser saciado. Eu sabia que se ficasse nem que fosse mais um momento, eu ia deixá-lo me beijar de novo. Ou eu iria beijá-lo. Voltei para o meu lugar, puxei meus joelhos contra o peito, e esperei que ele não visse que eu estava tremendo.

— Eu pedi-lhe para não fazer isso, — eu disse. — Eu não quero ser enterrada viva. E eu não acho que flagelação pública é o que você procura também.

Ele abriu a boca como se fosse protestar, mas depois encolheu os ombros.

— Tudo bem. Mas se você puder tolerar a minha presença, então eu gostaria de continuar a sentar-me com vocês ao almoço. Eu realmente me diverti depois de você e Ren se irem embora. Eu gosto de seus amigos — seu clã — Ansel e Bryn são ótimos. E Mason, bem, eu nunca conheci ninguém como ele. Ele é fantástico.

Eu não falei, mas assenti.

— Neville não diz muito, mas sempre que ele o faz, é brilhante. O grandalhão, Dax, e as duas meninas maldosas, Sabine e Fey, eles são um pouco assustadores, mas ainda interessantes, — ele meditou.

— Dax é o beta de Ren, como Bryn é a minha, — eu disse. — Dax, Sabine, e Fey apenas estão reagindo a você da mesma forma que Ren. Você

não teve medo de desafiar o seu alfa. Isso fê-los imediatamente defensivos. Sem mencionar que em um humano, esse tipo de comportamento é inédito. O clã basicamente pensa que você é louco. Não fique surpreso se eles estiverem fazendo apostas sobre quanto tempo será até que Ren rasgue a sua garganta.

— Bem, eu já não me encaixo exatamente com os humanos, — ele disse. — Não que eu o tenha feito alguma vez.

Ele afastou o olhar. — Essa é a verdadeira razão pela qual eu pedi para começar a almoçar com vocês.

Meu peito contraiu enquanto eu pensava sobre como a vida de Shay deve ter sido solitária, provavelmente mais agora do que nunca.

— Você ainda pode sentar-se connosco. O clã deve tomar conta de você de qualquer forma. Apenas tenha cuidado. Se você não provocar o Ren, ele não vai atacar de volta, como ele fez hoje.

— Você sabe, você está sempre a falar sobre como vocês são fortes — os Guardiões, quero dizer, — Shay meditou. — Eu não entendo porque vocês simplesmente não revidam.

— Revidamos? — Franzi a testa para ele. — Contra quem?

— Os Protetores. Eu não sei o que aconteceu que fez você querer ler este livro, mas você disse que recebeu ordens de que não gostou. Porque você segue ordens, em primeiro lugar?

— É nosso dever. O trabalho que fazemos é sagrado. — Enfiei minhas pernas debaixo de mim. — E nós somos recompensados. Os Protetores fornecem-nos todo o conforto. Casas, carros, dinheiro, educação. Tudo o que pedimos, nos é dado.

— Exceto a vossa liberdade, — Shay murmurou, eu atirei-lhe um olhar zangado. — Então, o que aconteceria se você se recusasse a seguir uma ordem?

— Isso nunca acontece, — eu respondi. — Como eu disse, nosso dever é sagrado. Porque nos recusaríamos?

— Em teoria? — Ele me olhou com firmeza. — Quero dizer, parece que vocês são mais fortes do que os Protetores.

— Fisicamente mais fortes, sim. — Minha voz sumiu como se dedos gelados rastejassem sobre a minha pele.

— Shay, quando você disse que achava que sombras te seguiam em Rowan Estate, — eu disse. — Você quis dizer literalmente?

— Como é que uma sombra poderia me seguir literalmente? — Ele apontou para um texto de história medieval e eu deslizei-o para ele. — Quero dizer, além da minha.

— Você viu sombras, formas escuras que parecem não estar ligadas a objetos normais na casa, se movendo – por cima de você, ao seu lado? — Eu tentei manter a minha voz firme.

— Não. É realmente apenas uma mansão velha e assustadora. — Ele abriu o livro. — Porque você está me perguntando isso?

— Nós não podemos lutar contra os Protetores, porque eles não lutariam sozinhos, — eu disse.

Ele olhou para cima. — O quê?

— Os Protetores têm outros aliados, não apenas Guardiões, — eu disse. — Nós servimos como seus soldados, e protegemos os locais sagrados. Mas as bruxas contam com as *wraiths* para atuar como seus guardas pessoais.

— *Wraiths*? — Eu podia ver o medo nascer abruptamente em seus olhos.

Assenti. — Guardas de sombra. Eles não são deste mundo. Os Protetores podem convocá-los à vontade. Nada pode lutar contra uma

wraith, e elas apenas podem ser controladas pelos Protetores. Se, em teoria, um Guardião desobedecer a uma ordem... — Minha voz tremeu. — Ou se eles soubessem que eu estava aqui com você e este livro, uma *wraith* seria mandada para lidar com a situação.

— Eu vejo, — ele disse lentamente. — E você pensou que poderia haver *wraiths* na casa do meu tio?

— Eu pensei que era possível que Bosque as tivesse convocado para te guardar enquanto ele estava fora. Mas seria arriscado; sem um Protetor lá as *wraiths* poderiam agir de forma imprevisível. Você estaria em perigo. Eu estava preocupada. — Torci os dedos nervosamente.

— Tudo bem. — Ele balançou os ombros, como se afastasse pensamentos desagradáveis. — Se você está arriscando sua vida, podemos bem ter a certeza que vale a pena. Vamos voltar ao trabalho.

Atirei-lhe um sorriso agradecido. — Combinado.

— Eu acho que posso ter encontrado algo interessante. — Ele puxou o livro do Protetor para a sua frente, folheando-o até chegar às primeiras páginas.

Inclinei-me para a frente mas depois endureci e me sentei. Meus olhos deslizaram para as estantes altas que nos rodeavam.

— O que está errado? — Shay perguntou.

Eu esperei e ouvi. Nada.

— Eu pensei ter ouvido alguém nas estantes. — Balancei a cabeça.
— Não se preocupe. O que você encontrou?

— De acordo com a história que você aprendeu, quando é que a Guerra das Bruxas começou?

Franzi a testa. — Antes que as pessoas até mesmo gravassem história. Como eu disse, os Protetores são terrenos e ao mesmo tempo divinos, muito mais velhos que o mundo que conhecemos.

— Não de acordo com o livro. — Ele passou o dedo sobre uma passagem.

— O quê? — Me endireitei.

— De acordo com este texto a primeira batalha da Guerra das Bruxas teve lugar no final da Idade Média, por volta de 1400, — ele disse.

— Isso não pode estar certo, — eu disse.

— Você quer que eu leia?

Assenti.

Ele alisou a página de anotações na sua frente. — Anno Domini 1400: Com o Surgimento do Prenúncio e o despertar do nosso poder começou a grande separação e os julgamentos do nosso povo. — Ele fez uma pausa. —Alguma coisa familiar?

— Nem um pouco.

— Isso é muito ruim, — ele disse, deixando a capa do livro se fechar. — Eu esperava que o Surgimento do Prenúncio te dissesse qualquer coisa. Soa intrigante.

— Eu não tenho ideia do que é o Prenúncio, — eu disse. — Ou o Despertar do Poder.

— Eu acho que significa que os Protetores receberam a sua magia em 1400.

— Isso não faz qualquer sentido. — Virei as suas anotações para mim. — Os Protetores não receberam a sua magia; eles sempre possuíram grande poder.

— A não ser... — Ele arrastou a cadeira para trás uma polegada.

Olhei para ele com cautela. — A não ser que o quê?

— A não ser que a história que eles te contaram não seja verdade.

— Porque eles inventariam sua história de origem? — Eu perguntei.

Ele pareceu aliviado por eu não o ter atacado. — Eu não sei. Diga-me você.

— Eu não faço ideia, — disse. — A história que eu te contei é a única que eu sei — que qualquer um de nós sabe.

— Eu acho que não há muito para seguir a partir daqui, então. — Ele suspirou.

Eu senti o cheiro um momento antes de algo tremular na minha visão periférica.

— Calla! — Shay gritou, mas eu tinha ouvido o zumbido da flecha da besta e me espalmei contra a minha cadeira. A flecha se alojou em uma lombada de um livro na estante que tinha estado ao nível do meu peito um

momento antes. Eu deslizei para o chão, rolando a tempo de ver o Rastreador mirar novamente.

— Não! — Shay gritou, pulando em cima da mesa e lançando-se na frente do estranho. O Rastreador grunhiu quando Shay bateu contra ele, seus corpos emaranhados caindo no chão.

— Shay, não! Apenas saia daqui! — Mudei para a forma de lobo, meus músculos tensos.

— Aqui, garota lobo. — Virei-me para ver outro Rastreador emergir das estantes, uma espada em cada mão. As lâminas brilharam enquanto giravam em uma rajada de golpes letais.

Olhei para Shay, ainda preso em combate, e depois novamente para o meu novo adversário. Ambos os Rastreadores eram homens jovens, não mais do que 25 anos, e eles pareciam estar sozinhos. Mesmo assim, eles pareciam mortais: rostos duros, ásperos com as sombras da falta de barbear, ninhos emaranhados de cabelo, e uma febre desesperada em seus olhos. Recuei contra a estante de livros, rosnando.

Shay lutou com o outro Rastreador. Eles lutaram no chão, cada um procurando vantagem. O Rastreador murmurou algo ininteligível, cerrando os dentes enquanto tentava dominar Shay, mas ele não pegou em uma arma.

— Vamos lá, garoto, — ele assobiou. — Facilite isso. Eu não vou te machucar. Apenas me dê uma chance para explicar. Connor, venha aqui e me dê uma mão!

Shay respondeu com um soco na mandíbula do Rastreador. E depois outro no seu rosto.

— Eu estou falando sério, garoto. — O estranho cuspiu sangue, com voz grossa e subitamente nasal, e eu deduzi que Shay tinha quebrado o seu nariz. — Nós estamos aqui para te ajudar.

— Pare de enrolar, Ethan, não há tempo para ser falador. Revide. Uma pancada na cabeça não vai matá-lo. — Os olhos de Connor deslizaram para mim por um segundo e eu me joguei para a frente, deslizando ao longo do piso de madeira sob o golpe das lâminas afiadas.

Connor xingou, voltando-se para me acompanhar, mas eu corri em volta da mesa na direção de Shay. Ethan jogou o braço para cima para que a minha mandíbula agarrasse em torno do seu bíceps em vez de sua garganta. Ele gritou, tentando tirar o braço da minha boca, mas eu cavei minhas presas mais fundo e puxei contra ele. Shay ficou de pé e correu para o outro lado da estante.

— Largue-o, cadela! — Connor gritou.

Eu pulei para longe de Ethan quando Connor pulou para nós. Sua velocidade adquirida fez com que ele caísse duro em cima de seu companheiro. Ethan gritou, mas o som foi cortado quando o ar foi expulso de seus pulmões.

— Corra, Calla! — Shay gritou. Eu me desviei para o lado e uma avalanche de livros caiu sobre os dois Rastreadores. Uma corrente de ar passou pelo meu pêlo enquanto as prateleiras se esmagavam contra o chão, a centímetros do meu corpo.

Olhei para cima para ver Shay de pé na frente da seguinte linha de estantes. Mudei de forma, corri para ele, e balancei a cabeça quando vislumbrei o sorriso em seu rosto.

— Você está machucado? — Meus olhos percorreram-no.

— O quê? Nem um beijo? — Ele apontou para a pilha imóvel de livros, madeira, e Rastreadores. — Eu sou um herói.

— Você é impossível, — eu disse.

— Só estou tentando provar que sou tão digno como o seu garoto lobo, — ele disse. — Vamos pegar o livro e dar o fora daqui.

Shay deu dois saltos sobre toda a confusão, jogou o livro do Protetor na mochila, enfiou o braço na alça da minha bolsa, e correu de volta para mim.

Olhei para os destroços de livros e vi membros espreitando; um dos dedos dos Rastreadores se contraiu.

— Eu realmente devia matá-los, — murmurei.

— Eu não acho que isso seria boa ideia, — Shay disse, sacudindo o polegar na direção da área principal da biblioteca. — Estamos prestes a ter audiência.

— Houve um ruído horrível um momento atrás. Veio daqui de trás. — Um senhor assustado apareceu virando a esquina com a bibliotecária de referências em reboque.

— Oh meu Deus! — O senhor deixou cair os seus óculos de leitura. — Será que há alguém preso debaixo de tudo isso?"

— Ligue para o 911! Vocês dois viram o que aconteceu? — A bibliotecária apertou o peito e eu me preocupei que ela pudesse estar a ter um ataque cardíaco. — Vocês sabem quem é?

O senhor tinha retirado um celular mas olhava para o monte de livros de bolso e capa dura em muda descrença. A bibliotecária pegou o celular de sua mão e começou a socar os botões e a resmungar. Nenhum ataque cardíaco, apenas uma rainha do drama.

— Não, senhora, — Shay disse em uma voz séria, oferecendo grandes olhos inocentes. — Nós só precisávamos de um lugar tranquilo para estudar. Não funcionou muito bem.

Eu não consegui parar o sorriso que curvou a minha boca quando peguei sua mão e saímos correndo da biblioteca.

 capítulo 19

Lua de Sangue. Samhain. Lua de Sangue. Eu me dirigi para a aula, incapaz de pensar em qualquer outra coisa. Estavam tão perto agora, e eu me senti mais insegura do que nunca sobre qualquer um deles.

Quando entrei em Química Orgânica, Ren sorriu abertamente.

— Lily.

Eu não pude resistir ao desafio em seus olhos. Chutei sua canela, e ele saiu do caminho.

Enquanto montávamos nosso laboratório, eu olhei para o alfa. — Ren, o que você sabe sobre o Samhain?

Ele colocou uma expressão muito pensativa e vagou em minha direção. — Vamos ver, é o meu aniversário e o teu. Mas, claro, você já sabe disso.

Corei quando ele parou atrás de mim, envolvendo minha cintura com os braços.

Seus lábios roçaram na minha orelha. — Creio que a resposta que não me vai colocar em problemas com você é: o dia mais feliz da minha vida. Ou algo desse gênero. Definitivamente não é o fim dos meus dias sem preocupações, ou quando eu receberei uma bola e corrente. Hummm, eu acabei de perceber que vou ter que te comprar presentes de aniversário e de casamento ao mesmo tempo. Que aborrecimento.

— Oh, por favor. — Empurrei-o com golpes afiados dos meus cotovelos.

Seu sorriso continuou travesso enquanto ele se esgueirava de volta à mesa e começava a medir folhas de chá. Abri o meu livro.

— Então, nós temos que extrair a cafeína do chá?

— Parece que sim. — Ele retirou uma balança.

Entreguei-lhe uma proveta e brinquei com as pregas da minha saia. As dobras continuavam a ondular contra os meus joelhos de um modo perturbador. Era uma das adições de Naomi ao meu guarda-roupa. Eu rapidamente decidi que odiava a saia.

— Eu estava falando sério. Samhain. Você sabe alguma coisa sobre os ritos?

— Nada além da mesmice, — disse ele. — Mundo espiritual, véus mais finos, blá, blá, blá. — Ignorei sua piscadela. — Mas o meu pai disse que é uma noite perigosa, que os espíritos são imprevisíveis quando têm tanto poder.

Estremeci, me perguntando que tipo de espíritos poderiam estar presentes na união.

Ele pegou o carbonato de cálcio.

— Foi nesse dia que a minha mãe morreu, — ele disse baixinho.

Congelei no meio da minha tentativa de acender o bico de Bunsen. Ren permaneceu focado no laboratório. Para além da sua mandíbula apertada, ele não dava qualquer indicação de angústia.

— Sua mãe foi morta em Samhain? — Eu ofeguei a pergunta, estupefata. Eu não tinha ideia de que a nossa união tinha sido arranjada para acontecer no aniversário do assassinato de Corinne Laroche.

Ele manteve seus olhos na balança. — Foi uma emboscada dos Rastreadores... Você sabe a história. Um ataque bem sucedido não ocorre desde então.

Eu sabia a história; todos os jovens lobos sabiam. Era material de lendas. Os Rastreadores tinham atacado o complexo dos Bane no lado oeste da montanha. A emboscada ocorreu antes do amanhecer, enquanto Corinne estava em casa com o seu filho recém-nascido. Vários Guardiões Bane, incluindo a mãe de Ren, haviam sido mortos antes que os Protetores percebessem o que estava acontecendo. O contra-ataque contra os Rastreadores tinha sido brutal: os Protetores travaram uma campanha de seis meses para procurar e destruir os insurgentes, que eles tinham descoberto em vários campos perto de Boulder. Antes do incidente fora do Éden ocorrer, o ataque dos Rastreadores contra os Banes tinha sido o último grande golpe na região.

Eu senti arrepios subindo nos meus braços.

Ren olhou para mim e sorriu quando viu que eu estava tremendo. — Está tudo bem, Calla. Eu mal me lembro dela. E o meu trabalho é matar as pessoas que a levaram. Não é um negócio ruim. Isso é justiça, de uma forma.

Eu mordi meu lábio, esperando que ele continuasse.

— Porque você está tentando arruinar a grande surpresa? — Seu tom alegre me surpreendeu. — Eu pensei que você fosse fã das regras dos Protetores.

— Seria bom saber *alguma coisa* sobre o que devemos fazer, — murmurei,

Ele apontou para o Bico de Bunsen. — Você vai acender isso? Nós temos que aquecer isto durante vinte minutos, — ele olhou para o seu livro — enquanto agitamos.

— Sim. Desculpe. — Peguei o isqueiro, apressando-me para acender a chama.

— Você quer mexer? — Ele colocou a proveta sobre a rede metálica.

— Claro, — eu disse. Ele me entregou uma vareta de vidro.

Mexer provou-se bastante aborrecido. Suspirei, inclinando-me contra a estação de laboratório. Ren estendeu a mão para pegar uma das muitas pregas da minha saia entre seus dedos.

— Esta saia meio que parece um acordeão. — Ele riu. — Não que não fique linda em você.

— Obrigado, — eu respondi secamente. — Eu acredito que elas são realmente chamadas de 'pregas de acordeão'. Pelo menos é o que minha mãe me diz.

— Então, eu estive pensando sobre como nós supostamente estamos namorando oficialmente agora.

— O que tem?

— Você gostaria de jantar comigo?

— Você quer dizer ir a um encontro? — Eu me concentrei em mexer em vez de no meu coração subitamente acelerado. — Quando?

— Antes da união. Jante comigo e eu vou te levar ao Lua de Sangue durante duas horas antes de irmos para a cerimônia. — Seus dedos se moveram das pregas para a barra da minha blusa, sua mão deslizando sob a caxemira azul pálida para acariciar a pele da parte inferior das minhas costas

Ofeguei, peguei seu pulso com os dedos, e afastei sua mão de sua exploração provocante.

— Estamos em aula, — eu assobieei para ele através de dentes cerrados.

Olhei ao redor e percebi que vários pares de olhos me evitaram rapidamente. Ashley Rice manteve seu olhar em mim. Eu não conseguia olhar na direção de Shay.

Sorrindo, Ren tentou libertar a mão do meu aperto feroz. — Você deveria estar mexendo.

— Comporte-se. — Libertei seu pulso, dando-lhe um último aperto de advertência e voltei para a minha tarefa.

— Não é provável, — ele respondeu, mas contentou-se em agarrar a minha mão livre. Um brilho quente se propagou desde os meus dedos até ao topo da minha cabeça.

— Então você gostaria de jantar e ir ao baile? Eu pensei que seria bom termos algum tempo sozinhos. — Seu polegar acariciou as costas da minha mão e os meus joelhos fraquejaram.

Pigarreei. — Sozinhos?

— Sim, — ele disse. — Eu tive que viver com Dax como parceiro de caça depois de você me rejeitar. Embora eu não possa dizer que a caça em si foi decepcionante, ele abateu um veado de doze chifres sozinho.

Levantei uma sobrancelha. — Isso é impressionante.

— Definitivamente, — ele disse. — Mas ao mesmo tempo, Dax não era o parceiro que eu queria. Você tem estado tão ocupada cuidando do garoto de Logan que eu não tenho passado nenhum tempo com você.

— Seja legal.

— Eu apenas acho que merecemos um encontro a sério, você não?

— Eu suponho que sim. — Eu podia ouvir a tensão em minha própria voz; eu já estava antecipando a reação de Shay a este desenvolvimento.

— Você não gostaria disso? — O tom brincalhão em sua voz começou a desaparecer.

Procurei uma resposta. — Não. Quero dizer — sim, eu gostaria de jantar com você. Eu estou simplesmente surpreendida. Eu pensei que todo o clã iria à cerimônia junto.

Ele se inclinou para mim, murmurando, — Eu acho que um-a-um soa melhor, você não?

Seus dentes pegaram minha orelha suavemente. Todos os meus músculos viraram líquido. Eu larguei a vareta para mexer e agarrei a borda da mesa para não entrar em colapso.

Ren enrijeceu em alarme. — Você está bem?

Eu só assenti, não confiando em mim mesma para falar. Ele sorriu, voltando ao livro. — Ok, o que é a seguir? Nós deveríamos ter uma gaze. Onde está a nossa gaze?

Ele procurou na mesa enquanto eu tentava lembrar como respirar.

Mantive uma distância segura do alfa durante o resto da aula de laboratório. Ele estava em um humor perigosamente brincalhão, e minhas reações à sua atenção eram irregulares o suficiente para que eu me preocupasse com ele me assustar e eu derramar líquido inflamável e botar fogo em toda a nossa estação.

Quando eu estava saindo da sala para pegar o meu almoço do armário, Shay começou a andar ao meu lado.

Olhei para ele. — Você vai comigo para o refeitório?

Ele chutou uma lata de Coca-Cola descartada, enviando-a para o fundo do corredor a fazer barulho. — Ren estava amigável hoje, não estava?

Ótimo. — Você não tem que prestar atenção em nós toda a aula de química.

— Eu não tinha que prestar atenção para perceber. — Ele fez um som raivoso. — Ele estava completamente em cima de você.

Corei. — A Sra. Foris não disse nada, por isso você está exagerando.

— A Sra. Foris nunca diria nada. Ela morre de medo de vocês dois.

Encolhi os ombros. Ele estava absolutamente certo.

Um silêncio constrangedor desceu sobre nós enquanto andávamos até o meu armário. Fiquei aliviada quando Shay finalmente falou.

— Você quer ir a um café ou algo assim esta noite? Presumo que a biblioteca esteja fora de questão.

— Definitivamente fora de questão, — eu disse. — Mas eu não posso tomar café.

— Porque não?

— Minha mãe está tendo uma coisa, — eu murmurei. — Algumas coisas da união que eu tenho que fazer.

— Oh. — Ele se encostou ao armário junto ao meu enquanto eu procurava o meu almoço. — Que tipo de coisas?

Eu queria rastejar dentro do meu armário e me esconder. — Coisas de garota.

— Parece fascinante, — eu o ouvi dizer, embora tenha enterrado a cabeça no meu casaco.

Eu parei de imitar um avestruz e agarrei o meu saco de almoço. — Ok. Vamos comer.

Shay caminhou ao meu lado, cantarolando 'Aqui vem a noiva', até que eu o soquei no rim.

 capítulo 20

— Ow! — Me afastei dos dedos com alfinetes de Sabine. Era a terceira vez que ela me picava e eu estava convencida de que ela estava fazendo isso de propósito.

— Desculpe, — Sabine disse, não parecendo minimamente arrependida.

— Calla, você deve manter-se quieta, — minha mãe murmurou. — Sabine, seja mais cuidadosa.

— Sim, Naomi, — ela respondeu, inclinando a cabeça, mas eu vi seu sorriso. Se eu não estivesse coberta por um tecido super pesado, eu a teria chutado.

Bryn estava na minha frente, avaliando o progresso do vestido. — Eu acho que precisa ser reunido aqui. — Ela apontou para o meu ombro esquerdo.

Minha mãe se levantou. — Bom olho, Bryn. Sabine, vamos precisar de mais alfinetes aqui.

Eu agarrei o ombro de Sabine. — Se você me picar mais uma vez, eu vou fazer da sua cabeça a minha almofada para alfinetes pessoal.

— Calla, não é assim que uma senhora deve se dirigir aos seus inferiores, — minha mãe estalou. — Cosette, como está a bainha?

— Quase feita, — Cosette disse de algum lugar embaixo de mim. Eu não conseguia vê-la debaixo de tantas camadas de tafetá.

— Droga, Sabine! — Esfreguei o novo lugar da picada no meu ombro. — Se eu sangrar sobre todo este vestido, você vai se arrepender.

— Eu não estou rompendo a pele. — Sabine não escondeu o seu sorriso.

— Você provavelmente vai acabar com sangue sobre ele todo de qualquer jeito, — Fey disse desde o canto onde ela se tinha enfiado. Ela tinha ficado tão longe da atividade de confecção quanto pôde, agindo como se tocar seda a pudesse infectar com o vírus princesa bonita.

Minha mãe arreganhou as presas para ela. — Fey!

Eu balancei sobre o pedestal que a minha mãe tinha trazido para o meu quarto para a prova do vestido. Bryn segurou minha cintura para não me deixar cair.

— Ow, — eu disse fracamente quando mais alfinetes se enfiaram na minha pele.

— Desculpe, — disse ela, soltando seu aperto.

— Do que ela está falando? — Olhei para a minha mãe, que estava balançando a cabeça.

— Como você sabe sobre a cerimônia? — Ela olhou para Fey novamente.

— Desculpe, senhora. — Fey olhou pela janela do meu quarto. — Dax ouviu Emile falando sobre isso com Efron.

— Dax devia aprender a ser mais discreto, — minha mãe disse.

Bryn permaneceu onde estava, vendo que eu ainda estava instável.

— Mãe, por favor, — eu murmurei. — Você não me pode dizer nada?

Minha mãe passou a língua nos lábios, olhando para as garotas ansiosas na sala.

— Eu posso dizer um pouco, — ela disse silenciosamente. — E eu asseguro, não haverá sangue sobre este vestido.

Comecei a respirar novamente. — Ah, que bom.

— Porque você vai ser um lobo quando fizer a matança, — ela completou.

— Matança? — Eu peguei meu reflexo no espelho alto. Eu parecia uma das esposas de Henrique VIII, a quem tinha sido dito que em breve seria substituída.

— Vamos, Cal. — Fey agarrou um urso de pelúcia esfarrapado da minha cômoda, e eu me preocupei que ela rasgasse sua cabeça. — Essa matança provavelmente vai ser a única parte divertida da noite.

— Até que Ren a leve para a cama, — Sabine ronronou.

A risada de Fey foi como um rugido. Até as risadinhas abafadas de Cosette flutuaram até mim sob as camadas de tecido.

— Cale-se, Sabine. — Bryn chutou-a e eu sorri.

— Honestamente, garotas. — Minha mãe colocou as mãos nos quadris. — Vocês estão agindo como bárbaros.

Ela estendeu os braços e segurou meu rosto em suas mãos. — Calla, a cerimônia é linda. Nós vamos esperar por você no bosque sagrado— com exceção de Bryn, que te vai guiar até ao local do ritual. Ela vai te deixar sozinha. Tambores convocarão os espíritos da floresta, e a música do guerreiro é a última coisa que você vai ouvir antes de ser chamada para se juntar a nós.

— Quem me chama?

— Você saberá, — ela murmurou, sorrindo. — Eu não quero contar tudo. O mistério do ritual é o que o torna especial.

Especial? Olhei em seus olhos enevoados, não me sentindo especial, apenas ansiosa. — E a matança? — *Era sobre isto que os meus pais estavam preocupados.*

Ela tirou as mãos do meu rosto, dobrando-as na sua frente. — É uma prova, uma demonstração pública de como você e Ren têm a habilidade mútua para liderar o clã.

— Vamos caçar juntos? — Eu não conseguia imaginar isso funcionando. — E os Protetores vão assistir?

— A sua presa será apresentada no final da cerimônia, — ela disse, alisando a frente do meu vestido. Eu estremeci quando outro alfinete me picou.

— Qual é a presa? — Bryn pegou minha mão, seus próprios dedos tremendo.

— Você não sabe até àquela noite, — minha mãe disse. — A surpresa é parte do desafio.

— O que foi quando você se uniu a Stephen? — Sabine perguntou. Eu fiquei surpresa ao ver seus dedos firmemente apertados juntos, como se a notícia sobre a matança a assustasse tanto quanto a mim.

Minha mãe andou até à penteadeira e pegou uma escova. Ela estava silenciosa quando veio para trás de mim e começou a passar a escova pelo meu cabelo.

Quando eu estava certa de que ela não nos diria, ela disse, — Um Rastreador. Um que tínhamos capturado.

— Oh, — eu disse. O rosto do Rastreador com que eu tinha lutado fora do Éden piscando na minha mente. Eu me lembrei dos seus gritos no escritório de Efron. *Ele podia estar vivo ainda? Os Protetores tirá-lo-iam de alguma prisão secreta para jogá-lo aos nossos pés na cerimônia?*

Um zumbido veio da minha cama. Fey cavou sob uma pilha de crinolina, até que ela descobriu o meu celular. — Devo responder?

— Quem é?

Ela olhou para a tela. — Shay.

A escova parou a meio do movimento. — Quem é Shay? — minha mãe perguntou.

— O garoto humano de quem estamos tomando conta³⁷ para Logan. — Fey jogou o telefone para mim.

— Mãe! — Eu gemi, mal conseguindo pegar o meu celular quando ela puxou um punhado do meu cabelo.

Eu ouvi a escova atingir o chão e, no momento seguinte, minha mãe estava diante de mim. Seu rosto estava mais pálido do que os lençóis amarrotados na minha cama. — O humano dos Protetores está ligando para você? Porquê?

— Você sabe sobre Shay? — O telefone ainda estava vibrando na minha mão.

³⁷ ela aqui usa a palavra 'babysitting', mas achei que ficava melhor assim.

— Eu— — Ela se agachou, apanhando a escova. — Eu posso ter ouvido algo de Lumine. Eu não sabia o nome do garoto.

— O que Lumine disse sobre ele? — Eu observei enquanto ela se ocupava a arrumar a minha mesa de cabeceira.

— Não é importante. — Ela não olhou para cima. — Eu não sabia que vocês estavam em termos familiares.

— Muito familiares, — Sabine murmurou.

— O que você quer dizer? — Minha mãe olhou para ela e depois para mim. — Você está confraternizando com outros jovens que não Ren? Isso é uma vergonha!

Eu tentei chutar Sabine e teria caído se Bryn não tivesse me pegado.

— Claro que ela não está, Naomi, — Bryn disse. — Logan pediu a Calla para vigiar Shay. Mantê-lo seguro.

O rosto da minha mãe ficou ainda mais pálido. — Porque ele—

Ela se calou e começou a afofar os travesseiros. Olhei para o meu telefone vibrante, sem saber o que fazer.

— Naomi, você não disse que teríamos sobremesa e presentes em breve? — Bryn perguntou. — Eu acho que nós poderíamos desfrutar de uma pausa.

— Sim, sim! — Minha mãe parecia aliviada, dirigindo-se para a porta. — Eu preparei chá e petit fours. Vamos desfrutar de bebidas no salão.

— Obrigado, Bryn, — sussurrei enquanto as outras garotas seguiam a minha mãe para fora da porta.

Ela apertou o meu braço antes de correr para pegar Fey, que se virou para ela com uma careta. — Que diabos é um petit four?

Abri o celular. — Ei.

— Calla. — Shay soou surpreendido. — Eu não achei que você ia atender.

— Sim. — O som da minha mãe dando instruções sobre o correto posicionamento de louça e talheres flutuou pelas escadas. — Eu só tenho um par de minutos.

— Isto vai ser rápido, — ele disse. — Eu acho que percebi porque não conseguimos encontrar nada de útil na biblioteca.

— Porquê?

— Algo me estava incomodando sobre estes símbolos de alquimia, — ele disse. — Você sabe, aqueles na imagem com a cruz?

— Uh-huh.

— Então eu fiz alguma caça, e esse não é o único lugar onde elas estão. — Ouvi o barulho de páginas sendo viradas. — Há um triângulo no mapa. O que eu usei para chegar até à montanha. Diretamente sobre a caverna.

— Há um triângulo na Caverna Haldis?

— Sim, — ele disse. — Um triângulo de cabeça para baixo, cortado por uma única linha.

— Isso é a terra, — eu disse, revendo mentalmente os símbolos de alquimia. — A caverna deve ter alguma coisa haver com o poder elemental da terra.

— Você não sabe o que está na caverna? — Shay perguntou.

— Na caverna? — Eu repeti. — Eu assumi que era o lugar que importava. Os Protetores sempre se referiram a ela como um local sagrado. Você acha que há alguma coisa lá dentro?

— Eu acho que devemos descobrir.

— Você está falando sério?

— Nós não podemos voltar para a biblioteca depois de os Rastreadores nos terem atacado lá, — ele disse. — Você já disse isso. Mas temos que tentar alguma coisa.

— Não tenho certeza. — Minha boca ficou seca. — A caverna está a uma altitude elevada. Já haverá muita neve em cima.

— Eu sou um bom escalador. Eu vou conseguir, — ele disse. — Eu sei que consigo, Cal.

— Teria que ser num domingo, quando eu e Bryn patrulhamos, — eu pensei. — Me livrar de Bryn não será um problema. Ela pularia de felicidade por poder passar o dia sozinha com Ansel. Mas podemos não ser capazes de subir rápido o suficiente para chegar à caverna e voltar antes da patrulha Nightshade seguinte apareça. Bem, eu poderia fazê-lo...

— Não pense nem por um segundo que eu vou deixar você ir sem mim.

Minha mãe apareceu na porta, acenando com um guardanapo para mim. — Calla, hora de presentes e jogos! Você precisa de ajuda para sair do seu vestido? Seja cuidadosa para não perder nenhum alfinete.

— Jogos? — Eu me senti um pouco enjoada.

— Jogos? — O riso de Shay estalou no meu ouvido. — Você está tendo uma festa de noiva aí? Não admira que você não me quisesse dizer o que estava fazendo. Você deve estar se sentindo miserável.

Coloquei a minha mão sobre o telefone. — Eu desço em um segundo, mãe.

— É rude manter convidados esperando, — ela disse amargamente antes de desaparecer pelas escadas.

— Calla? — Shay disse. — Você está aí?

Olhei para o meu reflexo, imaginando o quão divertido seria desfiar o vestido para fazer o confete mais caro do mundo. — Estou. Desculpe.

— Então, quando vamos?

O tom ansioso de Shay me fez querer rir e chorar. Samhain estava a pouco mais de uma semana de distância. Uma vez que a união ocorresse, não haveria mais escapadas com Shay. Eu me perguntava se seria sequer capaz de vê-lo. — Este domingo. Nós vamos à caverna este domingo.

— Em três dias? — ele disse. — Oh, cara, eu estava excitado com o meu plano brilhante. Agora eu estou apenas nervoso.

— Você deveria estar. Vejo você amanhã.

— Você não me vai contar sobre o vestido?

Eu desliguei.

— Estou indo, Mãe! — Eu gritei, pulando fora do pedestal.

Tinha conseguido dar dois passos fora do quarto quando o meu pé ficou preso na bainha do meu vestido e eu tropecei para a frente, caindo de cara no chão. Eu tentei me levantar mas não conseguia achar uma saída para fora das intermináveis camadas de rosa, dourado e marfim que me envolviam. Com cada movimento, alfinetes me picavam como um enxame de abelhas raivosas.

Quando Bryn finalmente me tirou da minha prisão de seda, eu ainda estava gritando.



apítulo 21

— Então, o que você vai fazer hoje à noite? — Shay perguntou enquanto saíamos de Grandes Ideias.

— Esta composição. — Bati no meu caderno. — Eu estou começando a ficar para trás por causa de...tudo.

— Posso passar em sua casa? — ele perguntou, erguendo a página cheia de notas. — Podíamos fazê-la juntos.

— Eu não acho que seria uma boa ideia você ir a minha casa.

— Porque não? — Ele segurou meus livros enquanto eu abria o armário.

— Minha mãe não iria gostar.

— Mas eu sou um garoto tão legal.

— Isso não — ouch!

Ansel tinha me batido nas costas com uma bola de futebol. — Ponto!

Peguei uma garrafa de água do meu armário, esguichando-lha na cara.

— Boa retaliação. — Ele sorriu, enxugando o rosto. — Mas você não deve matar o mensageiro.

— Você ainda está respirando, — eu disse. — Qual é a mensagem?

— Nev vai tocar no Burnout hoje à noite. Ele pediu-nos para irmos.

— O que é o Burnout? — Shay perguntou.

— É um bar, a oeste da cidade. — Vesti a jaqueta. — Mais um barraco do que um bar, na verdade.

— Vamos, Cal. Você adora ir lá, — Ansel disse, quicando a bola de futebol sobre os joelhos. — Não finja que bares de mergulho³⁸ estão acima

³⁸ não sei como traduzir, a tradução literal é assim, do inglês 'dive bar' mas tem o significado de um bar relaxado e com uma atmosfera informal, geralmente chamados de bares de bairro/vizinhança, onde as pessoas da vizinhança se juntam para beber e socializar.

de você. Além disso, nós não fizemos nada com os dois clã, er, todos nós desde o Éden. Nós precisamos relaxar. Juntos.

— A que horas?

— Dez.

— Não sei. — Olhei para Shay. Ansel seguiu o meu olhar.

— Você deveria vir também, Shay. Saia conosco hoje à noite, — ele disse. — Nós nos divertimos mesmo quando não estamos almoçando.

— Como vocês vão passar pelo porteiro? — Shay perguntou. — Ou vocês todos têm identidades falsas que eu desconheço?

— Nev tem um acordo com o proprietário, — Ansel disse. — Não são necessárias identidades.

— Parece ótimo. — Shay lançou um sorriso malicioso para mim.

— Uh, sim. — Engoli um gemido. — Parece ótimo.

Ansel sorriu. — Mason vai nos pegar depois das nove. É logo à saída da rodovia 24, Shay. Há uma estrada de terra à direita. Siga-a e você vai chegar ao bar.

— Estarei lá, — Shay disse.

Eu vasculhei no bolso do meu casaco, jogando as chaves para Ansel. — Você pode nos levar para casa, An. Eu vou ter com você no carro em um segundo.

— Sério? Legal! — Ele correu para o estacionamento antes que eu pudesse mudar de ideias. Assim que ele ficou fora do alcance da voz, eu olhei para Shay. — Você está louco?

— Por querer ouvir Nev tocar? — Shay sorriu placidamente. — Não penso assim. Ouvi dizer que ele é bom. Embora eu suponha que a opinião de Mason poderia ser tendenciosa.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Não retribui o sorriso. — Ren vai estar lá.

— Isso me parece provável.

Eu não conseguia parar de pensar nos dois garotos no mesmo bar escuro e abarrotado. A noite gritava 'desastre' em berrantes luzes de néon.

— Ele vai querer... — Mordi o lábio.

— Ser seu namorado? — A sobrancelha de Shay subiu. — Em público?

Deixei cair o olhar e assenti.

— Eu compreendo.

— Obrigado, Shay, — eu disse, aliviada por ele não estar tornando as coisas difíceis. — Eu gostaria que você pudesse sair conosco.

— Sério? — Ele agarrou a parte superior da porta do meu armário, balançando-a para a frente e para trás. — E porquê?

Franzi o cenho. — Você não pode simplesmente deixar as coisas assim?

— Acho que não. — Seus lábios se curvaram zombadoramente. — Não.

— Porque você é sempre tão difícil? — Seu sorriso fez meu peito doer, lembrando-me do quanto sua travessura me podia fazer rir. Seria uma noite estressante sem a sua companhia para aliviar minha ansiedade.

— Apenas me diga.

— Eu não sei se isso importa, mas eu vou sentir sua falta. —
Aproximei-me dele. — Domingo parece estar ainda muito longe.

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu mordi o lábio.

Porque eu disse isto? Eu nunca deveria dizer algo assim.

— É bom ouvir isso. — O sorriso de Shay era perigoso. — Mas eu
ainda vou hoje à noite.

— O quê? — Meu coração pulou uma batida. — Mas eu acabei de
dizer a você.

— Eu sei, Calla, — ele disse, apertando a minha mão. — Vejo você
logo à noite.

Encarei-o. Ele apenas riu e se afastou.

Mason virou a Land Rover para a estrada de terra. O imponente
veículo parecia fora de lugar ao lado das motas e carros grandes que
pertenciam aos frequentadores do bar.

Bryn tirou o cinto de segurança. — Eu não sei porque tivemos que vir aqui. Eu preferia ir ao Éden.

— Nev não toca no Éden, — Mason disse. — Além disso, é bom irmos a vários sítios.

— Acredite em mim, isto é melhor que o Éden. — Minhas entranhas se apertaram ao pensar em voltar ao clube de Efron. Mason e eu trocamos um olhar. Nós não o dissemos, mas eu sabia o que ambos estávamos pensando. Logan nunca apareceria no Burnout.

Ansel deslizou seus braços em redor da cintura de Bryn, puxando-a do carro. — Vamos nos divertir e você sabe.

Ela fez beicinho até que ele a beijou, e então ela sorriu.

O Burnout tinha sido construído sobre as ruínas de um café de beira de estrada devastado por um incêndio na década anterior. Em vez de demolir o edifício em ruínas, a nova gestão tinha simplesmente construído o bar em volta e sobre o antigo lugar. Madeira carbonizada e manchada de fumo aparecia pelo espaço pequeno como arte moderna fora de lugar. As ripas de madeira que compunham o piso tinham uma inclinação para cima tão acentuada em alguns pontos que era fácil tropeçar.

A única luz no bar tremeluzia vinda da variedade de sinais de néon de cerveja que estavam pendurados nas paredes. Uma névoa de fumaça

pairava no ar como um véu, enchendo minhas narinas, mascarando outros aromas. Um grupo de frequentadores grisalhos estavam sentados em banquinhos que não combinavam ao longo do bar, e os motociclistas com roupas de couro em mesas nos cantos mais sombrios do bar. Uma plataforma de descida que servia como palco estava virada de frente para o bar.

Neville estava sentado na beirada do palco com as pernas balançando para fora, a guitarra em um ângulo casual em seu colo. Shay estava encostado à plataforma. Nev viu-nos e deu um breve aceno. Ansel e Mason se dirigiram imediatamente para o palco.

Bryn prendeu seus dedos com os meus. — A conversa musical deles fica bastante intensa. Vamos nos sentar?

Segui o seu olhar para o lado oposto da sala, onde Ren, Dax, Fey, Sabine e Cosette se sentavam juntos.

— Claro.

Quando nos aproximamos da mesa, Ren levantou-se, estendendo a mão para mim. — Estou feliz que você tenha vindo.

Meu pulso acelerou, mas eu fui ter com ele, deixando-o colocar— me na curva de seu corpo e me levar para a cadeira ao lado dele.

— Obrigado, — eu murmurei nas dobras de sua jaqueta de couro antes de nos sentarmos. Bryn afundou na cadeira ao meu lado.

— Oi pessoal. — Eu sorri para os outros lobos. — É bom ver vocês.

— Ei Calla, — Dax disse.

Sabine sorriu brevemente. Cosette falou muito baixo para eu conseguir ouvi-la sobre o burburinho da multidão do bar.

— Fey. — Olhei para a minha companheira de clã enquanto me acomodava na cadeira. — Mason disse que Dax te deu carona até aqui.

— Sim. — Ela aproximou sua cadeira de Dax.

Abri a boca mas pensei melhor e fiquei calada. Era melhor ver no que aquilo ia dar.

Ren olhou para o palco, seus olhos caindo sobre Shay.

— Seu fã — clube chegou mais cedo. Ele tem estado à sua espera.

Mordi a parte interna da minha bochecha. *Será um milagre se eu sobreviver a esta noite.*

— Ansel convidou-o.

— Eu vou ter que lhe agradecer por isso, — disse Ren com um sorriso cheio de facas.

— Eu acho que é uma coisa boa, — Bryn disse, soando um pouco na defensiva. — Logan queria que olhássemos por ele. Calla não deveria ter que fazer todo o trabalho pesado. É uma responsabilidade do clã.

— Claro. — O tom irritado de Ren desapareceu. — Nós devemos ajudá-la a tomar conta do garoto.

— Vamos ver se ele se aguenta fora da escola. — Dax sorriu.

Fey sussurrou em seu ouvido e ele riu alto.

— Algo que você gostaria de compartilhar? — Inclinei-me, pegando seu pulso em um forte agarre.

Ela tentou soltar-se. — Na verdade não.

Bryn deixou escapar uma respiração assobiada e Fey parou de lutar.

— Desculpe, Cal. Eu não tinha intenção de desrespeitar, — ela disse rapidamente. — Era uma piada interna.

— Eu compreendo. — Encarei-a até que ela desviou o olhar. Larguei o seu pulso quando Ren apertou o meu ombro.

— Relaxe, — ele disse. — É a nossa noite de folga. Dax, vá buscar outra rodada para a mesa.

Dax assentiu, dando um tapinha na coxa de Fey antes de ir para o bar.

Ansel, Mason, e Shay sentaram-se nas outras cadeiras na mesa.

— Oi malta. — Ren ofereceu-lhes um sorriso fácil. — Ainda bem que você pôde se juntar a nós, Shay. — Eu tentei não notar a súbita expressão penetrante de Ren, a de um lobo em patrulha.

— Não é o garçom do Éden? — Os olhos de Bryn estavam no palco.

Dois homens tinham subido na plataforma com Neville. Eu reconheci o Bane do clube, mas agora ele tinha um baixo pendurado no ombro.

— Esse é Caleb, — Mason disse. — E sim, ele trabalha no Éden. Ele é um bom amigo de Nev.

— Quem é o que está na bateria? — Ansel perguntou.

— Tom, — disse Mason. — Ele é dono deste lugar, e ele gosta de se sentar com os músicos locais que tocam aqui.

Neville falou ao microfone. Mesmo amplificado, era difícil ouvir a sua voz tranquila sobre o barulho.

— Sabine. Nós poderíamos usar você. Porque você não chega aqui e traz a sua cadeira.

Meus companheiros de clã todos olharam para ela com expressões de surpresa, enquanto os Banes apenas sorriram uns para os outros. Ren arrastou minha cadeira ainda mais perto da sua, deslizando o braço em volta da minha cintura. Encontrei os olhos de Shay por um momento antes de olhar para os músicos, sentindo que poderia muito bem ser a corda em um cabo de guerra.

Sabine foi para o palco, arrastando consigo a cadeira. Nev entregou-lhe um tamborim e colocou um microfone na sua frente.

— O que está acontecendo? — Bryn perguntou.

— Sabine canta como backup para Nev. Às vezes eles fazem duetos, — Ren disse. — Ela tem uma ótima voz.

— Sêrio? — Bryn disse, pegando um punhado de amendoins. — Quem teria pensado?

Cosette olhou para ela.

— Boa noite. — A voz de Nev atraiu a nossa atenção. — Eu sou Nev. Caleb está no baixo, todos vocês conhecem Tom, e a encantadora Sabine está nos agraciando com a sua presença esta noite.

Os únicos aplausos vieram das nossas mesas. Aparentemente os outros clientes do bar não estavam aqui pela música.

Neville assentiu para Tom. O dono do bar e Caleb trocaram um olhar rápido e no momento seguinte, baixo e bateria tinham arrancado em um lento e polido ritmo. Um sorriso pairou sobre os lábios de Neville; seus dedos se moviam sobre as cordas da guitarra, e ele começou a cantar.

Mason sorriu-me e eu assenti. *Yeah. Agora eu entendia.*

Sabine pegou a harmonia. Sua voz era doce e escura como as primeiras sombras do crepúsculo. A música se derramou em minhas veias, uma mistura de areia e seda. Sutil e inebriante.

Os Banes inclinaram-se em uníssono, arrastados para o ritmo da música de Neville. Meus próprios membros pareciam estar vibrando com o pulsar do baixo.

Eu podia ver os pés de Bryn deslizando sobre o chão, movendo-se ao longo de um rio invisível de som. Ela olhou para Ansel, olhos semi—fechados. — Então, foi-me prometido que haveria dança.

— Já? — Resmungou Ansel. — Eu meio que gostaria de só ouvir um pouco.

Seus lábios se juntaram em uma linha fina, mas Shay falou.

— Eu vou dançar. — Ele se virou para o meu irmão. — Se você não se importa.

— É a escolha das senhoras. — Ansel gesticulou para Bryn.

Bryn não conseguia esconder sua expressão de espanto, mas ela logo ofereceu a Shay as suas mãos e um sorriso brincalhão. — Vamos lá, então.

Shay levou-a para o chão irregular. Alguns olhares interessados de motociclistas passaram sobre os dois quando eles começaram a se mover juntos em frente ao palco. Neville assentiu, sorrindo quando Shay deslizou seus braços ao redor de Bryn e guiou o corpo dela com o dele.

— Huh, — Ansel murmurou. — Ele é bom.

— Nervoso? — Eu ri.

Ele sorriu para mim. — Dificilmente. Não é dela que Shay está atrás.

— Eu me pergunto de onde você tirou essa ideia. — A mão de Ren se apertou na minha cintura.

Ansel se encolheu. — Desculpe, cara. Eu não estava pensando.

— Eu acho que ele é um dançarino decente. — Os olhos escuros de Ren brilharam. — Mas eu acho que devemos mostrar-lhe como é realmente bem feito.

Eu tencionei, mas estava mais do que surpresa quando ele se virou para Cosette. — Gostaria de dançar?

Seus olhos grandes ficaram ainda maiores, mas ela sorriu timidamente e assentiu. Ele pegou a mão dela e deixou a mesa. Dax agarrou o braço de Fey e eles seguiram o outro casal.

Eu não podia parar a minha careta.

— Isso foi estranho, — Ansel disse. — Você está bem?

— Ótima, — eu disse, tentando ignorar minha irritação pela repentina partida de Ren com Cosette.

É assim que vai ser depois da união? Ele vai sair com outras garotas sempre que desejar?

— Não se preocupe com isso, Calla, — Mason disse. — Shay é um espinho na pata dele e ele está tentando fazer você pensar que ele não se importa.

— Esqueça, — eu disse, envergonhada pela sua preocupação. — Eu não preciso dançar com Ren.

Mason bateu seus nós dos dedos na mesa a um ritmo rápido. — Mas você precisa dançar.

Ele se levantou, oferecendo-me a sua mão.

— Perfeito, eu sou o único sem um parceiro, — Ansel disse enquanto eu me levantava. — Onde está Sabine quando eu preciso dela?

— Eu acho que Sabine mais facilmente morderia você do que dançaria com você, — eu disse.

— É verdade. — Ele sorriu. — Eu vou só esperar que Bryn se lembre que ela gosta de mim.

— Bom plano, — disse Mason, afastando-me da mesa.

Nós mal chegamos ao pé do palco quando a música tomou um rumo decididamente mais lento.

— Que romântico. — Mason beijou-me na bochecha.

Eu ri, seguindo seus lentos círculos sobre o chão esburacado.

Os braços de Mason subitamente caíram da minha cintura, e outro conjunto de mãos se moveu sobre os meus quadris.

— Eu vou cuidar das coisas a partir daqui, Mason, — Ren disse diretamente atrás de mim.

— Claro. — Mason inclinou a cabeça.

Ren virou-me em seus braços.

— Isso foi rude, — eu disse, mais irritada pelos seu anterior abandono do que pela interrupção. — Você poderia ter esperado.

Ele apenas sorriu. — Não. Eu queria dançar com você agora.

— Tudo bem. Nós estamos dançando. Você está feliz?

— Quase. — Ele roçou os lábios contra a minha testa. Eu me concentrei em não tropeçar no chão inclinado.

— Você quer saber o que me faria feliz? — Ele provocou.

— Eu não tenho certeza. — A escuridão tempestuosa de suas íris fizeram minha pele estalar, elétrica.

— Deixe-me dar-lhe uma carona para casa esta noite. — Ele enfiou a mão no bolso. — Eu quero te mostrar uma coisa.

— O quê?

Houve um relampejo de prata diante de meus olhos. Chaves.

— Nossa casa.

Olhei para ele e depois para as chaves novamente. — A nossa casa?

— No novo complexo. Está pronta. Eu perguntei a Logan se podia dar uma olhada e ele simplesmente me entregou as chaves. Tenho certeza que posso arrumar um conjunto para você, se quiser.

— Nossa-nossa casa? — Eu gaguejei novamente.

— Sim, Calla. — Ele sorriu. — É aquele lugar onde iremos viver juntos após a união. Quando formos o par alfa. Lembra-se como isso funciona?

— Você quer ir lá hoje à noite?

— Só para dar uma olhada.

— E Logan disse que não havia problema?

— Logan não tem que saber que eu te levei junto. — Ele balançou as chaves na minha frente. — Além disso, você não está curiosa?

— Um pouco. — Eu estava ainda mais curiosa sobre o que Ren queria fazer quando chegássemos lá.

Ele sorriu, deslizando seu braço de novo em volta da minha cintura.

Meus olhos se estreitaram. — E você vai me levar para casa logo depois de a vermos?

— Se for isso que você quiser, — ele disse suavemente, correndo seu polegar ao longo da minha bochecha. — Mas eu estaria tentado a ver se poderia convencer você a parar de agir como a adequada dama que sua mãe quer que você seja.

— Então você a ouviu. — Eu gemi, corando. Como se eu quisesse ser uma dama. *Tudo o que isso significa é que eu tenho que fingir que não sinto nada a não ser um senso de dever.*

— Eu não posso culpá-la por querer proteger a sua virtude, — ele disse, sorrindo. — Eu gostaria de estar nas boas graças dela, mas talvez eu pudesse ter uma pequena festa do pijama com você em nossa nova casa. Seria o nosso segredo. Eu prometo que não vou beijar e contar.

Chutei sua canela levemente. — Eu não posso acreditar em você. Pare com isso.

— Ou talvez isso fosse estragar a antecipação, — ele continuou, os olhos implacáveis. — Eu sou bastante ágil. Eu estou apostando que poderia subir ao telhado, descer e esgueirar-me através da janela do seu quarto. Surpreender você alguma noite em um futuro próximo.

Eu congelei em seus braços. — Você não faria isso.

— Não, eu não faria. — Ele riu. — Só se você pedisse.

O ritmo acelerado do meu coração rebateu o ritmo lento da canção de Nev.

— É aqui que você pertence, Calla. — Ele me puxou mais perto, levantando o meu queixo. — Fique comigo. Diga-me que é isso que você quer.

Eu não conseguia afastar os olhos dos dele. — O que eu quero?

— Sim. Qualquer coisa, tudo o que você precisar, eu vou te dar. Sempre. Prometo. Apenas me diga uma coisa.

— O quê?

— Que você quer isto, nós. — Sua voz caiu tão baixo que eu mal podia ouvi-lo. — Que um dia você vai me amar.

Minhas mãos começaram a tremer onde descansavam em seu pescoço. — Ren, você sabe que nós vamos ficar juntos. Nós ambos sabemos disso há algum tempo.

Ele me deu um olhar duro. — Não é isso que eu estou dizendo.

— Porque você está me perguntando isso? — Tentei recuar, mas ele me segurou contra si.

O vislumbre de um sorriso apareceu em seus lábios. — Porque não?

Meu temperamento queimou. — Você está tentando dizer que *you* me ama?

Eu quis dizer isso como um desafio e não como uma questão séria, mas seus olhos pareciam pegar fogo.

— O que você acha? — Ele encostou seus lábios aos meus, suavemente a princípio, gradualmente aumentando a pressão, separando-os. Surpreendida, eu enrijei em seus braços. Mas ele continuou a acariciar os meus lábios com os seus, suave e controlado, mas insistente. Eu afundei no beijo, me afogando no calor de Ren, movendo-me ligeiramente contra o peso de suas mãos na minha cintura, sabendo que faria ele me puxar para mais perto de seu corpo.

O estalar de madeira e vidro estilhaçado me trouxe de volta para o bar.

Droga. Eu sabia que isso era uma ideia terrível.

Virei-me, esperando ver Shay vindo na nossa direção. Mas ele não estava olhando para nós. Ninguém estava.

A música tinha parado. A mesa onde os jovens lobos tinham estado sentados estava virada de lado. Copos jaziam quebrados no chão; os que permaneceram intactos estavam rolando ao longo da madeira inclinada para o canto mais distante da sala. Dax segurava um punhado da camisa de Mason

e estava rosnando para ele. Parecia que Mason tinha agarrado o outro punho de Dax a meio do movimento e agora ele apertava a mão do maior garoto em suas próprias, afastando-o dele. Fey estava ao lado de Dax. As mãos de Ansel estavam agarrando o antebraço de Dax, e ele esforçava-se para afastar o Bane para longe de Mason. Shay estava logo atrás de Ansel, os músculos tensos.

Bryn estava meio levantada, meio sentada e encarava Fey.

Ren se afastou de mim. — Que diabos?

Ele foi em direção a Dax, comigo em seus calcanhares.

O rosto de Mason estava carrancudo. — Você não tem o direito.

— E você precisa aprender a manter sua boca fechada.

— Pare de ser um asno. — Ansel puxou o braço de Dax, mas não conseguiu movê-lo nem um centímetro.

— Ele está certo, Dax, — Shay disse. — Qual é o seu problema?

— Cale a boca e fique fora disto, — Fey estalou.

Neville jogou a guitarra para uma surpreendida Sabine, pulou do palco, e veio para o lado de Mason. Ele olhou para Dax. — Pare com isso, cara. O que você acha que está fazendo?

Dax ignorou-o.

Olhei em redor do bar, preocupada de que estivéssemos prestes a ser expulsos. Mas o resto dos clientes havia retornado para suas bebidas, nada preocupados por uma briga.

Ren agarrou o ombro de Dax. — Solte-o, vá lá para fora, e espere por mim. Agora.

Dax soltou a camisa de Mason, lançando um último olhar zangado para ele antes de se virar e sair do bar. Fey deu alguns passos atrás dele.

— Onde você pensa que vai? — Eu bloqueei o seu caminho.

— Desculpe, Cal. — Houve um lampejo de aço em seus olhos. — Eu estou com ele nesta.

— Cuidado, Fey, — eu rosnei.

Ela não hesitou. — Você tem um problema comigo?

— Eu vou deixar você saber quando ouvir o que aconteceu.

— Tudo bem. — Ela deu um passo em volta de mim, correndo atrás de Dax.

Neville começou a segui-los, seus olhos lívidos.

Ren agarrou seu braço. — Volte para o palco e comece a tocar novamente. O que quer que tenha acabado de acontecer, acabou.

— Mas...

— Eu estou bem, Nev. — Mason colocou a mão no ombro de Neville. — Nós vamos resolver isto. Vá tocar.

Com alguma relutância Nev voltou para o palco, e um momento depois, a música recomeçou, embora com um ritmo visivelmente zangado.

— Alguém quer me dizer o que está acontecendo? — eu perguntei.

— Não foi nada. — Mason ajudou Cosette a endireitar a mesa. — Como Ren disse, está acabado agora.

— Foi alguma coisa, — Ansel protestou.

— O que aconteceu? — Ren perguntou.

— Realmente, não vamos transformar isto em uma grande coisa, — Mason disse, seu rosto cansado. — Ele perdeu o seu temperamento, isso é tudo.

— Eu acho que você não pode simplesmente esquecer isso, Mason, — Shay disse calmamente. — É um grande negócio. Dax passou dos limites.

Virei-me para Bryn. — O que Dax fez?

Ela olhou para Mason e Ansel. — Ele não gostou de uma coisa que Mason disse... sobre Neville.

A mandíbula de Ren se apertou. — Eu vejo.

Ele se encaminhou para a porta, e eu estava logo atrás dele. Nós estávamos no meio do caminho quando ele se virou abruptamente.

— Eu vou cuidar disto, Calla.

— Eu devia estar lá, — eu disse. — Isto afeta ambos.

Ele balançou a cabeça. — Eu posso lidar com isto. Dax já sabe que vai ouvir. Seria melhor se você ficasse aqui e tentasse convencer o resto de que tudo vai ficar bem.

— Tudo bem. — Já estava acontecendo. Ren estava no comando agora.

Eu o vi sair do bar.

Como eu vou convencer alguém de que as coisas vão ficar bem? Nada parece bem.

Eu estava tão zangada que meus músculos começaram a doer de tensão. Eu odiava ser tratada como inferior. Eu sempre tinha comandado o clã e de repente era como se todos esses anos sendo alfa não significassem nada. Eu era apenas a companheira de Ren. Senti uma mão no meu ombro e virei—me para encontrar Shay de pé ao meu lado.

— Isso foi bastante intenso.

Assenti. — É um problema. Dax e Fey não estão lidando com a relação de Nev e Mason muito bem.

— Eu percebi isso. — Ele olhou para a porta. — O que você acha que Ren vai fazer?

— Não tenho certeza, — eu disse. — Mas eu confio nele. — *Como se eu tivesse outra escolha.*

— Você deve, — ele disse, os cantos de sua boca se enrugando. — Bem?

— Bem, o quê?

— Posso ter esta dança?

Pisquei para ele. — Desculpe?

— Ren teve a sua vez na pista de dança, — disse Shay. — Agora é a minha.

— Eu não me lembro de concordar com isso. — Dei um passo para trás. — Além disso, eu tenho que falar com os outros. Fazer as coisas voltarem ao normal.

— Foi isso que eu pensei, — ele disse. — Eu vou ajudar você.

Franzi o cenho, intrigada, enquanto ele colocava uma mão na minha cintura e pegava a minha outra mão. Ele me puxou para perto enquanto esticava os braços, em linha reta como uma seta.

— Que diabos é isto? — Eu perguntei.

— O tango, — ele respondeu, guiando-me através do chão com passos compridos e melodramáticos.

— Como isto é ajudar? — Olhei para os meus companheiros de clã. Eles estavam todos nos observando, parecendo curiosos.

— Música não acalma a fera, Cal, — disse Shay, inclinando-me tão baixo que o meu cabelo escovou o chão. — O riso sim.

Olhei para as nossas mesas de novo, surpreendida com o que vi. O plano de Shay estava resultando. Ansel e Mason já estavam rindo. Bryn dava risadinhas loucamente e mesmo Cosette não podia evitar sorrir.

Shay suspirou e virou-me para longe dele antes de me puxar de volta como se eu fosse uma mola. — Seria muito melhor se eu tivesse uma rosa entre os dentes. Eu não seria arrasador?

Comecei a rir. — Isso seria ridículo.

— Ridiculamente arrasador. — Ele sorriu. Mesmo os motociclistas em redor do bar estavam rindo agora, transformando seus rostos endurecidos de Sid Vicious³⁹ para o Papai Noel.

Inclinei-me para o calor do corpo de Shay. Quando ele me segurava perto, eu realmente poderia acreditar que tudo ficaria bem. Eu me perguntei se ele sabia o quão feliz ele podia me fazer, apesar de meus medos constantes sobre o futuro. Arrependimento de repente apertou o meu peito, cortando as minhas risadas. Ver-me de lábios trancados com Ren deve ter machucado Shay muito. Ele merecia melhor, mais do que eu poderia lhe oferecer.

— Então você não está bravo comigo? — Eu perguntei quando ele me fez fazer piruetas como uma bailarina.

— Sobre o quê? — ele perguntou. — Você não é a intolerante. Fey e Dax podem ir para o inferno, tanto quanto eu estou preocupado.

Ele não viu o beijo.

Alívio frio se derramou sobre mim, seguido de um aperto de culpa.

Porque eu não quero que ele saiba? Esconder a verdade não é justo.

³⁹ foi um músico inglês, conhecido por tratar-se de um ícone da cultura punk, baixista da banda Sex Pistols.

Nada poderia mudar o que estava no futuro para Ren e para mim. Shay precisava entender isso mais do que ninguém. Mas olhando para o seu sorriso, o calor em seus olhos, eu não conseguia obrigar-me a dizer mais nada sobre o beijo.

— Eu acho que você deveria compartilhar este plano brilhante com Nev, — eu disse. — Eu não quero que ele pense que estamos zombando dele.

— Nev tem um grande senso de humor, — Shay respondeu, mergulhando-me outra vez. — Eu acho que ele vai perceber.

— Se você tem certeza. — Olhei para o palco. Shay parecia estar certo. Embora Nev parecesse um pouco aturdido, ele também tinha um sorriso de orelha a orelha.

— Você sabe, se eu te beijasse no final deste número, seria um fim fenomenal, — disse Shay, mantendo-me de cabeça para baixo.

Eu não podia evitar sorrir ao seu diabólico sorriso. — Se você me beijar agora, o Ren vai te matar.

— Tudo é justo no amor e na guerra, — ele disse. — E pelo menos eu morreria feliz.

— Você é terrível. — Eu cravei minhas unhas em seu ombro. — Levante-me novamente!

— Eu apenas não quero decepcionar o nosso público, — ele disse.

— Eles vão ter que viver com a decepção, então. — Eu estava ficando tonta devido a todo o sangue correndo em minha cabeça. — Eu fui muito clara sobre o que vai acontecer se você me beijar de novo. Eu acho que você sentirá falta de sua mão.

Ele me levantou somente para me inclinar novamente para baixo do outro lado. — Você resolve todos os seus problemas com ameaças de violência?

— Não.

— Mentirosa. — Minha cabeça estava girando quando ele me pôs em pé, mas meu corpo estava leve como o ar.

Eu tive um acesso de riso quando Shay começou a dançar polca⁴⁰. Neville balançou a cabeça, mas ele estava rindo muito. A música parou; Nev disse algo ao resto da banda que eu não consegui ouvir, mas no momento

⁴⁰ A Polca é um estilo musical e de dança, de compasso binário, com uma figuração rítmica característica no acompanhamento. Originou—se na região da Boêmia (Império Austríaco), no início do século XIX, com difusão posterior por toda a Europa e parte da América.

seguinte eles eclodiram em um cover de punk-rock de "Roll Out of the Barrel"⁴¹.

Shay girou-nos em círculos, cada vez mais rápido. — Eu te disse que ia resultar.

Deixei-me cair contra ele, tonta mas em êxtase, descansando a minha bochecha em seu ombro. Então avistei Ren. Ele estava ao lado da porta, com os olhos fixos em nós.

Ele estava tão quieto que poderia ter sido esculpido em pedra.

Afastei-me dos braços de Shay. — Eu acho que o show acabou.

— Ótimo, — ele murmurou, seguindo o meu olhar. — Vá falar com ele.

— Sinto muito, — eu disse enquanto dava passos instáveis para longe dele, ainda desequilibrada de todos os giros e mergulhos.

⁴¹ também conhecida como Beer Barrel Polka, é uma música que ficou conhecida mundialmente durante a segunda guerra mundial

— Eu sei que você tem que fazê-lo. — Seu sorriso era irônico. — Eu vou ter com Mason e Ansel, ver se alguém quer saber onde eu aprendi os meus movimentos fodões de polca.

Comecei a virar-me para Ren, mas o meu estômago se apertou violentamente. Ele atravessou a pista de dança, sua carranca fazendo queimar meu próprio temperamento. Eu não tinha feito nada de errado. Eu pensei sobre a ida até a casa, a nossa nova casa, a união, subitamente não querendo fazer nada do que Ren me tinha pedido.

— O que foi aquilo? — Ren rosnou.

— Nós estávamos apenas tentando quebrar a tensão. — Mantive minha voz firme, acenando para nossas mesas, onde o clã estava sentado rindo. — Era uma piada. Eis o nosso sucesso.

— Você não poderia ter pensado em uma maneira de acalmá-los que não envolvesse ter as mãos de Shay por todo lado em você?

— Não foi assim, — eu respondi. *Eu gostaria que tivesse sido assim.*

— Tudo bem, — ele disse, pegando o meu braço. — Tente não fazer isso de novo. Eu não gosto de ver outro homem te tocando.

Outro homem? Ren tinha claramente se referido a Shay como "esse garoto" desde que o tínhamos conhecido. Inveja realmente estava comendo o alfa.

— Claro, Ren. — Sacudi-o. — Mas se você me desculpar, eu acho que tive o suficiente disto para esta noite.

— Sobre o que você está falando?

— Estou indo, — eu disse. — Eu fiz o que você pediu. O clã está feliz. Agora eu só quero sair daqui.

— Não seja assim. — Ren suspirou, prendendo uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha. Apenas me fez sentir como uma criança, e eu bati em sua mão para afastá-la.

— Eu não estava tentando descarregar em você. — Ele tentou de novo. — Você está certa, aquele garoto me irrita. Eu não gosto de me sentir ciumento. Não é sua culpa.

Ele parecia sincero, mas eu estava muito zangada para esquecer o assunto. E aí estava novamente, 'aquele garoto' — só que agora ele estava me tratando como uma garotinha também.

— Obrigado por ser honesto, — eu disse. — Mas eu não quero ficar. Por favor não me obrigue.

Sabia que ele podia e eu odiava isso.

— Onde você vai? — ele perguntou.

— Vou para a floresta. Onde os lobos pertencem à noite. — Mostrei—lhe um sorriso de dentes afiados. — Talvez eu ouça o apelo da lua.

— Eu gostaria que você ficasse comigo, — ele disse lentamente. — Mas eu não vou te forçar.

— Ótimo. — Fui embora antes que ele pudesse falar novamente.

Atravessei o bar até à saída, quebrando uma cadeira que chutei com muita força. Do lado de fora, o ar frio da noite mordeu a minha pele, tirando a tensão dos meus músculos. Fey e Dax ainda estavam no estacionamento, suas cabeças juntas, falando em tons baixos.

Dax parecia surpreso e aborrecido. — Ren te mandou aqui fora para outra ronda de sermão? — ele perguntou, flexionando seus largos ombros enquanto me enfrentava.

— Eu não tenho nada para dizer a qualquer um de vocês, — eu estalei, passando por eles e começando a correr. Mudei de forma e mergulhei na floresta sem olhar para trás para o Burnout.

 capítulo 22

SHAY ESTAVA INCLINADO CONTRA SEU FORD RANGER. Ele acenou brevemente enquanto eu corria e, em seguida, enfiou a mão no fundo de seu caminhão, tirando um par de machados de gelo⁴², que ele amarrou nas costas dele. Mudei de forma quando o vi tentando esconder o sorriso.

— O quê?

— Eu estava pensando sobre a última vez que estive aqui, — disse ele, apertando os laços em suas botas de caminhada. — Eu acordei no meu caminhão. Pensei que tinha adormecido antes mesmo que conseguisse dar uma caminhada e que a coisa toda foi um sonho.

Me curvo para frente, esticando os músculos das costas. — Sim, era isso que eu esperava que acontecesse. — Você me nocauteou e em seguida, arrastou-me até aqui. Não é?

— Eu não arrastei você, eu disse. — Eu te carreguei nos braços.

⁴² Machado de gelo e botas de caminhada com ganchos de ferro:
http://thumbs.dreamstime.com/thumblarge_513/12766492032dFFPP.jpg

Ele riu, balançando a cabeça. — Bem, obrigado por isso. Pronta?

Shay se mostrou um montanhista experiente, subindo a ladeira com a graça constante enquanto eu saltava através da floresta à frente dele. Um tempo depois nós tivemos que fazer uma pausa para que ele pudesse amarrar os ganchos de ferro nas botas antes de escalar nessa superfície particularmente gelada, que me lancei em dois saltos gigantes. Seu par de machados de gelo permaneceu preso atrás durante nossa subida.

Eu disparei na frente dele quando nos aproximamos da caverna. Eu abaixei minha cabeça e andei para frente e para trás. Não conseguia parar a triste lamentação que entoava da minha garganta. Shay se arrastava atrás de mim. — Vai ficar tudo bem, Calla. Mudei para forma humana, pisando na neve inquieta enquanto olhava para a caverna, uma abertura escura na montanha que parecia muito com uma boca gigantesca pronta para nos engolir.

— Eu não estou totalmente convencida disso, eu disse. — E se alguém descobre que estamos aqui?

— Como isso aconteceria? — Shay perguntou.

— Meu perfume, Shay,— eu disse. — Qualquer Guardião que venha para a caverna vai saber que eu estive lá dentro.

— Mas você disse que nenhum de vocês pode ir na caverna, disse ele. — Eu pensei que era proibido.

— É, mas...

— Você quer voltar?

Olhei para ele e depois para caverna. Até onde eu sabia, nenhum Guardião havia colocado uma pata além da entrada. Por que isso mudaria agora?

— Então, vamos fazer isso ou não? — Shay pediu.

— Nós vamos fazer isso, — eu disse afastando minhas dúvidas.

Ele deu de ombros e tirou da mochila uma lâmpada frontal⁴³. Nos movemos lentamente para dentro da caverna, a luz de sua lâmpada iluminando fracamente a escuridão. O túnel parecia levar em linha reta, mas não havia nenhuma indicação de que terminava. Quando a luz da entrada era pouco mais que um reflexo atrás de nós, eu congelei. Um cheiro estranho me bateu. Eu passei para forma de lobo, testando o ar novamente. Lá estava, distinto, mas não familiar, como uma mistura de madeira apodrecida e gasolina. Baixei a cabeça e me arrastei para a

⁴³ Aqueles capacetes com lanterna:

http://www.lsdinc.com/images/products/headlamp_app.jpg

frente. Shay deu um passo hesitante ao meu lado, varrendo o farol ao longo do chão da caverna. Nós dois vimos os ossos, ao mesmo tempo. Meu pêlo eriçou quando me debrucei mais perto do chão. Espalhados pela caverna foram iluminados restos de animais, sobretudo veados. Olhei mais de perto as pilhas de ossos e estremei. O crânio de um urso imenso sorriu para mim de um lado do túnel.

— Calla. Ouvi o murmúrio temeroso de Shay logo atrás de mim, ao mesmo tempo em que um ruído atingiu minhas orelhas. Meus olhos dispararam em todo o espaço, mas eu não conseguia ver nada se movendo na escuridão. O rangido de algo duro como pedra estava se aproximando. Eu choraminguei e ericei. Meus olhos seguiram a luz da lâmpada de Shay quando se moveu para trás e para frente ao longo do chão do túnel. Eu tinha acabado de dar mais um passo a frente quando Shay gritou o alarme penetrou no túnel.

— Calla! Acima de você, sai daí! Eu me lancei à frente na escuridão, ouvindo algo maciço batendo no chão do túnel atrás de mim no espaço em que eu estava apenas um momento antes.

— Oh meu Deus. Ouvi a exclamação sufocada de Shay enquanto eu girava ao redor, rosnando. O Brown recluse⁴⁴ olhou para mim com três pares de olhos que brilhavam como poços de petróleo. Suas pernas longas e finas eram lustrosas cobertas com finos pêlos e eles agitavam-se como a aranha

⁴⁴ A aranha marrom reclusa (brown recluse spider, achei melhor deixar em inglês pq no original ela não diz aranha só “brown recluse”) ou aranha violino, têm um comprimento total de cerca de 6–12 mm, um terço disso sendo o corpo, de coloração tipicamente marrom:
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d7/Brown—recluse—2—edit.jpg/734px—Brown—recluse—2—edit.jpg>

focada em sua presa. Eu recuei, os dentes arreganhados, tentando aparecer ameaçadora apesar do meu terror. A aranha era enorme, quase do tamanho de um cavalo.

Seu abdômen pulsava enquanto me olhava. Espreitei de lado a lado, querendo manter a sua atenção. A aranha deslizou para frente com uma velocidade surpreendente. Eu senti o roçar de uma de suas oito patas contra as minhas costas quando me arremessei fora de seu caminho. Circulei, sabendo que o aracnídeo estava logo atrás de mim. Eu podia ouvir suas patas se arrastarem ao longo da superfície de pedra da caverna. Coração batendo, quebrei a cabeça com um plano de ataque. Os lobos não tinham instintos naturais de matar insetos mutantes. Esta criatura não tinha qualquer semelhança com os adversários que eu tinha enfrentado no passado. Me virei para enfrentar a aranha, depois de ter resolvido um ataque de mutilação até que eu encontrrei uma maneira de dar um golpe fatal. Minha abrupta reviravolta assustou meu agressor. As duas primeiras patas se empinaram e eu pulei, pegando uma das patas entre os dentes e puxado a outra. As finas patas bateram no meu queixo e rasguei-o fora. Quando atingi o chão e enfrentei ele novamente, os seis olhos escuros brilhavam com agonia. Eu olhei para a besta imensa, que se contraiu e estremeceu quando se preparava para atacar. Seu silêncio era mais terrível do que se tivesse sido gritando para mim.

A aranha levantou novamente, lançando-se em mim. Pulei para o lado, mas não rápido o suficiente. Eu bati contra o chão de pedra fria quando a aranha me prendeu com duas de suas patas. Eu machuquei meu pescoço, tentando contra-atacar, abocanhando suas patas e estremeecendo quando a cabeça da aranha desceu em direção ao meu ombro. O som da minha luta desesperada tornou-se um gemido quando eu vi seus dentes. Minha mandíbula travada em torno de uma das pernas ao mesmo tempo que a mordida da aranha perfurou meu lado.

Um baque horrível foi seguido por um som de rasgo e sangue escorrendo. A aranha se assustou me liberando, eu me afastei. Pálido, o líquido azulado fluía no largo furo que Shay fez com seus machados de gelo. Com fúria e traços determinados ele bateu com as pontas afiadas na aranha desprotegida novamente e novamente. Enlouquecida pela dor, a aranha tentou se virar para seu atacante. Corri para frente e arranquei outra de suas patas. A aranha vacilou. Seu sangue azul jorrou ao longo do chão da caverna. As patas da criatura tremeram e ela desabou. Shay correu para frente de seu corpo em convulsão, sua mandíbula apertada quando bateu o machado de gelo no centro dos olhos aranha. A aranha se sacudiu uma última vez e, em seguida, ficou imóvel.

Shay deu um longo e trêmulo suspiro e afastou-se do cadáver. Seus dedos apertados ao redor do machado, as veias salientes ao longo de seus braços. Cheirei o ar novamente e escutei, mas os sinais de perigo iminente haviam se dissipado. Mudei a forma e me virei para Shay. Seus olhos se arregalaram quando eu abandonei a minha postura defensiva. — Tem certeza de que não há outro? — Perguntou ele.

— Não, ele estava sozinho. Eu esfregava minhas costas, onde as presas da aranha haviam perfurado a minha pele. Eu podia sentir um pingo de sangue, mas o ataque de Shay tinha interrompido a mordida. Não foi profunda, mas doía.

— O que é isso? — Ele estremeceu, olhando para a aranha imensa.

— Um Brown recluse, — eu murmurei. — Você pode dizer, porque ela só tem seis olhos. Suas sobrancelhas se levantaram. Eu encolhi os

ombros. — Acabamos de terminar uma unidade sobre aracnídeos em biologia avançada.

— Calla. Isso não é uma aranha, ele gemeu. — As aranhas não ficam tão grandes. Que coisa é essa?

— Isso *é* uma aranha. Mas ela foi mudada pelos Guardiões. Eles têm a capacidade de fazer algo assim. Modificar o mundo natural. A aranha deve ser a última linha de defesa para Haldis se algo passar os Guardiões. Mas qual guardião havia criado esse monstro eu não sabia, ou quando eles poderiam vir a verificá-lo.

— Matá-lo pode ter sido um erro, disse. — É um sinal de que estamos aqui.

— Você está louca? O que você queria fazer com ele, pegar o crânio de urso jogá-lo e tentar ensiná-la a buscar? — Shay perguntou.

— Bom ponto,— eu disse. — Mas isso não resolveria o problema.

Ele não respondeu, olhando para o aracnídeo morto, o rosto pálido de fantasma.

— Você está bem? — Dei um passo em direção a ele.

— Eu realmente odeio aranhas. Ele olhou para trás, como se esperasse que as criaturas viessem rastejando de lá. Um sorriso irônico puxou num canto da minha boca. — Para alguém que afirma ter aracnofobia, você despachou essa coisa muito bem.

Olhei para os machados que pendia em suas mãos, sangue escorria do aço afiado. — Onde você aprendeu a fazer isso? Você se movia como um guerreiro. O rosto pálido de Shay brilhou um pouco e ele jogou o machado para cima, pegando suas alças facilmente quando desceu. Um pulsar súbito me tirou o fôlego. Eu coloquei a mão na minha lateral, surpresa ao descobrir que o sangue ainda fluía de forma constante da ferida.

— Deixe-me adivinhar, — eu disse, — tentando ignorar a dor. — Você passou por uma fase onde queria ser um ninja ou algo assim?

Ele balançou a cabeça, corando. — Indiana Jones. Eu gostava de como ele poderia usar o que estava por perto quando ele entrava em problema. Você sabe versátil.

— Há um Indiana Jones em quadrinhos? Eu levantei minhas sobrancelhas para ele.

— Sim. — Ele chutou o corpo da aranha.

— Ah. Fixei um sorriso provocante nele. — Então você também é útil com um chicote. Ele deu de ombros evasivo. Voltei para o túnel escuro à nossa frente. — Bem, acho que é bom saber para o futuro.

Com passos cautelosos fomos em frente, mantive meus olhos nos ossos que ficavam espalhados pelo chão. Minha mão massageou a picada de aranha em minha cintura. O sangue tinha finalmente parado, mas a dor afiada no furo parecia estar se espalhando. Eu tropecei em pedras soltas e Shay me pegou pelo braço. — Você está bem?

— Yeah. Não é nada, apenas difícil de ver. Virei para trás, tentando focar a nossa progressão nas trevas. O ar na caverna parecia mais frio, corroendo sob minha pele. Mesmo com o auxílio do farol de Shay eu estava achando difícil de ver, a minha visão embaçava mais a cada passo. O chão debaixo dos meus pés balançou e eu tropecei novamente.

— O que está acontecendo, Calla? Shay pediu. — Você não é essa desajeitada. Você não é desajeitada de nenhuma maneira.

— Eu não tenho certeza. A escuridão flutuou e eu cai com minhas mãos e joelhos.

— Você se machucou? — Shay perguntou.

Minhas pernas tremiam. Eu estava ficando mais fria a cada momento. — Talvez. A aranha me mordeu, mas eu não acho que foi profunda o suficiente para importar.

— Onde ela te mordeu? — Ele se agachou ao meu lado. — Mostre-me.

Eu abri minha jaqueta e comecei a levantar minha camisa, mas pouco depois mordi meu lábio, indecisa.

Ele riu. — Eu não estou tentando me aproveitar, Cal. Precisamos ver o quanto é ruim.

Eu balancei a cabeça, puxando a camisa. A mordida era no nível das minhas costelas do lado direito do meu corpo. Eu estiquei meu pescoço, mas eu não podia dar uma boa olhada no meu ombro. Shay, ofegou.

— O que há de errado? Torci e vi um vislumbre da minha carne. Bile passou na minha garganta.

— Como pode fazer isso? — Sua voz era firme.

Eu balancei minha cabeça. — Droga. Isso mesmo... Eu esqueci.

O tremor do meu corpo havia se tornado fortes tremores. — O Brown recluse tem uma mordida de necrose.

— Necrose? Shay respirava. — Ele mata a sua carne?

— Parece. Lembro de ter lido algo sobre a ruptura do tecido rápido. — Fechei os olhos contra a onda de náuseas, que bateu em mim.

— Oh Deus, Cal. Ele está se espalhando, eu consigo ver isso acontecendo, ele gemeu. — É como se fosse me comer viva.

Tentei sorrir, mas só consegui uma careta. — Obrigado pela atualização. Me sinto muito melhor.

— Por que você não cura? Ele parecia em pânico. — Eu pensei que o fazia o sangue de Guardião.

— Meu próprio sangue me protege... mas não de tudo, Eu engasguei. — Veneno é complicado, e o veneno de uma aranha encantada é algo que eu nunca tive que lidar antes. Eu posso não ser capaz de curar rápido o suficiente, sem ajuda.

— O que pode ajudar?

— Só outro Guardião, eu disse. — Sangue do clã.

— Podemos chamar Bryn? Ou Ansel?

— Qual a velocidade de propagação?

Ele não respondeu.

— Eu acho que a resposta é não, então, — eu disse. Meus braços não podiam apoiar o meu corpo por mais tempo. Virei as costas contra o chão da caverna.

— Calla! — Shay passou os braços a minha volta, me puxando contra ele. — Vamos lá, tem que haver algo que possamos fazer.

Eu balancei minha cabeça. — Não há. Apenas saia daqui.

— Não.

— Shay, você precisa sair da montanha. Se alguém te encontra aqui, vão te matar.

— Eu não vou deixar você morrer nesta caverna, — ele retrucou.

— Você não tem escolha. Não há nada que você possa fazer. A dor que atormentava meus músculos começou a diminuir, mas deu lugar a um rastejante adormecimento ainda mais aterrorizante.

— Sim. Existe. Eu tentei focar Shay. Mesmo através da névoa de náuseas seu tom feroz me assustou. Ele tirou a jaqueta, puxando seu suéter sobre a cabeça e arrancando a camiseta branca.

— O que você está fazendo?

— Você tem que me transformar Calla, — disse Shay. — Depressa, antes que eu perca minha coragem. Ele tremia e eu sabia que era tanto de medo como de frio.

— Não.

— Nós não temos tempo para discutir. Ele se reposicionou e minha cabeça estava embalada contra seu pescoço. Meu corpo tinha se tornado tão frio que sua pele quente e nua parecia que estava queimando minha própria carne. — Faça isso meu sangue pode curar você.

— Você está louco,— eu murmurei. — Eu não posso fazer isso. Não importa o que aconteça comigo. Me deixe agora. Basta correr para fora. Você vai ficar bem.

— Sim, certo. Se você morrer, eu sou tão bom quanto um morto, argumentou. — Você sabe disso. Preciso de sua ajuda.

— Eu nunca transformei ninguém, — disse. — Pode dar errado.

— Vamos, — ele retrucou. — Uma mordida e um encantamento foi o que você disse. Quão difícil pode ser? Ele pegou minha nuca, apertando o meu rosto em seu ombro.

— Por favor, Calla.

O cheiro de sua pele, fresco e penetrante como uma piscina glacial, me envolveu e limpou a névoa da minha mente. Minha carne de repente gritou com dor renovada, desesperada pela cura. Eu cravei minhas unhas em seu peito nu, tirando sangue. Ele ficou tenso, mas não se afastou. Meus caninos afiaram. Shay agarrou meus ombros e moldou meu corpo contra ele. Ele engasgou quando suas mãos encontraram pelos e seus braços em torno de um lobo branco. Eu afundei meus dentes em seu ombro. Ele respirou rigidamente. Seus músculos se apertaram, mas ele permaneceu imóvel.

O sangue jorrou das perfurações profundas na carne de Shay. Ele gemeu e seus olhos reviraram. Ele oscilou um pouco quando ele se agarrou a mim. Mudei para forma humana, levantei o braço tremendo na minha boca e mordi a pele macia. Eu apertei minha ferida contra os seus lábios entreabertos. Minha força estava exaurida, mal conseguia me segurar de

pé. Lutei para manter minha mente clara e meu corpo tremendo enquanto eu cantava com uma voz cada vez mais débil.

— *Bellator silvae servi*. Guerreiro da floresta, eu, a alfa, chamo a ti para servir neste momento de necessidade. O chão da caverna parecia estar rodando debaixo de mim. O rosto de Shay borrado e contorcido, quando tentei concentrar nele, esperando que tivesse conseguido acertar o encantamento. Uma onda de energia passou por Shay. Seus braços caíram de minha cintura e ele caiu de costas contra o chão da caverna. Ele ficou muito quieto, deu um suspiro trêmulo, e no momento seguinte, todo o seu corpo em convulsão. Ele gritou.

Não era mais capaz de controlar minhas pernas, cai no chão ao lado dele, tremendo e lutando para ficar consciente. Músculos trêmulos, ele torceu e se retorceu ao meu lado. Seu rosto se contorceu quando ele estava lentamente se dividido a partir de uma essência em dois. Uma vez humano, Shay está sendo separado em lobo e mortal: dois eus, um Guardiã completo. Outro minuto passou, e depois outro. Meus olhos estavam abertos, mas eu não podia mover ou ver nada. Respirar tornou-se difícil, águas escuras se levantaram para me engolir. O silêncio do esquecimento reunido na caverna. *É muito tarde*. Deixei minhas pálpebras pesadas fecharem. Um gemido silencioso ecoou na escuridão. Pelos roçaram minha pele, unhas raspavam o chão de pedra. Meus lábios se separaram e eu tentei falar. Nenhum som vinha. Algo quente e macio pressionou contra a minha boca aberta. Líquido quente escorreu pela minha língua, acumulando, derramando em minha garganta. Ele tinha um gosto doce, como mel silvestre.

Sangue do Clã.

NIGHT†SHADE

— Beba, Calla, — Shay sussurrou. — Você tem que engolir, ou você vai engasgar. Forcei os músculos da garganta a agir, lutando para jogar o sangue para baixo.

— É isso, — disse ele, acariciando meus cabelos. — Não se esqueça de respirar.

Depois de alguns goles dolorosos eu pude beber constantemente. A sensação voltou para os meus membros. Primeiro veio à dor, mas lentamente diminuiu. Minha visão clareou e a caverna parou de vibrar debaixo de mim. Eu empurrei o braço dele e sentei.

Ele segurou sua pele perfurada. — Isso é suficiente?

— Eu acho que sim, — eu disse. — Dê uma olhada.

Eu levantei minha camisa de novo e ele concordou. — Yeah. É definitivamente a cura para cima.

Ele engoliu em seco, desviando o olhar. — Não é bonito de se ver ainda, embora.

Eu rapidamente puxei minha camisa para baixo. — Se a cura já começou, eu vou estar bem.

— Bom.

— Você está bem? — Aproximei-me mais dele, olhando para seu rosto.

— Sim. Girou o pescoço para trás e pra frente. — Doeu. Um pouco. Mas eu me sinto bem agora. — Ele fez uma careta brevemente. — Diferente, embora. Eu acho que gosto.

— Você está diferente. Você é um Guardião.

Ele se mexeu e um peludo lobo marrom ouro piscou para mim com olhos verdes musgo, abanando o rabo. Então, Shay estava sorrindo para mim.

— Então como eu faço o olhar de um lobo? Bom? Mal— Humorado? Questionou. — Quão forte sou eu agora?

— Oh Deus. — Meu coração pulou uma batida. — Isso é muito ruim. Isso é um desastre.

— Por quê? — Seu sorriso desapareceu. — Você não acha que eu possa conseguir?

— Não é isso, Shay, — eu disse. — Eu não acredito que fiz isso. O que eu estava pensando?

— Você não estava pensando, — disse ele. — Você estava morrendo. Nós não tínhamos escolha.

— Eu poderia muito bem ter morrido. Agora eu estou morta com certeza. Não é um lobo na caverna Haldis, mas dois. Eu e um novo lobo estranho.

— Não, — disse ele. — Você não está morta. Mas você estaria se não tivesse me transformado.

— Seu cheiro de lobo esta em toda a caverna agora também, Shay. Como é que vamos escondê-lo? Eu olhei para ele.

— O que eu fiz é proibido... duas vezes! Eu não deveria estar aqui e transformar você deveria ter estado fora de questão! Eu pensei sobre a carcaça de aranha, meu sangue escorrendo pelo chão, não havia nada que eu pudesse fazer para apagar as provas.

Ele me ofereceu um sorriso torto. — Basta adicioná—lo à sua lista de coisas que não deveria fazer, mas que fez de qualquer maneira. Está começando a ficar grande.

— Você poderia estar sério?

— Eu estou Calla. Sua voz era firme. — Você me transformou. Estou feliz com isso. Eu pensei que já tinha se convencido de que ninguém vai entrar na caverna para cheirar os nossos crimes de lobos. No que diz respeito à escola, nós vamos descobrir uma maneira de escondê-lo. Haverá alguém capaz de dizer?

Eu quis argumentar, mas me forcei a considerar suas palavras. — Contanto que você não de na cara⁴⁵. Você vai ter que ser cuidadoso.

— O que de na cara?

— Você não pode mudar de forma, quando alguém puder vê-lo.

— Isso é fácil.

— Não é tão fácil como você pensa, eu disse. — Quando você ficar com raiva ou se sentir ameaçado, o instinto predador do lobo vai empurrar para assumir seu corpo. Não deixe que seus dentes saiam afiados. Não resmungue, e pelo amor de Deus não perca o seu temperamento.

— Então, evitar Ren a todo custo? Eu deixei passar. — Você vai ter seus sentidos aumentados agora. Olfato, audição.

⁴⁵ Uma gíria que tem o mesmo significado dessa, mas traduzido fica sem sentido

— Eu percebi. Ele riu. — Eu pensei que aranha cheirava mal quando eu era humano.

— Exatamente, — eu disse. — Você não pode reagir a coisas que você percebe que um humano não reagiria.

— Eu vou ficar bem, — disse ele. — Sou um bom ator. Ele esticou os braços diante dele, como se verificando quaisquer remanescentes sinais da transformação. — Então você vai me ensinar a ser um lobo? Eu balancei a cabeça lentamente.

— Ótimo! Ele mudou as formas várias vezes em sucessão rápida.

— O que você está fazendo, Shay? Levantei-me, limpando a sujeira do meu jeans.

— Eu simplesmente não consigo acreditar como é fácil, disse ele. — Para ir e voltar, eu quero dizer. Eu sou um lobisomem... É tão legal!

Eu não poderia me ajudar, rindo até doer minha barriga. Talvez tudo ficasse bem. A alegria de Shay tirou meu medo. Eu sabia que era perigoso, mas também era viciante. Ele sorriu timidamente.

— Eu nunca, nunca ouvi um Guardião disser nada disso. Limpei as lágrimas do meu rosto.

— Bem, eu sou outro tipo. Ele sorriu.

— Você certamente é. Eu balancei minha cabeça, mas sorri. — Vamos lá, garoto especial. Vamos descobrir o que o monstro aranha estava protegendo.

Shay assentiu com a cabeça, puxando a camisa de volta. A ferida que eu tinha mordido no ombro dele já tinha fechado, e nós continuamos a escolher nosso caminho através da escuridão. Eu fiz uma careta quando nosso caminho ficou mais profundo dentro do túnel. Talvez fossem meus olhos simplesmente ajustando-se à escuridão, mas a caverna parecia estranhamente brilhante. Shay estendeu a mão e desligou seu farol. A caverna ficou acesa com um brilho quente, avermelhado. Ele apontou para frente de onde o túnel bruscamente virava para a direita. A fonte de luz parecia emanar de todo o canto.

Trocamos um olhar perplexo e continuamos o nosso progresso cauteloso. A névoa carmesim intensificou à medida que aproximava da virada na caverna. O ar em torno de nós esquentou, quase quente. Shay tirou o paletó. Eu abri meu casaco, olhando em volta nervosamente enquanto eu pisava em direção à parede curva. Eu estava prestes a passar o limite para a próxima câmara, quando senti sua mão agarrar a minha. Quando olhei para Shay, ele sorriu. — Vamos fazer isso juntos. Me chamou ao lado dele então nos movemos rigidamente ao redor da curva.

A curva do túnel abria em um amplo espaço. As paredes da câmara interna eram onduladas de ferrugem, ocre, luz vermelha. Quando meus olhos se moviam ao longo das paredes da caverna, eu percebi que elas

estavam cobertas de cristais refletindo a infinitos tons de vermelho, que emanava do centro da câmara. No meio da sala esférica estava uma mulher. Ela flutuou em vez de andar, sua forma fantasmagórica cintilante com luz quente. Fiquei tensa quando seus olhos encontraram-nos. Mas ela sorriu. Seu olhar focado em Shay, esticando as mãos para ele, acenando. Engoli em seco e estendi a mão agarrando o braço dele quando ele soltou minha mão e caminhou rapidamente em sua direção. Ele estava fora do meu alcance antes que eu pudesse puxá-lo de volta. Quando ele estendeu as mãos juntas e pegou as dela, eu queria dar um grito de alerta, mas o meu corpo, a língua, os dedos, de repente estavam paralisados.

A luz na caverna vacilou e, em seguida, intensificou tão rapidamente que eu cobri meus olhos. De repente, ela picou sumindo, mergulhando-nos na escuridão. Eu pulei quando Shay acendeu sua luz novamente. Corri para frente, apavorada que ele tivesse sido prejudicado.

— O que aconteceu? Eu procurei o seu corpo para sinais de ferimentos. — Por que você correu até ela desse jeito?

Ele piscou para mim. — Você não podia ouvi-la?

— Ouvir o quê? — Eu perguntei convencida de que a estranha mulher não tinha o machucado. Uma expressão maravilhosa moveu-se sobre seu rosto. — Foi tão lindo. Ela cantou, e a melodia era como uma canção que eu sempre soube, mas não tinha ouvido falar nos últimos anos.

— O que ela disse?

— Que o Scion carrega a cruz, — ele murmurou. — A cruz é a âncora da vida. Aqui repousa Haldis.

— Aqui jaz Haldis? O que ele tinha acabado de dizer não fazia sentido. Ele olhou para baixo e meus olhos seguiram. A luz do farol brilhava diretamente em suas mãos. Elas não estavam vazias. Deitada em suas palmas estava um cilindro longo e estreito que se curvaram nas pontas ligeiramente levantadas em bordas. À luz do objeto reflete a multiplicidade de tons vermelhos, que já tinha brilhado nas paredes da caverna.

— O que é isso? Olhei para o cilindro estranho.

— É Haldis, — ele respondeu em tom hipnótico.

— Ah, com certeza, — disse eu. — Mas o que é?

— Eu não sei, — disse ele. — Não é pesada, e isso está quente. Como ele é cheio de energia.

— Sério? — Eu estendi a mão e mal tinha tocado o objeto com a ponta do meu dedo quando eu puxei minha mão para trás e soltei um palavrão.

— Calla? — Sua voz estava cheia de alarme.

— Isso dói. — Olhei para o cilindro, meus dedos ainda doem. — Muito. Como se ele me mordesse. Virei meus olhos para Shay. — Eu acho que você é o único que consegue tocar-lhe.

— Só eu? — Seus dedos se enroscaram protetor em torno de Haldis, transformando-o em suas mãos, examinando-o.

— Interessante.

— O que é isso? — Debrucei-me sobre seu ombro.

— Ele tem uma abertura em uma extremidade. Como uma fenda. Ele angulou o cilindro para me mostrar.

— Há algo dentro dele? — Eu olhei na fenda estreita. Ele apertou— a, prendendo-o até seu ouvido. — Não, e não é completamente oca. Eu não sei o que é.

— Bem, nós precisamos descobrir isso depois. Agora temos que voltar para baixo da montanha antes da próxima patrulha sair. Eu enrosquei meu braço no dele, puxando-o para fora da câmara.

— Será que eles vão nos seguir? — Perguntou ele.

— Não é provável, — eu disse. — Agora que você é um Guardião, não vão reconhecer o cheiro. Eles acham que é normal um lobo que desviou para esta faixa.

— Legal.

Quando chegamos à boca da caverna, eu mudei de forma para lobo, Shay seguiu o exemplo. Ele sacudiu o pêlo e olhou para mim, os olhos em questionamento.

Venha, é hora de correr. Eu cutuquei seu ombro.

Ele gritou e pulou fora, seus ouvidos acenderam quando ele olhou para mim. Ele choramingou, arranhando a neve.

Eu assisti por um momento e então compreendi.

Se você precisa falar, concentre seus pensamentos e envie ele para mim. Sua tentativa de resposta calmamente entrou em minha mente. *Ok.*

Minha língua pendia para fora em um sorriso de lobo antes que eu virasse, saltando para fora da caverna, abrangido por árvores. Olhei para trás uma vez para ter certeza de que ele me seguiu e vi Shay fechado em meus calcanhares. Nós invadimos a floresta, mergulhando através do profundo

frescor. Nós aceleramos pra descer o morro como se tivéssemos asas, pulando pedaços de gelo, movendo a neve em nosso caminho. Era como se nós viajamos para trás através do tempo, do inverno para o outono, como se fôssemos raios descendo a montanha.

Eu sinto que poderia correr para sempre. A voz de Shay tocou em minha mente.

Eu lati e corri em outra explosão de velocidade, revelando o poder de meus membros. A noite encobria a base da montanha, quando chegamos ao caminhão de Shay. Tufos de Prata da nuvem velava o luar, que brilhava em feixes fantasmagóricos por entre os pinheiros. Ele trocou de forma e se dirigiu para o seu Ford Ranger, enfiando a mão no bolso do casaco remexendo para pegar as chaves. As chaves chacoalhavam em suas mãos quando ele se virou, me olhando. Mudei para a forma humana e caminhei até ele.

— Posso te dar uma carona para casa? — Ele perguntou.

Olhei para a lua, engolindo um suspiro quando me lembrei do convite de Ren para abater a população de cervo local. — Eu prefiro correr. O nosso tempo na biblioteca tem me mantido dentro de casa demais.

Shay sorriu. — Yeah. Isso foi incrível. Você deve querer ficar fora o tempo todo.

— Estou feliz que você gostou. Cheguei mais perto dele. Apesar da mudança, ele ainda tinha o mesmo perfume que eu aprendi a amar, o cheiro das folhas novas, conseguiu um forte contraste com o incenso inebriante da noite de outono. — Eu não agradei por salvar minha vida.

— Bem, você me salvou duas vezes, por isso ainda estou uma atrás de você. Ele riu. — Mas eu não sei o que eu estou olhando para igualar o placar. Eu preferiria que você tentasse não quase morrer de novo, se você puder ajudar.

— Isso faz dois de nós. Ergui os olhos para ele. Ele estava observando o meu rosto, seus olhos verdes, como piscina no luar. Ele estendeu a mão e acariciou minha bochecha.

— Você quer ir para casa? — Eu peguei os dedos na minha, deixando minha face contra a palma de sua mão, absorvendo seu cheiro de novo, tremendo de emoção eu tinha um mundo inteiro para compartilhar com ele. — Você está cansado?

— Na verdade não. Eu estou muito animado com tudo isso. Meus lábios se curvaram em um sorriso maroto. — Você está com fome?

 capítulo 23

PARE DE LAMENTAR; VOCÊ TEM DEZOITO ANOS e continua agindo como um filhote. Embora a minha reclamação fosse feita com uma nota de provocação, a borda irritada por trás disso era real. O foco exigido pela caçada me fez tensa.

Não é minha culpa. Sua resposta melancólica voltou. Eu nunca tive um rabo antes. Eu não posso descobrir o que exatamente ele deveria fazer. É tão perturbador.

Parei no topo de uma cadeia de montanhas, os olhos rastreando sobre o campo amplo antes de nós. O pequeno grupo de cervos perfumado pastava a um quilômetro abaixo de nós, contra o vento, com total desconhecimento da nossa presença, a sua pelagem marrom transformado em cinza-azulado ao luar.

Você vai precisar descobrir se quiser fazer isso. Meu pensamento de repreensão correu na direção dele. Ele moveu-se a meu lado e então sentou, sua língua pendurada para fora em um sorriso de lobo. Eu vou ficar bem.

Vamos ver sobre isso. Eu levantei o meu focinho, testando o ar novamente. Você se lembra que eu te ensinei? Um cervo é diferente de coelhos. Precisamos coordenar o ataque para ter uma baixa.

O lobo marrom, cuja espessa pele brilhava com listras douradas, escavava o chão coberto de neve, claramente irritado com o meu tom paternalista. Sim, eu sei. Eu pego a coxa, você pega a garganta.

Certo. O meu olhar moveu-se para trás sobre o rebanho. O filhote na extrema direita. Isso é o que nós separamos para matar.

Ele deu um passo à frente, fazendo sua própria avaliação. É um pouco magro, não é?

Há apenas dois de nós, Shay. Nós não precisamos de um cervo totalmente crescido. Nós acabamos de comer um coelho. Como você está com fome, afinal?

Ele me lançou um olhar reprovador. Contanto que você não esteja insinuando que eu não possa derrubar um veado adulto. Mexi minha orelha irritada.

Não é uma competição, estamos apenas tentando conseguir alguma comida.

Ele mostrou os dentes, dançando em círculo ao meu lado brincalhão. Se não é uma competição, então por que você está criticando minhas habilidades de lobo?

Não estou criticando, eu estou ensinando. Eu me virei para vê-lo tramar lentamente ao meu redor.

Posso ter uma estrela de ouro de vez em quando, Miss Tor? Ele disparou para frente, beliscando meu ombro. Cala a boca. Eu agarrei a ele, mas ele pulou fora do meu alcance. Ele inclinou a cabeça para mim, enchendo os olhos com choque e tristeza. Cheirei o ar de desdém. Você é impossível.

Awww, você ama isso. Ele esticou as pernas dianteiras. Tentei revelar meus dentes para ele, mas meu esforço rapidamente se transformou em um sorriso de lobo. Vamos lá, Mogli. Vamos matar Bambi.

Ele enviou uma risada arrogante em minha mente. Você percebe que você usa apenas misturas de metáforas da Disney, certo? Comparadora Disney. Uau, Calla, agora eu estou triste por você.

Eu girei e comecei uma descida furtiva ao longo da colina. Shay seguia perto, os seus passos cuidadosos combinando com meus próprios passos silenciosos enquanto nós corríamos através das árvores. Nos aproximamos silenciosamente através da sombra abrangida dos pinheiros que cercavam o pequeno vale. O cervo continuava ignorando a nossa presença, batendo no monte de neve com seus cascos em busca de forragem enterrada.

Pronto? Eu não olhei Shay atrás, quando enviei o pensamento para ele.

Sempre. Corri pela floresta. Os cervos assustados se dispersaram. Eu me concentrei no filhote, dirigindo-o longe de seus companheiros. Eu mordiscava o animal aterrorizado, girando bruscamente para a esquerda. Shay disparou atrás de mim. Com uma súbita explosão de velocidade, ele lançou no ar, afundando seus dentes em sua coxa. O cervo gritou e vacilou. O sangue rubro derramando na neve enquanto o filhote inutilmente se esforçava para continuar a fuga, apesar do ferimento incapacitante. Focado no lobo dourado, o veado não me viu lançar-me. O próximo grito do filhote morreu em um gorgolejo quando meus dentes rasgaram através de sua garganta. O líquido quente cobre encheu minha boca e preendi minha mandíbula para baixo mais ferozmente. O cervo jovem estremeceu, caindo no chão. Shay trotou até a carcaça, abanando a cauda.

Bom trabalho. O sangue ainda estava quente em minha boca, meu estômago roncou. Olhei para Shay.

Primeiro as damas. Ele baixou a cabeça respeitosamente.

Minha língua pendia para fora e em seguida, rasguei na carcaça. Shay ficou do outro lado do veado e começou a rasgar a carne quente de seu corpo. Depois de um momento ele lambeu a boca.

Isso é muito bom.

Melhor que o coelho? Eu rasguei outro bocado. Shay inclinou a cabeça por um momento, sacudindo as orelhas para trás e para frente. Melhor do que jantar e um filme. Ele arreganhou os dentes para mim com

prazer, antes que voltasse a engolir pedaços de carne de veado. Ele tinha hesitado quando sugeri que caçassemos juntos. Mas como tinha previsto, precisou apenas de um coelho para ele perceber que, como um lobo, o instinto de matar por comida e devorar a carne crua era natural. Quando nós tínhamos comido o suficiente, olhei ao redor. Traços da madrugada caíram sobre o vale, tingindo as sombras da noite com giz cor-de-rosa.

Devemos pensar em voltar. Fiquei nervosa dançando em círculos ao redor do resto da carcaça. Acho que está ficando muito tarde. Shay ficou de pé.

Muito cedo, o sol estará no alto em um par de horas. Vamos voltar para o seu caminhão. Ainda estávamos a uma boa distância do início da trilha, quando Shay trocou para a forma humana. Eu fiz o mesmo, assustada com sua decisão de mudar. Nossas formas de lobo ofereciam muito mais proteção contra os elementos que a pele humana e o vestuário jamais poderiam. Olhei para ele, puxando a minha camisa com mais força ao meu redor quando uma rajada de vento gelado rastejou sob minhas roupas.

— O que foi?

— Eu estive pensando. Ele fechou e abriu o zíper do casaco, claramente nervoso. — Haldis. Precisamos saber o que é.

Olhei para o seu bolso, onde o estranho objeto estava escondido. — A biblioteca não é segura. Os Rastreadores claramente estavam nos assistindo lá antes da emboscada. Estremeci, esfregando os braços.

— Me desculpe, eu sei que está frio, — disse ele, — os olhos verdes escurecendo, cheio de desconfiança, mesmo quando ele me viu estremecer.

— Mas eu preciso ser capaz de ler suas expressões faciais. Eu não sou bom na linguagem corporal de lobo ainda.

— Por que você precisa ler o que minhas expressões faciais dizem?
— Eu comecei a andar na direção dele, parando quando ele recuou.

— Porque você não vai gostar desse plano, e eu preciso saber se você vai me atacar. Assim eu posso sair do caminho.

Eu ri, mas seu rosto era sério.

— Você acha que eu vou atacá-lo?— Eu observei com curiosidade.

Ele respirou lentamente.

— Então, precisamos fazer uma pesquisa, não é?

Eu fiz uma careta e balancei a cabeça.

— Mas a biblioteca pública está fora e assim como a nossa biblioteca escolar. . .

— Sim. — Meu interesse cresceu quando sua expressão tornou-se cuidadosa.

Shay se afastou de mim o quanto podia, sem ter que gritar para eu ouvir.

— Isso deve ser algum plano, — eu murmurei.

— Só prometa que você vai ouvir toda a idéia antes de perder seu temperamento. Seus olhos dispararam em direção à trilha que levava de volta para o estacionamento, como se para medir quanto tempo levaria para ele fazer uma corrida até seu caminhão.

Meus lábios se curvaram em um sorriso perigoso. — Eu prometo.

— Ótimo. Ele não parecia convencido de todo. — E se pudéssemos obter todas as informações dos Guardiões da fonte?

— A fonte?

— Seus livros.

Eu fiz uma careta. — Eu não estou te seguindo.

Ele endireitou os ombros. — Precisamos usar a biblioteca em Rowan Estate.

Já não era o vento que me fazia estremecer. — Por favor, me diga que você está brincando.

— Você sabe que eu não estou.

— Eu não vou à Rowan Estate.

— Por que não?

— Eu não posso acreditar que está sugerindo isso!

Ele avançou na minha direção. — Escute Calla. Meu tio viaja constantemente, ele nunca está em casa. Não vamos ficar presos, e precisamos da informação que está na biblioteca. Eu não acho que a guerra de todos contra todos era o único livro que ele não queria que eu visse.

— É exatamente por isso que é muito perigoso para nós bisbilhotar lá, — repliquei.

— Bosque não sabe que eu posso passar o bloqueio da biblioteca, — ele disse. — Eu estou sempre sozinho. O pessoal só vem para limpar às terças-feiras e domingos. Nós não vamos na terça-feira, e você patrulha no domingo de qualquer maneira. Ninguém poderia saber se fizemos a nossa investigação não nos outros dias.

— Eu não sei.

— Logan disse que você deveria sair comigo, não é? — Shay interrompeu.

— Sim, mas. . .

— Você não acha que seria mais suspeito se nunca te convidasse para minha casa?

— Talvez. — Eu fiz uma careta.

Ele estava sorrindo. — Definitivamente.

— Você não vai desistir, não é?

— Não.

Eu suspirei.

— Então, qual é o veredicto? — Perguntou ele.

— Eu acho que é melhor eu pegar minha lista, — disse. — Parece que estou prestes a acrescentar mais um ato proibido.

— Essa é a minha garota.

— Alfa.

— Tanto faz.

 capítulo 24

Nós passamos pelo primeiro dia de Shay na escola desde a transformação sem incidentes, exceto por um triz em Grandes Ideias. Assim que Ren entrou na aula, Shay ficou tenso, a sombra de sua forma de lobo deslizando sobre os seus ombros, fazendo-o eriçar. Eu tinha antecipado a sua reação e encarei-o até que ele acalmou. No final do dia de escola eu quase compartilhava da confiança de Shay de que a nossa expedição ao Haldis permaneceria o nosso segredo, mas o meu otimismo foi de curta duração.

Eu sabia que algo estava errado logo que entrei pela porta da frente. O ar picou meu nariz e eu tossi com o fedor a wraiths. Considerei dirigir-me para a porta traseira para não ter que passar pela cozinha, mas o pensamento veio um pouco tarde demais.

— Essa deve ser a nossa garota. — Oh Deus, eles sabem. Está tudo acabado.

Meu coração bateu mais forte. Essa voz nunca esteve em minha casa antes. Quando entrei na sala, o Protetor estava sentado na cadeira de couro do meu pai, sorrindo para mim.

— Estávamos esperando por você, Calla, — Efron Bane disse. — Você é uma garota ocupada para voltar para casa tão tarde. E em uma noite de escola. Espero que você não esteja se metendo em problemas.

Ele não estava sozinho. Além das wraiths que rodopiavam sobre seus ombros, Logan e Lumine estavam sentados no sofá. Porque eles estavam todos aqui? Eu tentei pensar em qualquer coisa sem ser em transformar Shay, não querendo que eles sentissem o meu medo.

— Eu tenho seguido ordens. — Olhei para Logan, que assentiu. — Como você pediu.

— Sim, assim eu ouvi, — ele disse. — Nosso Ren pensa que você tem seguido as ordens um pouco a sério demais.

Eu vou ter que desistir de Shay porque Ren está com ciúmes? — Se eu entendi mal... — Comecei.

— Não, não. Eu sei que você é a alma da inocência, querida Calla. — Logan riu. — Ren fica eriçado com o pensamento de qualquer outro homem se aproximando de você. Mas é assim que ele é, nada mais. Continue o bom trabalho com o nosso garoto.

— Sim, Logan, — eu murmurei.

— Aqui estamos nós, — minha mãe falou alegremente, carregando uma bandeja de prata cheia com um serviço de chá e bolinhos em miniatura. — Bem-vinda a casa, Calla. Você vai notar que temos convidados. Seu pai está em patrulha, é claro.

Assenti. Minha mãe serviu o chá. Talvez eles não tenham descoberto que a sua aranha tinha sido morta afinal. Mas se eles não estavam aqui para me punir, sobre o que era esta visita?

A porta de um carro bateu do lado de fora.

— Isso completa a nossa companhia, — Lumine disse, selecionando uma xícara de porcelana. Mais companhia?

Houve uma batida na porta.

— Calla, você pode atender isso enquanto eu sirvo o chá, por favor?
— Eu observei os nervosos movimentos de minha mãe com ansiedade crescente. Quem mais poderia estar vindo?

Fui para a porta, deixando-a abrir para revelar dois homens. Um eu conhecia bem, do outro eu apenas tinha ouvido falar. E o que eu tinha ouvido não tinha sido favorável.

— Esta deve ser a Calla. — O pai de Ren tomou o seu tempo me olhando de cima a baixo. — Bem, pelo menos eles não estão lhe dando uma cara de cavalo⁴⁶ como companheira, garoto. Ela não é tão ruim assim?

⁴⁶ é uma expressão depreciativa, para dizer que alguém é feio

Eu não pude evitar; eu rosnei-lhe, mostrando os dentes.

Ele riu, olhando para Ren. — E ela tem espírito. Isso é bom. Quebrá-la vai ser muito mais divertido.

Ren não respondeu, mantendo os olhos na moldura da nossa porta. Emile Laroche me empurrou para passar para a sala, olhando ao redor como se estivesse avaliando a nossa casa. Era bom que meu pai estivesse em patrulha. Eu estava tentando tanto ficar escancarada a olhar para o alfa Bane mais velho que quase não notei quando Ren veio para o meu lado, beijando a minha testa em saudação.

— É bom ver você, — ele murmurou, pegando minha mão.

Eu murmurei um olá, ainda olhando para o pai de Ren. Eu nunca tinha conhecido Emile Laroche; até à recente fusão dos jovens lobos, Nightshades e Banes tinham se mantido afastados uns dos outros. O alfa Bane tinha pouca semelhança com o seu filho. Onde Ren era forte mas ágil, Emile era baixo e largo, músculos grossos apertando contra suas roupas. Ao contrário dos cabelos e olhos escuros de Ren, o cabelo de Emile assemelhava-se a um emaranhado de palha, seus olhos de um azul claro de riacho congelado.

— Naomi! — Emile latiu, sorrindo para minha mãe. — Você é uma visão para olhos arruinados.

— Emile. — Naomi manteve seus olhos baixos. — Posso oferecer-lhe algo para beber?

— Algo mais forte do que isso, — ele disse, apontando para o chá.

— Claro. — Ela correu para a cozinha.

— Para mim também, — Efron gritou para ela antes de sorrir para Emile. — Bom homem.

— Você é bem-vindo. — Emile encostou-se na parede perto de Efron. — Boa noite, mestre, jovem mestre.

— Obrigado por vir, Emile, — Lumine disse, mexendo o chá. — Eu sei que uma reunião como esta é algo sem precedentes.

Minha mãe voltou com as bebidas para Emile e Efron. Ela olhou ao redor da sala, franzindo os lábios. — Vou pegar mais cadeiras.

— Você não vai se sentar no meu colo? — Emile disse, bebendo a sua bebida de um gole só. Eu encarei-o, mas Efron riu profundamente enquanto Logan riu silenciosamente.

A boca de Lumine franziu, desaprovadora, mas ela continuou a beber seu chá.

— Vou apenas trazer a garrafa, — minha mãe murmurou quando Emile empurrou seu copo vazio para ela, e voltou para a cozinha.

Eu ajudei-a a carregar as cadeiras da cozinha para a sala, sentando-me perto de Ren e me perguntando o que diabos estava acontecendo.

— É uma pena que Stephen não está aqui, — Lumine começou.

— Sim, uma maldita pena. — Emile bufou, descansando em sua cadeira. — Já passaram alguns anos desde que tivemos uma boa luta.

— Calma, amigo, — Efron disse. — Nós precisamos de ambos os clãs nisto. Você vai ter que afastar os preconceitos por um tempo.

— O que aconteceu? — Naomi perguntou, entregando uma garrafa de whisky a Emile.

— Nós pensamos que algo deu errado em Haldis, — Lumine disse. — Nós podemos ter atrasado formar o novo clã durante tempo demais.

Fixei minha expressão no que eu esperava que fosse um olhar vazio enquanto horror se enrolava na base da minha espinha. Eles sabem!

— Nós não vimos nada nas patrulhas, — Naomi disse.

— O problema ocorreu dentro da caverna em si, — Lumine continuou. — Uma das últimas linhas de defesa pode ter sido derrubada, mas não podemos ter certeza sem uma investigação. Logan?

Mas eles não sabem tudo. Quão em breve eles vão colocar todas as peças juntas?

Logan virou-se para mim e para Ren. — Vocês não vão à escola amanhã. Eu preciso que o novo clã verifique a área ao redor da caverna e da entrada. Não vão muito longe lá dentro — vocês saberão se a tiverem incomodado.

— Ela? — Eu repeti, tentando mascarar o meu espanto.

— Ao contrário de vocês, esta besta é um animal de estimação especial. — Logan sorriu. — Um animal de estimação muito mortal que mantém a caverna protegida. Se alguma coisa passar pelos nossos fiéis Guardiões, isto é.

— Vai atacar-nos? — Ren perguntou.

— Sem dúvida, — Logan disse. — É por isso que vocês vão fazer as vossas observações e depois transmiti-las. Ela não deixa o seu covil. Se vocês a virem viva, saiam de lá; ela não vai perseguir vocês para além da boca da caverna. Se algo lhe tiver acontecido, nós devemos descobrir como. Divida o seu grupo. Mande alguns lobos para checar a caverna. Os outros devem examinar o perímetro para descobrir quem ou o quê esteve perto de Haldis. Nós precisamos saber se os Rastreadores se aproximaram de lá.

— O que ela é? — Ren perguntou. Seu aperto na minha mão aumentou.

— Eu não quero estragar a surpresa, — Logan disse. — Ela é espetacular.

Eu retornei o aperto duro de Ren mas apenas para não estremecer. Eu tinha que ser um dos lobos que checasse a caverna. Na verdade, eu tinha que ser o único lobo. Caso contrário... eu não podia pensar em outra forma.

— E você quer que vamos amanhã? — Perguntei, certificando-me de manter a voz firme.

— Sim, — Logan disse. — Temos de agir agora. Se os Rastreadores tiverem rompido as nossas defesas, é preciso fazermos mudanças imediatamente.

— Eu vou ligar para o clã quando chegar a casa, — Ren disse, olhando para mim. — Ok, Calla?

Antes que eu pudesse responder, Emile fez uma careta. — Você não precisa de sua permissão, rapaz.

— Não há nada de errado com boas maneiras, Emile, — Lumine censurou. — Calla tem sido uma boa líder dos jovens Nightshades. Ren é sábio por pedir a sua opinião.

Emile murmurou algo para dentro do copo e Efron riu.

— Está tudo bem, — eu disse. — Ligue para eles. — Eu descobriria como ficar sozinha na patrulha da caverna amanhã.

— Nós nos encontraremos na primeira luz, então? — Ele perguntou, apertando a minha mão. — Na trilha base?

Assenti.

Lumine levantou, alisando a saia. — Excelente. Sua primeira prova. Não nos desapontem.

— Nunca, — Ren murmurou.

— Muito bem. — Efron sorriu. — Desejamos uma boa noite, então.

— Obrigado pelo chá, Naomi, — Lumine disse. — Sua boa recepção nunca deixa de impressionar.

— Mestre. — Minha mãe fez uma pequena reverência.

Logan parou na nossa frente em seu caminho para a porta. — Boa caçada.

As wraiths flutuaram silenciosamente atrás deles. A porta da frente fechou e Ren levantou-se, mas Emile serviu-se de outra bebida. Ele estendeu a garrafa para a minha mãe.

— Pelo bem dos velhos tempos?

— Não, obrigada, — ela disse.

— Vamos ficar? — Ren franziu a testa, olhando de seu pai para a minha mãe.

— Não parece educado deixar duas senhoras encantadoras sozinhas, visto que Stephen não pode estar aqui para cuidar delas. — Emile foi para o

lado da minha mãe, deixando seus dedos deslizar pelo cabelo dela. Ela empalideceu, mas não se mexeu.

— Nós podemos cuidar de nós mesmas, — eu estalei.

— Não como um homem poderia, — ele disse, seus dedos de movendo do cabelo da minha mãe para o seu queixo. — Naomi, com que bobagem você tem enchido a cabeça dessa garota? Ela não está prestes a dar problemas ao meu garoto, não é?

— Ela será uma ótima companheira, — ela disse. — Merecedora de seu filho.

Olhei para ela, não entendendo porque ela não o afastava. Eu sabia o quão forte minha mãe era; ela pode não ser capaz de ganhar Emile numa luta, mas ela poderia certamente defender-se dele.

— Ótima de fato. Tal como a mãe dela, eu suponho. Você é uma boa garota, Naomi. Você conhece o seu lugar. Eu sempre achei que era uma vergonha que não fôssemos mais amigos.

— Obrigada, — ela sussurrou, mas eu podia ver suas mãos tremendo.

— A noite é uma criança, — Emile continuou, inclinando-se para seus lábios tocassem seu ouvido. — E cheia de possibilidades. Nós poderíamos compensar o tempo perdido.

— Como você se atreve! — Eu me levantei. — Afaste-se dela!

Emile virou-se para mim, rosnando. — Renier, leve sua putinha lá para cima!

— Eu não vou a lugar nenhum! — Apenas o aperto de Ren em meus ombros me impediu de voar para Emile.

— Pai, devemos ir; é tarde e nós estamos ultrapassando o limite das nossas bem-vindas, — Ren disse calmamente. — Stephen estará saindo da patrulha em breve.

— Suponho que ele vai, não é? — O sorriso de Emile era como a luz de um trem se aproximando. — Eu realmente deveria pagar meus respeitos.

— Eu tenho muito dever de casa para fazer e ainda tenho que ligar para o clã sobre a ida de amanhã para Haldis, — Ren adicionou. — Eu prefiro ir agora. Por favor.

— Eu não sei onde você arranja sua ética de trabalho, garoto. — Emile terminou sua bebida, batendo com o copo no braço da cadeira da minha mãe. — Foi um prazer, Naomi.

— Vejo você amanhã. — Ren não olhou para mim quando falou, seguindo o pai pela porta da frente.

Eu observei minha mãe levantar-se, endireitando a blusa.

— Bem, é melhor limparmos isto. — Ela começou a coletar os copos, colocando-os na bandeja de chá.

— Mamãe, — eu disse. — Você não vai dizer nada?

— Ao que você se refere, querida?

— Porque você deixou Emile fazer isso com você?

— Ele é um macho alfa, Calla. — Ela não encontrou os meus olhos enquanto continuava a limpar o quarto. — É assim que eles são.

— Papai não é assim!

— Não, — ela respondeu, levantando a bandeja. Segui-a para a cozinha. — Mas Efron e Lumine preferem características diferentes em seus líderes. Lumine encoraja uma abordagem impassível e claro.

— Fineza, — eu terminei. — Como eu poderia esquecer?

Ela me ofereceu um sorriso fraco. — Efron acha que é melhor ter alfas que usam... uma mão mais firme.

— É isso que você lhe chama? — Eu rosnei. — Porque eu diria que Efron e Emile são dois imbecis!

— Não seja vil, Calla, — ela estalou. — É inconveniente.

— Você vai dizer ao papai? — Eu perguntei.

Ela empilhou os pratos na pia. — Claro que não. Ele odeia Emile o suficiente, e você ouviu nossos mestres dizerem que a cooperação é de vital importância agora.

— Nós não podemos ter os homens lutando um com o outro enquanto estamos tentando criar novas defesas. Eles são bobos assim.

— Bobos?! Ninguém além de papai tem permissão para tocar em você!

— Nenhum homem inferior pode me tocar. Isto foi acerca de alfas rivais. Algo que espero que você nunca tenha que enfrentar. Emile tomará qualquer chance que tenha para desafiar o seu pai. Ele sempre quis provar que é o alfa dominante dos dois clãs. Só piorou desde que Corinne foi morta.

— Mas.

Ela se virou para mim, com a mão levantada. — Esqueça isso, Calla. Está acabado.

— Então é isto que é fineza? — Eu não pude conter minha indignação. — Atuar como uma puta para qualquer homem que visita sua casa?

Eu estava no chão antes de perceber que ela me tinha batido. Meu rosto latejava do golpe.

— Ouça com muita atenção, Calla. — Minha mãe estava de pé à minha frente, seu punho ainda fechado. — Eu disse isso uma vez, e eu não quero explicar novamente. Emile não é qualquer homem. Ele é o alfa Bane. Você não pode ir contra um macho alfa, mesmo quando você pertence a outro. Você estará arriscando sua vida se o fizer. Você me entende?

Ainda atordoada, eu não conseguia falar.

— Você me entende? — Eu nunca tinha visto um olhar tão duro em seus olhos.

— Sim, Mãe, — eu sussurrei.

— Você deve estar cansada. — Ela arrumou seu rosto em uma imagem de bondade. — Depois que eu tiver terminado aqui, vou fazer um chá de camomila e preparar um banho de espuma para você. Você tem um grande dia amanhã.

Eu assenti, subindo as escadas entorpecidamente. A porta de Ansel estava fechada, com música alta ouvindo-se lá de dentro.

Minha mãe deve tê-lo mandado para cima quando os Protetores chegaram. Ele não ouviu nada disto.

Pensei em bater mas dirigi-me para o meu quarto em vez disso, deixando meu irmãozinho manter seus sonhos de romance e verdadeiro amor um pouco mais. Fechei a porta e comecei a chorar, me perguntando quanto tempo eu tinha antes de minha mãe aparecer com o chá e quando os Protetores iriam descobrir o quão longe a minha traição tinha ido.



apítulo 25

— VOCÊS TODOS NÃO PODEM IR PARA A CAVERNA. ANDEI ao longo da base da encosta íngreme. Meus companheiros de matilha tinham os olhos grudados em mim. Ainda estávamos esperando os Banes chegar. A luz da aurora exposta fez a terra brilhar em tons de enferrujado que me lembrou de Haldis. Eu tremia, sabendo que o misterioso objeto era a razão para essa patrulha, e que nenhum dos meus companheiros de matilha compartilhava esse segredo. Nenhum deles poderia ir para a caverna. Eles saberiam que eu estive lá e com outro lobo. Eu estava desesperada para mantê-los longe.

— Mas Logan tem algum animal horrível lá! — Fey exclamou. — Não é justo se nós todos não conseguirmos ver isso. Eu aposto que é monstruoso!

— Você realmente disse “monstruoso”? — Bryn perguntou, ganhando uma dura expressão de Fey. Eles estavam brigando cada vez mais desde a noite de Burnout.

— Não se trata de ser justa, é sobre nossas ordens, — eu disse. Seus resmungos fizeram meus dentes se apertarem. — Basta levar isso até quando Ren chegar aqui.

E vou me certificar de que Ren me envie para a caverna. Um ruído nos arbustos anunciou a chegada dos Banes. Cinco lobos emergiram, vendo que ainda estávamos em forma humana, eles mudaram um por um. Ren por último.

— O que foi? — Ele perguntou.

— Meu bando está mais interessado em turismo, que estar fazendo seu trabalho, — disse.

— Isso não é... — Fey começou.

— Cale-se, Fey, — eu rosnei. A visita de ontem à noite dos guardiões e os pais de Ren tinha me empurrado bem a frente da minha linha normal de tolerância. Ren começou a rir, acenando para o resto de seu bando. — Não se preocupe Lily. A coisa toda na caverna é muito, eles também vão falar sobre isso.

— Perfeito, — eu murmurei. — Por que não posso simplesmente ir lá em cima? A rota de patrulha é mais importante de qualquer maneira. Nós realmente precisamos saber o que está se esgueirando atrás das nossas costas.

— Calla está certa. — Ren ergueu a voz. — A patrulha é muito mais importante que aquilo que está na caverna. — Alguns deles resmungaram, só para serem silenciados pelo rosnar de Ren.

— É por isso que eu mesmo vou à caverna, — continuou ele.

— Mas... — eu tentei esconder meu pânico.

— Eu não vou dizer isso mais de uma vez. — Ren me ignorou. — Calla olhe a evidência dos Rastreadores ao longo do perímetro da caverna. Bryn, Ansel, vocês vem comigo, nós estamos indo para a caverna. O resto de vocês vai fazer o que Calla disser, e se eu ouvir reclamações vão responder a mim. Nós vamos conversar com vocês depois de ter verificado a caverna e terminar a patrulha em conjunto.

Ninguém falou. Mordi minha própria resposta assustada. Bryn e Ansel? Eu não entendi por que ele pegou dois de meus companheiros de matilha e não do seu. Pelo menos eu seria capaz de falar com eles depois. Por suas próprias partes, Bryn e Ansel pareciam atordoados, mas seguiram o exemplo quando Ren passou para a forma de lobo. Eu fiz o mesmo e o resto do bando focado em mim, apesar de Dax ter olhado Ren uma vez, parecendo desamparado.

É assim que vai ser. Eu compartilhei meus pensamentos com o meu grupo designado. Mesmo que o meu medo superasse as minhas forças, eu ainda tinha que agir como uma alfa. Varreduras alargando em círculos, começando com o perímetro interno, passando depois para o sul. Mason, Nev, Sabine, e eu vamos tomar a rota leste-oeste. Dax, Fey, Cosette, correrão de leste a oeste. Vamos minimizar a superposição, enquanto abrangemos o máximo da área. Alguma pergunta? Eu me senti um pouco culpada por repreender Fey anteriormente e esperava que a colocando com

o Dax fosse compensar isso. Eles abaixaram seus focinhos em conformidade. Bom. Vamos.

Fey assumiu a liderança com Dax e Cosette seguindo a rota ocidental. Eu estava prestes a levar Mason e Nev subindo a encosta, quando a voz de Ren entrou na minha mente.

Calla? O que é? — Parei, sacudindo as orelhas para trás e para frente. Era claro que ele estava enviando a sua voz só para mim.

Desculpe se eu descartei você, mas é importante que se acostume com padrões de patrulha. Vou cuidar bem de Bryn e Ansel.

Claro que sim. Obrigado.

Tenho certeza que você não vai perder nada de muito excitante na caverna. Eu vou deixar você saber o que encontramos assim que eu puder. E depois sua voz se foi. O que ele vai encontrar lá? Nada insignificante. Medo e frustração levaram-me a beliscar os calcanhares de Mason, mas deixei Nev e Sabine ouvirem o pensamento também. Vamos.

Hey!— Protestou ele. Estávamos esperando por você.

Isso não é desculpa. Eu abanava o rabo, desejando que pudesse sentir alguma coisa além da torção de estômago. Eu te disse cara, Nev cantarolou.

Eu sempre soube que ela era uma tirana. Sabine ficou em silêncio, à espera de suas ordens. Eu me perguntava o que estava pensando. Nev e Mason riram enchendo minha mente enquanto corríamos até o morro, brincando de morder os flancos uns dos outros, correndo para assumir a liderança. Mas a alegria de correr livre tinha sido drenada dos meus membros. Tinha sido apenas uma questão de dias desde que Shay e eu lutamos contra a aranha de Logan e tomamos o Haldis de seu lugar de descanso. Eu tinha perdido muito sangue, poderia ter vazado na pedra, manchando as paredes da caverna. Talvez o cheiro de aranha cobrisse o meu? Mas o que aconteceria se não? O que Ren faria?

Eu bati em um esquilo que disparou na minha frente. Mason mordiscava meu maxilar. Você está bem? — Dor de cabeça, — eu respondi. — Vamos atrasar, mas devemos começar a seguir a pista aqui. Nós dispersamos, focinho no chão, movendo-se em um galope rápido, em busca de perfumes que estavam fora do lugar, pistas eu sabia que não iriam encontrar. Sabendo que não havia nada a encontrar, mas evidências de mim e Shay fazendo um exercício de acompanhamento tedioso. Eu peguei seu cheiro adiantado em nossa patrulha, sabendo que seria irreconhecível para os meus companheiros de matilha. Eu obedientemente levei Nev, Mason, e Sabine através de movimentos de uma caçada, o tempo todo querendo saber o que estava acontecendo na caverna.

Podemos pegar alguma coisa para comer? — A voz de Mason interrompeu meus próprios pensamentos. Eu vi um galo lá atrás e eu estou morrendo de fome. Eu não acho que haja nada para encontrar. Apenas um lobo desgarrado vagando neste intervalo. Embora eu esperasse, a suposição de Mason sobre o lobo desconhecido enviar uma onda de alívio sobre mim. Isso é tudo que eu tenho também. Eu voto no almoço, — Nev respondeu.

Não galo, no entanto. Eu odeio a maneira que penas furam a minha língua. Que tal coelho? Eu amo um coelho gordo.

Vocês dois precisam se concentrar, — Sabine estalou. Devemos esperar para comer até que nós terminemos a patrulha. Se há uma matilha de lobos nova que vem para esta área, teremos de persegui-los.. Ele vai ficar muito confuso. É só um lobo, Sabine. Pare de se mostrar para Calla, Nev respondeu. Já cacei com você. Você vai parar depois do primeiro coelho que vermos. Ela cheirou o ar de desdém. Dificilmente.

Meu próprio estômago roncou, lembrando-me que estávamos em nossa tarefa inútil por horas. Eu estava prestes a responder quando um uivo me fez parar em meu caminho. Uivo de Ren, um lamento perfurou o ar da montanha, convocando o bando para o alfa. Toda a tranquilidade que eu sentia sabendo que a identidade de Shay permaneceria oculta desapareceu. Em poucos minutos eu iria enfrentar Ren, e eu não sabia o que ele tinha encontrado na caverna.

Talvez isso seja o sino do almoço. Mason virou na direção do uivo.

Vamos descobrir o que ele quer. Me virei, guiando o caminho de volta até a montanha. Ren, Bryn e Ansel estavam à espera quando chegamos. Eu balancei minha juba nervosa quando vi o lugar que ele tinha selecionado para o nosso encontro (a campina onde na primeira vez salvei a vida de Shay). Eu escavava a terra, não querendo compartilhar este lugar com os outros, de repente, desejando que Shay estivesse aqui e os meus companheiros de matilha não. Tentando não parecer nervosa, eu me aproximei de Ren com cautela. Ele parecia calmo, esperando em silêncio o

resto do bando chegar. Fey e Cosette se arremessaram para fora da floresta do leste.

Onde está o Dax? — A voz de Ren encheu toda a nossa mente.

Ele tinha fome, — Fey respondeu, olhando por cima do ombro. Dax apareceu do mato, arrastando uma corça recém-morta com ele.

Três vivas para Dax. Nev disparou para frente, afundando seus dentes na coxa do veado para ajudar Dax arrastar a carcaça o resto do caminho. A língua de Ansel pendeu para fora quando ele trotou para a nossa refeição.

Alfas comem primeiro. Dax baixou o focinho, mostrando os dentes ao meu irmão. Ansel caiu no chão, orelhas lisas. Desculpe Ren.

Não se preocupe com isso. Ren se aconchegou do meu lado, colocando o focinho em cima de mim. Com fome? Ele acariciou minha mandíbula, sem dar qualquer sinal de hostilidade. Talvez ele não tivesse encontrado nada. Tranquilizada pela maneira fácil de Ren, meu estômago roncou com a sugestão de carne fresca. Eu acho.

Qual sua parte favorita? Ele me cutucou para o cervo. O cheiro de sangue fresco diminuiu a minha irritação. Mordi as costelas. Lambi meus beijos.

Fique à vontade. Eu rasguei a carcaça. Ren assentado ao meu lado, puxou os pedaços de carne a partir do seu ombro. O resto do bando se juntou a nós, mantendo uma distância respeitosa. Eu sei que vocês estão desfrutando do alimento. A voz de Ren chegou até nós, enquanto ele continuou a comer. Mas eu preciso contar sobre algumas coisas, então prestem atenção.

O que estava na caverna? Dax perguntou sua boca vermelha de sangue.

Você não vai acreditar, — Bryn disse, — levantando polêmica. Uma aranha muito grande, muito morta. Ren arrancou a perna do veado da articulação do ombro. Isso soa horrível. Sabine desviou-se do bando empanturrada, sem fome ou adiando a sua refeição com a idéia de uma aranha mutante. Qual o tamanho? — Mason perguntou.

Três vezes Dax. Ansel lambeu a mandíbula de Bryn. Isso é a ideia de Logan de um animal de estimação? — Nev rosnou, arrancando mais ferozmente o flanco do veado.

Acho que era mais um sentinela do que um animal de estimação, Ren respondeu. É bom saber que tem tanta confiança na nossa capacidade de defender a caverna, Sabine torceu o nariz*. Ren piscou os dentes para ela. Enfim, ele está morto e Logan me pediu para chamá-lo imediatamente, se a caverna não estivesse mais protegida por essa coisa.

Quando ele pediu isso? Eu olhei para ele, não recordando qualquer conversa deste tipo.

Ele ligou ontem à noite, depois que saímos de sua casa. Eu coloquei minha cabeça em minhas patas, perguntando quantas vezes Ren receberia ordens que eu não sabia.

Ele não estava feliz, Ren continuou. Meu pai, Logan, e Efron estão no seu caminho para a caverna agora. Eles queriam olhar para outra coisa, mas é algo que não nos envolve. Haldis.

Levantei-me, passeando em torno do grupo, presa em meus próprios pensamentos. Eles estavam vindo para verificar o Haldis. Tinha de ser. Algum de vocês encontrou alguma coisa na patrulha? Ren perguntou. Há um lobo solitário na montanha. Fey se esticou para trás, sacudindo a juba. Eu não o vi ainda, mas esse é o novo perfume. Caso contrário, somos só nós.

Shay. Eles também encontraram o rastro de Shay. Minha isca artificial⁴⁷ rosa.

Sem Rastreadores, no entanto, adicionou Dax, engolindo um pedaço enorme de carne de veado. Nós não encontramos nada. Nev descansava

⁴⁷ No original “hackles” são aquelas iscas artificiais usadas geralmente para pesca, com isso eles conseguiram levar o perfume de Shay.

<http://www.edinburghbagpipes.co.uk/images/blue%20&%20white%20hackle%20sm.jpg>

sobre as patas traseiras. Nem mesmo um coelho gordo. Mason beliscou a orelha de Nev.

Vamos manter o monitoramento para baixo declive, só no caso. — Ren se afastou do cervo, que havia sido reduzido a ossos. Bryn vá com o grupo de Dax, vou acompanhá-lo também. Ansel, você vai com Calla.

— Você é o chefe, — Ansel respondeu, esticando a cabeça para coçar a orelha com sua pata traseira. O bando se dividiu, e se deslocaram em direção ao bosque.

Estamos bem atrás de você. Ren enviou o pensamento para o grupo. Eu preciso falar com Calla por um minuto. Eu vi meus companheiros de matilha desaparecer entre os pinheiros antes de virar a cabeça para Ren. O que houve? — Ren chegou perto de mim, fechou-me em seus olhos de carvão. Por que você estava na caverna? — Meu pulso pulou, mas eu cheirei o chão, fingindo desinteresse.

Eu não sei do que você está falando. Ele se lançou para frente, batendo nas minhas costas. Eu tentei rolar, mas ele estava em cima de mim, prendendo-me para baixo, com minha barriga exposta. Suas mandíbulas travadas em torno de minha garganta, pressionando a minha traquéia, tornando difícil respirar. Eu sei o seu cheiro, Calla. Você estava lá dentro. Dois talvez três dias atrás. Chutei-o, raspando-o com as unhas.

Pare. Deixe-me! Bryn e Ansel devem ter reconhecido o seu cheiro, mas eles alegaram não perceber nada, o que significa que eles mentiram por você também. Você está tentando dividir o bando em lealdade? Você

realmente quer trabalhar contra mim? Seus dentes morderam meu pescoço, forçando a me submeter. Eu nunca pensei que poderia odiar Ren, mas naquele momento eu estava perto. Ele apertou mais forte, me fazendo contorcer de dor. Eu ficava chutando e ele rosnou. Não lute contra mim. Apenas me diga a verdade. Eu choraminguei e fiquei sem forças em baixo dele.

Desculpe-me, eu deveria ter dito. Eu estava curiosa, então eu fui neste fim de semana durante a patrulha. Um grunhido retumbou no peito de Ren.

Você quis matar a aranha de Logan? — Minha mente correu quando eu pesava os riscos de mentir ou esticar a verdade, contar a história real estava fora de questão.

Não, — eu respondi, escolhendo a mentira. A caverna cheirava tudo errado, perigoso. Eu não fiquei lá muito tempo. Aguardei na esperança de que ele acreditasse em mim, perguntando o quão perto ele tinha sido capaz de acompanhar o meu progresso através da caverna.

Por que você não disse nada?— Ele ainda estava rosnando, mas o aperto no meu pescoço afrouxou. Eu gemia de novo, mas ainda se manteve.

Sinto muito, Ren. Eu pensei que Logan poderia me punir. Você sabe que nós não estamos autorizados a entrar.

Você é mais corajosa do que eu. Eu queria me esgueirar na caverna durante anos. Seu rosar parou e ele me soltou, empurrando minha cabeça para cima, ajudando a me levantar. Eu não gosto de fazer isso com você, Calla. Eu sempre vou te proteger, mas você não pode guardar segredos de mim. E seus companheiros de matilha também, eu vou falar com Bryn e Ansel sobre isso mais tarde. Sinto muito. Eu não conseguia encontrar seus olhos. Ele pressionou seu nariz no meu ombro. Preciso de sua confiança. Você entendeu?

Sim. Minhas pernas estavam tremendo. O que você acha que matou a aranha? O único cheiro era do outro lobo solitário. — Ren respondeu. Eu estou supondo que é o mesmo que o seu grupo e Dax encontraram na encosta. É difícil acreditar que ele poderia ter matado o bichinho de Logan, por si só, o lobo deve ser algum lutador.

Pensei em Shay empunhando os machados de gelo, sobre o quanto eu admirava a sua coragem, sua perícia como um guerreiro.

Eu só estou tentando mantê-la segura, Calla. Ren lambeu meu focinho. Não corra riscos desnecessários. Você é muito importante para isso. Eu preciso de você ao meu lado. Desculpe-me se eu te machuquei.

Não machucou. Eu deixei ele me acariciar, apesar da minha humilhação, aliviada por ele não ter pressionado o problema mais detalhadamente. Sem outra palavra, ele correu para a floresta, deixando-me sozinha na campina. Quando eu fechei os olhos, vi Shay, senti os lábios dele no meu braço, os primeiros lampejos de desejo, quando ele me tocou. Eu levantei minha boca, desejando uivar minha frustração, odiando o silêncio

forçado em cima de mim. Os guardiões iriam à caça do ladrão de Haldis em breve. O que fariam então?



apítulo 26

Eu fiz meu caminho em direção aos degraus de pedra de Rowan. Estate antes do terror prender-me no lugar. Shay teria que me carregar pelo resto do caminho.

— Eu mudei de idéia. — Meu pé arranhando o pavimento de pedras.

— Tarde demais. — Ele cerrou os dentes e continuou me arrastando.

— Eu nunca devia tê-lo transformado, — Eu disse — Você não seria capaz de me arrastar para lugar algum.

— Você não está exatamente facilitando com isso também. — Ele se estendeu para me fazer dar outro passo à frente. — Você me deve, não lembra?

Você me abandonou no bar semana passada. Eu achei que Ren usaria a noite inteira planejando em qual ordem ele ia quebrar os ossos do meu corpo.

— Ele provavelmente planejou.

— Exatamente. Você tem sorte que não estarei aqui para te levar para um tour.

— Você teria minha eterna gratidão pela oferta. Tenho certeza que é uma casa adorável. — Me contorci em seus braços. — Agora me solte.

— Ora vamos, Cal, suba as escadas. Você concordou com isso. Você realmente vai me fazer te carregar até lá dentro?

Encarei as sólidas e escuras portas duplas. — Talvez.

— Se você fizer isso, eu vou te pôr sob meus ombros estilo homem das cavernas. — Forçou um riso. — Não será bonito.

Meus olhos se estreitaram. — Você iria adorar isso, não é verdade?

— Quer descobrir?

Eu girei para fora de seu aperto, apressando-me pelas escadas. Shay tirou uma enorme chave de sua jaqueta. Meu olhar vagou pelo aspecto da mansão enquanto ele destrancava a porta.

A mansão majestosa fazia um completo contorno contra o céu, sua fachada com uma solitária cor de neblina. O edifício se esticando para uma incrível extensão em cada lado da entrada principal. Altas, as adjacentes divisórias das janelas delineavam cada parte dos 3 pisos.

A cumeeira⁴⁸ recheada com criaturas em pedra: cobras enroladas, cavalos suspensos, grifos gritando, e quimeras rugindo. Gárgulas aladas encurvavam-se pelo telhado, como se preparando para saltar de suas calhas.

— Você vem? — Shay segurou a porta aberta.

Coloquei meus olhos nas estátuas, levou uma profunda respiração, e andei em direção da escuridão da mansão. Uma vez lá dentro, arfei.

As portas abriam para um hall enorme. Um balcão circundava o amplo espaço. Duas escadarias de mármore em direções opostas ao longo da grande parede.

Um candelabro elaborado de cristal estava suspenso no teto. Seus prismas capturavam a luz do sol das janelas, jogando infinitos arco-íris ao longo do chão de pedra. Embora desprovida de móveis, o quarto estava rodeado de arte, que variou de vasos de porcelana requintados que atingiu a minha cintura aos ternos de armadura completa agarrando alabardas ferozes e bastões cruéis em suas luvas.

⁴⁸ Linha de interseção no topo, entre as duas águas opostas de um telhado. 4 Constr Viga horizontal nessa linha de interseção, à qual são fixadas as extremidades superiores dos caibros de um telhado.

— Como eu disse. — Shay surgiu próximo a mim. — Rico. — Sua voz ricocheteou as paredes.

Eu acenei.

— A biblioteca fica entre aquelas portas indo reto no segundo andar, — ele continuou. — As escadas levam à oeste e leste da casa. Você quer começar com a pesquisa agora mesmo? Ou prefere o tour?

— Eu quero ter certeza se está tudo bem estarmos aqui. — Murmurei.

— O tour, então, — ele disse, conduzindo para as escadas da direita. — Eu moro no lado leste.

Eu dei de ombros enquanto o seguia. Um silêncio assustador envolveu a casa; o barulho dos passos no chão ecoaram em volta.

— Como você se acostumou com isso? — Percebi que estava sussurrando.

— Na verdade não me acostumei. — Ele encolheu os ombros. — Estar sozinho o tempo todo é bem estranho.

— Não posso acreditar no quão silencioso é.

— As vezes eu ponho música no meu quarto e abro a porta então ecoa pelos corredores, — ele disse. — Ajuda um pouco.

Nós viramos no corredor. Do chão ao teto retratos de figuras em tamanho real pendurados na parede com regularidade e intervalos espaçados.

Eu dei uma olhada em um deles e congelei. Um homem estava suspenso em um negro vácuo, seu rosto se contorcendo de agonia, seus torturadores obscurecidos pelos tons negros da figura. Olhei para a pintura do lado oposto. Era similar, mas com uma mulher.

— Podemos andar mais rápido? — Murmurei.

— Sinto muito, — Disse. — Deveria ter avisado a respeito das pinturas. O gosto de Bosque em arte tende ser voltado para o mórbido.

— Não brinca, — Mantive meus olhos no chão enquanto andávamos. — O que são afinal?

— Eu não sei, — Ele disse. — Pensei que poderiam ser retratos de torturas, mas não tem etiquetas, e as formas de tortura não correspondem às várias torturas de Christian que conheço.

— Então ele apenas gosta de figuras com pessoas sofrendo?

— Talvez, — Ele disse. — Muito da arte é sobre sofrimento e morte, apesar de tudo. As pinturas de Bosque não são diferentes das coisas que você vê nos museus.

— Eu acho.

Ele virou para a direita de forma afiada e me apressei atrás dele. Quando fiz a curva da próxima esquina, quase colidi com um homem.

Um lindo homem largo, asas de couro. Eu gritei em surpresa, caindo no chão enquanto trocava de forma, expondo minhas presas.

— O que foi, Cal? — Shay franziu as sobrancelhas, aparentemente óbvio para a ameaça que estava à alguns metros de onde ele estava.

Eu espreitei passando por ele, observando a criatura alta e voadora que segurava uma lança em uma mão, que apontava direto para nós.

O inccubus permaneceu imóvel, pausada em meio à ação, pronto para libertar sua arma.

— É uma estátua. — Shay gargalhou. — Você está rosnando para uma escultura.

Eu avancei devagar, aspirando o pé de mármore do incubbus. Shay ainda ria quando mudei de forma e olhava furiosa para ele.

— Você podia ter me avisado que tinham estátuas de incubbus na casa.

— Tem uma tonelada de esculturas nessa casa. Não acho que você possa andar alguns metros sem correr em direção a uma. Tem ainda mais nos jardins.

— São todos como essa? — Olhei para a estátua.

— Muitas delas, — Ele disse. — Alguns são mulheres aladas, não homens, mas todos eles tem armas como esse. Alguns deles são animais.

Bem, animais mitológicos não são animais reais.

Estremeci.

— Porque isso te assusta? — Ele disse. — Pensei que você estivesse preocupada com espectros.

— Há outras coisas para se preocupar além dos espectros. —
Murmurei.

— Está dizendo que essa estátua é o modelo de algo real? — Ele o alcançou, tocando a ponta da asa do incubbus.

— Sim.

Ele sacudiu sua mão a afastando. — Maldição.

— Então, onde estamos indo nesse tour? — Perguntei, querendo me afastar da estátua.

— Eu pensei em mostrar meu quarto, — Ele sorriu com timidez. — É no final do corredor.

Me guiou ao final do corredor, pausando em frente a última porta da direita.

— Então? — Esperei ele abrir a porta.

— Estava tentando lembrar a última vez em que limpei meu quarto.

— A equipe de Bosque não faz isso para você? — Eu o empurrei e dei um riso.

Ele balançou a cabeça. — Eles fariam, mas pedi que não fizessem. Prefiro não ter estranhos inspecionando pelas minhas coisas.

— Especialmente quando está lendo um livro proibido como livro de cabeceira?

— Bem, isso também. — Ele sorriu, abrindo a porta.

O quarto do Shay estava entre bagunçado e limpo. Sua cama tinha livros amontoados, e um par de suéteres de gola alta do lado de uma cadeira feita de madeira.

O texto do Guardiã em uma antiquada escrivania. Haldis descansava próximo ao livro, expulsando o brilho sossegado da luz da tarde. Mas você podia ver o chão, e lá não havia qualquer tipo de roupas sujas, o que era mais do que eu poderia dizer sobre meu próprio quarto.

Shay deu uma olhada em volta. — Não está tão ruim.

— Para mim isso se classificaria como uma grande melhora. — Eu disse. — Bom, é bom saber que eu não tenho te oferecido nenhuma obsessão de limpeza padrão que esteja escondendo.

Quando eu ri, ele se aproximou, passando a mão em seu cabelo.

— Então... — Ele murmurou.

O ar no aposento de repente ficou elétrico. Eu estava bem ciente de Shay e estava sozinha neste quarto. — "Se controle, Cal. Você pode controlar seus hormônios por 5 minutos?"

Passei meus olhos pelo quarto, com medo e desesperada para quebrar essa tensão. Por mais que eu quisesse que Shay me tocasse, minha briga com Ren me fez menos suscetível a ter riscos.

Meu olhar caiu sob uma grande Steamer Trunk meio escondido por um par de calças jeans.

— O que é isso? — Me aproximando.

— Nada na verdade, — Ele disse, me seguindo. — Apenas coisas que tenho recolhido e carregado comigo por anos.

Eu joguei um sorriso travesso. — Eu não acredito em você.

— Ei! — Ele não pegou meu braço rápido o suficiente para me parar quando ajoelhei junto ao báu e abri o fecho, erguendo a pesada tampa.

Eu comecei a rir imediatamente. — São quadrinhos.

— Bem, sim. — Ele se inclinou, os arrumando. — Mas eles são quadrinhos realmente bons, e alguns são muito raros.

Eu folheei alguns. Enquanto estava levantando uma pilha, meus dedos roçaram contra algo frágil. Eu franzi as sobrancelhas, empurrei de lado os quadrinhos, e enterrei meus dedos no material felpudo. Tirei minha mão do baú e vi que meu punho abraçou um cobertor de lã.

Shay limpou a garganta. — Minha mãe fez isso para mim.

— Eu me lembro.— Arrastei meus dedos através do suave e trançado cobertor. — É a única coisa que você tem dela.

Ele puxou o cobertor de minhas mãos.

— Tem alguma coisa errada? — Perguntei, preocupada que o tivesse ofendido por levantar essa questão.

— Eu não sei, — Ele murmurou. — Isso é estranho.

— O que?

— O cobertor, — Ele disse. — É como se... Eu acho que cheira diferente. Mas eu nem mesmo o coloquei perto do nariz.

— Oh. — Comecei a acenar. — Não cheira diferente. Você é diferente. E seu olfato está mais aguçado. Isso vai aumentar seu senso de percepção.

Sua testa se enrugou; levou o cobertor ao seu nariz, tomando uma grande respiração. Saltei sob meus pés quando seus olhos repentinamente se fecharam e falhou para trás com um arfar.

— Shay? — Peguei em seu braço. — O que foi?

— Eu.... — Sua voz falhando. — Eu me lembro... Eu posso ver o rosto dela. Eu lembro dela rindo.

— Oh, Shay. — Murmurei, puxando-o em minha direção.

Seus olhos abriram, cheios de memórias. — Não pode ser real.

— Sim, pode. — Eu disse. — Olfato e memórias são completamente presos um ao outro. Seus sentidos de Guardião desbloquearam as memórias para você.

Sua testa estava franzida. — Talvez.

— Isso parece real? — Pressionei. — Familiar?

— Mais que qualquer coisa. — Ele disse.

— Então é sua mãe.

Ele girou o cobertor em suas mãos. — Espere um segundo...não, não pode ser.

— Shay?

Ele agarrou minha mão, me puxando de volta para o corredor.

— O que foi? — Perguntei enquanto me apressava em um trote de volta ao amplo hall.

Ele não respondeu, parando de frente para a porta de madeira que levava para a biblioteca. Ele tirou algo que parecia uma faca do Exército Suíço de seus bolsos e ocupou-se com a fechadura. Eu ouvi um clique e a porta balançou aberta.

Ele não disse nada enquanto caminhava pelo aposento. Eu o segui hesitante enquanto meus olhos capturaram a biblioteca. Era o maior aposento que eu havia visto além do ginásio de nosso colégio. A biblioteca erguia-se no segundo e terceiro andares da mansão. Três das paredes pareciam embutidas com estantes que se esticavam do teto ao chão. O espiralado de ferro moldado na escadaria em cada parede conduzia aos balcões que se encontrava uma estante de livros superior. Eu nunca havia visto tantos livros. Não era espantoso que Shay estivesse com medo de entrar aqui. Mavarilhoso e aterrorizante, a biblioteca parecia muito perfeita para ser segura, como uma planta carnívora usava suas lindas flores para atrair insetos.

— Isso é impressionante. — Sussurrei.

Shay encarava além da parede. Era a única parte da biblioteca que não havia livros. Exageradamente, vidros coloridos da janela emoldurava uma imensa lareira que era grande o suficiente para dois homens caberem dentro dela. Segui o observar de Shay para um retrato da abóbada da lareira.

Diferente das grotescas pinturas que marcava os corredores de Rowan Estate, esse retrato parecia mais tradicional, apesar de que a expressão dos ocupantes era moderada ao ponto de severidade. Uma mulher com um simples vestido branco sentada em uma cadeira. Seu cabelo, cor de chocolate negro, se derramava em um ombro; seus pálidos olhos verde pareciam chegar ao ponto de lágrimas. Um homem estava atrás dela, suas mãos descansando em seus ombros. Seu rosto era severo mas terrivelmente triste e era emoldurado com um ondular suave de dourados castanhos cabelos que escovava sua mandíbula.

Embora estivesse observando estranhos, o retrato trouxe um torrão à minha garganta. Nunca havia visto tantos rostos marcados com tristeza. Caminhei para ficar junto a Shay.

— Porque ele não me diria? — Ele murmurou.

— Porque quem não te diria o que?

— Meu tio. — Seus olhos lacrimejaram para o retrato. — Essa é minha mãe...e acho que meu pai também.

Não podia acreditar no que estava ouvindo. — Você tem certeza?

— Se você tiver razão de que meu olfato desperta minha memória real. — Disse. — Essa é a mulher que vi quando cheirei o cobertor.

— Mas Bosque não deixou você guardar uma fotografia deles. — Eu disse.

— Exatamente. Então porque ele estaria mantendo essa foto deles na biblioteca dele? — Disse. — E porque ele não queria que eu visse isso?

— Talvez ele tivesse medo que você lembrasse de alguma coisa caso você visse a foto dos seus pais. Você lembrou? Agora que você está olhando para a foto?

Shay olhou para a foto novamente. — Não.

Alcançei sua mão. — Você está bem?

— Eu não sei. — Acariciando minha palma. — Iria ajudar se algo na minha vida fizesse sentido.

Apertei seus dedos. — Eu entendi. — Nós modificamos o caminho de pedras, revelando desagradáveis segredos contorcidos abaixo. — E agora?

— Agora fazemos o que viemos fazer em primeiro lugar. — Disse.

— Pesquisa?

— Pesquisa.

Dei uma olhada nas estantes de livros altas. — Alguma idéia de onde começar? Ou seu tio fez um catálogo?

— Bem, isso não ofereceria muito desafio, não é mesmo? — Ele satirizou.

— Eu acho que devemos começar a pesquisar. — Eu disse, ignorando seu olhar zombeteiro.

Ele sorriu fracamente. — Tem mais uma coisa.

— O que seria?

— Uma estante de livros trancada.

— Parece promissor. Você já deu uma olhada antes?

Ele corou, ruborizando sua nuca. — Por mais que eu odei admitir, eu senti um pouco de culpa sobre invadir a biblioteca de Bosque.

Eu pensei que se deixasse essa estante sozinha inventaria...algo como. Promessa de carma.

— Você é um garoto estranho. — Murmurei.

— Por isso que você se parece comigo. — Relampejou uma risada e andou cruzando o aposento.

A estante de livro entalhado suspenso no canto ao longo da parede, o rápido tique-taque do relógio de pêndulo. Shay selecionou a fechadura e abriu a caixa. Estava cheio de livros com capa de couro com seis volumes. Ele puxou um livro da prateleira.

— Está escrito a mão. Como um jornal.

— Há um título?

Ele colocou na primeira página. — Haldis Annals.

O título era familiar, e tive o pressentimento que esses livros não eram o que precisávamos.

— E há datas, — ele continuou. — De 1900 à 1905.

Tirei um livro de uma prateleira mais baixa. — Esse livro é datado de 1945 à 1950.

Comecei a ler, confirmando minha suspeita. Era de genealogia. A história completa do bando dos Guardiões.

NIGHTSHADE

— Não entendi, — Shay franziu a testa. — É uma lista de nomes, parecido com uma árvore genealógica. E anotações sobre os membros da família.

— Isso não vai nos ajudar, — Fechei o livro, o colocando de volta na prateleira. — Nós devemos focar nos outros livros da biblioteca.

Ele me olhou assustado. — Do que está falando?

— Esses livros não são sobre o Haldis que estamos procurando. — Eu disse.

— Do que eles estão falando?

— Esses são anotações dos Protetores sobre o bando dos Guardiões.

— Sério? — Suas sobrancelhas ficaram mais altas.

Eu acenei, pegando o livro de suas mãos e devolvendo à estante.

— Feche isso e tranque novamente.

— Você não quer ler isso? — Ele perguntou. — É sua história.

— Eu conheço essa história, — Eu disse. — E só vai nos fazer discutir.

— Porque?

— Porque essas escrituras não são apenas sobre o que houve com os bandos. — Eu disse. — Eles são na maioria sobre como os bandos foram formados, quais seus líderes serão, e as decisões dos Protetores que foram feitas no passado sobre o acasalamento.

— Sobre acasalamento? — Seus olhos passaram rapidamente para a prateleira mais baixa. — Você quer dizer que um desses livros detalha o caminho pra você e Ren ficarem juntos.

— Sim, — Eu disse. — E sobre todos os outros casamentos que eram feitos na história do bando. É uma área genealógica, dentre outras coisas.

Ele observou permanecendo nos livros, dedos movimentando.

— Apenas deixe pra lá, Shay.

— Mas...

— Não há nada que você pode fazer, — Eu disse. — Você apenas irá se aborrecer. Agora feche a caixa.

Ele murmurou alguma coisa por baixo de uma respiração, mas ele fechou a estante e a trancou.

— Você tem alguma outra ordem pra mim, OH grande Alfa?

— Não seja idiota. — Eu agitei minha mão do chão ao teto nos livros que enchiam a biblioteca. — Nós temos trabalho suficiente pra fazer sem tornar nossas sessões de pesquisa em uma novela.

— Uma novela? — Me encarou e lançou-se pra frente, embalando seus braços a minha volta. Eu podia sentir seu corpo tremendo.

— Shay?

Levou outro tempo para reparar que ele estava rindo. Um sorriso surgiu em meus lábios e comecei a rir também. Lágrimas rolando por minha bochecha, minha barriga começou a doer, mas meu sorriso ampliou.

Nós cantamos lado a lado, o som de nossas risadas forte no chão de pedra e ecoando pelo imenso espaço da biblioteca de Rowan Estate.

Depois de Shay, eu nunca tinha rido dessa forma, tão volúvel e livre, meu corpo chacoalhando com alegria ao invés de raiva. Mas mesmo que as risadas me elevassem, não poderia ajudar desejando que a união significasse que ele em breve iria embora e com ele a chance que todo esse sentimento vá embora novamente.

 capítulo 27

Um bando de pombos assustados voou de onde estavam, no beiral acima dos vitrais. Com o farfalhar de asas repentino e a onda de sombras contra o vidro colorido, eu pulei, derrubando a minha cadeira.

Shay bocejou, alongando. — Calla, você precisa parar de pirar toda a vez que há um barulho.

— Estou apenas sendo cautelosa. — Endireitei a cadeira, esperando que o meu coração acalmasse.

— Não há problema em estarmos aqui. — Ele virou a página. — Eu diria que a minha sugestão foi brilhante se nós tivéssemos encontrado algo realmente útil.

Fiz uma varredura do índice de Sinais e Símbolos na Cultura Humana. — Está ficando um pouco frustrante. Nenhuma das cruzes sobre as quais eu li soa como a tua tatuagem.

Ambos olhamos para as pilhas de livros espalhadas em cima e em baixo da mesa. Nada. Não estamos encontrando nada. Isto é inútil. Frustrada e exausta, eu cruzei os braços, deixando a minha testa descansar contra eles.

— Acho que estamos de volta à estaca zero. — Shay fechou com força um livro enorme sobre a história da arte.

— E onde exatamente é a estaca zero? — Virei-me para olhar para ele.

— A tradução do livro. — Ele afastou o livro de arte para o lado, puxando A Guerra de Todos Contra Todos para a sua frente.

— Você provavelmente está certo sobre o livro. — Rodei minha cabeça para a frente e para trás, relaxando os nós⁴⁹ do meu pescoço. — Mas talvez você devesse avançar um pouco.

— Huh? — Ele já estava folheando as páginas.

— Em vez do início, olhe para o fim, — eu disse. — Você disse que a mulher te cantou as últimas linhas do texto e depois cantou, 'Aqui descansa Haldis.' Por isso, se calhar devemos ler a parte final do livro e não o início. Você disse que era mais pequena de qualquer forma, então pelo menos vai levar menos tempo.

⁴⁹ no sentido de estar cansada, com aquela dor no pescoço de ler muito e assim

— Isso não é uma má ideia, — ele disse, abrindo o livro pela sua contra-capa.

Voltei a olhar para as xilogravuras medievais de cruzes na página que estava aberta diante de mim. Shay pigarreou. Olhei para cima, mas seus olhos estavam fixos no livro do Protetor.

— Então, há uma coisa que eu te queria perguntar.

Franzi a testa ao ouvir a nota artificialmente casual em sua voz. — Sim?

— Eu tenho ouvido muitas conversas na escola, recentemente, sobre essa coisa chamada Lua de Sangue. — Ele pegou um dicionário de latim, brincando com as suas páginas, mas não realmente olhando para ele. — Eu acho que só faltam alguns dias agora.

— Sim. — *Não por aí, Shay. Por favor. Por favor.*

— Sobre o que é? — Ele se recostou na cadeira.

— Oh, — eu disse aliviada. — Hum, vamos ver. É chamado o Baile da Lua de Sangue, mas todo mundo apenas diz Lua de Sangue para facilitar. É um evento meio estranho, como uma festa de Halloween misturada com

um cotilhão⁵⁰. Os pais dos estudantes internos humanos apresentam-se para o evento antes de arrastarem os seus filhos de volta para casa para as férias de outono. Há sempre uma orquestra, muita bebida, e eles não pedem identificação a ninguém. É ridículo mas normalmente é divertido. Se você está ligado à escola, aluno ou estudante, você é convidado. Os adultos costumam beber muito, falar sobre as suas carteiras de ações, e passar cheques para a escola. Os alunos também bebem muito e dançam em roupas extravagantes que nunca vão usar novamente.

— Porque é chamado Lua de Sangue? — ele perguntou.

Eu flexionei os dedos como garras. — Porque é realizado na primeira lua cheia depois da Lua de Harvest⁵¹. Essa lua é chamada a lua de sangue.

Ele se levantou e andou até a janela, vendo as chuvas caírem como chuva. — Mas porquê sangue?

— Porque a lua cheia dá a melhor luz para a caça nesta altura do ano. — Os meus membros tremeram com o pensamento de uma caçada. — É a altura da Grande Caçada. A Lua de Sangue também é conhecida como a Lua do Caçador. Este ano é a 31 de Outubro. É tarde para a Lua de Sangue, mas é quando vai acontecer.

⁵⁰ Certa dança acompanhada de jogos e distribuição de brindes.

⁵¹ é a lua cheia que ocorre mais próxima do equinócio de outono.

Ele se virou para olhar para mim. — Não seria mais fácil simplesmente chamar-lhe um baile de Halloween? Ou os seus mestres são contra pedir mini barras de chocolate?

Minha mente se prendeu a imagem de Logan pedindo guloseimas por um segundo; eu me perguntava de que ele se mascararia. — Não. É Samhain, lembre-se. O Halloween não é o verdadeiro feriado. Os Protetores defendem os antigos costumes, suas tradições. Assim é o Baile da Lua de Sangue; sempre foi. — Assim que eu mencionei as tradições, o meu estômago se apertou.

— E todo mundo vai? Não apenas os humanos? — Ele parecia mais nervoso agora.

Eu assenti e olhei para ele com cautela, suspeitando a mudança no seu tom de voz. — É uma boa festa. Todo o mundo vai. A Lua de Sangue e o baile são praticamente os únicos eventos onde todo o corpo estudantil socializa em conjunto. Eu acho que eles existem apenas para dar aos humanos alguma normalidade em nossa escola.

Ele tamborilou um ritmo rápido sobre a mesa, e depois as suas palavras saíram. — Então, eu sei que é *muito* próximo da hora, mas eu espero que você me perdoe por ser um cara e não pensar sobre estas coisas com antecedência. Você gostaria de ir comigo?

O meu estômago caiu aos meus pés. Era exatamente disto que eu tinha medo.

— Calla? — Eu não queria olhar para ele. — Você vai me responder?

— Eu não posso, — disse baixinho, olhando para ele.

Ele encostou-se contra mesa, a sua boca apertada em um sorriso nada amigável.

— Eu estarei com Ren. Vou ao Lua de Sangue com ele, mas apenas por uma ou duas horas. Essa é a mesma noite que a nossa união. — Concentrei-me na página em frente de mim. — Simplesmente esqueça isso.

— Eu não posso levar a união a sério, Cal, — ele estalou. — Você e o seu príncipe lobo juntos para toda a eternidade porque alguém diz que é assim que as coisas devem ser. É besteira e você sabe disso. E Ren nem sequer percebe a sorte que tem em ter você; ele está muito ocupado fodendo todas as outras garotas da escola.

— Ele não está! Você poderia esquecer Ren por uma vez? — Endireitei-me, olhando para ele. — Você tem andando conosco quase todos os dias e ele tem sido perfeitamente respeitoso, apesar do que você fez no Burnout e dos olhos de cachorrinho que você está constantemente me atirando.

— Olhos de cachorrinho?! — Shay explodiu, e se levantou. Ele empurrou a cadeira para o lado, jogando livros para dentro da sua mochila.

— Shay. — Eu passei os dedos em volta da minha cintura, me sentindo doente.

— Pelo menos eu sei o que você realmente sente por mim. — Sua voz tremia enquanto ele puxava o zíper da mochila.

Então eu me levantei, minhas mãos cobrindo as suas. — Pare, por favor. Não é assim. — Minha voz sumiu; eu sabia que a frase era impossível de completar.

— Não é assim que você o quê? — Ele segurou a minha mão, puxando-me para perto. Sua outra mão embalou o meu rosto e o seu polegar acariciou a minha bochecha, mandando ondas de calor debaixo da minha pele. Afastei-me e fugi para a minha cadeira, balançando a cabeça.

— Por favor, não. Eu não posso.

Eu xinguei enquanto limpava lágrimas quentes das minhas bochechas. Eu não sabia o que estava errado comigo; eu nunca costumava chorar e agora estava lutando contra as lágrimas constantemente.

— Calla. — Quando olhei para ele, vi como ele estava horrorizado por eu estar chorando. — Deus, me desculpe. Eu não devia ter dito nada.

Voltamos ao nosso trabalho em um silêncio tenso. Shay colocou fones de ouvido, com a música tão alta que eu podia ouvir o grito das guitarras de onde estava sentada.

O céu por trás dos vitrais estava negro quando Shay abruptamente tirou os fones de ouvido. Olhei para ele de forma questionadora.

— A união é na noite de Samhain? — ele perguntou. — A mesma noite do baile?

— Vamos, Shay. — Esfreguei as têmporas. — Eu realmente não posso falar sobre isto.

— Não, não é sobre você. — Ele fez um gesto para o livro do Protetor. — É sobre a data.

— Sim, a união vai acontecer em Samhain, — eu respondi com um aceno. — 31 de Outubro.

O sulco em seu rosto se aprofundou. — E porque é nessa data?

— Bem, é um dos oito Sabbats⁵² — os dias de poder para os Protetores, — eu disse. — Samhain é um dos Sabbats mais fortes.

Ele bateu com os dedos sobre as páginas. — Quando o véu entre os mundos fica mais fino. Eu lembro de você dizer isso.

Eu assenti e ele olhou para as suas anotações; seu rosto ficou ainda mais preocupado.

— O que se passa?

— É meio irônico. Há um ritual envolvendo o Scion⁵³ que é suposto acontecer na noite de Samhain. Eu não tenho a certeza do que é exatamente, mas parece ser o evento em que toda esta seção, *Praenuntiatio volubis*, é focada. Há uma palavra com que eu estou tendo problemas; significa "dádiva" ou algo similar. O contexto em que está é realmente estranho.

— Dádiva? — Eu repeti.

⁵² Os oito Sabbats, celebrados a cada ano pelos Bruxos se originam nos antigos rituais que celebravam a passagem do ano de acordo com as estações do ano, épocas de colheita e lactação de animais. Os Sabbats, também conhecidos como a "A Roda do Ano", têm sido celebrados sob formas diferentes por quase todas as culturas no mundo. São conhecidos sob vários nomes e aparecem com frequência na mitologia

⁵³ descendente

— Ou algo assim, — ele disse, voltando-se para o dicionário. — O que quer que signifique, o Scion está ligado ao teu feriado.

— Não é realmente o meu feriado, Shay, é apenas o dia que os Protetores escolheram para a nossa união, — eu disse. — Você está dizendo que o livro diz que você estará lá também?

— Bem, esse é o problema. O que eu estou lendo aqui não parece ser sobre a união. Eu não tenho certeza do que é, — ele disse. — Muitas coisas sobre dois mundos e trevas. E há várias referências ao Scion. Menciona algum tipo de reunião que tem a ver com esta 'dádiva', mas eu estou tendo problemas em dar sentido a isto.

— Então como vamos descobrir o que isso significa? — Eu perguntei.

— Talvez *você* precise desistir da procura sobre a minha tatuagem e ler mais sobre Samhain, descubra que outros tipos de ritos podem realizar—se, para além da sua tão esperada união.

— Ren disse algo interessante sobre Samhain na semana passada, — eu disse.

Ele olhou para mim. — Então, nós estamos compartilhando informações com Ren agora?

— Não sobre o nosso... projeto; eu só estou tentando descobrir mais sobre o Sabbat, — respondi. Eu me sentia como se estivesse indo para a cerimônia de olhos vendados e odiava isso. — De qualquer forma, ele disse que é uma altura perigosa. Que o mundo espiritual é imprevisível porque é mais poderoso quando o véu fica mais fino.

— Como é que o Ren sabe alguma coisa sobre isso? — Ele resmungou.

— Pare com isso, Shay, — eu retruquei. — A mãe dele foi morta por Rastreadores durante um ataque que aconteceu em Samhain. É por isso que ele sabe.

— Oh. Lamento. — Ele bateu com a caneta sobre a mesa. — Rastreadores mataram a mãe de Ren?

— Sim.

— Quantos anos ele tinha?

— Foi no seu primeiro aniversário, — eu disse.

— Cara, isso é uma droga, — ele disse. — Embora isso explique muita coisa sobre ele.

— O que isso quer dizer?

— Nada, — ele disse rapidamente, levantando-se da mesa e indo para as pilhas. — Nós devíamos voltar ao trabalho.

 capítulo 28

Na manhã seguinte Shay vagou pela sala com uma expressão assombrada no rosto. Quando o sino de término do período tocou, eu acenei para Bryn em despedida, me conduzindo para o lado de Shay, que ficou em sua carteira e me observou aproximar.

— Ei, Cal, — Sombras escuras surgiram em seus olhos; parecia que ele não havia dormido ainda. — Será que consigo te convencer de matar a próxima aula?

— E se for importante. — Contestei medo estabelecendo em meus ossos.

Caminhei lado a lado pela sala de aula, na qual estava quieta e vazia. Ele se sentou, pondo outra cadeira próxima a ele. Quando me sentei, ele colocou seu rosto em seus braços e ficou em silêncio por alguns instantes.

— O que aconteceu? — Eu quase conseguia escutar meu próprio sussurro.

— Você sabe como você me contou que Rastreadores mataram a mãe de Ren em uma emboscada?

Eu acenei.

— O nome dela era Corinne Laroche?

— Sim. — *Porque ele está me perguntando isso?*

Sua mandíbula se apertou. — Eu passei através do Haldis Annals no ano em que você e Ren nasceram. Eu queria saber se qualquer coisa foi lembrada sobre o ataque.

Eu o observei em silêncio, me sentindo um pouco irritada por ele ter ignorado meu pedido de que largasse os livros, mas curiosa a respeito do que ele descobriu.

— Não houve ataque. — Ele disse rapidamente. — Corinne Laroche foi assassinada.

Eu senti como se o tempo tivesse ficado lento, como se o ar tivesse sido sugado para fora da sala, fazendo qualquer reação impossível.

— É verdade, Calla. — Ele disse em tons inquietantes. — Ela e mais alguns outros planejaram se revoltar contra os Protetores. Os Rastreadores estavam ajudando ela. Os Protetores descobriram a conspiração e ela foi punida.

— Mas o Ren... — Sufoquei incapaz de terminar o terrível pensamento.

— Eles mentiram para Ren sobre o que aconteceu. — Ele murmurou como se estivesse doente de dizer. — Pelo que a escritura diz, parece que eles mentiram para todos os lobos que não estavam envolvidos na conspiração e eliminou todos que estavam envolvidos.

— Não pode ser verdade.

— Tem mais. — Pegou minha mão. — Quando li sobre a mãe de Ren, eu voltei para a *Guerra de todos contra todos* procurando por outros rebeldes. É como aprendi sobre sua história. Sua história real.

Preso entre seus dedos aquecidos, minha pele sentiu fria e sem vida. — O que quer dizer com "verdadeira" história?

— Eu trabalhei pelas últimas sessões do *De proelio*, a parte que descreve o último maior conflito na Guerra das Bruxas, o que você chama de Angustiante.

— Mas eu sei tudo sobre Angustiante. — Eu disse, olhei carrancuda. — Foi um terrível derramamento de sangue, muitos Guardiões foram perdidos, mas ainda tinha sido uma importante vitória para os Protetores. Um que quase nos libertou dos Rastreadores.

— Não, Calla. Não foi isso que ocorreu. — Pegou minha mão nas suas, me forçando a encontrar seus olhos. — O Harrowing não foi à aniquilação dos Rastreadores. Foi quando os Protetores venceram a revolta dos Guardiões. Os Guardiões tentaram ajudar a rebelião, e os Protetores encenaram um devastador contra-ataque. Eles devastaram os Guardiões e os Rastreadores da mesma forma. E os Protetores criaram uma nova arma para virar a guerra a favor deles, alguma coisa chamada "O caído". Eu não tenho certeza do que era, mas fez a rebelião acabar. Qualquer um dos Guardiões e Rastreadores que conseguiram escapar para seus esconderijos.

Tirei minhas mãos de seu agarre, enrolando minhas mãos em volta do meu peito.

— A revolta incitou uma nova política com respeito aos Guardiões. — Ele continuou sem tirar os olhos dele do meu rosto. — Pequenos bandos, humanos não transformados, com as mais severas punições por desobediência e a produção de fortes vínculos para prevenir a probabilidade de rebeliões. Os Protetores acreditam que os Guardiões não iriam arriscar suas famílias, mesmo sendo pela causa.

— Que causa Shay? Porque tantos Guardiões se revoltaram no último século? — Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Liberdade. — Ele disse. — Os Guardiões se revoltaram porque eles não aguentavam mais serem escravos.

— Nós não somos escravos. — Sussurrei, escavando minhas unhas nas palmas. — Os Guardiões são os leais soldados dos Protetores. Nós servimos e eles fornecem tudo para nós, educação, dinheiro, lares. Tudo. Nosso chamado é sagrado.

— Abra seus olhos, Calla. — Shay resmungou, marchando pelo aposento. — Se chama hegemonia. Antonio Gramsci. Pesquise. De acordo com o sistema de regras os oprimidos estão convencidos de suportar o sistema de opressão, para investir nisso, acredite nisso. Mas continua significando que no final do dia, você e os outros Guardiões são escravos.

— Não acredito nisso. — Eu disse, balançando-me pra frente e pra trás. — Não posso acreditar em nada disso.

— Sinto muito. — Murmurou. — Mas você pode ler sobre o que aconteceu com a mãe de Ren por você mesma da próxima vez que você vier pra Rowan Estate. Assim como o resto...

Ouvi um farfalhar. Quando abri os olhos, ele segurava um amontoado de folhas rasgadas de um caderno de anotações. — Eu sabia que seria difícil para você ouvir. Fiquei acordado todas as noites e transcrevi a sessão inteira para que você pudesse ver palavra por palavra. Eu estou falando a verdade.

Eu segurei as folhas. — Eu não posso pegar isso. Fique com elas.

— Porque eu iria mentir sobre uma coisa como essa? — Ele empurrou os papéis em minha direção de novo, olhos preenchidos com raiva. — Nós já sabemos sobre a execução da mãe de Ren. É quem os Protetores são, Calla; é o que eles fazem.

Eu abri minha boca, pronta para gritar com ele, mas eu estava chorando. — Eu sei que é verdade, Shay. Sei que está falando a verdade.

Ele ajoelhou-se junto a mim, me puxando para frente para seus braços. Meu corpo tremendo enquanto lágrimas escorregavam pelas minhas bochechas. Shay deitou minha cabeça em seu peito, acariciando meus ombros trêmulos e costas. Seus lábios se pressionando gentilmente em meu cabelo.

— Vai ficar tudo bem, Calla. Vou arranjar um jeito de te tirar daqui. Prometo.

Coloquei meu rosto contra seu pescoço e chorei novamente. Seus braços me apertando em minha volta.

— O que exatamente está acontecendo aqui? — A voz de Lana Flynn chicoteou das portas duplas de fora do cômodo.

Meu sangue congelou enquanto os olhos dela se moviam pelo meu rosto inchado de lágrimas derramadas e encarou Shay, que encarou de volta

com olhar firme. Ele se levantou, clareando a garganta, e se pôs de pé ficando na minha frente me protegendo do olhar dela.

— Sinto muito, Enfermeira Flynn. Nós tivemos uma discussão. Ela ia para Blood Moon com alguém que eu não gosto, mas eu cuidei da pobre situação. Eu devo uma desculpa à Calla.

Eu olhei com espanto para sua mentira deslavada. Os lábios da enfermeira se transformaram em um sorriso que revelava seu deleite com nossa mútua agonia.

— Ah claro, um amor não recompensado é uma coisa tão torturante. Não é de se esperar que você tenha desprezado Renier. Aquele beijo que testemunhei ele dar nessa garota foi um tanto comovente de fato. A paixão entre os jovens é simplesmente tão... delicioso.

O sangue foi drenado de minhas bochechas enquanto observava Shay captar as palavras dela. O sorriso de Flynn quando viu a tensão, batimento forte na veia do pescoço dele. Medo tomou conta de mim. *Não mude Shay. Por favor, não mude.*

Ela se aproximou para ficar cara-a-cara com ele, correndo uma longa unha pela face dele, descendo pela sua garganta, então sua mão inteira se arrastando pelo seu peito e abdômen. Reprimi um arfar enquanto ela forçava seu dedo na cintura de suas calças jeans e o jogando para mais perto para que houvesse pouco espaço para o ar se mover entre seus corpos.

— Não se preocupe meu lindo, garoto de ouro. Ainda há coisas para você fazer aqui neste lugar.

Ele ficou que nem pedra enquanto ela virava o rosto para mim. — Logan vai ouvir sobre isso, Calla. Uma mulher com sua hierarquia devia ter mais discrição.

Ela o soltou e caminhou pelo lugar.

Shay deixou escapar uma respiração explosiva. — Ela não é apenas uma enfermeira de escola, não é?

Balancei minha cabeça. — Não. Não tenho certeza do que ela é. Sabine uma vez se referiu a ela como uma sentinela encantada, mas eu não sei o que significa.

Caminhei para o seu lado e ele endureceu. — Você nunca me disse que ele tinha beijado você.

— Eu também nunca disse à Ren que você me beijou. — Suspirei. — O que quer que eu diga? Você quer realmente que tenhamos a discussão que você acabou de dizer para Flynn que estávamos tendo?

— Não. — Uma risada escapou de sua garganta. — Talvez mais tarde.

— Muito justo.

Ele virou o rosto pra mim, seus olhos preocupados, mas gentis. — O que quer fazer?

Balancei a cabeça. — Não tenho ideia. Só não posso abandonar meu bando.

— Mas você não pode ficar aqui. — Ele reagiu.

— Shay, quem são os Rastreadores? — Eu tinha mais perguntas agora do que em toda a minha vida.

— Eu não sei. — Cruzou o aposento, chutando as cadeiras em seu caminho. — Está claro que eles se aliaram aos Guardiões que se revoltaram de volta e eles ajudaram a mãe de Ren; nas duas vezes eles pagaram o preço conspirando contra os Protetores, mas eu não havia descoberto quem exatamente eram os Rastreadores ou o que foram depois.

— Mas eu não acho que eles são seus inimigos, Cal. Eles são inimigos dos Protetores, não seus.

— Agora mesmo eu não tenho certeza de que isso significa alguma coisa. Eu já matei um Rastreador. Os inimigos dos Protetores sempre foram os meus. Talvez seja muito tarde para qualquer outra coisa. — Estremeci.

— Nunca é tarde demais. — Ele induziu seu punho na mesa. Que se estilhaçou abaixo de suas mãos. — Tem que haver respostas nesse livro! Preciso descobrir a última sessão. Parece indicar mutação, mudança. Eu acho que é a chave.

Eu podia ver as sombras da forma de seu lobo serpenteando a sua volta como um manto.

— Vamos continuar tentando. — Coloquei minha mão em seu peito, sentindo o cheiro de seu lobo misturado com seu suor. — Você precisa respirar, Shay. Empurre seu lobo de volta. Você está muito perto de mudar.

— Eu não sei como parar isso. — Ele rosnou.

— Apenas respire. — Estendi minha mão contra seu pescoço, esperando que nossos corações se acalmassem. — Hoje e amanhã. Eu virei à sua casa e trabalharei com você. — Sua mão acariciando minha espinha dorsal pra cima e pra baixo. *Porque não poderia sempre ser assim? Apenas nós. Nada mais para romper esse silêncio.*

— E depois disso? A respeito da união? — Sua pergunta fez meu peito doer.

— Eu não sei. — Eu não sentia como se soubesse qualquer outra coisa.

Eu acelerei enquanto passeava dentro da Química Orgânica, furiosa, frustrada, esperando desesperadamente para controlar algum aspecto de minha vida. Meu novo e terrível conhecimento sobre os Guardiões e os Protetores mudou cada sentimento que eu poderia segurar sobre meu lugar no mundo. Sabendo o que aconteceu com a mãe de Ren, como tínhamos sido enganados, eu não podia tolerar o pensamento de horas sozinha com ele depois da união. *Como eu poderia esconder a verdade dele?* Eu não pensava que poderia ser forte o suficiente.

— Reunião de análise hoje. — Ren disse, indicando as anotações que estavam próximas a ele. — Senhora Foris está se sentindo bondosa, ou de outra forma ela não iria querer perder mais nenhum equipamento com sua fúria.

Ele forçou um riso para mim e eu desejei ser capaz de passar por isso com meu plano afinal de contas. Então me lembrei de seus dentes cavando contra meu pescoço.

— Ren, eu tenho que mudar nosso encontro de amanhã à noite.

— Por quê?

Eu enlacei meus dedos para que ele não visse o tremor. — Não posso jantar e ir cedo ao baile com você. Não terá tempo suficiente.

Ele virou seu rosto pra mim, olhar cauteloso. — O que você quer dizer com não haverá tempo suficiente? Nosso tempo é a gente que faz.

— Bryn está realmente animada sobre me ajudar a me preparar. Será uma coisa de garota pra garota que ela está investindo. Minha mãe também, sabe como ela é. — Produzi um sinal de esgotamento. — Eu apenas acho que gastará muito tempo que poderíamos estar no baile com os outros.

— Você quer apenas ir à união com o resto do bando? — Seus dedos enroscando-se em volta de sua agenda, lentamente rasgando o papel.

Reuni toda a minha vontade para não me encolher enquanto estava falando, procurando por uma legítima desculpa. — Eu posso simplesmente te encontrar lá? Você vive do outro lado da montanha, então fica fora de seu caminho para ir me buscar, e suponho que devo estar trabalhando na biblioteca com Shay de qualquer forma.

Os lábios de Ren se repuxaram. — Você se encontrará com ele antes da união? Ao invés de sair para jantar comigo?

Deixei meu tom o mais lastimoso quanto podia. — Sinto muito, mas Logan disse que tinha que manter o garoto feliz e ele estava bem devastado quando eu neguei seu convite para ir ao baile. Eu pensei que se concordasse em gastar tempo com ele de antemão, deixaria a paz um pouco melhor.

Ele empalideceu, olhos relampejando como gelo, prata incendiando com eles.

— Ele pediu para *você ser seu par* para o Blood Moon? — Cada palavra tão lenta que mal podia ouvir o que ele disse.

Notei meu erro de cálculo um pouco tarde demais. Meus ossos pareciam ocos e então preenchidos com gelo. Ren se impulsionou de nosso laboratório e esteve na frente do aposento antes que eu pudesse abrir a boca para responder. Eu ouvi o drástico som agudo dos estudantes em volta da sala quando me virei.

O banco em que Shay havia sido jogado para fora do laboratório. Ren se inclinou para Shay, segurando-o contra a mesa. Não conseguia escutar suas palavras, mas vi os lábios do alfa movendo rapidamente enquanto se inclinava sobre Shay. Seus dois parceiros de laboratório humanos estavam reunidos no canto de seu posto, encolhendo-se no chão como se tentando evitar a atenção do ataque de Ren. Mas encararam Shay com olhos amplos, vendo sua força, sentindo seu animal perigoso que espreitava sob sua pele. Eles sabiam. Se eu não fizesse algo imediatamente, eles não seriam os únicos.

Senhora Forbis se levantou de sua mesa, paralisada com terror. Sua mão cobrindo a boca, olhos se alargando, como se seu laboratório de química tivesse se tornado um campo de batalha. Alguns estudantes humanos se foram da sala. Os Protetores trocaram olhares preocupados, se inclinando contra suas mesas e sussurrando entre eles.

Eu corri pelo local. Minha respiração vacilou quando eu vi como Ren estava próximo de perder o controle. Sua forma de lobo, cinza escuro, flutuando com uma aura em volta dele. Seus caninos afiados enquanto agarrava os ombros de Shay, o segurando para baixo. Os dedos de Shay cavando contra os braços de Ren; ele não parecia com medo, apenas ferido. A sombra de seu lobo se deslizando por cima da mesa, estirando o comprimento de seu corpo. Segurei a respiração, na esperança de que Ren estivesse cego de raiva o suficiente para notar. Era apenas questão de segundos antes que os dois fossem lobos rasgando as gargantas um do outro.

— Ren! Não! — Me arremessei para frente, embalando meus braços em volta de seu peito. Levou toda minha força para puxá-lo de Shay.

Shay saltou em seus pés, seus punhos cerrados. Seus lábios se curvaram e eu vi o cintilar de seus finos caninos. Eu suguei em uma rápida respiração, desesperadamente balançando minha cabeça para ele. Se ele perdesse o controle e mudasse para sua forma de lobo, nós estaríamos mortos.

— Não se mova. — Assobieie. — Você tem que se acalmar. — Seus músculos contorceram-se e seu pescoço destacou-se, mas ele se manteve no lugar.

Eu virei Ren em meus braços, mantendo seu corpo preso contra o meu. Seu coração pulsava em um tremendo ritmo, e estável. Eu o vi se esforçar para diminuir sua fúria.

— Por favor, Ren. Logan, você precisa se lembrar de Logan. — O coloquei apertado contra mim, pressionando minha bochecha contra seus fortes músculos do peito.

Ren resmungou um pouco antes de se tranquilizar. Senti sua respiração mais leve, seu batimento cardíaco mais lento.

Ren olhou para baixo em minha direção, seus olhos escuros resignados. O canto de sua boca repuxado em um sorriso. Sem olhar para Shay novamente, ele caminhou rapidamente da sala.

— Que cara legal. — Shay disse.

De repente, eu estava com raiva dele. Isso era tudo sua culpa. Meu mundo fazia sentido até eu salvar sua vida. Agora tudo estava desmoronando.

O tapa afiado cortou o som. Seus olhos se ampliaram; seus dedos tocaram a marca vermelha que apareceu em sua bochecha. Sem falar, eu me virei e segui o caminho de Ren para fora da sala.

Não vi nem sinal dele nos corredores, nem na praça ou na cafeteria. Parecia que ele tinha abandonado o colégio. Abalada e triste, eu vaguei até meu armário na falsa esperança de que ele reaparecesse para o almoço.

Quando alcancei meu destino, encontrei um bilhete enfiado entre as aberturas da porta de aço. Mordi o lábio enquanto o abria. Estava claro o quão nervoso ele ainda estava pela forte marca da caneta contra o papel; ele quase o rasgou enquanto escrevia.

Calla. Não estarei por perto hoje ou amanhã. Vejo-te na união.

Eu me soltei em uma posição de pernas cruzadas e me inclinei contra o aço gelado, ficando lá até o sinal tocar. Arrastei-me até a cafeteria sem me incomodar de pegar meu almoço do armário.

O almoço continuou sem interrupções por uns 10 minutos quando Ansel franziu as sobrancelhas e observou em volta da mesa.

— Ei, cadê o Ren? E o Shay?

Meu humor estava tão sombrio que eu não havia notado que os *dois* garotos tinham sumido. O resto do bando se moveu para seus lugares, repentinamente constrangida, enquanto eles também notavam a ausência de seu alfa e nossa regular companhia humana. Eu olhei em volta da cafeteria. Shay não estava entre os humanos. Os Protetores agruparam-se em um círculo apertado, cabeças arqueadas e próximas umas das outras, mesmo assim não vi Logan entre eles. Os jovens Protetores estavam agindo estranhamente desde que Logan e Efron foram investigar Haldis. O cheiro ácido de sua ansiedade encheu minhas narinas enquanto passava por eles nos corredores ou nas salas.

Sem encontrar Shay em qualquer lugar do aposento, dei uma olhada nos membros da matilha de Ren, supondo que ele teria chamado Dax para contar o incidente na sala de química. Mas a grosseira expressão do veterano estava vazia como dos outros membros que estavam na mesa.

— Temos um problema. Eles discutiram na sala essa manhã. — Disse rapidamente.

— Sobre o que? — Ansel franziu.

Lutei contra um crescente, quente desconforto no meu peito e garganta.

Um leve assobio soou do outro lado da mesa.

— Maldição. — Mason se inclinou, seus lábios repuxados. — Então finalmente aconteceu, não é?

Dax olhou de Mason para mim, sorridente enquanto alcançava seu bolso. — Bem, está quase na hora. Te devo 10 dólares cara, ele aguentou mais tempo que pensei.

— Espera. — Mason deu uma risada, olhando para mim. — Shay perdeu algum dedo? Ou braço?

Balancei minha cabeça.

— Você me deve 20, Dax. — Mason esticou sua mão para o veterano. — Seu alfa tem mais autocontrole do que pensei.

— Nem pensar, isso é apenas o que eu disse que faria se acontecesse comigo, não o que pensei que Ren faria. A aposta foi 10. — Dax pegou uma nota de seus jeans, batendo na palma de Mason.

Fey corria seus dedos pelos cabelos de Dax. —Que pena. Achei que você ia ganhar.

— O que está acontecendo? — A confusão de Ansel aumentou enquanto ele via a troca deles.

Dax estralou seus dedos. — Ren deu uma lição no novato. Shay vem desejando Calla desde que chegou aqui.

Ansel lançou um olhar preocupado pra mim. — O que aconteceu?

— Ren descobriu que Shay me chamou para ir com ele na Blood Moon, e não lidou com a novidade muito bem. — Abaixando minha voz. — Ele bateu em Shay pelo laboratório e tive que afastá-los.

Dax e Fey irromperam em risadas. Cosette empalideceu, aproximando sua cadeira da de Sabine, que colocou seu braço em volta do pescoço da jovem garota.

— Shay te chamou para o baile? O que você disse? — Bryn murmurou.

— Ela disse não, é claro! — Sabine deu uma olhada nela e depois se virou pra mim. — Que garoto obstinado e tolo. Calla, como isso aconteceu? Eu te avisei. Você continuou o iludindo?

— Sabine, você estava lá quando Logan me ordenou a gastar tempo com Shay! Eu não queria nada disso. Ele pediu e eu expliquei que já ia com Ren.

Sabine cessou com um olhar maldoso pra mim. Cosette viu sua reação e então a imitou. Eu desmoronei em minha cadeira.

Ansel lentamente girou uma maçã em suas mãos, olhando-a, mas claramente não a vendo. Fey e Dax abandonaram suas risadas combinando um debate sobre a original aposta de Mason.

— Eu ainda acho que você deve a ele 10. — Neville lançando uma palheta de guitarra para cima como uma moeda. — Você definitivamente indicou que membros seriam perdidos quando Ren enfrentasse Shay.

— Eu sabia que podia contar com você. — Mason embalou seu braço nos ombros de Neville.

— Para com isso. A aposta era 10. — Dax expôs seus dentes para eles.

— E se pusermos eles em um quarto juntos novamente sem Calla lá para interferir e então ver se Shay pode manter seus braços? — Fey descansou seus dedos no peito de Dax. — Talvez você fosse gostar de o ver sangrar tanto que você simplesmente iria dar a Mason os 10 dólares extra.

— Qual o problema com vocês? — Trouxe meu punho contra a mesa, quase a inclinando. — Vocês não percebem o quão sério isso é? Ren atacou Shay no meio da aula e agora ele saiu do colégio. Ele poderia arranjar sérios problemas com Logan por isso.

— Sim, ele poderia. — Uma voz sedosa disse atrás de mim.

Lentamente virei o rosto para nosso mestre. O sorriso de Logan me atravessava, cortando minhas tripas em fatias.

— Calla. — Ele virou levemente, acenando para alguém atrás dele.

Segurei os lados da minha cadeira quando Shay se aproximou.

— Foi um pouco preocupante ouvir a respeito do incidente na sua sala essa manhã. Como você pode imaginar, palavras me alcançam bem rápido desde que o tio de Shay é um bom amigo do meu pai.

Eu acenei, afrouxando meu aperto na cadeira. A madeira rangeu em protesto.

— De acordo com Shay, a culpa é somente dele. Aparentemente ele te insultou de um jeito que provocou Ren para defender sua honra? — Logan inclinou sua cabeça pra mim. — Enfermeira Flynn relatou algo similar sobre uma discussão entre você e Shay que poderia ter contribuído para esse... desagrado.

Shay tentando cobrir Ren me surpreendeu, mas acenei, escondendo meus sentimentos. — Sim, é o que aconteceu.

— Estou vendo. — Logan acenou para Shay com um olhar expectativo.

Shay esclareceu sua garganta. — Calla, me desculpe se perdi meu temperamento essa manhã. Eu estava fora da linha. Eu não culpo Ren de forma alguma por ter vindo para cima de mim quando ficou sabendo. Espero que possa me perdoar.

Logan sorriu, virando seus olhos pra mim.

Eu mal olhei para Shay. — Obrigada. Está tudo bem.

Nosso jovem mestre observou o resto dos lobos. — Brigas entre amigos é tão infeliz e rapidamente esquecido. Está sendo tão caloroso ver você sendo bem-vindo Shay. Não vamos mudar as coisas. Eu *certamente* sei que Ren vai encontrar em seu coração para perdoá-lo, como vocês deveriam.

Os murmúrios de concordância do bando era mal ouvido.

O sorriso frio de Logan reapareceu. — Muito bem. Vou deixar você com suas reconciliações então. — Seu olhar demorou em Mason antes de virar e ir embora.

— Você quer se sentar? — Perguntei.

— Hoje não. Outro dia, espero. — Ele colocou suas mãos na mesa se inclinou, olhando os membros do bando.

— Eu percebi que esta não é uma boa hora, mas quero que saibam que sinto muito. Eu entendo que provocando Ren, eu os coloquei em posições complicadas. Vocês se tornaram meus amigos, colocando em risco essa amizade é a última coisa que quero. Estarei de volta amanhã, se não houver objeções.

Não houve resposta do grupo , mas eu dei um leve aceno.

— Obrigado. — Shay saiu caminhando e coloquei minha testa na mesa.

— Isso foi decente da parte dele. Talvez ele não seja um novato depois de tudo. — Dax rosnou. Ele e Fey começaram uma briga de braço. — Tão cedo ele souber seu lugar, não me importo com ele por perto.

Fey cerrou os dentes. — Ainda gosto de vê-los brigar.

Neville e Mason foram embora, sussurrando rápido um para o outro.

Sabine estreitou seu olhar em mim. — Ele parece entender uma terrível parte sobre como nossa relação com Logan funciona. Mais do que eu supunha...

Abri a boca para me defender de sua especulação quando a resposta de Ansel a cortou.

— Não acho que seja uma grande surpresa, considerando que ele senta com a gente todo dia. Ele provavelmente entendeu a dinâmica do grupo. Ele é um garoto esperto.

Eu franzi para ele por um momento então olhei para Dax. Minha mente voltando para a sala de química, relembrando a derrota no olhos de Ren antes de ele sair. — Estou preocupada com Ren. Ele deixou um bilhete

dizendo que não estaria por perto hoje ou amanhã. Não tenho ideia de onde ele tenha ido.

Dax olhou em minha direção. O momento que ele se distraiu, Fey esmagou o braço dele na mesa.

Dax esfregou seu cotovelo, destemido. — Eu o seguirei, me certificando de que ele não matou um bando de cervos. Ele deve estar bem. Os garotos tem um mau temperamento, mas normalmente não fica puto por muito tempo.

Ele olhou por um longo tempo para Fey. — Quer me ajudar a encontrá-lo, no caso de ele ainda estiver de mau humor e decidir me matar?

— E matar nossas aulas da tarde? — Ela flexionou seus dedos como garras. — Claro, eu poderia ter uma boa corrida.

— Eu quero Ren encontrado, mas vocês não podem matar as aulas. Os Protetores não aprovam quando perdemos o colégio. Vocês já estão com problemas o suficiente. — Discuti.

Fey bateu seus punhos na mesa. — Que se ferre isso; eu digo que vamos agora.

Dax me deu um olhar não amigável antes de rir com Fey.

— Vamos! — Ele agarrou o braço dela. Ela o torceu seu agarre, dirigindo seu cotovelo ao lado dele. Ele recuou enquanto Fey ria e corria da cafeteria. Com um rosar brincalhão, Dax correu atrás dela.

 capítulo 29

Shay observou-me enquanto me estendia sobre sua cama.

Seus olhos se moveram sobre mim como uma carícia experimental.
— O que fez você mudar de ideia?

— Sem perguntas, — eu murmurei. — Apenas me beije.

Ele sorriu e deitou ao meu lado; sua mão traçou a curva entre os meus quadris e a minha cintura.

— Você tem certeza?

— Sim.— Prendi meus braços em volta do seu pescoço e puxei para mais perto de mim.

Seus lábios encontraram os meus e eu afundei no abraço, pressionando-me contra o seu corpo. Suas mãos acariciaram a minha garganta, deslizando pelo meu peito; o bater do meu coração era

ensurdecedor. Os dedos dele se moveram para os botões da minha blusa.

Um botão foi solto. Dois. Três.

Seus lábios roçaram a minha orelha. — Você quer que eu pare?

Eu não podia encontrar fôlego para responder, mas balancei a cabeça.

Sua boca se moveu ao longo do meu pescoço. Mais abaixo.

Em algum lugar fora da sala, eu ouvi um trovão.

Não. Não um trovão.

O som estrondoso, embora silenciosamente mortal, estava mais próximo do que qualquer tempestade poderia estar.

Meus olhos deslizaram para o corredor, para lá da porta aberta do quarto.

Algo estava nas sombras. Olhos como brasas.

O rosnado constante de Ren continuou enquanto ele se saía da escuridão que camuflara o seu pêlo de um cinza profundo.

Eu tentei falar mas não consegui. Meus dedos seguraram o braço de Shay; ele levantou o olhar para mim e sorriu. — Eu te amo.

Nesse momento, Ren se agachou e atacou, batendo em Shay e derrubando-o da cama.

Enquanto eles caíam no chão, a mandíbula de Ren prendeu-se em torno do pescoço do outro garoto.

Eu ouvi o rasgar de carne, o triturar de ossos, e fechei os olhos.

Quando olhei novamente, Ren estava em forma humana agachado sobre o corpo imóvel de Shay.

O alfa virou—se para mim.

— Não havia outra forma, — ele disse calmamente. — Você é minha.

— Eu sei, — eu sussurrei, e não me mexi quando ele se aproximou. — Sinto muito.

Ele se inclinou, beijando-me com os lábios ainda manchados pelo sangue de Shay. O sabor deixou minhas veias em fogo. Eu gemi, agarrei sua camisa com as mãos, e puxei seu corpo contra o meu. Pelo canto do olho eu vi o cadáver de Shay brilhar, mudando de forma constantemente. De garoto para lobo, pele para pêlo, afundando em uma piscina de sangue, a mudança nunca parando. Até que, finalmente, ele desapareceu de vista.

Meus olhos se abriram. Eu apertei o meu estômago apertado, parando a bile que subiu pela minha garganta. O quarto à minha volta girou várias vezes antes de entrar em foco. Olhei para o teto do meu quarto; a minha cópia esfarrapada de *Watership Down* estava aberta no meu peito. Procurando conforto, eu só tinha conseguido ler algumas páginas antes de adormecer. Meu celular vibrou raivosamente na minha mesa de cabeceira. Peguei-o, olhando para a tela. Shay Doran.

Apertei o botão para atender a chamada, resmungando, — Eu estarei lá amanhã, Shay. Preciso de uma noite a sós, — desligando antes que ele pudesse falar. Eu não achava que podia aguentar ouvir a sua voz quando as suas palavras do sonho, *eu te amo*, ainda tocavam em meus ouvidos.

Será que ele está apaixonado por mim? Eu quero que ele esteja?

O barulho de passos hesitantes chegou aos meus ouvidos. Virei-me de lado para ficar de frente para a porta e vi Ansel vagueando por perto. Rolei sobre as minhas costas, esfregando o sono para longe dos meus olhos. Eu tinha caído na cama assim que cheguei em casa vinda da escola, colapsando sob o peso do dia.

O assoalho rangeu quando Ansel passou pela minha porta novamente. Eu peguei seu olhar nervoso em minha direção, antes que ele corresse pelo corredor.

— Ansel, eu não sou o sol; pare de orbitar e chegue aqui, — eu chamei. Ele reapareceu na porta, e eu franzi o cenho quando vi o meu irmão se aproximar nervosamente da cama.

— Você está agindo de forma estranha, — eu disse, batendo na colcha. — Apenas se sente.

Ele se empoleirou no canto, enrolando mechas de cabelo sedoso que caía sobre suas orelhas.

— Você precisa de um corte de cabelo, — eu disse.

Ele encolheu os ombros. — Bryn tem uma ideia qualquer para um estilo diferente, e ela diz que ele precisa estar um pouco mais longo.

— Você foi quem quis namorar com ela. — Eu sacudi o dedo para ele. — Você agora está sujeito às suas constantes ideias de mudança de visual. Graças a Deus, talvez ela vá finalmente desistir de mim.

Ele sorriu timidamente. — Eu não me importo.

— Apenas espere, — eu murmurei, invejando as intimidades simples que eles podiam compartilhar.

Seu sorriso desapareceu. — Eu preciso falar com você sobre Shay.

Sentei-me, subitamente desconfiada, me perguntando se teria chorado alto durante o meu pesadelo.

— O que há com ele?

Ele continuou sem encontrar o meu olhar. — Você sabe como no almoço de hoje a Sabine disse que parecia que ele sabia mais sobre nós do que deveria?

Ele sabe. Bryn e Ansel estavam na caverna com Ren — eles perceberam.

— Bem, — ele disse, estudando o bordado da minha fronha, — Eu posso ter deixado escapar alguma coisa quando fomos fazer escalada há algumas semanas.

Eu não sabia se devia ficar aliviada ou horrorizada. — Você deixou escapar alguma coisa?

— Na verdade, para ser mais exato... — Ele engoliu um par de vezes.
— Eu posso ter explicado algumas coisas para ele...

— Ansel!

Ele finalmente levantou os olhos para os meus; eles estavam enormes e apologeticos.

— Sinto muito, Calla, eu não pude evitar. Nós temos saído bastante, e ele é um cara muito legal. Mas sempre que ele fala sobre você, é como se os olhos dele simplesmente brilhassem. Ele está totalmente na sua. E eu me senti tão mal com isso, visto que eu percebi que ele não tinha nenhuma chance com Ren ao redor.

Meus olhos se estreitaram e ele continuou rapidamente.

— Por isso eu tentei explicar que vocês têm uma longa história e que agora iam ficar juntos e ele continuou a fazer perguntas que eu não poderia realmente responder sem contar alguma coisa. Quando dei por mim, estava lhe contando sobre os Guardiões e o clã e porque é importante que você e Ren completem a união. — Ele ficou sem fôlego, retesando-se enquanto esperava pela libertação da minha fúria.

Quando eu não comecei a gritar com ele, ele relaxou.

— Você sabe, ele não estava tão chocado quanto eu pensei que ele ficaria.

— Bem, ele lê muito. — Puxei a desculpa do ar. — Eu acho que ele está mais aberto às possibilidades fantásticas do mundo do que a maioria dos humanos.

Ansel alegrou-se, balançando a cabeça. — Sim, ele me emprestou Sandman; é extraordinário.

Deixei-me cair para trás contra meus travesseiros. — Eu não quero ouvir sobre histórias em quadrinhos. Você contou a Bryn sobre disto?

— Não.

— Ansel?

— Ok, sim, ela sabe. Mas você pode nos culpar? — Ele se esticou na cama. — Não é nossa culpa, Calla. Nós dois tínhamos um monte de perguntas depois de irmos com Ren a Haldis. Nós sabemos que você esteve lá, e havia o cheiro de outro lobo também.

Eu não respondi e ele se aproximou. — Bryn e eu temos querido falar com você desde que fomos à caverna, mas quase parece que você nos

está evitando. Ela pensou que poderia ser melhor se eu falasse com você sozinho.

— Sobre a caverna? — Eu perguntei. — Eu não queria que vocês ficassem encrencados com Ren.

— Não apenas isso, — ele disse. — Com todo o tempo que você está passando com Shay e o fato de que ele age como parte do nosso clã estes dias, estivemos pensando que algo aconteceu com vocês. Aconteceu?

Eu permaneci em silêncio. Meu coração acelerou.

Ansel silenciou-se. Depois, ele suspirou longamente.

— Quando eu ouvi sobre a luta hoje, algumas coisas se encaixaram. Quero dizer, eu não conheço bem o Ren, mas sou bom em ler pessoas. Ele não se sente tão confiante como deixa parecer, especialmente quando se trata de você.

Virei-me para olhar para ele, assustada. Ren não confiante?

Quando ele pegou minha expressão de surpresa, ele acenou. — É verdade. Ren pode ser territorial, mas ele também é inteligente. Ele não iria atrás de Shay assim, no meio da aula e tudo, a menos que ele achasse que

havia uma possibilidade de... — Ansel calou-se, como se fosse muito doloroso para ele terminar o pensamento.

— A menos que ele pensasse o quê? — Franzi a testa; meu coração batendo a um ritmo alucinante.

A voz de Ansel caiu para um sussurro, ele me olhava atentamente enquanto falava. — Que você possa realmente estar apaixonada por Shay.

Meu coração galopou para a direita, desviando-se do penhasco para o qual tinha estado correndo, e eu não conseguia respirar. Fechei os olhos. *Estou?*

— Calla?

Eu mal podia ouvi-lo por cima do rugido em meus ouvidos.

— Você o transformou?

Sentei-me, minhas unhas cavando um travesseiro, rasgando o algodão.

— Faria sentido. — A voz de Ansel suavizou-se, e ele traçou um padrão lento na colcha com os dedos. — Você queria que Shay fosse um de

nós, para que você não tivesse que ficar com o Ren. Ele era o outro lobo na caverna, não era?

Eu não sabia o que dizer ou fazer. A verdade? Mais mentiras? Eu não queria Ansel e Bryn metidos nisto. Eles já tinham tentado me proteger ao mentirem para Ren. Se eles conscientemente traíssem os Protetores, eu não podia imaginar o que isso poderia custar-lhes.

Balancei a cabeça furiosamente, o medo pela sua segurança arrancando a mentira de meus lábios. — Não. Não é isso que está acontecendo. Você sabe que era apenas um lobo solitário. Eu estive na caverna sozinha. Lamento que você tivesse que descobrir dessa forma. Eu deveria ter falado com você mais cedo. E agradecido. Por não dizer nada. E a Bryn também.

— Porque você esteve lá? — Ele perguntou, dúvida persistindo em seus olhos. — Que tipo de façanha você estava tentando fazer?

— Eu sei que fui idiota, — murmurei. — Eu estava apenas curiosa quando patrulhei sozinha. Decidi ir espreitar, mas corri quando cheirei a aranha.

Ele estremeceu. — Eu teria corrido também. Eu nunca vi nada parecido.

— Eu também não, — murmurei, perdida em lembranças da luta, Haldis, Shay.

— Você realmente deveria ter nos dito. — Ansel franziu o cenho. — Ren estava furioso. Ele é um bom alfa. Ele quer que trabalhemos juntos.

— Eu sei, — eu disse.

— Você não confia em nós? — Ansel perguntou. — Eu sei que muita coisa mudou por causa do novo clã, mas ainda somos seus amigos. Nós não te desapontaríamos, Calla.

— Sinto muito, An, — eu disse, hesitando antes de falar de novo. — Porque você achou que eu tinha transformado Shay? Quero dizer, para além de cheirar o outro lobo na caverna?

Ansel levantou os olhos cinzentos para encontrar os meus, suas íris duras como pedra. — Porque eu teria fugido com Bryn se alguém me dissesse que eu não podia ficar com ela. Se ela não fosse uma Guardiã, eu a teria transformado, e eu teria fugido o resto da minha vida para mantê-la a meu lado.

Olhei para ele por um longo tempo e depois acenei com a cabeça lentamente. *Ele a ama. Isso é que é amor. Deve ser.*

— Obrigado por não gritar comigo por dizer isso. — Ele me ofereceu um sorriso triste.

Acenei com a cabeça novamente, incapaz de forçar as palavras a atravessar o nó na minha garganta.

— Eu gostaria que você me dissesse como se sente, Cal, — ele disse. — Eu só quero ajudar. Shay e Ren são ambos caras legais; eu não estou te julgando. Você tem que seguir o seu coração.

Estremeci. — Não é tão simples assim.

— Claro que é, — ele disse com um bufo frustrado. — Deus, Calla, você não ama nada?

Olhei para a cama. Talvez não. Eu só estou tentando ser forte. E se ser uma alfa significa que eu não posso amar ninguém?

Quando olhei para ele novamente e ele viu o brilho das lágrimas refletido de volta para ele, ele se encolheu.

— Sinto muito. Sinto muito. Isso foi uma coisa horrível de se dizer.

Sorri fracamente. — Eu amo você, irmãozinho. — Estendi a mão, puxando-o em meus braços.

Ele aninhou a cabeça contra o meu pescoço e eu acariciei a bagunça de seu cabelo desgrenhado de cor de areia. Eu queria dizer-lhe tudo. Me sentia tão sozinha. Mas eu não podia arriscar. Eu estava desesperada para manter meu clã fora desta bagunça enquanto podia.

— E eu amo os nossos companheiros de clã, — murmurei, tentando entender as palavras, sentindo a sua verdade, a sua força. — Prometa-me, An. Não importa o que aconteça, você será forte. Eu preciso que você proteja Bryn, e proteja o clã.

Ele ficou tenso. — Do que você está falando?

— Eu desejava poder dizer, — sussurrei. — Mas é muito arriscado. Há muito que eu não sei ainda. Por favor, apenas me prometa.

Ele assentiu, seus cabelos roçando o meu queixo. — Eu também te amo.

 capítulo 30

— Você não dormiu a noite passada de novo, não é? — Perguntei, caminhando pela mesa de Shay no final do primeiro período. Ele tinha gasto a maior parte da aula usando seus antebraços como travesseiros. Senhor Graham não o incomodou ou não notou desde que Shay tivesse a consideração de não roncar.

— Eu estava trabalhando na última sessão. Eu acho que fiz algum progresso. — Disse, puxando um caderno de anotações do bolso. — Dê uma olhada.

Eu peguei o papel, escorregando para dentro do meu bolso. — Eu vou olhar isso hoje mais tarde e então vamos conversar na biblioteca essa tarde.

— Claro. — Arrastou os pés. — Eu deveria pular química hoje? Deixariam as coisas mais fáceis pra você? — Ele não disse *e Ren*, mas eu sorri de forma fina enquanto assistia o pensamento deixar ele fazer careta.

— Ele não vai estar lá. E mesmo que estivesse, você estará melhor se fingir que nada aconteceu. Os Protetores estão todos observando... Eles disseram a Logan que as coisas ainda estavam tensas.

— Ren não estará lá? — Ele franziu. — Ele não... Quero dizer, Logan não...

— Não. — Rapidamente o acalmando. — Ren apenas precisava de um tempo para espairecer... eu acho. Ele não foi específico, mas me deixou saber que ele não estaria por perto até o baile hoje à noite. — Suspirei, afundando contra a mesa de Shay. — O que você fez ontem... com Logan. Eu não poderia te agradecer o suficiente. Você obteve respeito com o bando. Poderia ter sido horrível para Ren, para todos nós.

Ele começou a estender a mão pra mim, mas pensou melhor, pondo-os em seus bolsos. — Sim, bem, às vezes eu posso conseguir fazer as coisas certas. — Um canto de sua boca se enrugou. — Você irá se desculpar por ter me dado um tapa?

— Não.

— Eu não achei que iria.

O sino do segundo período tocou. Eu levantei, por ele ter parado ele mesmo de me tocar, sabendo que se eu não sáísse de lá, eu seria a que iria em busca dele.

Eu tentei manter meus pensamentos neutros durante o dia. Meus nervos pareciam estar a ponto de explodir, no qual eu não podia me permitir. Foi ajudado quando Bryn esboçou os possíveis estilos de cabelo

para essa noite em nossa aula de Francês. O vácuo gelado em meu estômago doeu quando sentei sozinha no laboratório para a aula de Química Orgânica. Nós tivemos um professor substituto, e eu me perguntava se o estresse nas aulas anteriores havia sido causado pela Senhora Foris que tinha evitado ir para o colégio ou se demitiu imediatamente.

Já que não teve experimento, virei minha atenção para as anotações que Shay havia rabiscado em um pedaço de papel dobrado. Sua frustração estava aparente com a caótica disposição de palavras e frases. *Scion, dois mundos, lembrança?? O que é o véu?* Depois da confusão de anotações tinha um parágrafo transcrito que ainda era confuso, mas pelo menos tinham frases completas.

*Aqueles que esperaram pela criança colheita
tem de escolher seu destino*

Para começar novamente, procure pela cruz

Para guardar o poder, faça seu presente (??)

As pontuações de Shay, mostravam sua irritação.

A batalha dos dois mundo, o Scion vive entre eles

Quando o véu diminuir, o presente (??) deve ser feito

Para que um mundo não desapareça enquanto o outro se mantenha

O final da página estava coberto com mais perguntas e algumas palavras sem sentido sobre a passagem confusa. Eu li tudo novamente. Shay estava certo; a não ser pela menção de Scion e a indicação que essa escolha tomou o lugar de Samhain, a passagem não fazia sentido de jeito algum. Não podia haver a possibilidade que algo acontecesse no mesmo horário do baile. Eu li as palavras novamente, as deixando flutuar em minha mente.

No almoço nenhum dos lobos se opuseram quando Shay puxou uma cadeira, especialmente desde que ele tivesse a astuta e política decisão de se sentar entre Neville e Bryn ai invés de próximo a mim. Mas mesmo com Shay presente, nosso grupo tinha um escancarado buraco.

— Então, você encontrou Ren? — Perguntei a Dax

Ele fez um rosnado afirmativo.

— E? — Franzi para aquela resposta não verbal.

— E ele está bem. — Dax deslizou um pedaço de pizza em sua boca. — Você o verá esta noite.

Olhei para Fey. Ela olhou para Dax, que balançou sua cabeça. Ela virou pra mim e deu de ombros antes de se tornar incrivelmente interessada em seu almoço.

Levantei uma sobrancelha, mas deixei passar o assunto.

Por volta do final da aula uma gentil quantidade de neve começou a cair. O padrão de seus flocos atrás do alto vidro das janelas da biblioteca de Rowan Estate fez os tons de jóias ondular.

Shay batia seu lápis no caderno em frente a ele enquanto eu caia em uma cadeira. — Então, você estará bem esta noite?

Foquei em procurar uma caneta em minha mochila, mas acenei. — Eu espero que sim.

— Calla. — Sua voz cresceu tensa. — Tem algo que preciso dizer, e só vou dizer isso uma vez. Eu preciso que você preste atenção.

Meus dedos agarraram a lona da mochila fortemente. — Shay...

Ele acenou com advertência para a anotação com a minha reação.

— Desculpa, mas eu tenho que fazer isso. Por favor olhe pra mim.

Levantei meu olhar para encontrar com os dele. A mandíbula de Shay imóvel.

— Eu sei que tenho te pressionado sobre seus sentimentos por Ren e sua lealdade para com os Protetores. O que aconteceu ontem, com Flynn e então na sala de química, me fez perceber apenas o quão estava pondo vocês em perigo com o que estava fazendo. Eu não quero isso.

Ele se levantou e caminhou até a lareira, encarando o retrato de sua família. — Então estou me afastando. Depois dessa noite irei deixar você e Ren sozinhos. Você irá ficar com ele. Você sabe disso, e eu sei o quanto você sustentou agora que você sabe a verdade sobre os Protetores. Não quero te por em mais risco do que você já está.

— Shay, isso é... — Comecei.

— Eu não terminei. — Ele permaneceu aonde estava, sem olhar para mim. — Você precisa entender que isso não quer dizer que eu... — Vi seus ombros desmoronarem. Quando ele começou novamente, sua voz era grossa, rouca. — A respeito dele. Você sabe como me sinto sobre você. Não vai mudar.

Desviei os olhos dele, vacilando enquanto minha garganta fechava. — É verdade que você vai manter todos seguros dando a Ren e eu alguma distância. Especialmente enquanto estiver me ajustando aos instintos de lobo. E quanto ao resto... — Eu mal podia escutar minha própria voz pulando sobre os batimentos do meu coração. Quando virei para olhá-lo, ele estava bem atrás de mim, olhos cheios do brilho caloroso da primavera.

— Eu pertenço a Ren. — Disse, odiando as palavras, desejando que Shay pudesse me beijar e fizesse o resto das minhas palavras desaparecessem. — Não há nada que eu possa fazer para mudar isso.

— Você pertence a você mesma. — Disse rapidamente. — E eu posso esperar para que você descubra isso sozinha.

Abalada com as palavras dele, puxei as anotações que ele havia me dado nessa manhã, sem esperar para pensar sobre o pouco tempo que tínhamos. Ele se inclinou sob meus ombros.

— Então o que interpretou disso?

— Nada de novo. — Entreguei o pedaço de papel para ele. — Exceto do que acabei de dizer.

— O que você acha que a “criança colheita” quer dizer? — Ele franziu com seus próprios rabiscos.

— Acho que significa mais pesquisa. — Voltei para minha cadeira.

— Espera. — Ele disse empurrando um livro pela superfície da mesa para minhas mãos. — Eu pensei que iria querer ver por si mesma.

Eu abri a capa e olhei o título escrito a mão. *Haldis Annals*. Os anos gravados foram os primeiros cinco da minha vida.

— A mãe de Ren? — Murmurei.

Ele acenou. Fiquei em silêncio enquanto folheava o livro até encontrar a escritura. Shay se sentou enquanto eu lia, e se mexeu quando terminei o texto, lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas.

— Meus pais estavam lá. Os Protetores enviaram os *Nighthshade* depois dos Rastreadores. Mas o bando não sabia... ninguém sabia o que houve com Corinne. Os Protetores deram ela para um espectro.

— Calla. — Se aproximou, mas recuei, balançando a cabeça.

— Ficarei bem. — Cabeceei para a escadaria em espiral que conduzia ao balcão. — Nós temos trabalho a fazer.

Uns vinte minutos depois eu voltei com uma braçada de textos, largando eles na mesa. Peguei o maior dos livros, oferecendo a Shay um pequeno sorriso, e comecei a ler.

Nos sentamos lado-a-lado, o silêncio da biblioteca quebrou imediatamente pelo arranhar de um lápis ou o crepitar de uma virada de

página. Sombras se derramaram pelo aposento enquanto o grande relógio de pêndulo no canto indicou o passar de outra hora.

Eu pisquei no parágrafo que estive lendo sobre rituais Sabbat. — Ei. — Lendo novamente.

Shay esfregou os olhos, bocejando. — Encontrou alguma coisa?

Mapeei outra página sobre *Os Grandes Rituais*. — Talvez. Quando é seu aniversário?

Ele não levantou o olhar de sua leitura. — Primeiro de Agosto.

Aplaudi. O som o fez pular.

— O que?

Pulei sob meus pés, girando em uma pequena celebração. — É você! Você é a criança colheita. Eles trocaram os termos, o Scion e a criança colheita são a mesma pessoa.

— Do que está falando? Meu aniversário é no meio do verão; a criança colheita não devia ter nascido no outono, quando as pessoas estão realmente colhendo?

— Não. — Minha risada se ampliou. — Aí está onde minha pesquisa compensa. Desde que eu comecei a ler sobre Samhain, decidi ler sobre os outros Sabbats. Primeiro de Agosto é a colheita das bruxas no Ciclo da Vida. Você é a criança colheita; tem que ser você. Nós finalmente encontramos alguma coisa!

Ele piscou pra mim e então olhou de volta para a página amassada que estivemos segurando pra lá e pra cá a tarde inteira.

— Então é tudo sobre mim. Essa passagem... tudo que está suposto a acontecer no ritual de Samhain.

Meu sorriso murchou vendo preocupação em seu rosto. — Sim, sim, é isso.

— Samhain. — Murmurou. — É hoje à noite.

— Sim. — Mordi o lábio. — Mas nada vai acontecer com você esta noite. Não tem como acontecer. Todos os Protetores estão concentrados no baile. É lá que estarão. Não tem nada a ver com Scion, o ritual dessa noite é apenas sobre o novo bando.

— Bem, a profecia determina apenas o dia, não o ano. Todas as profecias são sobre o futuro, certo? — Ele disse.

— Você acha que é um evento muito longe?

— Tem que ser. — Acenou, mas seus olhos ainda estavam preocupados. — Pelo menos fizemos algum progresso. — Olhando para o relógio. — Você não disse que Bryn estaria vindo às cinco e meia para te arrumar para sua grande noite?

— Sim, por quê?

— São seis horas. — Colocando o relógio de frente pra mim.

— Ela vai me matar. — Comecei a entulhar as anotações dentro da mochila. — Nós não teremos tempo no Blood Moon.

— Pensei que você fosse se preparar para o baile. — Ele franziu.

— E estamos. Mas a cerimônia será perto do terreno do baile. Todos envolvidos se reunirão no Blood Moon para dançar e beber por algumas horas para então brindar nossa saúde ou alguma coisa assim. Mas nós vamos sair e ir ao ritual de Samhain enquanto os humanos estão distraídos com a festa.

— Entendo. — Murmurou.

Eu não queria deixá-lo, mas havia algo ainda para dizer. Nenhuma risada em conjunto poderia diminuir a dor. Coloquei meu casaco e ele acenou. Seu sorriso não podia mascarar a tristeza em seu olhar. – Boa sorte, Calla.

 capítulo 31

— Aqui, esse é o ultimo — Bryn me girou para fazer fez sua inspeção.

— Porque há tantos botões? — eu perguntei, me perguntando como eu iria conseguir tirar o vestido.

— Eles são chamados enfeites, Calla, sua mãe ama eles — ela apontou um pincel de sombra para mim.

— Você tem certeza que não quer maquiagem? Eu poderia pelo menos pintar seus olhos, realmente fazer ele pop.

— Não, sem maquiagem — me perguntando porque iria querer meus olhos ‘pop’, isso soa grotesco — Eu concordei em você fazer meu cabelo mas eu não vou usar maquiagem — eu estava tentando muito não ficar doente, se qualquer coisa estourasse isso ia ser meu estômago.

— Você esta arruinando isso — ela tirou minha mão do caminho quando eu ia tocar os cachos cuidadosamente fixados que ela habilidosamente empilhou em minha cabeça — Sem tocar, você tem certeza sobre os olhos?

Eu sorri para Bryn, ela estava deslumbrante, mais que deslumbrante, seus cachos na altura do queixo estava penteados como sempre, mas suas luzes castanhas contrastava com o tom escuro do vestido de seda de cintura império, o qual caia em seu corpo como se tivesse sido feito do céu noturno, isso não era justo. Bryn e as outras mulheres Haldis devem ir para a união com uma beleza sutil, como sacerdotisas de uma deusa negra. Eu parecia como um bolo de casamento e eu estava certa que era culpa da minha mãe.

— Sem sombras, sem batom, nada — gesticulei para o meu longo vestido — Isso é bastante, qualquer coisa a mais e eu vou ter combustão espontânea.

— Tudo bem — ela guardou seus produtos de belezas no que parecia uma larga caixa de ferramentas.

Houve uma ligeira batida na porta, a voz abafada de Ansel pareceu ansiosa do outro lado.

— Vocês estão prontas? Mason já ligou duas vezes. O restante do Pack acha que caímos em uma vala ou algo parecido.

Eu olhei para Bryn — Você tem algum tipo de grande entrada planejada?

— Não, ele pode entrar.

— Ok, Ansel estamos prontas — eu chamei. A porta se abriu e Ansel entrou. Bryn articulada sobre seus saltos, emboscou com um sorriso devastador, meu irmão parou no meio do caminho, ele empalideceu, depois

ficou vermelho brilhante e depois pálido de novo, seus lábios se abriram, mas somente um murmúrio saiu de sua garganta e ele abandonou a tentativa de falar para poder respirar, Bryn cruzou o quarto e pegou suas mãos — Obrigada.

Ela o beijou na bochecha e começou a se voltar para mim, mas Ansel segurou ela, beijando-a direto nos lábios enquanto ela se rendia em seus braços. Eu olhei para outro lugar, me sentindo tonta pela pontada de inveja que me apossa sempre que Ansel e Bryn estão juntos. *Eles se encontraram e eles estão felizes. E se eu encontrei a felicidade que tenho que deixar para trás ?*

Após um tempo desconfortável onde olhei para os meus sapatos, Bryn murmurou: — Nós iremos continuar essa conversa mais tarde.

— Eu não ouvi isso, e estou me virando agora — eu disse.

Ansel sorriu para mim, batom cobrindo sua boca.

— Você precisa lavar seu rosto — eu ri.

— Oh! Claro, você está maravilhosa por sinal — ele disse antes de ir para o banheiro. Bryn veio até mim, procurando em sua bolsa por seu batom, pele corada, quase brilhante e eu queria bater nela por despeito, eu duvido que estaria brilhando de alegria durante a cerimônia.

Ansel reapareceu na porta, mostrando as chaves do carro — Vamos começar com a festa.

Nós três ficamos parados olhando os dançarinos rodopiando do outro lado das portas francesas que separava o salão de esplanada do jardim.

Blood Moon é realizado pelo Efron Bane e foi feito em um de seus hotéis cinco estrelas na periferia, uma estância num palácio vitoriano que fica sobre a borda de uma densa floresta, no final do salão de bailes uma câmara de orquestra envia uma valsa pelo ar. Escuras cortinas de cetim do teto ao chão, os vitrais das janelas e centenas de candelabros faziam a atmosfera perfeita de Halloween. Uma esfera de papel quase translúcida, de cor vermelha presa no lustre do salão mergulhando o salão em tons ocres. Nossa própria Blood Moon

Uma mesa ornamentada em um dos cantos tinha um enorme caldeirão, com gelo seco soltando fumaça e sobremesas além da imaginação. Keepers, guardiões e humanos todos agitados pela música enfeitados com o seu melhor. Olhando eles através do desfoque da porta de vidro era como assistir uma matriz de brilhantes bolhas coloridas passando.

— Isso não é o Eden, mas parece legal o bastante — Bryn piscou para mim. — Muito ruim que não podemos curtir.

— Eu disse que sinto muito pelo atraso — eu murmurei.

— Eu não posso acreditar que você está dando aulas na noite de sua união — ela disse com um olhar agudo, colocando-me longe de Ansel e cochichando. — Você e Shay devem gostar muito de suas aulas, se importa em me contar? Você tem algumas dicas que gostaria de oferecer para mim e Ansel?

— Eu já disse para o Ansel vocês tiveram a ideia errada — eu disse. — Ele não te contou?

— Eu pensei que talvez você tivesse uma resposta diferente para mim — ela disse. — Você sabe papo de garota, se você quer soltar antes de você caminhar pelo corredor agora é a hora.

— Deixa isso — a mera menção de Shay me fez querer fugir, a união significava que eu estava perdendo ele, e isso me fez parecer que estava perdendo tudo. Eu não estava com disposição para provocação.

— É melhor eu ir ver se estamos no horário — Ansel disse, se virando das borradas cores do baile. — Oh ei, olha o Ren.

— Oh! — Bryn correu atrás do Ansel. — Eu vou com você, então.

Eu ignorei o soco repentino em meu intestino, andando para me encontrar com Ren no final do terraço. Seu smoking grudado em seu corpo, a jaqueta e calças escuras contrastando com o cinza de seu colete e gravata, eu sorri com a visão, essas era as cores de Ren quando ele é um lobo.

— Esse vestido é uma cerimônia em si, Lily. Quanto tempo você demorou para entrar nele?”

— Bastante — tentei pegar minha trança, quando ela não estava lá, energia nervosa picando minha pele. — Você está bem ? — Estava preocupada.

— Sim — ele riu baixo e afiado. — Por mais que eu nunca vou gostar daquela criança, Dax me disse o que Shay disse para manter Logan longe, clássico movimento, eu devo a ele, ele é mais perceptivo que eu.

Eu fiz um quieto afirmativo som, esfregando meus braços para não tremer.

A criança difícil, o Scion. — O rosto de Shay apareceu em minha visão. *É tudo sobre mim.*

O pequeno toque de Ren em meu braço me tirou de meus pensamentos. — Eu sei que não é seu estilo mas você está divina — ele disse — contanto que você consiga andar com todas essas camadas.

— Obrigada — eu corri meus dedos por sua gravata — Você também está.

— Então — ele alcança seu bolso — Eu tenho algo para você.

— O quê? — eu fui pega completamente fora de guarda. Porque ele iria me dar um presente? Era para eu dar um presente para ele também?

A bochecha de Ren começou a corar, seu nervosismo fez meu coração disparar.

— É só ... — ele começou e então parou. Ele andou alguns passos e então voltou ao meu lado, finalmente seus olhos se encontraram com os meus, afetuoso e vulnerável. Minha respiração vacilou na mistura estranha de emoções no rosto do Alfa.

As palavras de Ansel ecoaram na minha mente *Ele não é tão confiante quanto ele demonstra —especialmente quando se trata de você.*

Ren tirou sua mão de seu bolso, seus dedos fechados fortes envolta de alguma coisa, ele pegou meu pulso, o virando de forma que a minha palma se abriu, alguma coisa fria caiu em minha mão ele retirou seus dedos afastando-se como se tivesse colocado uma bomba-relógio em minhas mãos, eu olhei para baixo e minha respiração saltou, no meio da minha mão um

anel delicado, uma polida safira brilhava para mim, a pedra havia sido ajustada em uma faixa de prata que foi artisticamente trabalhada em um padrão trançado, eu encarei em silêncio o anel, minha mão começou a tremer.

Ren se manteve distante

— A faixa é de ouro branco — ele murmurou — Ela me lembra seu cabelo.

Tirei meus olhos do anel e olhei para ele, seus olhos me encararam, questionando, eu abri minha boca, mas um caroço em minha garganta obstruiu as palavras que queria falar, o tremor das minhas mãos se espalharam por meu corpo.

Suas iris cor de carvão piscaram com decepção — Se você não gosta dele, voce não tem que usar, eu só pensei que deveria ter algo antes da união, meu pai disse que anéis não são parte disso, mas eu queria que voce soubesse que eu...

Ele balançou sua cabeça, um grunido retumbou em seu peito. — Esquece — ele disse indo ao anel como se fosse tira-lo de minha palma aberta, eu fechei meus dedos e coloquei minha mão em meu peito, ele piscou para mim assustado com o repentino movimento de proteção, eu finalmente consegui clarear minha garganta, no entanto eu não reconheci minha propria voz, tremida, rouca.

— É lindo, obrigada — *Ele se importa comigo, conosco.* Eu me perguntei se conseguiria passar por essa noite depois de tudo.

Indesejáveis piscadas assaltaram meus olhos e deixei meu olhar cair, eu lentamente abri meu punho bem fechado e deslizei o anel no meu dedo.

— Eu sinto muito, eu não tenho nada para você.

Ele se aproximou e pegou minha mão, passando seu dedo sobre o anel.

— Você tem.

Bryn reapareceu no terraço, dessa vez com Dax ao seu lado.

— Esta na hora— Dax disse, Ren acenou, ele roçou seus lábios sobre minha testa antes de seguir Dax descendo as escadas.

— Você esta pronta para isso? — Bryn perguntou, ela me ofereceu um brilhante sorriso, mas eu podia ouvir um começo de medo em sua voz.

— Eu não tenho certeza se essa é a questão correta— eu disse e olhei o anel de novo. *Aqui é onde eu pertenço, eu sempre soube meu caminho, agora eu tenho que caminhá-lo.*

— Você sabe que eu vou estar bem atrás de voce — Bryn pegou meu braço — Ninguém do grupo vai deixar algo ruim acontecer.

— Vocês não estão permitidos em participar — eu disse, deixando ela me guiar para fora pela escada e pela floresta.

— Você acha que eles vão ser capazes de nos impedir se você estiver com problemas ? — ela me deu uma cotovelada fazendo um sorriso em meus lábios.

— Obrigada.

— E você está linda — ela adicionou.

— Eu pareço um bolo.

— Mas um lindo bolo.

Nossos risos transformados em mini nuvens no ar frio da noite, nós andamos pela escuridão, Bryn me levando pelo caminho que eu não conhecia, cada vez mais dentro da floresta, uma fina camada de neve fresca brilhando como um tapete de diamantes, os sons do baile diminuíram e desapareceu. Olhei para a serenidade da neve imaculada, sabendo que eu logo a encheria com sangue de alguma criatura, eu olhei para a lua pensando de novo sobre o assassinato, o que nossa presa poderia ser.

Lua de sangue, a lua do caçador. *Hoje é a noite para matar*, deixei o luar se derramar em mim, esperando que isso chamaria minha fome por caça, mas esses instintos estavam enterrados fundo debaixo de meu medo.

— Quanto ainda falta? — eu perguntei, mas vi as tochas acesas antes que ela pudesse me responder.

Chamas pulsante nos espaços entre os altos pinheiros, que circulou na abertura da floresta, como as barras de uma jaula.

— Eu tenho que ir primeiro — ela me abraçou, me deixando de fora do anel — Naomi disse que você irá saber quando tem que vir, tudo ficara bem, voce é forte, lembra?

— Claro— minhas entranhas torcidas não pareciam fortes nem um pouco, eu me sentia um pudim.

— E eu ouvi que noivas tem que ir toda diva nessas coisas — ela disse sorrindo. — Então se você quer, você pode deixar Ren esperando um pouco mais, isso será bom para ele.

— Tudo bem — eu disse — eu vou te ver logo.

— Eu te amo Cal — ela me deu um beijo na bochecha e se dirigiu para o anel de tochas.

Eu olhei ela ir, brigando por normalizar meus batimentos cardíacos, desesperada por diminuí-los, eu não confio em meu membros, meu corpo parecia estrando sem equilíbrio, como um potro aprendendo a andar.

Calla voce sabe que tem que fazer isso, isso é para o que voce foi feita, isso é quem voce é.

Então porque eu queria fugir ? Não deveria me sentir atraída por meu destino? Eu coloquei minhas mãos em meu rosto, lutando por ficar calma, uma firma batida soou diante do círculo, chamando os espíritos para o ritual, pegando a pesada saia em meus pulsos, me dirigi para a clareira, querendo pegar uma idéia de onde estaria entrando, a essência me fez parar, eu olhei em volta, alarmada, isso não podia ser.

Mas isso era inconfundível, esse cheiro de chuva caindo e plantas esperando pelo sol. Shay.

Por um minuto minha mente imaginou a cerimônia, Efron falando — Se alguém tem alguma objeção a essa união, fale agora ou cale-se para sempre — Shay saindo das sombras e me tirando dos braços de Ren.

Eu estou totamendo perdendo-o. Eu tentei tirar fora o cheiro, a visão traiçoeira, não poderia ser real, eu não só tinha certeza que no ritual ninguém iria perguntar se há alguma objeção, como Shay não irá me resgatar. Não tem nenhum jeito.

Mas quando respirei fundo de novo, a essência ainda estava ali, me tirando do caminho em direção as sombras da floresta, eu hesitei dividida entre ir para a cerimônia e saber de onde a essência estava vindo, se isso era real, eu não sabia o quanto podia atrasar minha entrada.

Um novo som soou entre as árvores, a voz da Sabine, doce e triste, espalhou pelo ar, outra voz se juntou a dela, Neville, a harmonia deles entrelaçadas, cantando sobre batalhas e sacrifícios, uma coisa a mais para lembrar que a união não era sobre romance, mas responsabilidades. O som dos guerreiros, eu tinha um pouco mais de tempo, virando das tochas entrei na escuridão, seguindo a essência, ficando cada vez mais forte conforme ia entrando mas à dentro nas sombras das árvores e longe das chamas. Deparei-me com um enorme carvalho, sua presença marcante no meio da galeria de pinheiros, e eu não estava mais sozinha, tinha alguém na base disso.

Shay estava vendado, sua cabeça caída, mãos amarradas as costas, e o deixaram em uma posição ajoelhada debaixo da gigante árvore. Minha garganta travou.

Ele ergueu o queixo, respirando profundamente — Calla? Calla, é você?

Ar correu de volta em meus pulmões. Ele conhece minha essência também.

Eu corri para ele, quase tropeçando e minha saia, e me joguei no chão ao lado dele

— Shay, o que você está fazendo aqui? — eu tirei a venda de seus olhos, colocando seu rosto em minhas mãos, — O que aconteceu?

— Ela me trouxe aqui, eu acho que sei porque — a cor sumindo de seu rosto — Eu simplesmente não posso acreditar nisso.

— Não pode acreditar no que ? Quem fez isso à você?

— Aquela palavra na profecia — sua voz tremendo — A que estava tendo problemas em traduzir.

— Você quer dizer ‘presente’ ? O que ela tem haver com tudo isso? — Porque na terra ele está falando sobre o livro quando ele está amarrado em uma floresta.

Quando eu disse ‘presente’ ele estremeceu.

— É essa mesma — sua face se tornou esverdeada, e eu me preocupei se ele ia vomitar. — Isso não significa presente Calla.

— O que isso significa?

Eu puxei os nós da corda deixando seus punhos soltos, estremecendo quando eu vi a escoriação de sua pele sob a corda.



— Isso significa ‘sacrificio’.

NIGHT†SHADE

apítulo 32

O mundo borrou e eu achei que fosse desmaiar.

— Calla — Shay estava segurando meus braços, me mantendo em pé. — Você me ouviu?

— Sacrifício? — eu repeti, sentindo muito frio, sentindo o abismo negro da noite que queria me engolir inteira.

— Quem fez isso à você?

— Flynn — ele diz — Ela veio até minha casa depois que você saiu, me nocauteou. Éter eu acho que foi com éter.

— Sim — uma voz esfumaçada veio de trás da árvore um momento antes de Lana Flynn aparecer, ainda parcialmente coberta pela escuridão, um sorriso malicioso divertia seu rosto, seus dentes brilhando fluorescente na pálida luz da lua. — E agora você arruinou a surpresa, Calla você não sabe que da azar a noiva ver sua presa antes da matança ? Ah! Espera, isso é se Ren ver seu vestido não é ? Como sou boba”.

Sacrifício, nosso sacrifício.

— Não— eu estremeci, puxando Shay para trás de mim, formando um escudo. — Não pode ser ele, eles não iriam.

Seu sorriso curvou como um punhal — Bem, bem isso parece que muito mais está acontecendo do que eu imaginei, que deleite.

Os olhos da Flynn brilharam com prazer quando ela absorveu minha aflita expressão.

— Eu te avisei sobre saindo de seu caminho, Calla, talvez agora você ira ver as coisas como elas realmente são, Renier claramente te quer, se você está disposta a fazer o sacrifício com ele, ele talvez perdoe os erros que cometeu.

— Você esta fazendo o sacrifício? — Shay diz se afastando, olhando para mim e Flynn, horror rastejando sobre o seu rosto.

— Você e Ren?

— Claro — Flynn diz. — O que você acha que o alarde sobre essa união é? Você é o entretenimento principal.

Quando eu ando um passo em sua direção ele se afasta e mostra os dentes para mim. — Fica onde você esta.

— Eu juro, eu não sabia — eu sussuro, a floresta murmurando segredos obscuros enchendo meus ouvidos, me deixando tonta.

A conversa de meus pais, a insistência de minha mãe sobre a necessidade de manter em segredo sobre quem seria nossa presa, o jeito que ela ficou pálida quando disse que conhecia o Shay.

— Eu não sabia — eu repeti caindo de joelhos, minha cabeça girando, *é o Shay, o sacrifício não ia acontecer fora da união, é uma parte da união, ele é nossa presa.*

— Coragem, pequena — Flyn ronronou. — Você não terá de suportar por muito mais tempo. Seja uma boa menina e vá para o arvoredo, eles estão esperando por você, eu vou levar Shay daqui a pouco, logo depois de Ren beijar sua noiva.

Como se ouvissem suas palavras o ar soou com o choro dos lobos, chamando por seu alpha, minha mãe estava certa, eu não poderia confundir o significado do choro do bando, eu estava sendo chamada, mas o som não me acenava, era apenas assustador e mortal *Eu não sou mais uma de vocês, eu não vou deixar isso acontecer.*

— Não— eu respirei fundo e me esforcei para ficar de pé. — Nós estamos indo, Agora.

Shay se encolheu de mim, batendo contra um pinheiro, eu peguei a essência de sua forma lobo e sabia que ele estava lutando para não se transformar, aprisionado entre medo e ódio.

— Eu nunca machucaria você — eu disse. — Você tem que confiar em mim. Por favor acredite em mim, você tem que saber o quanto eu me importo com você.

Ele escaneou a floresta, desesperado, procurando por uma rota de fuga.

— Shay, por favor — eu sussurei, levantando minha mãe para ele. — Eu te amo.

Ele ficou completamente parado, eu ainda não sabia o que me assustava mais, o que eu disse, o que ele poderia dizer ou o que estava acontecendo ao nosso redor. Um minuto se passou onde não conseguia respirar.

— Eu sei — ele finalmente disse, pegando minha mão. — Vamos sair daqui.

Um som derramado saiu da garganta da enfermeira Flynn, algo entre um grito e um assobio, como a fragmentação de ossos. — Vocês não estão indo para lugar nenhum.

As sombras em suas costas começaram a se mover e minha pele congelou, se Wraiths estavam com ela, não tínhamos nenhuma chance, mas conforme eu olhei eu percebi que as sombras se moviam com ela como se tivessem grudadas aos seus pés, seus ombros estremeceram quando ela apareceu completa em nossa visão, imensos apêndices de couro saindo a sua volta, asas;

Os olhos de Shay arregalados — O que ...

Eu cai no chão, um bravo lobo branco, espreitando em torno da Succubus, ela riu e sacudiu seus pulsos.

Um longo chicote apareceu do nada em sua mão. O comprimento do cordão ondulado como se tivesse sido feito de sombras, em vez de couro.

Saltei da maneira como o chicote rachado veio em minha direção. Ela atingiu o meu lado, me fazendo gritar. O corte do couro era nada comparado com a onda de desespero que me bateu junto com o golpe. Eu estava paralizada com a visão de Ren atacando Shay, eu ouvi meus próprios gritos e a risada de Efron, tal como emoções presas na minha mente

emanando do corte que o chicote tinha feito, ela riu de novo os olhos apertados se movendo para Shay.

— Eu posso não ter permissão de te matar Scion, mas ainda podemos brincar.

Ela inclinou a cabeça para trás e eu lati um aviso. Shay rolou para fora do caminho quando um rio de fogo disparou de sua boca, queimando a árvore onde ele estava parado.

Meus olhos fixos no chicote e sua aura de sombra. Abaixei-me e depois investi contra ela. Ela gritou com agonia, meu queixo apertou o cerco em seu pulso, através da trituração de ossos. Me empurrou para o lado, rasgando—lhe a mão fora de seu braço.

Sangue derramado no chão. Corri em volta dela, cheirando meu pêlo chamuscado quando seu fogo jorrando perseguiu-me. Flynn gritava em uma língua que nunca tinha ouvido, e estava grata pelos uivos ensurdecedores que enchiam o ar, sem eles o som de nossa briga poderia trazer os guardiões e os Keepers direto para nós.

Eu lati para Shay de novo, desejando poder gritar para ele, porque ele não estava se transformando em lobo? Eu precisava de sua ajuda nessa briga.

Shay olhava fixo sobre a mão decepada que eu tinha soltado da minha boca. Ele disparou para a frente e agarrou o chicote de sombra, ele girou, o cabo longo rodopiando no ar e, em seguida, cortando no peito de Flynn, ela gritou de novo. Seus olhos se arregalaram quando ela se virou para seu agressor inesperado. Sua frieza, o olhar determinado parecia enervar—la ainda mais de sua habilidade com a arma roubada. O comprimento do

chicote serpenteou para ele e depois voou para fora novamente, desta vez envolvendo em torno de seu braço acima do sangrento corte onde sua mão uma vez estava. Ela gritou, agarrando a sombra em espiral que pega sanguessugas em seu bíceps.

Shay cerrou o maxilar, dando um puxão no chicote, Flynn perdeu o equilíbrio e caiu no chão, eu me joguei nela, minhas presas em seu pescoço, cortando a carne macia, Houve um breve gorgolejar na garganta, um punhado de fumaça saiu dos lábios entreabertos, e depois ela ficou parada. Eu recuei e mudei de forma, Shay ficou quieto, olhando para o corpo, eu corri para seu lado e pegue seu braço.

— Você esta bem?

Ele acenou — O que ela é?

— Uma Succubs, mas uma de verdade, não uma das estátuas de seu tio, ela é uma criatura subterrânea que pode ser invocado pelos Keepers, como os Wraiths, mas um incubi e succubus são mais próximos dos mortais, nós ainda podemos matar eles — eu olhei para a forma imóvel de Flynn.

— Óbvio.

Estremeci com nojo — Eles se alimentam de emoção, é por isso que ela sempre tão ansiosa por nos fazer sofrer, eu deveria saber.

Shay desenrola o final do chicote do braço dela — E do que Wraiths se alimentam?

— Dor — eu respondi, olhando para o chicote em suas mãos — Indiana Jones, hã?

Ele sorriu, acenando enquanto enrolava o mesmo.

— Bom modelo, traga isso com você, tenho medo que talvez vamos precisar disso.

Eu toquei seu rosto, aliviada que ele não estava machucado — Porque você não mudou de forma?

— Eu pensei que não era para fazer — ele disse.

— Eu não tinha realizado que deveria pontuar que se nós somos atacados por uma vaca respiradora de fogo você pode mudar de forma — eu soquei seu braço.

— Entendido, vaca respiradora de fogo faz Shay um menino lobo — ele sacudiu o chicote para mim.

— Eu tenho mais pratica usando isso do que meus dentes de qualquer forma.

— Certo. O choro dos guardiões ainda flutuava no ar pela lua, quanto tempo mais eles me chamariam antes de me procurarem? — Nós temos que sair daqui antes que eles percebam o que aconteceu.

— Mas não podemos ultrapassá-los, podemos? Mesmo como lobos? Ele seguiu o meu olhar para a cintilação das tochas.

— Nós temos que tentar — eu disse começando a andar.

— Espera — Shay pegou meu braço e me virou para ele. — Calla você sabe, certo?

— Sei o que? — eu perguntei presa nos mistérios de seu olhar.

— Que eu te amo também.

Com lágrimas ardendo nos cantos dos meus olhos, eu mudei em forma de lobo, lambendo os dedos de Shay uma vez antes de correr para a floresta.

 capítulo 33

Tecemos através do labirinto de pinheiros. Os bosques diluídos; lanças de luar criando colunas de luzes fantasmagórica que dividiam a escuridão.

Shay corria tão próximo que seu pelo rossava o meu. *Onde estamos indo?*

Onde esta Haldis? E o livro ? Minhas orelhas foram para trás e para frente. O coro de uivos tinha parado, permitindo que uma aterrorizante calma pairasse sobre a floresta.

Minha casa. Eu ouvi o medo em sua resposta. *Nós temos que buscá-los não temos?*

Eles são os únicos indícios que nos resta. Eu desejei que a floresta de voltasse à vida, tranquilizando-me com seus habituais sons. Mas não havia nada, apenas o vazio. *Além disso, os Keepers os querem, o que significa que é preciso levarmos os mais longe que pudermos.*

Longe, onde? ele perguntou. *Para onde iremos?*

Eu não sei. O mundo virou de cabeça para baixo, eu não tinha respostas.

Qualquer lugar menos aqui.

Eu posso viver com isso, aqui não está saindo muito bem para mim.

Eu mordi seu flanco de brincadeira, grata por sua tentativa de humor. Mesmo depois de enfrentar o horror de hoje à noite, ele ainda estava tentando aliviar meu coração.

Será que os despistamos? Shay saltou sobre um tronco caído. *Eu não ouço mais o uivo.* O meu sorriso desapareceu em meu interior com o lembrete de que a floresta e a noite permaneceram em silêncio, o envio de um calafrio correndo sob meus pelos.

Basta continuar correndo.

Com o canto do meu olho Eu peguei um movimento breve nas sombras. Incerta sobre o que eu vi, eu coloquei uma nova explosão de velocidade. Neve agitando em torno de mim enquanto eu corria em direção à abertura nas árvores em frente.

Calla! O grito de Shay soou um alarme em minha mente quando uma forma maciça apareceu da floresta, batendo em mim.

Toda a respiração foi forçada de meus pulmões enquanto eu tombava através da neve. Meu atacante e eu rolamos até que eu me encontrei nas minhas costas, presa. No momento seguinte, o rosto humano de Ren pairava sobre mim. Assustada e totalmente confusa com a visão do alfa, ainda vestido com seu terno, gravata e camisa solta pendurada e amarrotada, mudei para a forma humana e olhei para ele. Seus dedos encravados em meus ombros enquanto ele continuava a me segurar. Suas palavras saíram, quebradas e temerosa.

— Eu fui mandado para matar você, Calla. Para te matar e trazer o Shay de volta, porque eu estou aqui para te matar?

— Ren — minha própria voz falhando. — Me deixe explicar, eu posso explicar.

Antes que eu pudesse falar de novo, um lobo rosnou perto, em sua forma de lobo, Shay perseguia em nossa direção, seus olhos verdes claros travados em Ren, rosnando com suas presas. Ren franziu a testa enquanto encarava o lobo, seus olhos arregalados e seu rosto empalidecendo, fiquei tensa esperando ele se transformar instantaneamente e atacar o Shay, mas ele não mudou, em vez disso ele pulou sobre seus pés, se afastando de mim, seu olhar indo de mim ao novo lobo.

— Você o transformou — sua voz falhando. Ele cambaleou para trás como se ele tivesse cego e caiu contra o grosso tronco de um pinheiro, seus dedos rasgando a casca.

Shay debruçado baixo, pronto para atacar. Virei sobre meu pé e disparei na frente dele, bloqueando o seu caminho para Ren.

— Não Shay, não! — eu disse — Eu preciso falar com o Ren sozinha, por favor.

Então um rapaz parava na minha frente de novo “Sem chance” Shay ainda estava olhando para minhas costas, olhos travados em Ren suas presas captando a pálida luz do luar quando ele rosnou para o alpha.

“Esta tudo bem, são somente alguns minutos eu te prometo” eu apontei para a direção que queria que ele corresse “agora vai”

“Voce esta louca?” ele rosnou “Ele é um deles Calla”

“Não ele não é” eu disse “Ele não vai me machucar”

E eu sabia que isso era verdade

“Corre eu vou te alcançar” ele começou a protestar, mas eu cortei ele
“Agora Shay os outros não podem estar muito longe.”

Ele hesitou antes de se jogar para o bosque.

Eu tropecei em meio à neve profunda em direção a Ren. Seus olhos estavam fechados, suas mãos sangravam, onde a casca acentuada da árvore tinha arrancado a pele dos dedos.

“Ren olha para mim por favor”— Mas seus olhos continuaram fechados

— Eu sabia, isso é o que você queria, você quer ele — seus olhos lentamente se abriram, a dor refletia em sua iris negra fez meu coração doer.
— Aquela essência, ele estava com você na caverna, ele é o lobo solitário.

— Ren eles iam nos fazer matar ele — eu soltei. — Os Keepers iam sacrificar o Shay esta noite. Ele é nossa presa.

Ele se manteve quieto por um momento e eu sabia que uma parte de Ren queria matar o Shay, todos os seus instintos de alpha podiam o puxar a essa conclusão, de me possuir e destruir o usurpador especialmente agora que Shay era um de nós, mas a outra parte dele, e eu esperava ser a mais forte, tinha que saber que matar o Shay era errado.

— Isso é impossível — Ren disse sacudindo sua cabeça. — Não há nenhuma possibilidade, afinal de contas eles pediram para nós tomar conta dele, isso é doentil.

— É verdade — eu disse, ondas de alívio descarregando em meu corpo. — Shay foi comigo na caverna e ele matou a aranha, mas ela me picou e eu tive que transformá-lo, eu teria morrido sem o sangue do lobo, nos não tivemos opção.

Eu não queria pensar no quanto isso ia machucar o Ren agora que ele sabia por quanto tempo eu escondi isso dele. O quanto eu amei tendo Shay em forma de lobo, correndo do meu lado, todos esses segredos e mentiras, saindo da escuridão desconhecida, nos circulando como abutres.

— Calla, o que diabos você está falando? Porque você iria com ele para a caverna em primeiro lugar? — Ren estalou. — Nada disso faz sentido, porque os Keepers pediram para nós o matarmos ?

— Shay não é somente um garoto humano, ele é especial — Ren estremeceu com a palavra, mas eu continuei. — Ele é o Scion, alguém que os Keepers consideram como uma ameaça, que ele cumpra uma profecia que ele temem.

— Que profecia? Calla se nossos mestres dizem que ele é uma ameaça, porque você o está ajudando? — ele rugiu — Nós seguimos as ordens dos Keepers, nós protegemos os sitios.

— Não, nós não fazemos, ao menos nós não deveríamos, nós fomos enganados — eu apertei meu agarre em seu braço. — eu li a guerra de todos contra todos, Shay achou isso não biblioteca de seu tio e eu li isso.

Os olhos de Ren demonstravam medo e fascinação. — Você leu o texto dos Keepers?

— Eles mentiram para nós, para todos nós — eu disse. — Eles não são quem eles clamam ser e nós não somos seus leais soldados, nós somos seus escravos, guardiões estiveram lutando contra no passado, resistindo, nossos ancestrais tentaram seguir outro rumo e os Keepers os mataram por se revoltarem, esta tudo lá, tudo na história que nos proibiram de aprender.

— Eu não posso mais viver assim — minhas lágrimas de raiva vieram rápidas. — Eu odeio o que eles podem fazer conosco, o que Efron faz com a Sabine, o que poderia acontecer ao Mason, ao Ansel, com a Bryn como qualquer um de nós, eu não quero me submeter Ren, eu sou uma alpha.

E então eu estava agarrado a Ren, soluçando, enquanto eu dirigia meus punhos em seu peito.

— Calla — Ren sussurrou roucamente. — Se isso é sobre o que aconteceu na montanha, eu sinto muito, eu não quero mandar em você, você é minha parceira e eu respeito sua força, eu sempre respeitei.

Ele parou e respirou profundamente — Eu não sou meu pai.

Ainda não. Eu não podia me esconder de meu próprio medo sobre Emile e as palavras de minha mãe sobre o alpha Bane. *Poderia Ren ser tão diferente?*

— Isso não importa agora — eu disse. — Nada disso, eu estou indo embora, eu tenho que ajudar o Shay sair daqui, eu não vou deixar ele morrer.

— Porque? — Ren assobiou. — O que nele vale a pena à arriscar sua própria vida?

— Ele é o Scion — eu sussurrei. — Ele pode ser o único que pode nos salvar, todos nós, e se nossas vidas somente pertencesse a nós? E se não servicemos os Keepers?

Os braços de Ren se fecharam em mim, colocando meu corpo colado ao seu. — Eu não sei como acreditar em você, em nada disso, o que mais há? Isso é quem nos somos.

— Isso não faz ser certo, você sabe que eu não abandonaria meu bando menos que eu tivesse — eu disse quietamente. — Ao menos que seja a única forma de os ajuda-los.

Seus olhos se encontraram com os meus, tensos e incertos.

— Não temos muito tempo — eu disse. — Como você conseguiu chegar antes dos outros?

Ele olhou na direção de onde tínhamos vindo. — Houve um grande tumulto quando eles encontraram o corpo de Flynn, mas eu peguei seu aroma e decolei. O restante deles ainda estavam se reagrupando. O bando do meu pai os velhos Banes.

Ele ficou tenso e frio inundou meus membros.

— E quanto aos Nightshades? — eu perguntei.

— Eles estão sendo detidos para interrogatório.

Ele me pegou assim que meus músculos ficaram mole e eu desmoronei. Imagens demasiadas horríveis para enfrentar começaram a piscar em minha mente. Meu bando. Meu irmão. Wraiths. Meu estômago se virou e eu pensei que iria vomitar.

Os Braços fortes do Ren me apoiaram enquanto eu procurava a força que tinha fugido do meu corpo.

— O que eles sabem, Calla?— ele sussurrou.

— Nada, — eu disse. — Nenhum deles sabe quem Shay é ou o que eu aprendi. Eu não queria prejudicá-los. . .

Sacudi para longe o pensamento horrível. — Se alguma coisa acontecer com eles agora, a culpa é minha. Você tem que ajudá-los. Você é o único que pode.

— Não. Se você está em apuros, eu vou ajudar. Eu vou com você. — Ele cerrou os dentes. — Mesmo que isso significa proteger Shay.

— Você não pode ir comigo, — argumentei. — Eu preciso que você volte para criar um desvio assim posso ganhar um tempo. Por favor, Ren.

Ele chupou uma respiração afiada e me encarou. Eu segurei seu olhar, forçando a força em minha voz.

— Eu preciso de você para fazer isso. Diga a eles que lutamos e que você me feriu bastante o suficiente para eu fugir, mas não estava com Shay, que eu estava levando você a uma pista falsa. Ele é quem eles querem, eles vão te seguir, se você levá-los em outra direção. "

As palavras foram tão difícil para mim dizer quanto eu pude ver que eram para Ren ouvir.

Seus olhos estavam tristes, mas resignado. — E para onde você vai?

Eu não podia manter o medo da minha resposta. — Eu não sei.

— Por favor, não faça isso — , ele sussurrou. — Volta comigo. Nós vamos conversar com Logan, tem que haver uma explicação. Os Keepers precisam de nós, nós somos os alfas. Nós vamos resolver isso. Eles não vão te machucar. Eu não vou deixar.

— Não importa que eu sou um alfa. — Respirei afiado. — Ren, me escuta. Este não é apenas sobre Shay, há mais. Você tem que saber a verdade. Não foi os Searchers que mataram sua mãe, foram os Keepers . — Ele olhou para mim.

— Nós encontramos registros de Rowan Estate, a história da Vail packs, — eu continuei. — Sua mãe aliada aos Searchers liderou uma revolta de Guardiões quando você era um bebe. Ela foi executada por causa disso.

— Isso é impossível, — ele sussurrou.

— É verdade, — disse. — Eu mesma li. Os Keepers mataram sua mãe. Eu sinto muito.

— Não. Não é verdade. — Fechou os olhos, sacudindo a cabeça. — Não pode ser.

— Me ajuda por favor.

Ao longe, um grito soou, e depois outro. Estremeci.

— Estou sem tempo, — eu disse. — O que você vai fazer?

Ele abriu os olhos lentamente. Ele ergueu a mão e tocou minha bochecha. — Vou fazer o que você quer.

— Te devo a minha vida. — Virei o rosto, beijando sua mão. — Diga a eles que lutamos, mas que Shay não estava aqui. Ele não tem cheiro humano agora. Eles não saberiam como segui-lo quando ele cheira a um lobo.

— Diga-me você vai voltar para o bando, para mim. — Seus olhos brilhavam com lágrimas. — Eu não quero perder você.

Eu não conseguia falar. Lágrimas brotaram nos meus olhos e me afastei dele. Mas Ren me pegou em seus braços.

— Você o ama? — Seus olhos procuraram os meus.

— Não me pergunte isso , — eu disse, ainda queima os lábios da minha confissão a Shay, agora picadas com este engano. — Isto não é sobre o amor. É questão de sobrevivência.

— Não, Calla. — Sua voz tornou-se silenciosa. — Isto é apenas sobre o amor."

E então ele estava me beijando. Seus lábios se moviam sobre o meu numa carícia lenta, correndo as mãos sobre o meu corpo, cada toque me implorando para ficar. Eu poderia dizer que ele acreditava que nunca iria me beijar de novo. Parte de mim queria demorar, agarrada a ele, sabendo todas as

maneiras que nós fomos feitos um para o outro, bem como nos encaixamos. Mas outra parte me puxou em distância, já em execução através da floresta, perseguindo um destino desconhecido. Eu sufoquei um soluço quando Ren me liberou e se afastou.

O lobo cinza fez uma pausa e olhou para trás mais uma vez antes de desaparecer entre as árvores. Peguei a trilha de Shay e mergulhei em meio à neve. Por trás de mim, eu ouvi o grito solitário de um lobo. O uivo ecoou quando subiu para a lua cheia, um som cheio de agonia e perda irreparável.

 capítulo 34

SHAY corria entre os jardins da Rowan Estate quando eu o achei.

Eu mordisquei seu calcanhar. *Você é rápido. Estou impressionada.*

Um arco de neve cintilante crescia ao redor dele quando ele deslizou para uma parada e virou-se para me encarar. *Você está bem?*

Eu estou bem. Eu passei por ele. *Não pare de correr, é preciso pressa.*

O que aconteceu com Ren? Ele manteve o ritmo do meu lado.

Ele vai nos arrumar um pouco mais de tempo.

Voamos através das sebes esculpidas e passamos a quietude das fontes de mármore nos jardins da propriedade.

Você tem certeza que pode confiar nele? Eu podia ouvir o tom de raiva na sua pergunta.

Sim. Não se preocupe com Ren, preocupe-se em nos tirar daqui. Não fizemos isso ainda.

Nós dois mudamos para a forma humana quando chegamos nos degraus da mansão. Shay destrancou a porta e agarrou a minha mão. Nossos passos ecoavam nos corredores vazios como tracejado por meio da ala leste

em direção ao seu quarto. A luz da lua derramava pelas altas janelas, longas, sombras esguias oscilaram muito ao longo das paredes e agrupados como tinta sobre o piso de mármore pálido. Todos os meus nervos estavam gritando, mas eu consegui não saltar quando passamos a escultura do incubus. Shay escancarou a porta do seu quarto. — Ok, vamos pegar o que precisamos e sair daqui. — Ele pegou uma mala de seu armário, enquanto eu passava pela porta. As mãos ainda cheias de roupas, ele parou e olhou para mim.

— Você quer um jeans e um suéter emprestados? Eles ficariam muito grande, mas provavelmente melhor do que o seu vestido. — Ele me olhou de cima a baixo. — Você está presa com qualquer sapato que você está usando, no entanto. Sinto muito.

Minhas bochechas queimavam quando olhei para o meu vestido, sua bainha encharcada pela neve derretida e quase preta de sujeira do chão da floresta. — Está tudo bem. São sapatilhas, por isso não é tortura andar nelas. Mas colocar suas roupas soa bem.

Ele ficou me olhando por um longo momento, e o calor aumentou no meu rosto, pequenas chamas acariciando a minha pele.

Finalmente, ele limpou a garganta e me jogou um par de calças jeans e um suéter de lã de carneiro preto. — Aqui, são os menores que tenho, Eu vou. . . uh. . . virar de costas enquanto você se troca.

— Tudo bem, — murmurei, tentando esticar minhas mãos ao redor para desabotoar meu vestido. Depois de três tentativas fracassadas eu fiquei me perguntando se Bryn esperava que eu nunca saísse do vestido. Então eu pensei em Ren e corei, completamente de culpa e desejos conflitantes.

— Você está bem aí? — Shay perguntou, mas continuou de costas para mim.

Meu coração começou a acelerar. — Eu preciso que você desabotoe meu vestido.

— O quê? — Embora eu não pudesse vê-lo, eu poderia facilmente imaginar a expressão de estupefato no seu rosto.

— Minha mãe desenhou o vestido, e Bryn me ajudou a colocá-lo. Tem um montão de botões minúsculos e eu não consigo alcançar eles. Por favor, apenas me ajude assim nós podemos sair daqui.

— Uh. Okay. — Ele veio ao meu lado, mas eu logo virei minhas costas para ele. Ele tinha cerca de metade deles desfeitas quando ele parou e eu ouvi-o sugar em uma respiração afiada, assustado.

— O quê? — Eu perguntei, virando um pouco, mas eu não poderia torcer o pescoço o suficiente para ver seu rosto.

— Você não está usando sutiã. — Suas palavras saíram com uma corrida de fôlego.

— É um corpete especialmente adaptado. O sutiã é construído dentro, — eu disse. — Vamos, Shay, é só tirar o vestido por cima de mim!

Ele ficou em silêncio por um momento e eu senti que ele continuava a desabotoar o vestido. Ele começou a rir.

— O que é isso agora? — Eu bati

— Isso não é exatamente do jeito que eu imaginei você me pedindo para tirar suas roupas, — disse ele baixinho.

— O jeito que você imaginou o que? — Engoli em seco, tentando me afastar dele, mas ele segurou a volta agora aberto do meu vestido firmemente em seu aperto.

Uma de suas mãos soltou do meu vestido e foi para a minha cintura, enquanto a outra tocava a pele nua entre meus ombros e moveu-se lentamente ao longo da minha espinha em direção a minha parte inferior das costas. Eu tremi, fechando os olhos. Seus lábios pressionados contra a curva entre o pescoço e o ombro. Reconfortante calor reunido no local de seu delicado beijo, derramou sobre meus ombros, e em cascata através dos meus membros. O mundo caiu, como sempre acontecia quando ele me tocava. Sua mão deslizou por baixo do corpete soltou das minhas costas nuas para o meu estômago, me puxando contra ele. Eu poderia sentir cada centímetro de seu corpo tocando o comprimento do meu, a força de seu desejo de correspondência a minha respiração, respiração com respiração. Seus dedos deslizaram para baixo e eu ofeguei. Meus olhos se dirigiram para a sua cama. Ele estava tão perto. Ele poderia facilmente me levar para lá.

Não podemos, não assim, não com tudo acontecendo.

— Não, — eu murmurei, cabeça e corpo, lutando entre si. — Por favor, não.

Torci para longe de seus lábios, a luta contra a enxurrada de emoções provocada pelo seu toque macio, a necessidade de acabar com a dor que suas mãos haviam deixado persistente dentro de mim. Os rostos dos meus companheiros de matilha passou diante dos meus olhos bem fechados.

Faces que eu temi nunca poder ver novamente. A face de Ren. Engoli a espessura na minha garganta, puxando o corpete apertado em meu peito.

— Certo. Eu me lembro. Nada de beijos, sem perda de membros. Meus membros, isto é, — ele disse. — Desculpe, fui pego pelo momento.

Shay retomou a sua tarefa de desabotoar de uma forma mais casta.

Limpei a garganta, querendo parecer mais confiante do que eu sentia. — Está tudo bem. Nós apenas precisamos de pressa. Sem distrações.

As mãos dele caíram sobre o tecido. — Você deve ser capaz de escapar agora. Vou esperar no corredor.

— Isso é provavelmente uma boa idéia.

Eu deslizei para fora do vestido. Com grande alívio, eu puxei as calças e camisa de Shay e traneei meu cabelo, rasgando a fita do meu vestido para amarrá-lo.

Um som fraco quebrado chegou aos meus ouvidos, afiados e quebradiços como muito peso sobre gelo fino. Minha respiração ficou mais rápida.

— Calla, — Shay chamou a partir do corredor. — Sem a sua nudez para me distrair, eu estou lembrando que estamos em sérios problemas. Depressa, por favor.

— Tudo certo. — Peguei o texto dos Portetores da cabeceira de Shay e sai do quarto, jogando-a em cima de suas roupas embaladas às pressas. — Haldis?

— Já está aqui. — Bateu no saco. — Ele estava escondido no fundo do meu armário.

— Vamos sair daqui. — Agarrei sua mão e saímos correndo de volta pelo corredor. Quando viramos o corredor principal, eu congelei. Ele parou ao meu lado.

— O que há de errado?

Eu girei, olhando para os flocos finos de mármore que se espalharam
pelo chão.

— Onde está a estátua? — Murmurei. — O incubus?

— O quê? — Sua voz era rouca.

Um som suave como o vento levantando uma pilha de folhas mortas veio de cima de nós. Olhei para cima.

O incubus sorriu para mim, abrindo suas asas e desprende suas unhas, como garras do teto.

— Corre! — Eu empurrei Shay para a frente e mudei em forma de lobo. No momento seguinte um lobo dourado correu ao meu lado.

Nossas unhas raspavam o chão de mármore conforme íamos pelo corredor. Algo como um assobio passou pelos meus ombros e a lança do

incubus se fincou nas pedras a poucos metros na minha frente. O som de asas batendo encheu meus ouvidos.

Shay olhou sobre seu ombro.

Há mais de um nos perseguindo.

Quantos?

Outra lança passou muito longe de nós.

Eu não tenho certeza.

Chegamos ao topo da escada e eu gritei. A quimera se agachou no meio dos degraus, a sua cauda de serpente assobiou e tecelando hipnoticamente enquanto uma língua bifurcada se movendo rapidamente de sua boca e sua cabeça de leão rugiu, sua crina de cobras atacando o ar, centenas de dentes pontudos piscando. Dois súcubos pairava no ar acima da quimera. Eles gritavam com a visão de nós. Um pegou o seu arco tenso e soltou uma flecha em mim. Joguei meu corpo para o lado a seta zumbiu passando, me levantei, e corri ao longo da varanda com Shay nos meus calcanhares.

Eu virei em direção ao corredor que levava à ala oeste. Uma onda de suspiros como o lançamento coletivo de respirações flutuavam pelo salão, fazendo-me derrapar em uma parada abrupta. Um longo gemido ecoou em torno de nós, ele tornou-se mais alto e mais alto, subindo para o teto em uma densa neblina de som miserável.

O que foi aquilo? O terror na questão do Shay era tão estridente como unhas em um quadro-negro.

Oh Deus. Eu recuei para trás quando dois braços segurando e então um corpo estranho saiu de um dos altos retratos que pendiam das paredes.

A figura sacudiu a seus pés e caminhou vagarosamente em direção a nós, seus gemidos constante, crescendo mais e mais desesperadamente.

Ao longo das salas corpos saíam cambaleando e rolando, desde as pinturas até o corredor estava cheio pela raspa de lentos pés no chão de pedra. Dezenas de criaturas gemendo vieram para a frente em uma marcha, com um estranho empurrão.

O primeiro deles surgiu do corredor escuro e de repente foi banhada pelo luar. Eu gemia, balançando em meus pés. Apesar das características afundadas e expressão vaga, eu o teria reconhecido em qualquer lugar. Foi o Rastreador que eu tinha entregue a Efron e Lumine para interrogatório. Meus músculos tremeram e achei que minhas pernas poderiam ceder.

Calla! O alarme na voz do Shay trouxe de volta meus sentidos. *O que diabos está acontecendo? O que são essas coisas?*

Eu não sei, mas tem muitos. Eu não consegui disfarçar meu pânico. *Não podemos lutar com todos.*

Shay passou por mim mudando de forma. *Vamos!* Ele se arremessou contra a porta da biblioteca, deixando uma fresta aberta e eu corri depois dele no quarto escuro, no momento em que eu passei pela porta ele a bateu, fechando-a e trancando. Ele encostou sua cabeça na madeira, respirando fundo, eu ainda podia ouvir os gritos dos succubus no outro lado da porta.

— Merda — Shay sussurrou

Eu mudei de forma. — Eu sei, nós temos que achar um jeito de sair daqui.

— Não é isso. — Ele estava balançando a cabeça.

— Sobre o que você está falando, Shay?

— A porta Calla. — ele disse. — A porta da biblioteca, não estava trancada — Minha garganta fechou.

— Eles não estavam nos perseguindo. — Ele continuou. — Eles estavam nos direcionando.

Pulei com um brilho laranja avermelhado derramado através da biblioteca. Chamas explodiram para a vida, dançando em uma lareira. Uma longa figura parada em frente da lareira, sua chama delineada pela tremulante luz.

— Muito perceptivo de sua parte Shay — Bosque Mar sorriu, seus olhos seguiram para o porta retrato em cima da cornija. — Seus pais estariam orgulhosos.

— Tio Bosque. — A voz de Shay tremia. — Você está aqui.

Bosque continuou sorrindo, o jogo das luzes e sombras vindas das ondas do fogo iluminando sua face em uma máscara grotesca, a crueldade de sua expressão fez meus joelhos enfraquecerem.

O que é ele? Eu segurei no braço do Shay , puxando-o para trás.

— Eu fui chamado de volta dos negócios. — Ele disse. — Parece que as coisas em Vail saíram um pouco do caminho.

Seus olhos fixaram em mim, fechando um pouco. — Me diga Calla, precisamente quando você transformou meu sobrinho em um de vocês?

Eu forcei aço em minha voz. — Ele não é seu sobrinho.

A risada do Bosque era como quebrar vidro. — Quão pouco você entende, você é uma guerreira, uma líder de guerreiros. — Ele deu um passo a frente. — Eu nunca esperei tanta besteira de uma guardiã alfa.

— Ela não é tonta. — Shay, disse juntando seus dedos nos meus.

— Ela pertence à outro e traiu seu próprio povo, ela é a incorporação de decisões apressadas.

Bosque encarou nossas mãos juntas e sacudiu a cabeça. — Eu receio que isso não será.

— Quem é você? — Shay conseguiu manter o nível de sua voz, apesar de eu conseguir sentir seu pulso acelerando.

— A única família que te restou. — Bosque murmurou, ele olhou para o quadro novamente, os rostos de Tristan e Sarah pareciam mais tristes de quando vimos pela primeira vez o retrato. — Eu sou o único que sabe o que é melhor para você.

— Você quer me matar. — Shay murmurou.

Bosque coçou sua cabeça, sorrindo. — Porque eu iria querer matar meu próprio sobrinho?

Eu apertei a mão do Shay. — Pare com isso, sem mais mentiras, eles o amarraram! O levaram para ser sacrificado na união, nós sabemos sobre a profecia, nós lemos A Guerra de Todos Contra Todos.

— Eu sei. — Bosque respondeu sorrindo. — Mas porque você acha que proibimos o estudo daquele volume?

— Para se proteger e proteger os Protetores. — Eu disse. — Para nos manter longe da verdade do nosso passado, você nos escravizou.

— Não, querida garota, nós salvamos vocês. — Bosque assumiu uma expressão de dor. — Protetores tem sempre sido os cuidadores dos soldados guardiões, aquele livro é venenoso, cheio de mentiras produzidas pelos Rastreadores, isso tem circulado por nossos inimigos por séculos em uma tentativa de seduzir os outros para a causa fraca deles, nós trabalhamos duro para suprir isso por causa do mal que isso pode fazer e olhe o que aconteceu por causa dele, aquele texto trouxe trilhas de sangue em nosso próprio quintal.

— Não foi aquele livro que nos atacou. — Eu gritei. — Eu nem ao menos tenho um nome para aquilo que saiu dos quadros. — Eu aponte para a bizarra sombra dele. — Ou para você! O que é você?

A face de Bosque escureceu, mas um segundo depois um plácido sorriso estava em seus lábios. — Eu sinto muito se vocês estão assustados, mas essa circunstância excepcional fez necessário que eu ganhe uma audiência cativa com vocês dois, vocês devem ouvir a razão.

— Razão? — Shay cuspiu. — Eu quero saber a verdade!

— Claro que você quer Shay. — Bosque rapidamente concordou. — Seu eu houvesse realizado que espírito independente você desenvolveria, eu nunca teria colocado essa biblioteca fora dos limites, o que mais um brilhante jovem como você pode fazer além de achar um jeito de entrar ? Sua sede por conhecimento é admirável.

Seu sorriso ficou fino como uma lâmina. — Eu me culpo, eu ainda o considero uma criança, que eu quero proteger dos inimigos, mas eu falhei em ver o quanto você cresceu, eu negligenciei você e por isso eu tenho muito o que pesar.

Os dedos do Shay apertaram tanto os meus que doeu. — Me diga o que você realmente é.

— Eu sou seu tio. — Bosque disse calmamente, caminhando em nossa direção. — Sua própria carne e sangue.

— O que são os Protetores? — Shay perguntou.

— Outros como eu, que querem proteger você, te ajudar. — Bosque respondeu. — Shay, você não é como os outros garotos, você tem habilidades dormentes que você não pode nem sequer imaginar, eu posso te mostrar quem você realmente é, ensiná-lo a usar os poderes que você tem.

— Se você está tão interessado em ajudá-lo, porque ele era o sacrifício da minha união? — Eu puxei o Shay para minhas costas, protegendo-o do Bosque.

Bosque sacudiu a cabeça. — Outro trágico engano, um teste Calla de sua lealdade para nossa nobre causa, eu pensei que oferecemos a você o melhor em educação, mas talvez você não está familiarizada com o julgamento de Abraão com seu filho Isaac? Não é o sacrifício de um que você ama o ultimato de sua fé? Você realmente acredita que queríamos que Shay morresse em suas mãos ? Nós pedimos para você ser seu protetor.

Eu comecei a tremer. — Você está mentindo

— Estou? — Bosque sorriu, e isso quase foi sincero. — Depois de tudo por o que você passou você não tem confiança em seus mestres? Você nunca iria machucar o Shay, outra presa seria providenciada no seu lugar no último minuto, eu entendo que tamanho teste é muito terrível para ser justo, muito a pedir para você e Renier. Talvez você seja muito nova para passar por tal julgamento.

Eu não conseguia responder, de repente questionando tudo o que tinha feito até esse momento, imaginando se meus próprios desejos tinham me carregado do meu caminho, bloqueando minha habilidade de ver a verdade, eu não sabia em que acreditar.

— Eu tenho cuidado do Shay desde que ele era uma pequena criança, providenciando tudo que ele precisava e queria, com certeza isso prova minha preocupação com seu bem estar. — Bosque parou a alguns passos de nós, estendendo seu braço para seu sobrinho. — Por favor me de sua confiança.

A janela de vidro atrás de Bosque explodiu em um jogo colorido de vidros, eu puxei Shay para o chão e cobri ele com meu corpo dos cacos de vidros, eu joguei meu braço para cobrir meu rosto enquanto os cacos caíam cortando meu suéter e minha pele.

Tiros soaram na sala, o barulho de passos no chão da biblioteca. Eu levantei minha cabeça para ver cerca de vinte Rastreadores entrando pela janela quebrada, surgindo em meio a uma onda de aço brilhando e flechas em direção ao Protetor, o ar em volta do Bosque brilhou e os projéteis e flechas começaram a cair como se tivessem batido em um escudo, Bosque levantou seu braço, as labaredas do fogo extinto e uma neblina vermelha iluminando a sala deu lugar à cegueira da sombra pesada.

Alguns dos Rastreadores tropeçaram e caíram, outros caíram desajeitadamente lutando para recuperar o rumo.

Shay me tirou de cima e pulou para seus pés

— O que aconteceu?

— Rastreadores. — Eu assobieiei. — Mais do que jamais vi.

Bosque jogou sua cabeça para trás e chorou alto, eu cobri minhas orelhas contra a som, o qual fez com que a porta da biblioteca tremesse nos batentes, a escuridão cobrindo o cômodo coletadas em piscinas distintas no ar e devagar tomando forma, engoli em seco e agarrei o braço do Shay.

— Aquilo são... — Sua voz estava tensa.

— Wraiths. — Eu murmurei. — Mas é impossível.

— Por quê?

Seus olhos estavam arregalados quando os guardas de sombra desceram sobre a força invasora, eu mal podia respirar para obter as palavras.

— Ninguém pode sumonar mais que um única wraith por vez, eles são difíceis de controlar.

— Wraiths chegando. — Um dos Rastreadores gritou. — Ethan, Connor! Peguem o garoto e saiam agora! O resto de vocês abram um caminho para eles.

Outra Rastreadora, uma mulher, gritou quando garras negras serpentearam em volta de sua cintura, enquanto outro inutilmente lutava com a sua espada contra a aparição ameaçadora que o envolveu, ele fazia sons como se estivesse estrangulando enquanto o seu corpo desaparecia no véu negro.

— Vai, vai, vai. — O primeiro Rastreador gritou.

O rosto de Bosque se torceu, cheio de raiva, com dedos estendidos como garras, ele apontou para a sala da biblioteca, torceu suas mãos e puxou seu braço de volta, a porta se abriu e a horda que esperava na sacada ganhou vida, correndo para a briga.

Súcubos e incubos assobiavam e gritavam enquanto eles voavam através da biblioteca, jorrando chamas enquanto que as setas do Rastreadores zumbiam no ar, várias das criaturas com asas, gritaram e caíram no chão com flechas em seus peitos.

A quimera delimitada para o quarto pulou sobre um Rastreador que gritou quando as garras do leão se prenderam em seu ombro, a sua cauda de serpente atacando as pernas mais e mais. Pés pesados e gemidos anunciaram a chegada dos mortos-vivos pintados, que deu uma guinada para a batalha, mandíbulas ágeas, olhos vazios e famintos.

Alguns dos Rastreadores largaram suas armas, gritando ao ver os mortos vivos, criaturas dececadas.

Bosque começou a rir e mexer seus braços como se fosse uma sinfonia. O coro de gemidos cresceu mais ainda.

— Não olhem para os caídos. — O primeiro Rastreador gritou. — Nosso alvo é tudo o que importa.

— Monroe! O garoto está aqui.

Um homem correu do outro lado da sala em direção a nós. Eu o reconheci instantaneamente, mesmo sem o sangue jorrando do nariz. Eu abri meus dentes, ele levantou seu arco.

— Sem falar desta vez. — Ethan disse

Mudei de forma, lançando-me à ele, mas minha respiração sibilante veio de volta com uma flecha do arco enterrada no peito. A força do meu salto enviou Ethan e eu caindo um sobre o outro no chão. Eu cai na parede oposta. Dor disparou na minha espinha. Eu podia sentir o sangue correndo sobre meu estômago enquanto eu lutava para permanecer consciente.

— Calla! — Shay correu em minha direção, mudando de forma no meio do ar, Ethan jurou, torcendo longe da mandíbula Shay.

— Monroe, Connor! Venham aqui agora! Eles transformaram o Scion. — Ethan gritava e outra leva de maldições deixava sua boca.

Uma figura borrada apressou em toda a sala, tecendo através do caos das asas, garras e armas. Eu vi Connor arremessar o seu corpo pelo chão,

rolando fora do alcance da forma deslizando de um fantasma. Ele pulou de pé e saltou na direção do Shay, que rosnou quando Connor tirou suas espadas. Ele segurou as lâminas baixo e lobo e Rastreador espreitavam em um círculo lento um em frente ao outro.

— Eu não quero machucar você garoto, mas nós não temos tempo para isso.

Vi-os lutar através de uma névoa de dor. Minha respiração parecia cada vez mais molhada enquanto chupava o ar. Apesar do aumento da dor tentei me arrastar em direção a eles.

Enquanto os olhos de Shay fixaram em Connor, Ethan esforçou-se para seus pés. Sua mão caiu dentro do seu espanador de couro e ele se jogou nas costas do lobo. Shay graniu quando o Rastreador mergulhou uma seringa em seu pescoço. Shay resistia, rosnando e Ethan voou de volta para o chão de pedra. O lobo articulava, os músculos em confusão para saltar em Ethan, mas de repente sacudiu a cabeça. Seus membros estremeceram e ele choramingou, balançando em seus pés ao desabar no chão. Ele não se mexeu de novo.

Eu uivava, lutando pelo chão ao seu lado. Cada passo era uma agonia. A flecha ainda saía de meu peito. O sangue em meus pulmões estava me submergindo lentamente.

Quando cheguei a ele, eu mudei de forma, enterrei minha mão em seus pêlos, e sacudi os seus ombros.

— Shay! Shay! — Mesmo eu me agarrando a ele, pude sentir a força saindo de meus membros.

— Flechas encantadas, espero que esteja curtindo a viagem. — A voz de Cascalho áspera de Ethan chamou meus olhos para o lado. Ele tinha o arco apontado em mim mais uma vez. — Foi você que transformou ele?

Meu peito estava em fogo, minha visão embaçada, eu concordei e cai no chão rolando ao lado de Shay. *Então é assim que eu morro?* Eu procurei por sua mão.

Ethan apertou o dedo no gatilho. Um gemido longo atrás de mim puxou os olhos para longe. Ele engasgou, tropeçando de volta. — Kyle?

Eu virei meu pescoço, ao mesmo tempo que uma rajada de dor e eu vi o corpo de um dos Rastreadores que saiu do quadro vindo em nossa direção, seus braços segurando estupidamente o ar na frente dele.

— Não! — Ethan correu para o corpo balançante.

O Rastreador que estive gritando ordens ajoelhou sobre mim, bloqueando a visão de Ethan sobre a criatura.

— Sai do caminho, Monroe. — Ethan disse. — Eu tenho que ajudar ele.

— Ele não é seu irmão Ethan. — Monroe segurou o braço dele. — Aquele não é o Kyle, não mais, esqueça ele.

Eu ouviu um soluço estrangulado quando os ombros de Ethan caíram.

— Nós temos que sair daqui. — Monroe disse. — Fique nas costas do Connor na retirada. — A face de Ethan estava dura com o pesar, mas ele concordou. — Vamos.

— Agora, Connor. — Monroe disse. — Corre.

Connor agachou do lado do Shay, pegando o lobo em seus braços.

Eu chorei alto quando os dedos do Shay ficaram longe dos meus.

— Peguei ele. — Connor disse. — Vamos.

— Depois de você. — Ethan disse segurando seu arco.

Connor correu pelo comodo com Ethan ao seu lado, soltando flechas enquanto eles corriam, Monroe se virou para segui-los.

— Espera. — Eu sussurei.

Ele olhou para mim. — Quem é você?

— Eu estou tentando salvar o Shay.

— Você o fez igual à você? Um guardião?

— Eu tive que fazer. — O quarto começou a sair de minha visão.

— Os Protetores fizeram você transformar ele?

— Não. — Eu piquei, fechando meus olhos de dor. — Eles não sabiam.

Uma de suas sombrancelhas ergueu. — Você desafiou os Protetores?

Eu acenei, meu corpo convulsionou e eu tossi sangue.

Houve um gemido longo e lento de raspar os pés, ao longo do chão de pedra ficou mais alto. Gostaria de saber o quão perto a criatura que tinha sido Kyle estava... e quão forte poderia ser. O olhar de Monroe esvoaçava atrás de mim. Sua testa manchada e seus olhos caíram sobre mim novamente, me olhando lutar para me sentar.

— Eu sinto muito sobre isso. — Ele disse levantando sua espada, e trouxe o cabo direto para minha cabeça.

Uma luz brilhante de dor me percorreu antes de cair na escuridão.

 capítulo 35

Eu vivia no espaço entre o consciente e inconsciente, algumas recordações de luz e som ocasionalmente rasgava o véu que sufocava meus sentidos, eu sentia movimento, mas nenhum feito por mim mesma.

Minhas pernas estavam dormentes. Braços, pernas, tronco, todos sentiam pesados, indolor, mas alagado e fora do meu controle.

Estava sendo arrastada ou carregada? Eu não tinha certeza, eu estava vagamente ciente de meu corpo sendo levantado, apontado e passado de um par de braços para outro. Isso estava realmente acontecendo?

Senti-me quente, sonolenta. Minhas pálpebras pareciam cortinas de chumbo

— Eu ouvi que pegamos um alfa.

Vozes, vagas conversas que pertenciam a estranhos, inimigos, palavras que não faziam sentido

— O filho de Corinne?— Monroe deve estar aliviado.

— Não, é uma fêmea.

— Que triste, não estamos mantendo por perto, estamos?

— Não tenho certeza, eu acho que o Monroe está pesando nossas opções.

Alguém segurou minha mão e eu ouvi uma voz amiga.

— Tudo vai ficar bem Call, eu juro eu não vou deixá-los machucar você.

— Shay, venha aqui. — Uma voz rouca, mas estranhamente familiar ordenou. — Eu pedi para você não falar com ela.

— Você está sendo irracional.

— Eu acho que você vai perceber que sou bem racional, mas você não conquistou minha confiança ainda.

— É isso que eu deveria estar fazendo?

— Isso seria o mais sensato.

O mundo voltou correndo, visões estranhas e aromas rodavam em torno de mim. Eu estava deitada de costas, e lá havia uma dor ligeira no meu peito. Meus olhos lutavam para se ajustar à luz fraca. Algo frio com bordas afiadas preso em volta do meu pulso esquerdo. Um peso repentino trouxe meu braço com força contra meu corpo e meus olhos espremidos fecharam novamente. Eu estremeci na ternura em minhas costelas.

— Ethan, fique perto do Connor no caso dela acordar. — Monroe disse.

— Porque você está fazendo isso? — Shay disse. — Você não precisa, ela não é sua inimiga, não mais.

— Claro, criança. — Ethan riu friamente. — O que você disser.

— Me dê o outro Ethan. — Connor disse.

O mesmo ferro frio no meu pulso direito e a pressão do meu braço no meu torso.

— Isso deve dar. — Connor disse.

— Você disse que ela estaria bem. — Shay rosnou. — Você prometeu.

— Eu eu irei cumprir essa promessa. — Monroe disse. — Ela não sofreu nenhum mal.

— Ela parece bem para mim. — Ethan adicionou. — O que você pensa, Connor?

— Eu acho que ele é bem bonita. — Connor respondeu.

Um rosnado e um alto som chegou aos meus ouvidos.

— Whoa! Espera aí garoto, sorte que você abaixou Connor, eu acho que é o mesmo soco esquerdo que quebrou meu nariz da última vez. — Ethan disse — Você o pegou Monroe?

— Ele não vai a lugar algum. — Monroe disse com um grunido. — Pare de lutar, Connor não quis dizer nada dessa forma Shay, você não precisa lutar com ele.

— Me solta!

— Assustador esse, não é? — Connor disse. — Voce é doce com essa menina, huh? Interessante.

— Se você tocar nela, eu juro.

— Acalme-se. — Connor murmurou. — Eu só estava brincando.

Eu forcei meus olhos abertos, mas tudo continuava borrado, minha garganta estava seca e eu lutava para engolir, para achar minha voz.

— Nós temos um acordo Shay. — Monroe disse firme. — Você não pode ficar aqui muito mais.

— Mas...

— Você irá vê-la de novo, você tem minha palavra.

— Quando?

— Isso depende de você.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Você saberá, agora é hora de ir. Hoje você começa sua vida real.

A luz piscou e as sombras engoliram o quarto, o grito longo de uma dobradiça de metal enferrujado foi seguido por um barulho chato. As vozes começaram a desaparecer.

Eu separei os meus lábios, minha voz emergente em raspado quieto.

— Shay?

Silêncio, eu estava sozinha no escuro

Talvez tenha sido um sonho

A raiva tomou conta de mim e eu gritava com as sombras que enchiam a sala, mas não havia nenhum inimigo para lutar com excessão do meu medo atroz do desconhecido, eu comecei a tremer.

Você é uma alfa, Calla se recomponha.

A escuridão inflexível reuniu-se na boca do estômago.

O que significa ser um alfa se você abandonou seu clã?

Eu estava feliz de estar sozinha quando as lágrimas finalmente vieram, pelo menos ninguém iria testemunhar a vergonha que rolava quente por meu rosto.

Estrias de umidade atingiram meus lábios com gosto afiado e amargo, lembrando-me das escolhas que eu fiz. De como eu tinha tomado tantas voltas que me trouxe aqui, para um lugar tão estranho que parecia o fim de tudo.

Onde fugir me trouxe? Direto para os braços do único inimigo que eu conheci? Para minha própria morte?

Pela primeira vez que podia me lembrar, eu estava realmente sozinha, eu olhei para o quarto vazio, procurando por um pouco de esperança.

Eu arrisquei tudo para salvar o Shay, deixando a quietude fazer meus membros pararem de tremer, eu fechei os olhos e vi a sua cara, lembrando a liberdade que eu sentia em seus braços, a possibilidade de uma vida diferente de qualquer uma que eu imaginava. Gostaria de saber se minha captura tinha apagado esse sonho... se ele sempre teve a chance de se tornar real.

Desespero ameaçou me arrastar para baixo, mas eu lutei para trás, agarrando-me a um pensamento único, a cintilação..*Shay me ama.*

Ele iria arriscar tudo para voltar para o meu lado e me libertar.

Porque isso é o que o amor é, não é? Isso tem que ser.

FIM!!

Continua em Wolfsbane — Lançamento em Julho de 2011

NIGHT†SHADE

ANDREA CREMER

Biography

Andrea Cremer passou a infância sonhando acordada enquanto percorria as florestas e a o borda do lago do Noto de Winsconsin. Ela agora vive em Minnesota, mas pensa em sua terra natal como o "Escudo Canadense" em vez do Centro-Oeste.

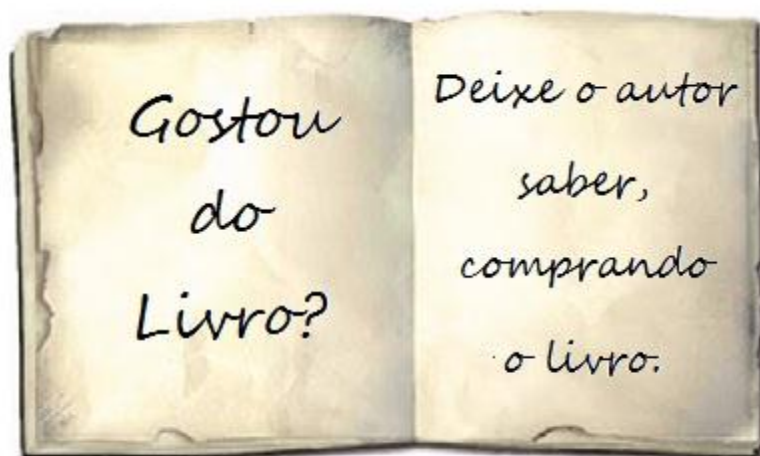
Andrea Sempre gostou de escrever e nunca mais parou de escrever, mas só recentemente mergulhou para o fundo da piscina que é a escrita profissional. Quando não está escrevendo, Andrea leciona história em uma faculdade de artes liberais muito agradável em St. Paul.

No Pouco tempo livre que pode encontrar, Andrea olha as árvores, restaga bebês coelhos de gatos predatórios, e inventa nomes para os filhotes de pug com o marido. Ela tem uma tendência infeliz para derrubar coisas – tapetes brancos, cuidado!

Seu romance de estréia, NOGHTSHADE, a primeira de uma série de fantasia YA, será publicada no outono de 2010 por Pinguin (Philomel).



photo by Gina Monroe



NIGHTSHADE



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



~ All Creatures of the night get together After dark ~

NIGHTSHADE